



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

THIAGO CÉSAR DA COSTA CARNEIRO

**VENDER-SE(R) NO *GRINDR*: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da
mercantilização do corpo masculino**

Recife

2023

THIAGO CÉSAR DA COSTA CARNEIRO

**VENDER-SE(R) NO *GRINDR*: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da
mercantilização do corpo masculino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Evandra Grigoletto

Recife

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lillian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

C289v Carneiro, Thiago Cesar da Costa
Vender-se(r) no Grindr: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da mercantilização do corpo masculino / Thiago Cesar da Costa Carneiro. – Recife, 2023.
179f.: il.

Sob orientação de Evandra Grigoletto.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

Inclui referências.

1. Discurso - corpo. 2. Sujeito. 3. Mercantilização masculina. 4. Grindr;. 5. Desejo. I. Grigoletto, Evandra (Orientação). II. Título.

809 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2023-17)

THIAGO CÉSAR DA COSTA CARNEIRO

**VENDER-SE(R) NO *GRINDR*: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da
mercantilização do corpo masculino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguística.

Aprovado em: 10/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Evandra Grigoletto (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof.^a Dr.^a Fernanda Correa Silveira Galli (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof.^a Dr.^a Luciana Iost Vinhas (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Dedico esta Dissertação à Universidade Pública, em especial à Universidade Federal de Pernambuco, da qual sou aluno desde 2016 e que, mesmo após seguidos cortes de verba, manteve-se aberta e proporcionando a todos, a todas e a todes uma formação de qualidade em todos os seus níveis de formação. Dedico, então, este trabalho à pesquisa, à ciência, à sociedade, sem a qual o fazer científico não passa de mero título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à *luz* que me conduz aqui na Terra por tudo que há ou já houve em minha vida!

À *CAPES*, pela concessão da bolsa que viabilizou a execução deste trabalho em sua totalidade, sem a qual eu não poderia ter concluído esta Dissertação.

À *minha família*, minha mãe, meu pai e minha irmã – Luciene, Jackson e Bárbara respectivamente –, pelo apoio desde sempre, pela compreensão de minhas ausências, pelo respeito durante meus momentos de estudo, pela escuta dos meus silêncios e por terem me dado condições de chegar até aqui. Este título é nosso!

À *Evandra*, primeiramente, pela orientação da Dissertação sempre tão segura, direta e formativa. Especialmente, pela tua confiança nas minhas promessas de prazo, sem a qual eu não teria conseguido cumprir as entregas. Durante o Mestrado, a tua voz foi o fio condutor desta Dissertação. Sem você, este trabalho jamais existiria como ele é hoje. Muito obrigado, chefe. Além da orientação, não posso jamais deixar de agradecer por tantas outras coisas que nos trouxeram até o momento. Te agradeço, chefe, por ter me acolhido no PIBIC, em 2018, depois de pouco nos conhecermos em 2017 durante o PIBID. Do PIBIC até a minha defesa do Mestrado, tivemos juntos o PIBIC, o Universal, a monitoria em Semântica, 7 disciplinas (na graduação e na pós), parcerias nos SEADs, SEPLeVs, no Escutas, na Coordenação da Pós. Sobre a Coordenação, devo registrar um agradecimento em especial: desde que você assumiu a Coordenação do PPGL, tudo tem sido diferente e tudo seguirá diferente. A tua condução, sempre de maneira tão atenta, respeitosa e ética, faz com que tenhamos o prazer de contribuir para o crescimento do nosso programa. Obrigado, chefe, por sempre tratar de tantos assuntos de forma tão responsável e profissional. Em relação ainda ao período do Mestrado, te agradeço por ter me aceitado como teu estagiário em LPTA no início de 2022; no estágio, com a tua supervisão, percebi que passei a me tornar um professor melhor, aprendendo a lidar com a sala de aula de um outro modo. Na busca de finalizar esse já longo agradecimento, te agradeço, ainda, chefe, por ser uma pessoa tão cordial, humana, respeitosa, leve e cuidadora. Nesses quase 6 anos desde que passamos a trabalhar juntos, sinto que ganhei mais do que uma orientadora; ganhei uma parceira de trabalhos diversos, uma companhia para tantas ocasiões, uma amiga com quem posso dividir a minha vida, pedir conselhos, alguém que cuida de mim com o mesmo carinho de uma mãe. Obrigado, Evandra, por cuidar de mim, por me orientar, por me ouvir, por confiar tanto no meu trabalho, por ser exatamente quem você é comigo desde 2017. Obrigado,

Evandra, por tudo! Por causa de você, sinto que hoje sou um pesquisador melhor, um professor melhor e um ser humano melhor. Que sigamos o nosso trabalho e a nossa parceria!

A *Rodrigo*, pelo amor, pelo carinho, pela disposição de vir pra Pernambuco/Recife, por me receber em Natal ou em Aracaju sempre com um sorriso, por caminhar comigo todos os dias, por me apoiar, por cuidar de mim, por me dar sustentação, por me fazer sorrir sempre, por estar ao meu lado, por querer sempre o meu melhor, por todos os AirBNBs em que ficamos até hoje, por todos as viagens que fizemos, pelos risotos que fizemos juntos, pelas cervejas tomadas, por filmes, novelas e séries que assistimos juntos, pelas saídas, por tudo, absolutamente tudo. Amor, eu devo a você eternos agradecimentos, especialmente por você ter, em outubro de 2021, reaparecido em minha vida e ter feito tudo ter um outro sentido. Eu me orgulho de cada parte sua e eu estou aqui hoje também por você. Eu te amo muito!

À *Jana*, minha amiga há tantos anos, por me apoiar, me escutar e, especialmente, por entender quando eu preciso sumir, além de me aconselhar também a descansar um pouco, algo que ainda preciso aprender. Obrigado por ser uma luz no meu caminho, pelos abraços apertados, pelas cervejas tomadas em nossas saídas, pelos sorrisos sinceros e por tudo que nos trouxe até aqui. Eu te amo, amiga!

A *Caio*, alguém fundamental que o tempo na graduação me presenteou. Caio, muito obrigado por ser um amigo sempre tão atencioso, respeitoso e uma companhia para todas as horas. Amigo, você é uma das pessoas mais incríveis que eu conheci na vida. Uma pessoa completamente necessária. Espero que possamos ainda comemorar muitas coisas juntos, e também que possamos sempre manter a nossa amizade sempre tão sincera, respeitosa e cheia de carinho. Te amo, amigo!

À *Karol*, pela amizade tão sincera, pelos puxões de orelha, por todas as dobras de momentos de vida que nos fizeram ser amigos. Obrigado por todos os nossos momentos juntos, em qualquer lugar em que estivemos juntos. Karol, você é uma luz na minha vida, da qual eu não quero nunca estar longe. Você é incrível. Obrigado, também, por ter trazido Marília Lorena à vida entre nós. Eu te amo, Karol, eu amo muito vocês duas!

A *Diogo*, amigo de tão longa data. De lá até hoje, são já 14 anos de amizade. Amigo, obrigado por sempre ser tão compreensivo, atencioso, carinhoso. Não consigo traçar a minha vida sem pensar na tua existência e em tantos momentos que já dividimos juntos, pelos sorrisos, pelas conversas que entram na madrugada, pelas músicas compartilhadas e vividas! Te amo, amigo! Obrigado por tudo!

A *André*, à *Camila* e à *Marina*, amigues do *Ousar ser caótico*, pelas conversas diárias, por sempre levarmos fofocas ao grupo, pelos nossos encontros, pela leveza que tem a nossa

amizade. Obrigado por sempre acreditarem no meu potencial, por me ajudarem a realizar meus sonhos, como esta Dissertação. Nunca esquecerei o quanto me ajudaram quando da escrita do pré-projeto de Dissertação em 2020 e pelo tanto que sempre comemoram comigo! Obrigado por serem sempre onde eu posso encontrar sorrisos, escutas e um apoio indiscutível. Caóticos, eu amo vocês! Muito obrigado por tudo!

À *Luciana Vinhas*, pela leitura tão respeitosa e importante durante a Qualificação da Dissertação. As tuas sugestões e pontuações durante a sessão, tão leve e tão tranquila, reconduziram o meu trabalho. Obrigado por ter aceitado compor a minha banca avaliadora e pelas valiosas contribuições. A tua voz está neste trabalho indiscutivelmente.

À *Fernanda Galli (Fer)*, por ter aceitado estar na minha banca final do Mestrado, mas também pela companhia sempre tão afetuosa desde 2019. Obrigado pelas monitorias em Semântica, pela tua disciplina na Pós, que promoveu discussões tão sensíveis em relação ao ensino de línguas. Obrigado, Fer, pelo carinho desenvolvido nesses últimos quase 4 anos. Sou muito grato à vida por te ter por perto e com tanto carinho!

À *Fabiele De Nardi (Fabi)*, pelo inquestionável carinho ao longo dos anos. A tua presença na minha vida sempre me traz uma leveza e uma esperança da revolução. Obrigado, Fabi, pelas discussões nas disciplinas que fiz contigo, sempre com um olhar tão sensível à língua, ao discurso, ao ensino, à cultura. Obrigado também pela preocupação comigo. São pessoas como você que fazem a Universidade ser um espaço mais acolhedor e mais humano.

À *Suzana Cortez (Su)*, pela delicadeza e cuidado com que sempre me tratou desde o meu primeiro período na graduação. Desde então, tivemos diversas oportunidades de trabalho juntos, no PIBID, na monitoria, na extensão, na pesquisa, na Revista Investigações. Agradeço, especialmente, pelo quanto que aprendi e aprendo contigo a respeito do texto, mas também pelo olhar afetuoso que você tem comigo. Obrigado, Su, por sempre contribuir para a minha formação profissional-acadêmica, mas também pessoal.

A *Emanuel Cordeiro* e à *Suzana Cortez*, por, durante o tempo em que foram coordenador e vice-coordenadora do Curso de Letras – Português (Licenciatura), terem me ajudado a chegar ao Mestrado. Sem a preocupação e a atenção de vocês, eu não teria conseguido ingressar no Mestrado.

À *Coordenação do PPGL*, na figura de Evandra e Fernanda, pelo trabalho sério, responsável, ético que vocês duas têm desenvolvido nos últimos dois anos. O PPGL precisava de uma coordenação como a de vocês. Parabéns pelo trabalho!

Ao grupo *Relação de Nunca Acabar*, colegas do NEPLEV, pelo carinho e pela força de suas pesquisas. Obrigado pelo acolhimento no grupo, pelas conversas sempre tão políticas e dedicadas ao discurso.

À *equipe da Revista Investigações*, pelo trabalho tão responsável e eficaz que desenvolvemos na Revista. Em especial, à Suzana, à Fernanda e à Silvana, com quem estreitei mais os laços de trabalho.

Ao *Grupo de Estudos do Texto (GESTO)*, pelas discussões tão ricas e sempre tão atentas ao texto e à formação docente! O GESTO é um grupo necessário para que a pesquisa científica possa se desenvolver.

Ao *Grupo Máximo Educacional*, por ter me recebido com tanto carinho em todos os dias até hoje. Em especial, à Coordenação Pedagógica – Felipe (o super), Ramon, Dani e Vinícius –, à Secretaria – Tayná, Tayane e Gláucia –, à área de Linguagens e Redação – Thiago Lira e Adiel Bernardo. A Adiel, ainda, pela amizade desenvolvida, pelas discussões também (e principalmente) a nível acadêmico, sobretudo por sempre me apoiar e se empolgar com todas as minhas ideias. Obrigado, amigo!

À *Camila Oliveira*, minha psicóloga, por ser essencial na minha formação pessoal!

À *Secretaria do PPGL*, pela relação sempre tão tranquila nos últimos anos. Em especial, a Adriel, à Clara e à Karol.

Ao grupo dos *Grigolettes*, pelos encontros possíveis, pela relação tão leve sempre. Em especial, a Adiel, à Clarice e à Erika.

Ao *Cronotopo pandêmico, Joseph e Mailson*, por serem presentes que o Mestrado me deu! Amigo e amiga, muito obrigado pelas tantas conversas, pelos tantos risos, pela nossa amizade tão tranquila. Amo vocês!!

À *Caroline Costa*, pela amizade que descobrimos e desenvolvemos nos últimos anos, mesmo que o nosso laço familiar de primos já nos unisse há muitos anos. Obrigado pelo apoio, pelo carinho, pela confiança e por todas as vezes que me ajudaste.

À *Marina Austregésilo*, pela amizade tão bonita, pelo carinho, pelas conversas, pelos nossos encontros. Te amo, amiga, você é incrível demais!

A *Alberto Poza* e a *Iran Melo*, pelas disciplinas que cursei, as quais contribuíram para a minha formação enquanto linguista.

Ao *Colegiado do PPGL*, por sempre ter estado disposto a ouvir as minhas questões, em nome do corpo discente do Programa!

Ao *corpo discente do PPGL*, por ter confiado no meu trabalho na condição de representante discente. Em especial, aos(às) discentes do Mestrado em Linguística, os(as) quais

me elegeram para representá-los(as) por dois anos seguidos! Espero ter cumprido com o meu papel!

Aos amigos e às amigas Flavyson Henrique, Caroline Rodrigues, Ellen Amanda, Lika, Vinicius Albuquerque, Jessyga Tavares, Thalita Menezes, Beatriz Layme, Giulia Queiroz, Malu Arruda, Victoria Guilherme, Luciana Cavalcanti, Flávia Barbosa, Fábio Queiroz, Mirella Luckwu, Ariadne Aragão, Diana Antoniazi, Gabrielly Villarim, João Victor Carvalho, Ricardo Martins, Danubio Santos, Duda Maia e Isabelle Araújo, pelo apoio de sempre!

Os significantes aparecem dessa maneira não como as peças de um jogo simbólico eterno que os determinaria como aquilo que foi “sempre-já” desprendido de um sentido: não há naturalidade do significante; o que cai, enquanto significante verbal, no domínio do inconsciente está “sempre já” desligado de uma formação discursiva que lhe fornece seu sentido, a ser perdido no non-sens do significante. (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 164-165, grifos do autor).

RESUMO

Nas atuais condições de produção, cada vez mais sujeitos, em nossa formação social, são adeptos de redes sociais, especialmente dos aplicativos de relacionamento. Desde a sua criação em 2012, o *Grindr*, aplicativo de relacionamento homoerótico, tem seus números de usuários cada vez maiores. Com mais de 50 milhões de *downloads* realizados, o aplicativo abriga espaço para a constituição heterogênea de sujeitos. Sujeitos, em sua maioria homens, que se inscrevem no aplicativo buscam a mercantilização do corpo, incitando o desejo do outro, do sujeito-usuário possível. De acordo com Vinhas (2021), o sujeito constitui-se enquanto imagem de seu corpo, isto é, o corpo é o corpo de um sujeito, de modo que a ideologia também o atravessa e o faz significar (VINHAS, 2014). Busco analisar, com este trabalho, inscrito no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, o funcionamento do discurso da mercantilização do corpo a partir de discursividades selecionadas nesse aplicativo de relacionamento. Para isso, retomando pressupostos teórico-metodológicos da AD pecheuxtiana, no primeiro capítulo, discuto a noção de corpo, materialidade, linguagem, ideologia, *etc.*, analisando três perfis em que identifico um processo de venda do corpo. Já no segundo capítulo, apresento as noções de espaço virtual, mídias digitais, entre outros, com vistas a descrever as funcionalidades do *Grindr*. Nesse capítulo, analiso o funcionamento das telas e abas do aplicativo, com o objetivo de entender os movimentos de subjetivação do sujeito que aí se realizam. Por último, no terceiro capítulo, com recortes feitos a partir do *Grindr*, trabalho com materialidades que textualizam o corpo masculino como objeto do desejo do outro, de maneira que o corpo desliza para o corpo-mercadoria. Mesmo que o corpo, nas relações de trabalho, sempre tenha se submetido à opressão do capital, esse funcionamento, agora, se apresenta de uma outra maneira: o corpo mercantilizado no *Grindr* se entrelaça a um funcionamento da ideologia, em sua forma mais perversa (GRIGOLETTO, 2017), que faz o sujeito acreditar na sua liberdade, já que, no contexto das mídias sociais digitais, não haveria um outro sujeito que estivesse sob o seu controle. A partir do trabalho analítico, entendo que o corpo, materialidade do sujeito, atravessado pela mercantilização, desliza para o corpo-mercadoria, que, através dos movimentos do sujeito na rede, significa por seu enredamento inseparável à ideologia, recoberta por uma camada digital, que permite que o capital produza outras formas de dominação.

Palavras-chave: discurso; corpo; sujeito; *Grindr*; mercantilização; desejo.

ABSTRACT

In the current conditions of production, more and more subjects, in our social background, are supporters of social networks, especially relationship apps. Since its creation in 2012, *Grindr*, a homoerotic relationship app, has had its user numbers increasing. With more than 50 million downloads, the application has space for the heterogeneous constitution of subjects. Subjects, mostly men, who sign up for the application seek the commodification of the body, inciting the desire of the other, of the possible subject-user. According to Vinhas (2021), the subject constitutes himself as an image of his body, that is, the body is the body of a subject, so that ideology also crosses it and makes it mean (VINHAS, 2014). I seek to analyze, with this work, inscribed in the theoretical-methodological device of Discourse Analysis by Michel Pêcheux, the functioning of the discourse of the commodification of the body from selected discursivities in this relationship application. For this, resuming theoretical-methodological assumptions of Pecheuxtian AD, in the first chapter, I discuss the notion of body, materiality, language, ideology, etc., analyzing three profiles in which I identify a process of selling the body. In the second chapter, I present the notions of virtual space, digital media, among others, in order to describe the functionalities of *Grindr*. In this chapter, I analyze how the app's screens and tabs work, with the aim of understanding the subjectivation movements of the subject that take place there. Finally, in the third chapter, with clippings made from *Grindr*, I work with materialities that textualize the male body as an object of the other's desire, in a way that the body slips into the commodity-body. Even if the body, in labor relations, has always been subjected to the oppression of capital, this functioning now presents itself in another way: the commodified body on *Grindr* is intertwined with a functioning of ideology, in its most perverse form (GRIGOLETTO, 2017), which makes the subject believe in his freedom, since, in the context of digital social media, there would not be another subject under his control. From the analytical work, I understand that the body, materiality of the subject, crossed by commodification, slides into the body-commodity, which, through the subject's movements in the network, means by its inseparable entanglement with ideology, covered by a digital layer, that allows capital to produce other forms of domination.

Key-words: discourse; body; subject; *Grindr*; commodification; desire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Perfil 1	41
Figura 2 – Perfil 2.....	45
Figura 3 – Perfil 3.....	48
Figura 4 – Tela inicial do <i>Grindr</i> : Buscar	71
Figura 5 – Tela secundária do <i>Grindr</i> : Caixa de Entrada	73
Figura 6 – Tela terciária do <i>Grindr</i> : Favoritos	75
Figura 7 – Tela Quaternária do <i>Grindr</i> 1: Loja XTRA	76
Figura 8 – Tela Quaternária do <i>Grindr</i> 2: Loja Unlimited	78
Figura 9 – Editar Perfil no <i>Grindr</i>	81
Figura 10 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Etnia	84
Figura 11 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Porte Físico	85
Figura 12 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Posição	86
Figura 13 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Tribos	87
Figura 14 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Relacionamento Atual	88
Figura 15 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Em busca de	89
Figura 16 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Local de Encontro	90
Figura 17 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Aceitar fotos NSFW	92
Figura 18 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Como você se identifica?	93
Figura 19 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Pronomes	94
Figura 20 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Status HIV	95
Figura 21 – Editar Perfil no <i>Grindr</i> : Criar álbum	97
Figura 22 – Configurações do <i>Grindr</i> 1	98
Figura 23 – Configurações do <i>Grindr</i> 2	101
Figura 24 – Filtros Básicos e Avançados do <i>Grindr</i>	103
Figura 25 – Busca por <i>Tag</i> 1	105
Figura 26 – Busca por <i>Tag</i> 2	107
Figura 27 – Busca por <i>Tag</i> 3	108
Figura 28 – Propaganda no <i>Grindr</i> 1	109
Figura 29 – SD 1.....	133
Figura 30 – SD 2.....	135
Figura 31 – SD 3.....	138
Figura 32 – SD 4	140

Figura 33 – SD 5.....	142
Figura 34 – SD 6.....	145
Figura 35 – SD 7.....	148
Figura 36 – SD 8.....	151
Figura 37 – SD 9.....	153
Figura 38 – SD 10.....	154
Figura 39 – SD 11.....	157
Figura 40 – SD 12.....	159
Figura 41 – SD 13.....	160

SUMÁRIO

1	NO INÍCIO, UM DESEJO.....	16
2	CORPO E LINGUAGEM: POR UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DA MATERIALIDADE	21
2.1	NA LINGUAGEM, A BRECHA	21
2.2	NA MATERIALIDADE, A CONTRADIÇÃO	26
2.3	NO CORPO, O SEXO	30
2.4	NO DISCURSO, O EFEITO	40
3	TOCAR E DESLIZAR: AS MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS COMO ESPAÇO DE SUBJETIVAÇÃO	51
3.1	NA <i>INTERNET</i> , O MERCADO	51
3.2	NO DIGITAL, A DOMINAÇÃO.....	61
3.3	NO <i>GRINDR</i> , A ILUSÃO	68
4	SUJEITO E TRABALHO: ENTRE O DESEJO DO OUTRO E A SUBMISSÃO DO CORPO-MERCADORIA.....	112
4.1	NO SUJEITO, A CISÃO	112
4.2	NO TRABALHO, A EXPLORAÇÃO	122
4.3	NO CORPO, A MERCANTILIZAÇÃO	128
5	NO FIM, UMA TENTATIVA	162
	REFERÊNCIAS.....	166

1 NO INÍCIO, UM DESEJO

Ao longo dos últimos anos, a *internet*, como meio de realização de práticas sociais, tem se produzido enquanto um espaço de discursividades. Em um primeiro momento, é possível perceber que, ainda no final do século XX, a *internet* surge, em diversas formações sociais, como um sinônimo de quase que um indiscutível avanço em relação ao modo de produção capitalista. Desde então, deparamo-nos, sujeitos de diferentes práticas sociais, com distintos movimentos de interação nossa com a máquina, de modo que, com isso, as práticas sociais por meio da linguagem passaram a significar de uma outra maneira.

Nesse contexto, passamos a utilizar constantemente *sites*, seja para nos informarmos, como nas páginas de portais jornalísticos, seja para tecermos outras relações sociais entre sujeitos. Lembro-me, com certo distanciamento temporal, que, no início do século XXI, do surgimento dos *sites* para o estabelecimento de conversas com qualquer outro sujeito por meio das conhecidas salas de bate papo, em que, por intermédio de um registro rápido, era possível ingressar em salas com temáticas específicas, como amizade, amor e sexo. Com o meu processo de passagem pela infância e entrada na adolescência, vivenciei o crescimento da *internet*. Quase tudo aquilo que, antes, era feito de forma *off-line*, passou a ser possível pelo meio *on-line*. Redes como o *MSN* e o *Orkut*, famosos na primeira década do novo milênio, tornaram-se o ambiente mais favorável para a constituição da vida *on-line*.

Devo ressaltar, neste momento, que essas redes, em especial, tinham um acesso quase que exclusivo por um computador de mesa, um *Desktop*, ou um *Notebook*. Com o desenvolvimento tecnológico, em função da prática científica, e, por isso mesmo, também política, os celulares passaram de artefatos tecnológicos grandes e pesados para cada vez menores e mais leves. Primeiramente, os celulares tinham por função, essencialmente, ligar, enviar mensagens de texto, além de, claro, poder jogar jogos próprios dos sistemas operacionais das grandes marcas de telefonia móvel. Após isso, houve um deslocamento da nomeação “celular” para “*smartphone*”, que, em uma tradução livre, se produziria como “telefone inteligente”, fazendo trabalhar a adjetivação *smart* (inteligente) sobre o nome *phone* (uma redução de *telephone*). Contudo, até onde a memória psicológica permite-me alcançar, não é este o modo que se compreendia (e ainda se compreende) o significante *smartphone*.

Com a entrada incisiva dos *smartphones* em nosso dia a dia, as grandes empresas trabalharam com o objetivo de aperfeiçoar os aparelhos celulares, fazendo com que ganhassem outras funcionalidades. Primeiro, uma expansão das capacidades internas de armazenamento de dados, seja por memórias internas, seja por memórias “removíveis”, como os cartões de

memória. Hoje, não é difícil encontrar celulares com capacidade de armazenamento de 256GB, o que, antes, era uma característica mais própria de computadores. É inegável que os celulares tomaram espaço significativo em nossas vidas. A partir desses desdobramentos, os telefones celulares passaram a ter acesso à *internet*, o que revolucionou o mercado das grandes empresas, que criaram lojas *on-line* para a compra ou o *download* gratuito de aplicativos de uso cotidiano.

No início da década passada, não era raro ver sujeitos, com seus celulares, utilizando aplicativos como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, até mesmo já o *Instagram*, chegando hoje a utilizarmos nossos celulares para realizar transações financeiras pelos aplicativos de bancos, e até sermos registrados em bancos digitais, sem uma agência bancária física. Do final do século XX até hoje, data em que escrevo e publico esta dissertação para o grande público possível leitor do meu trabalho, entendo que é quase que impossível dissociar nossas vidas daquilo que é do digital, inclusive as possibilidades de estabelecimento de relações amorosas e/ou sexuais.

Chegando a este ponto em específico, que conduz todo o trabalho que segue adiante, recupero, pela via da memória, que as salas de bate papo citadas mais acima tinham, também, essa função: conhecer pessoas para, se assim preciso, ter encontros presenciais, físicos, não mediados pela tecnologia digital. Tendo em vista a esse objetivo, empresas, sujeitas a uma demanda do capital em produzir ainda mais lucro sobre as relações interpessoais, criaram os hoje conhecidos *aplicativos de relacionamento*. Em minha constituição enquanto sujeito, relembro-me de saber da existência de aplicativos desta natureza em meados de 2015, quando estava concluindo o Ensino Médio. À época, ouvi falar apenas do *Tinder*, especialmente utilizado por pessoas cisheteronormativas, ainda que houvesse certa ressalva em assumir que se era usuário do *Tinder*, talvez por uma possível denotação de incapacidade de desenvolver relações amorosas e/ou sexuais sem o intermédio da tecnologia digital.

Ainda em 2015, baixei o aplicativo pela primeira vez. Nesse primeiro uso, sentia um certo receio com uso – acredito que pelo *medo* de ser identificado como um sujeito-gay, já que, no aplicativo, filtrei pela busca de homens. Com essa inscrição no aplicativo *Tinder*, quando eu ainda tinha menos de 18 anos, tive de burlar o sistema, o qual, vinculado ao meu perfil no *Facebook*, identificava a minha idade e só me permitiria, portanto, entrar em contato com perfis de sujeitos com até 17 anos, mesmo que de forma ilusória. Ali, mudei a minha idade para 18 anos e, então, *dei matchs* com outros sujeitos-usuários do aplicativo.

Após ingressar como aluno do Curso de Letras – Português (Licenciatura) na Universidade Federal de Pernambuco, ainda como usuário do *Tinder*, descobri a existência de outros aplicativos de relacionamento, como *Hornet*, o *Scruff* e o *Grindr*. Desses, apenas me interessei em utilizar o *Grindr*, mesmo que tenha baixado em meu celular os demais para

conhecer. Pela facilidade, passei a utilizar o *Grindr*. Nos primeiros usos, sabia, de um lugar que não era capaz de identificar, que este aplicativo teria um funcionamento não-técnico diferente do *Tinder*. Ali, buscava-se, essencialmente, sexo, o que me era estranho. Como então utilizar um aplicativo com o objetivo de, a cada interlocução com outros sujeitos, ter uma relação sexual?

Talvez essa inquietação tenha atiçado a minha curiosidade com o aplicativo. Desde então, entre saídas e entradas no aplicativo, inúmeras questões surgiram-me a esse respeito. Por que utilizar o *Grindr*? Por que o *Grindr* é voltado essencialmente para o sexo? Por que há pouca identificação do rosto dos usuários? Por que esta interface preta e laranja? Por que a geolocalização? Quem utiliza o *Grindr*? Com essas poucas questões, irrompe-se uma curiosidade em termos analíticos em 2018, pouco antes de começar a iniciação científica.

Quando da minha inserção nos estudos em Análise do Discurso de orientação pecheuxtiana na iniciação científica, sempre busquei estudar questões relativas às práticas discursivas do digital. O primeiro ambiente pelo qual me debrucei foi a mídia social digital *Twitter*, sobre a qual realizei algumas análises. Após isso, por uma epifania, comecei a refletir novamente sobre o *Grindr* em 2019, quando cursei uma disciplina como ouvinte no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Nesse momento, identifiquei que havia, ali, a existência de homens que se dispunham a ter relações sexuais em troca de dinheiro. Em uma nomeação mais cotidiana, eram garotos de programa. A partir daí, percebi um melhor direcionamento do olhar sobre o *corpus* empírico que se apresentaria, mais à frente, como o *corpus* da minha Dissertação de Mestrado.

Tomado por estas reflexões, à época, iniciais, questionei-me, primeiramente, no pré-projeto de pesquisa, cujo título era *Corpos à venda: entre a coação e o efeito de liberdade no discurso da prostituição masculina em aplicativos e sites de relacionamento*, “Qual o funcionamento do discurso da prostituição masculina em aplicativos e sites de relacionamento?”. A partir desta pergunta, dei início a um percurso de leitura em Análise do Discurso e em disciplinas afins, com o objetivo de respondê-la. Hoje, com o efeito de finalização do trabalho de pesquisa, realizo a seguinte pergunta, a qual será o fio condutor da discussão que empreendo na Dissertação: como funcionam discursivamente as formulações do/sobre o sujeito que se subjetiva no *Grindr* a partir da formulação visual do seu corpo e de descrições feitas sobre si?

A fim de buscar responder a essa pergunta, realizei uma incursão no aplicativo, a qual me permitiu eleger alguns critérios metodológicos-analíticos para o trabalho: elegi, como *corpus* da Dissertação, perfis que continham alguma menção, seja no nome de usuário ou na

descrição, de que aquele sujeito buscava ter uma relação sexual em troca de um pagamento. Com isso, a incursão pelo aplicativo permitiu-me desenvolver um filtro de pesquisa, com o qual realizei a coleta dos perfis, por meio da funcionalidade *printscreen* do meu aparelho celular. Busquei, à medida que identifiquei os perfis, realizar *prints* que representassem a totalidade do perfil, ainda que esta totalidade seja meramente ilusória, uma vez que, com as figuras estáticas, se perdem as características do digital.

Desse modo, além desta introdução-apresentação-capítulo-relato, cujo objetivo é situar o(a) leitor(a) acerca do trabalho e da minha relação com ele, escrevo mais três seções teórico-analíticas, além de uma seção com vistas a produzir um efeito de fecho neste trabalho. Passo, em seguida, a apresentar o objetivo geral e os objetivos específicos, bem como as seções da Dissertação. Como objetivo geral, pretendo *analisar os efeitos da inscrição do sujeito no discurso da mercantilização do corpo no Grindr*.

No capítulo de título *Corpo e linguagem: por uma abordagem discursiva da materialidade*, objetivo entender como o corpo se constitui como materialidade significativa no funcionamento do discurso do corpo. Para tal, abordo a noção de corpo no campo discursivo-materialista, observando sua relação com a noção de língua(gem) e materialidade, com o objetivo de compreender o corpo como uma materialidade significativa que se apresenta à significação. Nesse capítulo, analiso três perfis do *corpus* auxiliar do trabalho, do qual busco analisar apenas a materialidade do corpo e as descrições feitas no perfil, de modo que os atravessamentos do digital não serão considerados nesse primeiro tempo analítico. Enquanto *corpus* auxiliar, entendo, conforme Kramer Wanderley (2020), que se trata de um *corpus* relacionado ao *corpus* principal da pesquisa, que dá um efeito de sustentação a este *corpus*.

No capítulo *Tocar e deslizar: as mídias digitais como espaço de subjetivação*, busco analisar o funcionamento do *Grindr* como espaço de subjetivação. Para isso, considerando leituras de áreas além da Análise do Discurso e da própria AD, discuto noções como espaço virtual, redes, *internet*, dominação, com vistas a descrever, na última seção do capítulo, as funcionalidades do aplicativo. Com sequências discursivas do *corpus* auxiliar, descrevo as telas em que o sujeito-usuário do *Grindr* pode interagir a fim de se inscrever nas discursividades possíveis do aplicativo.

Já no capítulo *Sujeito e trabalho: entre o desejo do outro e a submissão do corpo-mercadoria*, intento analisar como se dão os modos de subjetivação no/pelo corpo a partir das materialidades imagéticas, de modo a observar os movimentos de (des/contra)identificação produzidos pelo sujeito que coloca seu corpo à venda. Para tal, o faço, na primeira seção (*No sujeito, a cisão*), com base na noção de sujeito, com a qual discuto a noção de ideologia, de

formação-discursiva, de forma-sujeito, de posição-sujeito, de lugar discursivo, de formação ideológica, entre outras que se relacionem ao *corpus* da pesquisa. Na seção *No trabalho, a exploração*, discuto teoricamente sobre as relações de trabalho, deslizando para a sua relação com a tecnologia e os atravessamentos do neoliberalismo. Desse modo, na busca de entender o atravessamento do capital, parto também do materialismo histórico para pensar essas relações. Por último, na seção *No corpo, a mercantilização*, em primeiro lugar, descrevo quais foram os critérios metodológicos de recorte do arquivo para apresentar o *corpus* discursivo; após isso, procedo às análises das sequências discursivas, com o objetivo de entender o funcionamento das noções teóricas propostas ao longo do trabalho.

Ao final, busco organizar as principais considerações acerca do trabalho, mobilizando as análises desenvolvidas ao longo da dissertação, de forma que fiquem indicadas, de maneira resumida, as proposições teórico-analíticas, com o objetivo de que o(a) leitor(a) possa ter refletido junto a mim sobre as discursividades em análise.

2 CORPO E LINGUAGEM: POR UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DA MATERIALIDADE

Ao olharmos para a nossa formação social brasileira, como também para outras formações sociais, em que o capitalismo se atravessa de maneira constitutiva através da instauração das relações de produção, não é difícil perceber as diferentes formas de significação em que podemos nos inserir. Nesse contexto, sujeitos, por meio da linguagem, disputam a dominância de um sentido, que se impõe àquele que diz de forma “óbvia”, como se nada ali pudesse ser questionado. Em um primeiro momento, entendemos esse funcionamento ligado à língua, ao verbal, como a nós, pesquisadores(as) da Linguística, aparece de maneira mais latente.

Inscrevendo-me teoricamente na Análise de Discurso materialista, cuja fundação é de Michel Pêcheux, entendo a língua(gem) como base material para a realização dos processos discursivos. Indo, então, da língua à linguagem, considerando a materialidade específica da ideologia, o discurso, partilho da orientação de que a língua(gem) é o lugar da incompletude, do equívoco, do ato falho, do real¹. Desse modo, neste capítulo, busco produzir um trajeto de leitura de noções como língua(gem), materialidade, discursividade, corpo, sexo, entre outras. Para isso, valer-me-ei de uma bibliografia no campo teórico em que me inscrevo, colocando-o em relação com outras discussões teóricas.

Com isso, intento, em um primeiro momento, além de construir o dispositivo teórico-metodológico, dar sustentação para o primeiro tempo analítico que farei ao final do capítulo, com recortes de perfis de garotos de programa no aplicativo de relacionamento *Grindr*, objeto de estudo desta dissertação. Desse modo, organizo as seções deste capítulo da seguinte maneira: i) Na linguagem, a brecha; ii) Na materialidade, a contradição; iii) No corpo, o sexo; iv) No discurso, o efeito. Nas próximas subseções, de títulos devidamente apresentados, abordo as questões teóricas mais sobressalentes em relação ao objeto discursivo *corpo*.

2.1 NA LINGUAGEM, A BRECHA

Fundada no final da década de 60 do século XX, a Análise do Discurso (AD), de orientação materialista e vinculação a Michel Pêcheux, nasceu, dentre outras “causas”, da

¹ Na Análise do Discurso, o real é entendido como o impossível. Na língua, o real se marca pela impossibilidade de tudo poder dizer, ou seja, há algo que é impossível ao sujeito de simbolizar, de forma que este real pode aparecer sob a forma do ato falho, do lapso, da repetição, dos quais o sujeito não se dá conta.

crítica que Pêcheux ([1969a] 2019a) fez a diferentes correntes da linguística e à psicologia social. Partindo dos escritos saussurianos, o filósofo e fundador da AD, Michel Pêcheux, teceu críticas ao modo como a língua(gem) fora pensada pelo linguista genebrino Ferdinand de Saussure. Em sua obra instauradora do que conhecemos como hoje a “linguística moderna”, o mestre genebrino, como também era conhecido, apresentou, em sua obra póstuma e organizada por seus alunos do Curso de Linguística Geral, as dicotomias no que diz respeito a um estudo sistêmico da língua.

Em sua teorização, Saussure ([1916] 2006) apresenta as seguintes dicotomias: i) língua e fala (ou *langue et parole*); ii) significante e significado; iii) sincronia e diacronia; iv) paradigma e sintagma. Nesse escopo, elegeu seus enfoques teóricos: a língua, o significante, a sincronia e o sintagma. Partindo dessas noções primeiras, que produzem um corte epistemológico, Pêcheux ([1969a] 2019a), na obra fundadora, *Análise Automática do Discurso*, reitera os postulados saussurianos, especialmente as “duas exclusões teóricas” (PÊCHEUX, [1969a] 2019a, p. 27): “- a exclusão da *fala* no inacessível da ciência linguística; - a exclusão das *instituições “não-semiológicas”* para fora da zona de pertinência da ciência linguística” (PÊCHEUX, [1969a] 2019a, p. 27, grifos do autor).

Nessa direção, Pêcheux ([1971] 2015a) pontua que “Ao conceito (científico) de *língua* se opõe, pois, a noção de *fala*, maneira única pela qual “cada sujeito falante” manifesta sua liberdade dizendo “aquilo que nunca será ouvido uma segunda vez” (PÊCHEUX, [1971] 2015a, p. 125, grifos do autor). Ao tomar como base de deslocamento o estruturalismo saussuriano, o autor, que reconhece a importância de Ferdinand de Saussure para os estudos da linguagem, entende que “toda disciplina científica se constitui pela exclusão de seu campo daquilo que, até então, a obcecava, no sentido literal do termo” (PÊCHEUX, [1971] 2015a, p. 125). Afetado por essas formulações e pela teoria à qual me filio, compreendo que é dessa exclusão que nasce a *Análise do Discurso*. Enquanto disciplina de entremeio (ORLANDI, [2007] 2020), a AD se constitui no/pelo deslocamento, na apreensão das contradições, de diferentes regiões do conhecimento científico. Desse modo, a AD se estruturaria no entremeio do(a):

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

[...]

Essas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 2014, p. 160).

Com essa primeira formulação do quadro teórico da AD materialista, é importante destacar, a respeito da constituição epistemológica da teoria, que Pêcheux ([1969a] 2019a) também parte da problematização da gramática gerativa, de Noam Chomsky, e da teoria comunicacional, de Roman Jakobson. Especialmente em relação à segunda teoria, o filósofo-fundador da AD, produzindo deslocamentos teóricos a partir das contradições próprias de cada disciplina, formula a primeira noção de discurso:

[...] a propósito de “D”, a teoria da informação, subjacente a este esquema, leva a falar de *mensagem* como transmissão de informação: o que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo *discurso*, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre *A* e *B* mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos *A* e *B*. (PÊCHEUX, [1969a] 2019a, p. 39, grifos do autor).

Para construir esta primeira teorização sobre o novo objeto de estudo, advindo do quadro teórico pensado por Pêcheux ([1969a] 2019a), o autor parte da problematização do esquema comunicacional, como já alertei. O esquema, como então pensado por Jakobson ([1960] 2008), seria composto por 6 (seis) pontos que, simultaneamente, teriam de funcionar para que a comunicação ocorresse: i) emissor; ii) receptor; iii) mensagem; iv) contexto; v) canal; vi) código. Entendendo que o *processo discursivo* não aconteceria de maneira direta entre emissor (A) e receptor (B), mas sim na relação entre esses dois pontos, Pêcheux ([1969a] 2019a) compreende que esses mesmos pontos A e B “designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos” (PÊCHEUX, [1969a] 2019a, p. 39). Lugares que, portanto, são, dialeticamente, estruturados e estruturantes para o funcionamento de determinada formação social.

Nesse mesmo contexto, o autor nos apresenta uma noção basilar aos estudos discursivos, a noção de condições de produção (CPs doravante). Para ele, “[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas” (PÊCHEUX, [1969a] 2019a, p. 33, grifos do autor). As condições de produção não podem, salvo equívoco teórico, serem compreendidas como o *contexto*, noção, que, na Linguística, é trabalhada por diferentes perspectivas teóricas. As CPs devem ser compreendidas como as condições sócio-históricas de determinado funcionamento discursivo, isto é, como a exterioridade constitutiva que atravessa os processos discursivos. Assim, para proceder com um gesto analítico, um discurso precisa ser referido “[...] ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado das condições de produção [...]” (PÊCHEUX, [1969a] 2019a, p. 35). Também, Pêcheux ([1969] 2019a, p. 42, acréscimo meu), ao discutir sobre os processos discursivos por meio das formações imaginárias, pontua que

[...] as diversas formações [imaginárias] resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção), que deixaram de funcionar mas que deram nascimento a “tomadas de posição” implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco.

Ao tratar da língua, Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014) entendem que “a língua constitui o *lugar material* onde se realizam estes efeitos de sentido” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 2014, p. 171, grifos dos autores). A partir dessa formulação, é possível que entendamos, neste momento, que o processo de produção de sentidos se materializa por meio da relação sujeito-língua, que se tornaria, então, um observatório para o(a) analista, que buscaria, na prática analítica, entender o funcionamento ideológico na (re)produção de sentidos. Com essa proposição, é possível deslocarmos língua para linguagem, a fim de que se torne possível a consideração de outras *materialidades discursivas*.

Seguindo a mesma inscrição teórica deste trabalho, Leandro Ferreira ([1994] 2021), em sua tese de doutorado, discutiu sobre a noção de língua. Em sua proposta teórico-analítica, Leandro Ferreira ([1994] 2021, p. 42) afirma que “Existem pontos na língua que vêm, contudo, afetar a regularidade do sistema naquilo que se tem como núcleo. São pontos do impossível, falhas e rupturas que entram em contradição com os princípios de consistência e completude [...]”. Nessa perspectiva, a autora aponta-nos que a língua, enquanto base material para a realização dos processos discursivos (PÊCHEUX, [1975] 2014a), não se caracterizaria pela completude, pela unicidade lógica, que, em muito, se refere às correntes formalistas da linguística. Por essa acepção, a língua(gem) “[...] abriga igualmente em sua estrutura os “furos” do real, pois existe um impossível a dizer e a formalizar” (LEANDRO FERREIRA, [1994] 2021, p. 43).

O ponto de vista sustentado pela autora justifica-se, de certo, por sua filiação teórica, a Análise do Discurso materialista, de orientação pecheuxtiana, que faz funcionar, em sua constituição epistemológica, a noção de I/ideologia. Conforme Pêcheux ([1975] 2014a), a Ideologia em geral, aquela que não tem história, que estrutura o funcionamento de uma sociedade de classes, que interpela os indivíduos em sujeitos, difere-se da ideologia dominante e, desse modo, da ideologia dominada. A ideologia, conforme a discussão empreendida por Pêcheux ([1975] 2014a), produz-se sob a forma da desigualdade-subordinação, mesmo que a revolta e a revolução, em seus termos, sejam possíveis.

A Ideologia em geral, cuja realização não se dava, como vimos, nos aparelhos ideológicos de Estado – de modo que ela não poderia coincidir com uma *formação ideológica* historicamente concreta – não é também *a ideologia dominante*, enquanto resultado do conjunto, forma-histórica concreta resultante das relações de desigualdade-contradição-subordinação que caracterizam, numa formação social

historicamente dada, o “todo complexo com dominante” das formações ideológicas que nela funcionam. (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 137, grifos do autor).

A essa possibilidade de “rebelar-se contra a ideologia”, Pêcheux ([1975] 2014a) propõe a teorização das tomadas de posição, a saber: i) identificação; ii) contraidentificação; iii) desidentificação. A identificação, teoricamente, apresenta-se sob a forma de replicação do sujeito-universal pelo sujeito-enunciador. Isto é, ao identificar-se com determinado sentido, o sujeito-enunciador replicaria, sem questionar, os saberes do sujeito-universal, que é o sujeito da formação discursiva. A contraidentificação é, em certa oposição à identificação, um primeiro gesto de resistência, que leva o sujeito a questionar determinados saberes de sua inscrição, mas, ainda assim, repeti-los de maneira desconfiada, atentando-se às contradições. A desidentificação seria a separação do sujeito-universal do sujeito-enunciador de uma formação discursiva determinada, (contra)identificando-se com outros saberes.

Por essa rápida exposição das tomadas de posição², que será aprofundada no terceiro capítulo desta dissertação, é possível compreendermos, em um primeiro momento, que, ainda que a ideologia produza a determinação, esta determinação não está alheia à revolta, ao ato falho, ao lapso, ao furo. A ideologia, em sua constituição, é falha, mesmo que a nós possa aparentar funcionar de maneira homogênea e unívoca. Desse modo, uma vez que a língua(gem) é a base material sobre a qual os(as) analistas de discurso devem se debruçar, ela também é constituída/atravessada por processos ideológicos que a fazem funcionar sob a forma da evidência, em que a ideologia trabalha imobilizando os sentidos. A título de exemplo, no *corpus* deste trabalho, formado por *prints* do aplicativo *Grindr*, a evidência (como diz Pêcheux ([1975] 2014a, p. 139), “as evidências são sempre primeiras”) do sentido produz-se de maneira que os garotos de programa, mesmo que usem o aplicativo para se prostituir, apagam seus rostos, o que me faz questionar: se a liberdade, em uma sociedade neoliberal, é um princípio, por que se deseja esconder? Essa observação a respeito do apagamento dos rostos, apesar de ser uma regularidade no *corpus* em análise, estende-se também aos sujeitos que não se identificam com os sentidos da prostituição, sendo, no aplicativo, um efeito de regularidade na constituição dos perfis.

Na próxima seção, discuto, do lugar teórico da Análise do Discurso, a noção de materialidade discursiva, atando-a à proposição do ordinário do sentido e ao conceito de discursividade. Desse modo, neste trabalho, considero o corpo enquanto materialidade sobre a

² Apesar de apresentar brevemente a noção das tomadas de posição neste capítulo, discuto de maneira mais apropriada no terceiro capítulo, bem como a noção de sujeito, que também aparece esboçada na próxima seção.

qual o(a) analista se debruça analiticamente na busca da leitura para além do efeito de evidência, provisório em sua constituição.

2.2 NA MATERIALIDADE, A CONTRADIÇÃO

Após pouco mais de 24 anos de publicação da obra inaugural da AD, Pêcheux ([1983a] 2015b), em colóquio nos Estados Unidos, apresenta-nos a um novo ponto de vista nos estudos discursivos, em conferência intitulada *O discurso: estrutura ou acontecimento?*. Nesse livro, traduzido por Eni Orlandi, um dos pontos de discussão de maior importância para o que hoje estudamos em AD é a consideração sobre o ordinário do sentido. Para Pêcheux ([1983a] 2015b), o sentido, além das práticas do discurso político, do discurso científico, entre outras práticas institucionalizadas, também se produziria em práticas discursivas do dia a dia, práticas não ligadas à institucionalização dos sentidos. O ordinário do sentido, no desenvolvimento desta pesquisa, é entendido pela constituição do discurso em análise, o qual, funcionando sob a sustentação das identificações dos sujeitos, é da ordem do cotidiano, não regulamentado como o discurso político, por exemplo.

[...] De meu lado, (mas exprimo aí um ponto de vista que não me é pessoal: é uma posição de trabalho que se desenvolve na França atualmente) eu sublinharia o extremo interesse de uma aproximação, teórica e de procedimentos, entre as práticas da “análise da linguagem ordinária” [...] e as práticas de “leitura” de arranjos discursivo-textuais [...].

Encarada seriamente (isto é, de outro modo que apenas uma simples “troca estrutural”) essa aproximação engaja concretamente maneiras de trabalhar sobre as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido. (PÊCHEUX, [1983a] 2015b, p. 49).

Alguns anos antes da publicação desta obra, que faz parte do que hoje intitulam de AD-3, houve, na França, o colóquio *Matérialités Discursives*, que objetivava reunir pesquisadores de diferentes regiões do conhecimento científico para discutir a questão teórica das materialidades. No início do Colóquio, Pêcheux ([1979a] 2016a, p. 17-18, grifos do autor) coloca-nos algumas afirmações: “Há *um* real da língua. Há *um* real da história. Há *um* real do inconsciente [...] De que nos protegemos, ao nos declarar linguistas, historiadores ou psicanalistas”. Com esta primeira provocação, o filósofo tensiona saberes já estabilizados nas áreas que cita e leva-me a pensar: de que nos distanciamos quando dizemos que somos analistas de discurso? Uma primeira reflexão nos levaria a reafirmar nosso lugar teórico, a reiterar os princípios norteadores que Michel Pêcheux nos deixou e que fortemente se desenvolveu em solo brasileiro. Em um segundo momento, reafirmar uma posição materialista, que, dadas as

condições de produção, precisa ser ainda mais incisiva, que nos faça tomar partido pelo fogo, como alerta Pêcheux ([1978a] 2014b).

No que diz respeito à noção de materialidade discursiva, Pêcheux ([1980a] 2016b, p. 23-24, grifos do autor) aponta que: “A questão teórica das *materialidades discursivas* surge precisamente daquilo que, entre a história, a língua, e o inconsciente, resulta como heterogeneidade irreduzível: um remoer de falas ouvidas, relatadas ou transcritas, uma profusão de escritos mencionando falas e outros escritos”. Sob essa perspectiva, entendo que a materialidade discursiva encontra-se no entremeio, nas contradições entre a história, a língua e o inconsciente, da qual se busca analisar os processos discursivos, articulando, simultânea e contraditoriamente, as áreas relatadas.

Pêcheux ([1973] 2015c), no artigo *A aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas em Análise do Conteúdo*, pontua que é preciso, numa análise, atravessar a superfície do texto, o que me faz entender que, também, é preciso ultrapassar a superfície da materialidade. Constituindo-se como uma base analítica, a materialidade, contraditória em sua constituição, afetada pelo funcionamento da ideologia dominante, em um primeiro olhar, produz-se na/pela evidência do sentido, apagando um funcionamento de que Pêcheux ([1977] 2020), no artigo *Remontemos de Foucault a Spinoza*, indicou: o texto, e também a materialidade, está imbricado a um modo de fazer política. Desse modo, entendo, a esta altura do texto, que a materialidade discursiva é dividida pelo político, que faz com que os sentidos se (re)produzam e/ou se desloquem. O político divide os sentidos, cuja identificação do sujeito-enunciador o leva à reprodução. O político divide a língua que “aparece assim como a base comum de processos discursivos diferenciados” (PÊCHEUX; GADET, [1977] 2015, p. 309).

Em razão da materialidade, Pêcheux ([1984a] 2015d), em *Metáfora e Interdiscurso*, declara que

[...] a noção de materialidade discursiva enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades” de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada. (PÊCHEUX, [1984a] 2015d, p. 151-152).

Articulando ao primeiro esboço da noção de materialidade, já apresentada anteriormente, entendo que, relacionando ao *corpus* do trabalho em tela, o corpo, tampouco a imagem de si, não seria a materialidade em si. O corpo, retrabalhado pela imagem e pelo sexo, se apresenta como a base material para a análise, constituindo-se, por seu enredamento à ideologia, à história, como uma materialidade, cuja inscrição de sentidos é opaca, em que o mesmo e o outro se encontram de maneira entrelaçada e tensionada, produzindo-se como um

nó da formação social capitalista, amarrado pela estrutura-funcionamento da ideologia. Conforme Leandro Ferreira (2011a, p. 99, grifos meus), “[...] o principal objetivo é conseguir tornar o corpo de fato uma *materialidade discursiva*, a servir como ferramenta e como conceito operacional. Para isso, o corpo discursivo requer uma descrição e uma definição que o singularize [...]. Nessa direção, Lagazzi (2009, p. 68) afirma que

Não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude da outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais. Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda.

Por isso, entendo, como um princípio norteador desta dissertação, que o corpo pode ser compreendido em diferentes matrizes de sentido já que

[...] toda língua[gem] está necessariamente em relação com o “não está”, “não está mais”, “ainda não está” e “nunca estará da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível. (PÊCHEUX, [1982a] 1990, p. 8, acréscimo meu).

Assim, esse funcionamento se dá sob a inscrição à formação ideológica que domina o corpo, mesmo que o poder da burguesia, materializado pela ideologia dominante, volte-se para o quase invisível, de modo que as desigualdades e as dominações não possam ser observadas de maneira mais direta, ou que sejam explicadas pela meritocracia e pela suposta liberdade do sujeito.

É nessa direção que a materialidade discursiva, em sua dimensão material, constitui-se como uma forma de funcionamento da contradição, uma vez que abriga, simultaneamente, a dominação e a falha, o desejo de completude e o deslizamento de sentido, o mesmo, sociohistoricamente fornecido-imposto pela ideologia, e o diferente, que emerge das condições de produção, tensionando o acontecimento, levando-nos, enquanto analistas, a trabalhar não no tempo da história ou no tempo da atualidade, mas no tempo do discurso (PÊCHEUX, [1973] 2015c). O tempo do discurso, no modo como procuro compreender, está entre o domínio da atualidade, o domínio da memória e o domínio da antecipação, de que nos alertou Courtine ([1981] 2014), formulando-se numa tensão entre evidências (a evidência dada pelas condições de produção e a evidência pelo questionamento do(a) analista). Em outras palavras, o interdiscurso como um princípio de funcionamento da discursividade, que se formula entre o inter e o intradiscurso, no tempo do discurso, no tempo da discursividade, na qual o interdiscurso simula sua inexistência no intradiscurso (PÊCHEUX [1980b] 2016c). “Portanto,

a noção de materialidade, tão importante para os dispositivos teórico e analítico discursivos, dá suporte ao investimento de buscar a visibilidade do trabalho da ideologia na produção de conhecimento pela subversão do sujeito do humanismo e do idealismo” (LAGAZZI, 2018, p. 160).

Desse modo, concordo com Pêcheux ([1984a] 2015d, p. 157-158), quando ratifica que

[...] tratar-se-ia de levar em consideração o fato de que as formas discursivas nas quais aparecem os “objetos” tais como o balão, a estrada de ferro ou a toupeira são sempre conjunturalmente determinados enquanto objetos ideológicos; nem universais históricos, nem puros efeitos ideológicos de classe, esses objetos teriam a propriedade de ser ao mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmo, isto é, de existir como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um ou outro efeito conjuntural, politicamente sobre-determinado (poderíamos, em nossa contemporaneidade ideológica fazer observações análogas sobre as noções como a de “mudança” ou de “liberdade”).

Assim, parto para a compreensão de que a materialidade discursiva é, desde sempre, já-dividida em sua constituição, atravessada pela contradição e pelo efeito de obviedade. Isto é, ao mesmo tempo em que se produz como evidência a um sujeito, pode se produzir como um ponto do impossível a outro, e não estou falando do impossível do real da língua. O ponto do impossível de que falo nesse momento estaria além da formação discursiva em que se inscreve o sujeito-enunciador, escapa a uma determinação para se produzir enquanto supostamente livre em outro lugar, simultânea e contraditoriamente determinado pela ideologia. A esse movimento da determinação pela ideologia, recorro a Pêcheux ([1976a] 2019b, p. 324): “[...] a evidência e o absurdo são primos, primos carnais, e, precisamente, [...] muitas evidências que neste momento são tomadas como tais, e muitos absurdos que também tomamos como tais, aparecerão retrospectivamente como absurdos, e vice-versa.”

No artigo *Análise sintática e paráfrase discursiva*, León e Pêcheux ([1982] 2015), ao falarem sobre a discursividade, assumem que

[...] o essencial da discursividade seria compreender a relação contraditória entre a relação paradigmática de substituição que tende em direção à estabilização da forma lógica e a existência de relações de deriva e de alteração entre sequências que podem, ao mesmo tempo, conectarem-se por sintagmatização sob a base das ligações evocadas. (LEÓN; PÊCHEUX, [1982] 2015, p. 172).

Portanto, a discursividade, enquanto forma material que se apresenta à interpretação, é, desde sempre, já dividida. Ainda que tenda à regularização e à estabilização de sentidos, o discurso, como bem pontua Pêcheux ([1983a] 2015b), pode vir a ser outro. À deriva, à borda, à margem da discursividade, está a abertura da falha. Assim, simultaneamente, pelo mesmo e pelo outro, pelo esperado e pela irrupção, pelo efeito de unidade e pela incompletude, a discursividade se forma como um objeto a ler, o qual é (re)interpretado pelo(a) analista, tendo

suas sustentações materiais expostas e retrabalhadas pelo gesto de interpretação, de modo que a contradição se apresenta como uma condição constitutiva da discursividade.

Após apresentar a noção de materialidade discursiva, que é central para o desenvolvimento dessa dissertação, na próxima seção, abordo a noção de corpo, por um viés materialista, até chegar em sexo e sexualidade, pautadas numa leitura foucaultiana. Nesse sentido, construindo as bases teóricas do trabalho, analiso, na seção seguinte, algumas sequências discursivas que trazem o corpo na (re)produção do discurso da mercantilização.

2.3 NO CORPO, O SEXO

Ao atentar-nos às condições de produção em que nos inserimos, não é difícil perceber que, em meio às discussões de maior amplitude em nossa formação social, o corpo tem sido levado em consideração sob diferentes formas. Em uma primeira observação, deparamo-nos com diferentes materialidades discursivas a respeito da orientação sexual. A mim, enquanto sujeito que escreve esta pesquisa, constituindo-me enquanto um homem-cis-gay, não raro, consigo recuperar dizeres que, na minha infância e adolescência, caracterizavam a homossexualidade como algo negativo, que contrariava os princípios divinos de que homens deveriam apenas se relacionar com mulheres, e vice-versa.

Com o curso da história, a homossexualidade, a bissexualidade, entre outras orientações afetivo-sexuais, têm recebido teorizações que produzem uma luta pelo sentido de seus termos, uma luta, como diria Pêcheux ([1978b] 2015e), pelo sentido das palavras. Nos últimos anos, tem sido mais abrangente, nesse contexto, as discussões sobre as diferentes identidades de gênero (pessoas cis, pessoas trans, travestis, pessoas não-binárias, *etc.*), às quais o conservadorismo, (re)trabalhado nas atuais condições de produção pelo neoliberalismo, tem se oposto, silenciando, como nos mostra a história, sujeitos que compreendem a si mesmos de formas não cisheteronormativas.

Essas inscrições de sentido, para que se produzam como tal, precisam da existência material do corpo, que, falho, suturado, esburacado, incompleto, se produz como discursividade, como um objeto a ler. Nesta seção, busco, em um movimento teórico, reiterar como, na Análise do Discurso, o corpo é compreendido como uma materialidade, como linguagem.

Nas seções anteriores, apresentei, de maneira sucinta, uma breve incursão na história da AD para que, em seguida, chegasse à linguagem e à materialidade e, agora, chegasse ao corpo. Conforme Bressan (2020), no *Glossário de Termos do Discurso*, o corpo seria, senão, a

materialidade do sujeito, que é submetido, enquanto discurso, ao processo de interpelação e identificação, o que não se dá de maneira plena, completa, fechada, mas com abertura para falhas e tropeços na/pela ideologia, concordando com o que Orlandi (2017) afirma sobre o corpo. Antes de aprofundar sobre a noção de corpo na AD, é preciso retornarmos à noção de sujeito.

Michel Pêcheux, desde seus primeiros escritos teóricos, percebeu que, dentre outros elementos, o sujeito, assim como a ideologia, não era tratado como parte constituinte da (re)produção de sentidos, salvo exceções em que o sujeito era tomado como uma categoria sintática de análise linguística, ou por sua oposição ao tu (BENVESNISTE, 1976). Entendendo esta fratura teórica, Pêcheux ([1975] 2014a, p. 140, grifos do autor) procura trabalhar na direção de compreender que “a questão da *constituição do sentido* se junta à da *constituição do sujeito*”. Com essa proposição, o autor-filósofo-fundador da AD afirma-nos, afetado por Althusser ([1970] 2007), que a ideologia interpela os indivíduos em sujeito:

Na verdade, o que a tese “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” designa é exatamente que o “não sujeito” é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia. Ora, o paradoxo é, precisamente, que a interpretação tem, por assim dizer, um *efeito retroativo* que faz com que todo indivíduo seja “sempre-já-sujeito” [...] (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 141, grifos do autor).

Desse modo, o sujeito é um efeito, e uma vez determinado pelos esquecimentos nº 1 e nº 2, não reconhece que é interpelado e se coloca na posição originária do sentido e de si mesmo, já que “[...] é *evidente* que eu sou a única pessoa que poderia dizer “eu” ao falar de mim mesmo” (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 141, grifos do autor). Compreendo, seguindo a linha de Pêcheux ([1975] 2014a) que a ideologia produz, para o sujeito, evidências de determinado funcionamento discursivo, que mascaram “[...] aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 146, grifos do autor). A ideologia, produzindo o assujeitamento a uma formação discursiva, mesmo que abrigue espaço para a revolta, para o deslizamento de sentido, conduz o sujeito à leitura “permitida” pelos limites porosos da formação discursiva em que se inscreve, levando-o a tomar posição, que

[...] não é, de modo algum, concebível como um “ato originário” do sujeito-falante; ela [a tomada de posição] deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da “exterioridade” do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar. (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 160, acréscimo meu).

Além do atravessamento constitutivo da ideologia, o sujeito é constituído pelo inconsciente, pois algo no sujeito falha, ainda mais pela língua. Tomada por sua inegável

incompletude, a língua está sujeita ao tropeço do sujeito, visto que este se constitui, também pelo *real*. Milner ([1979] 2012), ao tratar da língua, entende que algo no sujeito é residual, não é dizível, é impossível de simbolizar. Esta impossibilidade de simbolização, em termos teóricos, se dá pela existência do real da língua, aquilo que ao ilusório controle do sujeito lhe escapa, seja pelo lapso, seja pelo ato falho. E, como diz Pêcheux ([1983a] 2015b), o sujeito se depara com o real, não o planejando, tampouco o controlando. O real simula a sua existência pela falha na interpelação ideológica e se forja pelas brechas da língua.

Com isso, mesmo que Pêcheux ([1975] 2014a), em *Semântica e Discurso*, indique que, à época, a AD estava apenas nos vislumbres teóricos de uma articulação entre ideologia e inconsciente, ao mesmo tempo assinalava que essa relação não se dá de maneira separada, cada uma a seu modo, mas de forma articulada, em um espiral, pelo qual o sujeito se constitui. O sujeito, partindo dessa leitura, encontra-se no meio da língua, da ideologia e do inconsciente, cada qual com suas falhas próprias, apagadas da consciência do sujeito (LEANDRO FERREIRA, 2010).

A partir desta breve retomada da noção de sujeito, entendo, partindo de Orlandi (2017, p. 34), que o “o corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente, como ele não é transparente para si mesmo”. O corpo produz-se como um efeito do/para o social, do qual é constituído e, simultaneamente, o constitui. Assim, o espaço urbano forma-se, além da arquitetura e do urbanismo da cidade, pela circulação dos sujeitos, que produzem sentido na/pela/para a cidade.

Voltando-me, agora, à abordagem do corpo, entendo, consoante Radde (2015), que o corpo, inscrito numa prática cultural, constitui-se por um imaginário social/ideológico que o associa ao consumo do mercado, tornando-o objeto. Desse modo, neste momento do trabalho, é possível a compreensão da formulação do corpo enquanto linguagem, à qual o(a) analista pode também se debruçar. O corpo, da forma como o tenho entendido, tece a malha do social, de modo que se en(tre)laça a esse funcionamento, cuja estrutura-funcionamento o atravessa sob a forma da interpelação ideológica. Orlandi (2017), em seu texto, nos pontua que o corpo é materialidade do sujeito, o que nos leva a compreender, tomando por base Vinhas (2018), que não existe corpo sem considerar sua articulação/constituição pela língua(gem).

Tomado enquanto linguagem, o corpo, para Vinhas (2018), é parcial, traduz-se em opacidade, constituindo o sujeito. Portanto, sendo clivado pela ideologia, o corpo, lugar de materialização do discurso, se divide nos/pelos sentidos, sobretudo quando consideramos a formulação/circulação em espaços midiáticos. A curto prazo, é possível relembrarmos de diferentes momentos em que, por exemplo, o corpo feminino era discursivizado em comerciais

de bebidas alcóolicas de maneira hiperssexualizada, colando esse corpo a um funcionamento ideológico próprio do machismo em nossa formação social, e também ao funcionamento da luta de classes.

Com essa textualização do corpo em diferentes mídias, o corpo é apresentado como uma evidência, ligada a uma ideologia dominante que produz apagamentos vários, justamente por funcionar de forma homogeneizante, ainda que tenha, em sua estrutura-funcionamento, aberturas para a falha, para a ruptura. Assim, retomando a discussão de Sousa e Sanches (2018), é impossível que pensemos, em termos discursivos, o corpo sem tratar da ideologia, uma vez que ele precisa, para que socialmente funcione, de um discurso que lhe dê forma.

Essa produção discursiva acerca do corpo, da forma como entendo, pode se dar a partir de diferentes materialidades, que conduzem a distintos gestos de leitura. Com a inscrição do corpo em um aplicativo de relacionamento como o *Grindr*³, tenho percebido que a forma-corpo convocada vincula-se a um funcionamento dominante sobre aquilo que se espera de um corpo. Voltando para Pêcheux ([1969a] 2019a), o fundador da AD pontua que, no processo discursivo, funciona uma série de representações imaginárias sobre diferentes pontos de funcionamento do processo discursivo.

Ao considerar a teorização sobre as formações imaginárias, expressão formulada por Pêcheux ([1969a] 2019a), compreendo que o sujeito no ponto A do processo discursivo produz uma imagem do sujeito em B, assim como do discurso a que se referem, e vice-versa. Nessa rede de possibilidades de imaginários, os sujeitos do processo discursivo adiantam uma antecipação sobre as posições sustentadas pelo outro, entre os quais se produz o efeito de sentido. Assim, considerando o *corpus* desta dissertação, entendo, ainda que de maneira apriorística, que, ao apresentar-se pela via do corpo, os garotos de programa inseridos no universo discursivo *Grindr*, criam um imaginário de que, pela sua exposição, o interlocutor se interessaria por estabelecer um diálogo que poderia sair do virtual para o real⁴.

Desse modo, concordo com Sousa e Sanches (2018, p. 3), ao afirmarem que “o corpo-projeto é um padrão de corpo gerado artificialmente por programas de computador e transformado em imagens idealizadas de uma perfeição inalcançável”, uma vez que, mesmo se tratando de diferentes *corpora* discursivos nesta pesquisa e na pesquisa dos autores, o corpo, segmentado pela imagem, regularmente apresenta-se como um corpo-padrão, o qual deve ser

³ No próximo capítulo, mais especificamente na terceira seção, faço uma descrição, com figuras, do aplicativo, explicando suas funcionalidades de acordo com os movimentos de leitura no/pelo aplicativo.

⁴ Aqui, não entendo o real como o real da Análise do Discurso, mas sim como aquele que se opõe ao atual (LEVY, [1996] 2005).

contemplado e reproduzido. Com este intrincamento de sentidos sobre o corpo, (re)cria-se um imaginário sobre o corpo a ser “consumido” pelas mídias sociais digitais: um corpo não-gordo, um corpo dito esbelto, um corpo malhado, retrabalhado pela prática de atividades físicas. Contudo, esta prática visa, muitas vezes, unicamente à adequação do corpo a um padrão pré-estabelecido pela ideologia dominante.

Os autores ainda defendem que o corpo tem respondido, nessas condições de produção, a um corpo-sempre-jovem, isto é, em termos da especificidade da pesquisa que desenvolvo, as corporeidades que convoco ao processo analítico, tomadas por suas regularidades significantes, seguem um pré-construído sobre o corpo. De acordo com Pêcheux ([1975] 2014a), o pré-construído é aquilo que fala antes, em outro lugar e independentemente, produzindo-se, na tessitura da evidência, como algo que todo mundo sabe, que é “universalmente” compartilhado por todos.

Esse funcionamento do pré-construído, seguindo a teorização da AD pecheuxtiana, é associado inevitavelmente ao trabalho da ideologia. Opacizando-se pela materialidade, a ideologia atua, pelo pré-construído, de forma mais universalizante, criando uma série de evidências sobre o corpo. Todavia, ainda que haja certa dominância deste funcionamento, posso questionar: onde estariam os outros corpos? Ao ler a materialidade discursiva também, e principalmente, por suas brechas, é possível trilharmos um caminho pela via do silêncio, conforme Orlandi ([1992] 2007). Pelo silêncio, conseguimos, até agora, entender que os corpos não-aceitos pelo discurso dominante se mostram pelas brechas, corpos que seriam, pela ideologia, recusados neste universo discursivo em específico.

Sousa e Sanches (2018), ainda em seu artigo, defendem que o corpo, que se visualiza em materialidades do discurso dominante, é, eu diria, reformado, seja pela intervenção cirúrgica, pela atividade física, mas também pelas possibilidades de edição oferecidas pela tecnologia analógica ou digital. Ao, por exemplo, tirar uma foto de si, é possível “escolher” um melhor ângulo, uma melhor iluminação que dê enfoque a algo do corpo que, pela via do imaginário, o sujeito acredita que deva ser visualizado por outrem. Além disso, por meio de aplicativos de edição, o corpo, além do cenário, pode ser alterado por uma ferramenta tecnológica; a princípio, pelos efeitos, que mudam as cores da imagem; em seguida, pela manipulação da imagem de acordo com “escolhas” baseadas em um determinado padrão de beleza⁵.

⁵ De uma outra forma, vídeos também podem ser editados, criando outras narratividades. Nos últimos anos, em especial após o golpe sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff, as *fake news* têm amplamente circulado, contando

Seguindo este mesmo pressuposto, Leandro Ferreira (2013) assegura que, no corpo, materialidade do sujeito e da ideologia, funciona a simbolização, na qual se marcam os sintomas sociais e culturais do equívoco. Assim, entendendo o corpo como linguagem, ele também é constituído por pontos de equívoco, que desregularizam os implícitos associados a este sistema de regularização (PÊCHEUX, [1983b] 2015f). Ao constitutivamente falhar em sua evidência de completude e unidade, o corpo dá brechas para que o ato falho emergja, deixando às claras o que Leandro Ferreira (2013) intitula de *real do corpo*. Ou seja, o impossível de se simbolizar no/pelo corpo produzindo falha na regularização e no efeito de unicidade, simboliza o não controle do sujeito sobre a língua e sobre si.

A esse respeito, a autora atesta, em relação à constituição do corpo, que este, em sua relação com a ideologia, se forja enquanto materialidade por, justamente, construir-se pelo/no discurso, o que me permite compreender que, para produzir sentidos, o corpo precisa constituir-se como linguagem, como materialidade pela qual se perseguem os rastros deixados pela incompletude da ideologia. Desse modo, ainda que haja um mo(vi)mento da inscrição do corpo no simbólico, este é, desde sempre, já linguagem, já materialidade, uma vez que, de forma paralela ao que Pêcheux ([1975] 2014a) aponta sobre o efeito retroativo do “sempre-já-sujeito”, o corpo é *sempre-já-materialidade*. Assim, sendo *sempre-já-materialidade*, funcionaria sob a inscrição na Ideologia, sendo eterna, produzindo um tecido ideológico que, para que o corpo o seja, ele precisa, antes (de maneira não cronológica), ser interpelado.

Nessa perspectiva, acato o que Vinhas (2021a) alega, que, para que falemos do corpo, é preciso que falemos da articulação *língua-sujeito-história*. O corpo do sujeito é, nessa leitura, um corpo que se trama pela história, e pela história da luta de classes. É um corpo que se apresenta à significação como sintoma de um funcionamento dominante, como uma brecha para o (re)montar do ritual ideológico. Entendendo a relação do corpo com a visualidade, Vinhas (2021a) defende que o corpo é formulado como sendo da ordem do visual; nessa direção, redirecionando para questões paralelas à minha pesquisa, cabe, eu suponho, questionar: além do visual, o corpo não poderia produzir significação também pelo toque?

Ao tratarmos da prostituição, um imaginário possível e, de certa forma, recorrente, levamos a retomar, pelo viés da memória, que a sua existência está associada ao espaço urbano, à rua, principalmente associada à imagem da mulher. Nesse contexto, o corpo que se submete/é submetido à prática da prostituição é, simultaneamente, submetido, em primeiro lugar, ao olhar, à leitura pela visualidade; em se tratando da “concretização” do programa, o percurso de leitura,

também com a circulação de discursividades imagéticas editadas, produzindo efeitos de verdade sobre aquilo a que se referem.

em muito, se dá pelo toque, que marcaria uma relação dominador(a)/dominado(a). Esta relação, em uma primeira leitura que realizo, se forma sob o funcionamento da contradição, uma vez que, mesmo que um sujeito garoto de programa tenha comportamento sexual ativo, portanto, sendo dominador, ele é dominado por algo que lhe é externo, material, mas também simbólico: o capital. Submisso à lógica da compra/venda, o garoto de programa precisa, para que, ao final consiga o pagamento, submeter-se ao desejo do outro, anulando a si mesmo para atingir um determinado imaginário.

Nesse sentido, ainda de acordo com Vinhas (2021a), o sujeito constitui-se enquanto imagem de seu corpo. Isto é, está em jogo, no processo de (re)produção de sentidos, uma série de formações imaginárias sobre o corpo. Reformulando, parcialmente, o esquema de Pêcheux ([1969a] 2019a) acerca das formações imaginárias, proponho as seguintes questões: i) como é o meu corpo para que eu lhe fale assim?; ii) qual a posição dele(a) para que eu lhe fale assim?; iii) como é o meu corpo para que ele me fale assim?; iv) qual a posição dele(a) para que me fale assim?. Por essa leitura, o corpo do sujeito encontrar-se-ia, hierarquicamente, subordinado à posição social (e, se pensarmos, à posição-sujeito também) do sujeito da ideologia dominante. Dessa forma, o sentido que se produziria como evidência é um sentido da dominância, que coloca a ação de um sujeito sobre o outro, considerando a intervenção do capital como mediador.

Em sua tese de doutorado, Vinhas (2014), ao discutir sobre o encarceramento de mulheres em um presídio no Rio Grande do Sul, entre outras proposições, teoriza sobre o corpo. Para a autora, o corpo pode ser entendido como condição de produção, determinado discursivamente. Isto é, enquanto corpo de um sujeito, cujo atravessamento se dá pela ideologia e pelo inconsciente, o corpo funcionaria, além de materialidade, como subjetividade do sujeito ou lugar de subjetivação, uma vez que o sujeito, por ele, se significa socialmente. Assim, o corpo está atado ao social, à circulação no espaço urbano, e também no digital. Olhando para o *corpus* desta pesquisa, compreendo que a imagem do corpo é, de maneira geral, a porta de entrada para o sujeito e sua subjetividade, no qual se instalam os imaginários.

Dito de outro modo, ao recortar/segmentar seu corpo pela imagem no aplicativo, o sujeito expõe-se à leitura do outro sobre seu corpo, o qual é construído pela imagem digitalizada, pelo algoritmo. Assim, ao colocar seu corpo em circulação no digital, o sujeito tensiona sentidos de modo a mobilizar imaginários sobre si e sobre o possível interlocutor, no jogo das formações imaginárias. Conforme Vinhas (2014), partindo da teorização de Leandro Ferreira (2011a), o corpo funciona como lugar de observação do sujeito, no qual sua

subjetividade se marca pela textualização do corpo-materialidade. Assim, “corpo e linguagem têm efeitos discursivos e são, também, constituídos pelo discurso” (VINHAS, 2014, p. 138).

No que diz respeito ao corpo em prostituição, Radde (2015) pontua que, como afirmei mais acima, a prostituição é marcada por uma divisão, instaurada pelo político, dominador/dominado. Ao tratar da prostituição masculina, há o que o autor designa de *defesa da virilidade*, o que, ao recorrer a outras leituras fora do escopo discursivo, encontro em Andrade e Teixeira (2004), que afirmam que o sujeito-homem, quando se prostitui, assume um comportamento viril, ligado a um imaginário da masculinidade, fazendo circular sentidos como o do “homem macho”, o da oposição à sensibilidade, ao sentimentalismo, à delicadeza, entre outros. Em vista disso, as autoras ratificam que, por “precisarem” assumir a masculinidade/virilidade como um pressuposto para que se constituam enquanto homens, estes garotos apresentam-se (ainda que não haja garantia) como “ativos”, ou seja, que assumem comportamento sexual ativo, responsáveis pela assunção do “controle” e do exercício de poder de dominação em uma relação sexual.

Com isso, parece-me funcionar um pré-construído do que é ser homem em nossa formação social brasileira, um pré-construído que associa, de maneira direta, o ser homem ao ser viril. No contexto dos aplicativos de relacionamento homoeróticos, que me debruço nessa dissertação, uma contradição mostra-se em pleno funcionamento: como homens que, sexualmente, se relacionam com outros homens reproduzem o discurso de uma relação heteronormativa? Por se relacionarem sexualmente com outros homens, não deveriam identificar-se com questões de desconstrução das cisheteronormatividade? Se considerarmos uma concepção homogênea de ideologia, certamente o que questiono teria uma resposta “óbvia” (a quem? Em que condições de produção?). Contudo, entendo que

[...] é impossível atribuir a *cada classe sua ideologia*, como se cada uma delas vivesse “previamente à luta de classes” em seu próprio campo, com suas próprias condições de existência e suas instruções específicas, sendo a luta de classes ideológica o encontro de dois mundos distintos e preexistentes, cada um com suas práticas e suas “concepções de mundo”, seguindo-se a esse encontro a vitória da classe “mais forte”, que imporia, então, sua ideologia à outra. (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 130, grifos do autor).

Portanto, ao inscrever suas práticas e seus dizeres em um determinado funcionamento ideológico, o sujeito está suscetível à reprodução do mesmo, ao esquecimento daquilo que lhe determina, colocando-se como origem do sentido e também de si mesmo, o que funciona aos moldes de uma ilusão, que impõe uma evidência do sentido em determinada formação discursiva como única possibilidade de interpretação.

Partindo de uma leitura foucaultiana, nesse momento, objetivo fazer uma leitura sobre o sexo, para o qual tomarei como base Foucault ([1976] 2021), em sua obra *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Na obra, realizando um recorte histórico desde o século XVII, o autor transita entre sexo e sexualidade para, em sua leitura histórica, tocar em pontos sensíveis em algumas sociedades. Iniciando sua reflexão, Foucault ([1976] 2021), pensando sobre as crianças, afirma que, desde a infância, essas são proibidas de falar sobre o sexo, de modo a produzir, acerca dos assuntos em torno do sexo e da sexualidade, um efeito de censura, ligado ao silêncio do dizer.

Nesse sentido, olhando não mais apenas para as crianças, o autor advoga que, por ser silenciado, o sexo, quando é dito, funciona como um ato de transgressão, cuja leitura que realizo vai na direção da compreensão de que o sexo é um assunto “proibido” durante o dia. Desse modo, entendo que se constitui, nos termos de Foucault ([1976] 2021), um moralismo no que diz respeito ao sexo e à sexualidade, ao mesmo tempo em que se produz uma contradição, visto que, mesmo que, durante o dia não se fale sobre o sexo, o sexo pode ser dito por outros significantes e por outras discursividades. Nessa direção, Foucault ([1976] 2021, p. 28) afirma que haveria, nas sociedades, uma “Polícia do sexo, isto é, a necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos, e não pelo rigor de uma proibição”.

Nessa perspectiva, haveria, de certo modo, uma regulação de quem pode ou não falar sobre o sexo; como já afirmado pelo autor, as crianças não poderiam. Contudo, quem poderia? Atado a essa reflexão sobre a polícia do sexo, entendo que o sexo e a sexualidade ficariam restritos ao domínio médico e, de maneira mais opaca, ao domínio religioso cristão, uma vez que o sexo serviria apenas à reprodução, ao desejo de dar seguimento a uma linhagem familiar. Mesmo assim, conforme Foucault ([1976] 2021), o sexo, apesar de sua inscrição no silêncio, tornou-se objeto de dizer por diferentes dispositivos, todavia todos constituindo-se de maneira constrangedora. A título de exemplo, hoje, é possível pensarmos como se diz o sexo e a sexualidade: por determinados grupos, a expressão sexual deve ficar restrita ao casamento e à procriação; por outros, uma liberdade quanto ao sexo e à sexualidade. Ambas as tomadas de posição quanto ao sexo e à sexualidade podem ser lidas politicamente de modos diferentes, ora por uma oposição ao conservadorismo, ora por uma reiteração deste movimento, mas também por uma vertente liberalista, ou progressiva, ou até mesmo que entenda o sexo indissociado das relações de produção, que é a leitura que busco fazer nesta dissertação.

No escopo do silêncio, Foucault ([1976] 2021) pontua que, em muito, o sexo é valorizado como um segredo, isto é, o sexo habitaria um espaço privado, em que o público não intervém de maneira direta. Olhando para o *corpus* que trabalho nessa dissertação, observo, de

um modo preliminar, que, em grande parte, os garotos de programa, quando se apresentam no/pelo aplicativo, através de uma imagem de si, em geral, não mostram seus rostos. Esse movimento de não identificação, inclusive, pode ser percebido em matérias jornalísticas, ou pequenos documentários que falam sobre a prostituição, em que os sujeitos dessa prática (quase) sempre têm suas identidades borradas por aplicativos de edição de vídeo, por meio de uma solicitação de não exposição de imagem, de modo que se entenda que ele é garoto de programa, mas que não deseja, para além das ruas, que seja identificado, visto que família, amigos(as), entre outros(as), talvez não saibam de sua orientação sexual e de sua prática profissional.

Ainda em Foucault ([1976] 2021), encontro uma reflexão da confissão do sexo como produção da verdade. No significante “confissão”, entendo que funcionam diferentes sentidos, um deles associado à prática católica de confissão, em que o sujeito, ao reconhecer seus pecados, prosta-se diante de um padre normalmente para, em seguida, relatar os seus pecados, dentre eles, possivelmente o sexo, cuja prática fora do casamento se constituiria enquanto um pecado. Desse modo, o sexo, em seu funcionamento social, está atravessado pelo imaginário religioso, seja pela via da autorização, seja pela via do pecado. Ao se confessar, ao relatar o sexo, a partir de distintas formas discursivas, o sujeito coloca-se no lugar da verdade, da verdade que tem de ser dita a quem pode perdoar este pecado.

Fazendo uma articulação entre corpo e sexo, compreendo que o sexo é um dos modos de fazer significar o corpo, que se marca pelo desejo e pela incompletude, em que a ideologia produz assujeitamento e evidência de leitura. O sexo, em muito, tomado por sua face cristã, constitui o corpo, de maneira que não apenas na concepção, mas também pelos desejos que podem ou não se efetivar pelo sexo, pela sua negação, pela sua confissão, pela sua inscrição em nossa formação social de maneira inexorável. O sexo, para além do corpo, significaria os modos de (nos) dizer. Ainda no espaço da confissão, retorno a Foucault ([1976] 2021), ao postular que “Não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como, mas de reconstituir nele e ao seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que a contém.” (FOUCAULT, [1976] 2021, p. 71).

Após essas leituras em diferentes lugares teóricos que convergem para a relação linguagem-corpo-sexo-discurso, na próxima seção, analiso três perfis que textualizam o corpo pela fotografia, de forma que sentidos do corpo-mercadoria se produzem no confronto com a evidência da liberdade. Desse modo, por se tratar de uma análise do corpo, na próxima seção, detenho-me sobremaneira à fotografia, ainda que elementos de ordem linguística surjam como significativos à análise. Para isso, dou foco maior à análise do corpo como materialidade

discursiva, o corpo-fotografia, de modo que abordo a relação do linguístico com o imagético no capítulo dedicado ao sujeito e ao trabalho, relacionando-os às questões do *Grindr*.

2.4 NO DISCURSO, O EFEITO

Com o objetivo de produzir um primeiro movimento de leitura ao *corpus* desta dissertação, nesta seção, selecionei três perfis, que fazem parte do aplicativo *Grindr* para dar a ver os processos de (re)produção de sentidos do/sobre o corpo em prostituição. Antes de dar início ao percurso de leitura, assumo, de acordo com Mittmann (2007), que, em Análise de Discurso, tomamos por base o texto como unidade linguística a que nós, analistas, debruçamos analiticamente. É pelo texto, então, que buscamos observar como discursivamente os sentidos se (re)produzem em determinadas condições de produção.

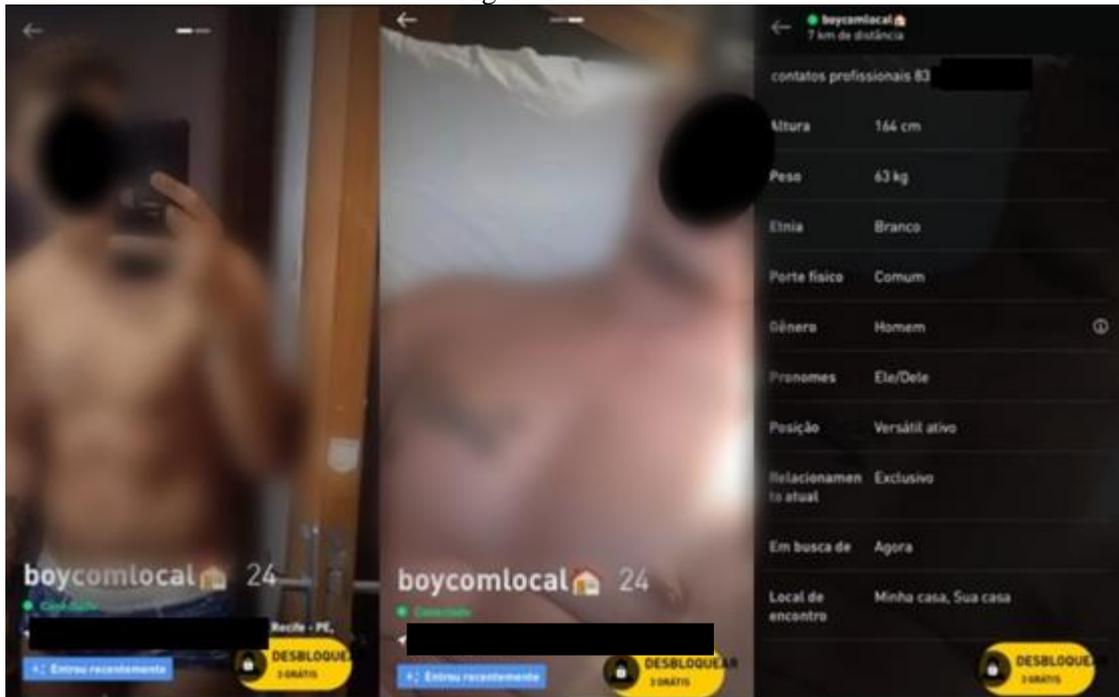
Ainda, de acordo com Mittmann (2007), ao fazer uma análise, o(a) analista não objetiva dar conta de todos os aspectos da discursividade em sua relação à história, sobretudo porque a completude e a unidade são meros efeitos ideológicos dos quais o sujeito se vale não apenas no processo analítico. Partindo de um dispositivo teórico, aquele(a) que se propõe a realizar uma análise discursiva coloca-se na posição de buscar a historicidade do(s) sentido(s), produzindo um gesto de leitura que investiga o ponto de contato, de encontro, entre o linguístico e o ideológico, não como se esses fossem entidades separadas e que funcionam isoladamente, mas de modo a compreender como a linguagem significa à medida que é atravessada pela ideologia.

Para isso, parte-se do *corpus*, que, conforme a autora, não está dado, pronto, finalizado. O *corpus* discursivo, de acordo com Courtine ([1981] 2014), representa, em linhas gerais, um primeiro gesto de leitura do(a) analista sobre seu *corpus* empírico, isto é, aquilo que é previamente organizado para a submissão ao processo analítico. Dessa forma, o *corpus* discursivo constitui-se de sequências discursivas que são mais representativas no interior do *corpus* empírico, permitindo, consoante à Mittmann (2007), que a análise faça um retorno à teoria, de modo que possa ser repensada, retrabalhada, reconduzida.

Agora, passo à apresentação dos perfis que analiso em seguida. Nesta primeira análise do trabalho, escolhi perfis de três sujeitos do *Grindr*. Mesmo que essas materialidades circulem no espaço virtual, e, portanto, sejam afetadas por suas determinações, neste momento, não considerarei a espessura digital da materialidade, uma vez que dou foco à imagem do corpo. A discussão sobre o espaço virtual e suas implicações será apresentada no capítulo seguinte, bem como será enlaçada à discussão do corpo no terceiro capítulo. Para realizar a composição dessas

primeiras sequência discursivas auxiliares⁶, elegi, enquanto critério metodológico-analítico, perfis que tivessem alguma menção à captação financeira, a partir de significantes que estivessem nessa matriz de sentido, bem como tivessem imagens dos sujeitos. Dessa forma, este critério, que também é determinante para a escolha das sequências discursivas no terceiro capítulo, permitiu-me, neste primeiro momento, analisar os perfis que trago abaixo.

Figura 1 – Perfil 1



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022)⁷.

No primeiro perfil que compõe este trabalho de dissertação, trago um primeiro *print* que realizei no aplicativo *Grindr*. A fim de alinhar às questões teórico-metodológicas que apresentei neste capítulo, neste momento, discuto apenas sobre o corpo, sem levar em consideração a face tecnológica que atravessa essa discursividade. De forma descritiva, na Figura 1 acima, está um sujeito que, nominalmente, não se apresenta enquanto garoto de programa, contudo, em sua descrição, há uma menção para contatos profissionais, um número de telefone e um nome (Leo). Nas fotografias que insere no aplicativo, em ambas, está sem camisa, mostrando o seu tronco.

⁶ Como sequência discursiva auxiliar, a compreendo como Kramer Wanderley (2020) assinala acerca do *corpus* auxiliar, isto é, o *corpus* que não é, diretamente, o *corpus* da pesquisa, contudo se relaciona ao discurso em análise, conforme já sinalizado. No caso desta dissertação, o *corpus* em análise é composto por composição visuais pelas quais analiso o funcionamento discursivo do corpo em prostituição.

⁷ Apesar de ser uma materialidade advinda do espaço virtual, durante a leitura do aplicativo, não consegui, pelos mecanismos do aplicativo, encontrar *link* que pudesse referenciar formalmente. Por isso, optei por utilizar a fonte deste modo, o que se repete em toda a dissertação.

Nos mecanismos de descrição do aplicativo, insere características como altura, peso, etnia, porte físico, gênero, pronomes, posição, relacionamento atual, em busca de e local de encontro.

Nas fotos que insere em seu perfil, o garoto, ao qual me refiro como GP1, apresenta, ao sujeito-leitor um segmento, uma fração do corpo, de modo similar a um funcionamento metonímico⁸. Nessa fração, que corresponde, na primeira parte da Figura 1, ao seu corpo quase completo, com exceção das pernas, noto que o sujeito se apresenta como um corpo-padrão, que faz circular sentidos sobre o imaginário de um corpo ideal. De acordo com Sousa e Sanches (2018), o corpo-projeto é um padrão gerado de forma artificial pelos mecanismos de edição de imagens. Contudo, para além das ferramentas de edição, nesta SD, comparece um corpo socialmente dito como esbelto, forte, branco, tatuado. Essas primeiras caracterizações apontam para um funcionamento de um sentido dominante sobre o corpo, isto é, um corpo-padrão, um corpo-projeto.

Nessa direção, o sujeito que publica suas imagens acredita, não de maneira consciente, que o seu corpo, tal como ele é, poderá ser “consumido”, ou seja, poderá ser objeto de desejo daqueles que possam se interessar. Ao passo que produz uma evidência de significação, as imagens dessa SD, pela via do silêncio, convocam outros sentidos, os quais formulo a partir de questões: por que esta noção de corpo e não outras? Por que um corpo-padrão e não um corpo gordo? Ainda que, nesta SD, o sujeito exponha seu rosto, que, por razões éticas, cobri por meio da edição, ele busca, pelo modo como fotografa a si mesmo, esconder parte do seu rosto, ou com o celular à frente, ou com um ângulo que não dê tanto enfoque em seu rosto. Ao dar esse enquadramento ao seu corpo, apagando o seu rosto, produz-se um efeito de sentido de desejo pela permanência do anonimato, ainda que seu corpo esteja ali produzindo outros sentidos. Presente por sua ausência, o rosto apagado, silenciado retoma um efeito de apagamento das sexualidades não cisheteronormativas, de forma que estar como sujeito-usuário no *Grindr* significaria não ser um sujeito cisheterossexual.

Com esses modos de apresentar o seu corpo, o sujeito se vale de um imaginário que se marca pela forma de um pré-construído: o corpo alvo do desejo é o corpo-padrão. Com apenas duas fotografias, ele coloca seu corpo em circulação no/pelo aplicativo, de forma que, logo após, em sua descrição, insere apenas um número para contato, por ele intitulado de “contatos profissionais”. Com essa formulação, entendo que funciona o sentido de que o corpo, para ele, é meio para a realização de um trabalho formal, tal como os demais que sejam formalizados. Nessa direção de sentidos, o trabalho formal, que, comumente, deriva de uma relação entre

⁸ Formulo de maneira mais direta sobre o funcionamento metonímico da formulação visual do corpo no capítulo *Sujeito e trabalho: entre o desejo do outro e a submissão do corpo-mercadoria*.

empregador e empregado, desliza para uma relação do sujeito empregador-empregado, ocupando, simultaneamente, uma mesma posição-sujeito. Desse modo, o seu corpo, meio e modo de dominação pelo capital, pode ser compreendido como um corpo-mercadoria, o qual deve ceder às pressões culturais e estéticas do capital para que esteja adequado àquilo que o mercado espera de um corpo, para que, então, possa ser consumido por outros sujeitos e assimilados pelo capital, de forma que é recrutado a ser um receptáculo das (im)posições capitalistas.

Desse modo, cabe, agora, dedicar um olhar analítico para as informações sobre si que o sujeito usa pelas descrições propiciadas pelo aplicativo: altura, peso, etnia, porte físico, gênero, pronomes, posição, relacionamento atual, em busca de local de encontro. Nesse primeiro movimento de autodescrição, julgo importante destacar o porte físico. Nele, há uma descrição do porte físico como “comum”. Relacionando imagem e descrição, o porte comum seria, em termos de sentidos sobre o corpo, um corpo que atende ao imaginário sociohistoricamente sustentado, um corpo ligado ao efeito da ideologia dominante, o corpo padrão. Mesmo constituindo-se como uma exceção por mostrar seu rosto, ainda que de maneira mais sutil, o sujeito (re)produz um sentido do corpo como objeto de desejo, mas não qualquer corpo. Assim, faz trabalhar um jogo de formações imaginárias, no qual entende que, para haver um *contato profissional*, é preciso expor seu corpo. Entendo, de maneira ainda introdutória neste trabalho, a constituição de um discurso de mercantilização do corpo, em que, mesmo não se identificando nominalmente por um significante linguístico, o sujeito em questão tem seu corpo tecido pela imagem e pela descrição que “escolhe” fazer de si como um corpo exposto à vitrine, que pode ser desejado por algum outro sujeito, que pode ser comprado, mesmo que temporariamente, ou pode ser materializado em imagens “exclusivas”, ou seja, um corpo-mercadoria, cedido temporariamente ao desejo indeterminado, não conhecido e imaginariamente projetado pelo sujeito. Desse modo, a formatação do corpo do outro, em sua forma-corpo, como designei anteriormente, está amarrada à constituição do imaginário do desejo do outro, ou seja, a forma-corpo do sujeito é sobredeterminada pelas formações imaginárias do que o outro deseja, de forma que a materialidade do corpo encontra-se subordinada discursivamente ao lugar social e ao lugar discursivo do sujeito da interlocução.

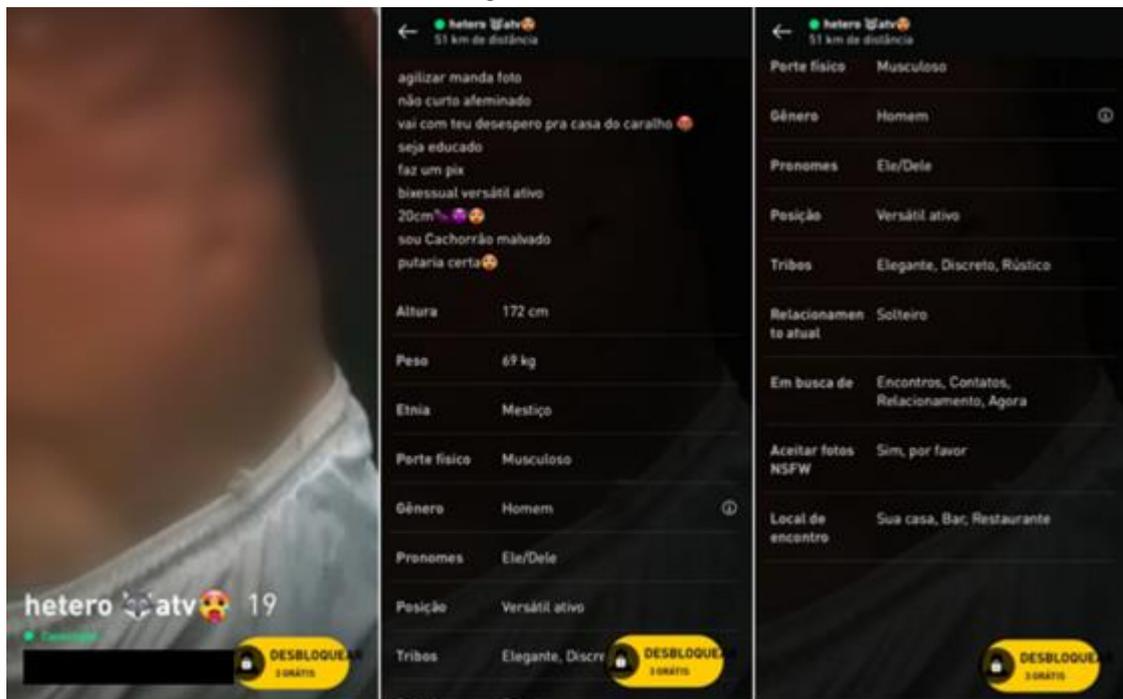
Ainda, observo o “Agora”, na seção “Em busca de”. Esta seção de descrição destina-se àquilo que o sujeito do perfil espera com o uso do aplicativo, o que será melhor descrito no próximo capítulo. O “Agora”, em se tratando de uma discursividade que mercantiliza o corpo, produz o sentido, nessas condições de produção, de que, a partir da interlocução de um outro sujeito, o qual se proponha ao acordo do mercado, a realização da troca “comercial” se daria no

agora, sem que se imagine, por exemplo, que o sujeito tenha alguma outra ocupação durante o dia. Desse modo, não se quereria depois, em algum outro momento, mas agora, no momento em que o desejo pelo desejo e pela dominação pelo sexo, como algo que constitui o sujeito, surgem como algo a se responder.

Ao considerarmos os imaginários sobre o sexo, não é difícil projetarmos que, quando se tem o desejo, este consuma-se pelo ato em si, ou pela busca de outros prazeres individuais. Pela discursividade em análise, a resolução desse prazer, a busca por ele, está no “Agora”, que incitaria o sujeito interlocutor do perfil a, uma vez que leu o “Agora”, entrar em contato, seja pelo *chat* privado do aplicativo, seja pelo número de contato deixado pelo sujeito em seu perfil. De uma forma ou de outra, o sujeito do perfil em análise coloca-se à disposição daquele que possa ver seu perfil e sentir uma atração, um desejo, ou daquele que, já na busca de saciar o desejo, encontra o perfil e realiza o contato.

Entendo, nesse contexto, que essa mercantilização mostra-se por diferentes vias: i) se há desejo do outro, há o meu perfil; ii) se não desejo, mas há o meu perfil, é provável que o outro manifeste o desejo. Assim, o sujeito, de maneira simbólica e inconscientemente dirigida, constitui-se, pela discursividade, como a via final pela qual se busca um contato profissional em relação ao corpo, ao sexo. Por não se tratar de um objetivo desta pesquisa, não posso delimitar se este contato pode ser presencial, ou se permanece de maneira remota, a partir do envio de alguma quantia financeira para obter alguma outra forma de prazer que não a corpo a corpo.

Figura 2 – Perfil 2



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Dando continuidade às análises, nesse segundo perfil, o sujeito do perfil, em tese, apresenta-se no primeiro quadro da SD2, como “hetero”, “atv” (sexualmente ativo), significante associados a dois *emojis* que são encontrados nas configurações de teclado dos *smartphones* e dos principais aplicativos de mídias sociais hoje em dia. De maneira diferente em relação ao sujeito da SD anterior, a SD 1, tem-se apenas uma imagem de si, na qual o sujeito não deixa aparecer o seu rosto. Contudo, mesmo não se identificando pelo rosto, o sujeito do perfil 2, em conformidade com a SD anterior, também mostra, pela via da fotografia, um corpo padrão, magro, com um abdômen magro, que sugere uma prática de exercício físico, o que concorda com a descrição do porte físico na terceira parte da Figura, “musculoso”. Além do abdômen “musculoso”, está materializada na imagem porção da parte superior de sua região pélvica, que incitaria o desejo por parte daquele que desliza o toque do dedo pelo *touchscreen* do celular.

Ainda no que diz respeito ao seu nome, é possível comparar com a autodescrição que ele escreve abaixo de sua imagem, “bissexual versátil ativo”, ou seja, há, de certo, uma incongruência entre o que se apresenta de uma forma primeira no aplicativo e, em seguida, na descrição. Seria, então, o nome no perfil um modo de chamar atenção de quem possa se interessar pela interlocução, de modo semelhante aos títulos de matérias jornalísticas ou chamadas publicitárias? Se sim, parece-me que, caminhando por essa trilha de sentidos, a

heterossexualidade e o comportamento sexual ativo seriam mais “atrativos” aos olhos dos possíveis sujeitos leitores do perfil. A esse imaginário do comportamento sexual ativo, junta-se a fotografia inserida, que apresenta a parte frontal do corpo, com o abdômen e a região pélvica.

Na descrição do aplicativo, insere, quase que em formato de tópicos, algumas informações: i) “[para] agilizar manda foto” (acréscimo meu); ii) “não curto afeminado”; iii) “vai com teu desespero pra casa do caralho”; iv) “seja educado”; v) “faz um pix”; vi) “bissexual versátil ativo”; vii) “sou Cachorrão malvado”; viii) “putaria certa”. Acerca da primeira informação, entendo que, além do “Agora”, que aparece no *Em busca de*, a interlocução para que se chegue ao Pix precisa ser rápida, ágil e, para isso, é necessário o envio de uma foto, para, provavelmente, o sujeito do perfil analisar o corpo, e outras atribuições físicas, de quem o escreve.

Desse modo, compreendo que, mesmo produzindo um gesto de mercantilização de si a partir do corpo, o sujeito se colocaria numa posição de possibilidade de escolha, de modo que ele escolheria com quem sairia, ou a quem poderia enviar mais fotos. Com esse funcionamento, percebo o modo como a ideologia atua na criação de evidências: i) a evidência de que o corpo “musculoso” é o corpo a ser exibido, o que se sustenta em nossas condições de produção; ii) a ilusão de que pode escolher com quem poderá sair. A essa segunda ilusão, questiono: como garantir que o sujeito da foto enviada é o mesmo que está do outro lado da tecnologia?

Nesse ínterim, é como se funcionasse um acordo entre os sujeitos, um acordo que pressupusesse que, ao enviar uma foto, esta foto é verídica, e não uma foto qualquer encontrada na *internet*. Contudo, não raro, em redes sociais, como o *Twitter*, sujeitos do aplicativo relatam que suas fotos estão sendo usadas por outros usuários. Assim, o controle da imagem de si é, ideologicamente, relativo; ao passo que enviar uma foto para “agilizar” seria cumprir parte de um acordo, ao enviar sua foto para alguém, fica aberta a possibilidade de que o sujeito-leitor da mensagem enviada possa utilizar essa imagem em outros contextos.

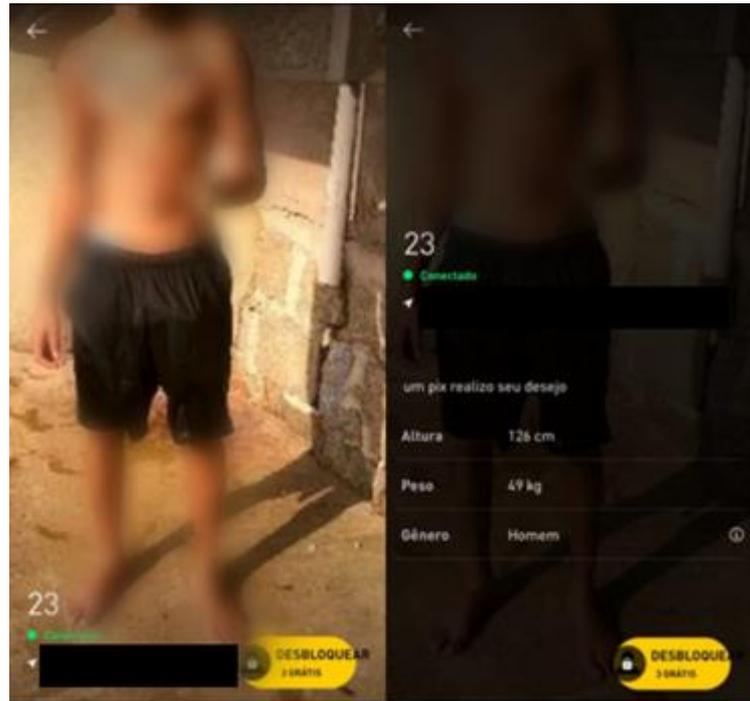
Retornando à materialidade da sequência discursiva, observo duas menções ao significante “ativo” e uma predicação “20cm”. Nas duas ocorrências de ativo, o efeito de sentido que se produz é de uma prática sexual ativa, que pressuporia, por outro lado, um sujeito com uma prática sexual passiva. Contudo, mesmo sendo o mesmo significante linguístico, há diferentes incursões de sentido. Na primeira ocorrência, no nome de perfil, “ativo”, de forma adjetiva, determina o substantivo “hetero”, ou seja, seria um sujeito heterossexual que, sexualmente, se comporta de maneira ativa, o que, em grande parte, “responde” ao imaginário dominante do que é ser um homem heterossexual em nossa formação social.

Em um segundo momento, “ativo” aparece também de maneira adjetiva, porém determinando um outro adjetivo, “versátil”, que determina “bissexual”. O enunciado em questão é “bissexual versátil ativo”, que nos aponta uma contradição em relação ao nome do perfil, uma vez que não se trataria de um sujeito heterossexual, mas sim de um sujeito bissexual. Ora, seria, então, o título uma forma de criar uma propaganda de si, para, depois, realizar uma leitura do restante do perfil? Após a nomeação bissexual, há uma locução adjetiva “versátil ativo”, que também produz um efeito contraditório em relação ao nome de perfil, visto que, acima, o sujeito se apresenta como *ativo*; assim, ele não teria relações sexuais passivas via de regra. Nos termos dos aplicativos de relacionamento homoeróticos, “versátil ativo” seria o sujeito que é versátil, ou seja, tem relações em que é ativo e em que é passivo, porém tende mais para ser ativo, o que não anula o comportamento sexual passivo que pode ter.

Entendo que, ao apresentar-se como ativo e como hetero em seu nome de perfil, o sujeito se vale de um imaginário de que quem pode sentir-se atraído por homens de maneira puramente sexual, espera um comportamento dito viril e socialmente aceito para o que se entende, de maneira dominante, sobre o que é ser homem em nossa formação social brasileira. Desse modo, atrai a atenção dos sujeitos para o seu perfil, os quais, em seguida, pelo gesto de leitura que se impõe pelo aplicativo, deslizariam a tela para baixo e veriam, por exemplo, “20 cm”, fazendo referência ao seu órgão sexual, e “sou Cachorrão malvado”, que, por uma ligação enunciativa, se referiria ao seu comportamento sexual ativo.

Nessa perspectiva, os sentidos do corpo em sexo que se produzem nessa SD vão na direção da manutenção de um sentido sobre o corpo-projeto, do comportamento sexual ativo e da rapidez das relações. Dessa maneira, para que um corpo possa ser visualmente desejado, e, posteriormente, mercantilizado, ele precisa responder a um padrão historicamente estabilizado, de um universo logicamente estabilizado, em que a masculinidade é a viril, heterossexual, sexualmente ativa e de rápida interlocução, ainda que não haja, por exemplo, uma identificação do rosto. O corpo da mercantilização sexual, seria, portanto, alijado de outras sexualidades, de outros comportamentos sexuais e de outros modos de interlocução, encaixando-se numa lógica de compra-venda, do consumo rápido, que parte de um funcionamento neoliberal da nossa sociedade e que, pela via das mídias sociais digitais, reduz-se ao toque do celular na tela, seja pela incitação a ler mais, seja pela ainda procura de um perfil que supra os desejos de quem deseja pelo aplicativo.

Figura 3 – Perfil 3



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Neste perfil, o último que compõe este capítulo sobre o corpo, trata-se de um perfil de menor extensão, isto é, o sujeito do perfil inseriu apenas uma foto, escreveu uma legenda mais curta e preencheu apenas 3 categorias de descrição possibilitadas pelo aplicativo. Em seu nome, apenas a idade, 23. Na imagem que insere de si, o sujeito está, como os outros nas sequências discursivas anteriores, sem camisa, contudo, nesta SD, o sujeito apresenta quase a totalidade de seu corpo, deixando apenas o seu rosto além do registro fotográfico.

Com esse gesto de formulação da foto, ou, melhor, de inserção da foto sem a presença do rosto, o sujeito inscreve-se na mesma rede de sentidos que o sujeito da SD anterior, ou seja, em que o seu corpo é o “artefato” necessário para que a interlocução possa ocorrer. Desse modo, o sujeito reitera pré-construídos sobre o corpo masculino, especialmente o corpo-projeto, isto é, o corpo mais ou menos musculoso; ademais, está com um colar, comumente chamado também de “corda”, uma peça de roupa esportiva, um relógio grande, que aparenta ser dourado ou prateado, além de possuir tatuagens em seu corpo.

A partir dessas caracterizações, o sujeito, parece-me, reitera, pela textualização do corpo pela fotografia, efeitos de sentido sobre a virilidade, e, de certo modo, de uma sexualização de um corpo negro e que, pela imagem, sugere estar em um espaço não privilegiado socioeconomicamente. Com a inscrição desses sentidos em seu corpo pela fotografia, o sujeito faz trabalhar o desejo do outro sobre si, sobretudo a partir da legenda que escreve “um pix

realizo seu desejo”. Com esse enunciado linguístico-discursivo, assim como no perfil anterior, há a presença do significante “pix”, o qual não abordei no perfil anterior. O Pix é um modo de transferência bancária e de realização de pagamentos que foi criado em 2020 pelo Banco Central do Brasil e se popularizou em 2021, permitindo que taxas de transferência entre bancos diferentes não fossem cobradas, bem como passou a ser adotado como forma de pagamento em lojas, restaurantes, *etc.*

Nesse perfil, como no anterior, ao usar o Pix como uma alternativa de pagamento de algum serviço que seria realizado, produz-se um sentido do corpo-mercadoria, ou seja, um corpo que, pelo pagamento, pode ser consumido, mesmo que de maneira temporária por algum(ns) outro(s) sujeito(s). Desse modo, o corpo-mercadoria está sujeito à transação comercial, à troca financeira, que determina aquilo que pode e deve ser feito⁹, em uma leitura parafrástica do que Pêcheux ([1975] 2014a) chama da formação discursiva. Mercantilizado, então, o corpo é sujeito, subordinado, ao desejo do outro. Com o uso do possessivo “seu”, o sujeito do perfil dialoga, de maneira direta, com aquele que poderá ler seu perfil. Assim, em uma paráfrase, “se você fizer um pix, eu realizo o seu desejo”, “se você não fizer um pix, não terá seu desejo realizado”, “se você tem desejo, mas não faz um pix, seu desejo não será realizado”, “se você sente desejo, vê meu perfil e faz um pix, imediatamente realizarei o seu desejo”. O funcionamento desta paráfrase discursiva aponta para a estruturação de um funcionamento neoliberal da discursividade, de modo que a condição sugeriria que o sujeito teria, a partir da inscrição do seu corpo em uma prática, controle acerca da produção de sentido. Entendo que a sustentação desse funcionamento se justifica pela nossa inscrição em uma formação social capitalista, na forma atual do neoliberalismo, em que a suposta autonomia do sujeito se marca como um modo de tentar produzir controle sobre os sentidos que produz acerca de si.

Com essas leituras em forma de paráfrase, o significante “desejo”, que desliza para prazer, comparece em todas as leituras que propus, o que me surge analiticamente de forma sintomática. Se o sentido é político, a memória, a repetição, a estabilização também o são; então,

⁹ Na série *SkyRojo*, da *Netflix*, que trata sobre a prostituição de mulheres vítimas de tráfico humano na Espanha, em um dos seus episódios, a personagem Gina, interpretada pela atriz Yani Prado, quando em um quarto da boate em que era explorada, narrando uma cena em que o sujeito que pagava pela prostituição, afirma que, na prostituição, o que determina o que pode ou não ser feito é a oferta financeira, ainda que este dinheiro seja propriedade, no caso da série, dos cafetões e da cafetina. No episódio em que fala sobre isso, o sujeito com quem se relaciona é adepto da urofilia, prática em que a urina é utilizada durante o ato sexual; apesar de Gina se negar, o sujeito oferece a ela mais dinheiro a fim de que ela aceite a prática da urofilia, o que acontece ao final da cena. Mesmo que, neste caso, a série trate sobre a exploração do corpo feminino em situação de tráfico humano, por uma perspectiva cenográfica, entendo que há algumas aproximações no que diz respeito à questão do pagamento por uma prática sexual.

o desejo de que se fala nesse perfil é o desejo de apenas um sujeito, do sujeito que lê o perfil, não o desejo de quem se mercantiliza pelo aplicativo. Dessa forma, mesmo que não textualize de maneira linguística, no perfil, sugere-se o efeito de que não é importante o desejo do sujeito da mercantilização, tampouco suas vontades e suas limitações, o que me parece produzir um efeito de que seu corpo seria, então, mero receptáculo do prazer outro, um depósito, um lugar vazio de prazer. O prazer se configuraria, na leitura que faço, a partir do prazer do outro, uma vez que o Pix supriria todas as vontades do sujeito do perfil em análise, de modo similar à cena da série *SkyRojo* que inseri em nota de rodapé.

Com essa rede de sentidos sobre o que é o corpo pelo sexo no aplicativo *Grindr*, é notável algumas regularidades que se apresentam discursivamente: i) ausência, na maioria dos casos, do rosto; ii) corpos-projetos, ou corpos não-gordos; iii) exibição do tórax e do abdômen; iv) menção, direta ou indireta, a uma transação financeira; v) subordinação do sujeito automercantilizado ao desejo do outro; vi) sugestão de um comportamento sexual ativo; vii) inserção de fotos que, pelo ângulo em que foram registradas, se relacionem às características físicas que o aplicativo pode solicitar.

Nas análises neste capítulo, pude perceber, a partir de diferentes materialidades, como o corpo é textualizado no aplicativo *Grindr*. Dentre os efeitos de sentidos produzidos, destaco o efeito do corpo-projeto e do corpo-mercadoria, que, na tensão com a ideologia, produzem evidências na linguagem a serem reiteradas, reproduzidas, levadas à frente. Nessa perspectiva, o corpo-projeto refere-se à idealização pela pressão estética de um corpo sociohistoricamente aceito e discursivamente perpetuado; já o corpo-mercadoria funcionaria como um efeito da sociedade neoliberal em que nos encontramos, de forma que a sua inscrição nas/pelas redes surge como uma necessidade do sujeito supostamente livre e não determinado.

No próximo capítulo, faço uma discussão que busca entender as redes e as suas determinações. Para isso, parto, além da AD, de outros campos disciplinares na tentativa de compreender este espaço como um lugar de subjetivação do sujeito.

3 TOCAR E DESLIZAR: AS MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS COMO ESPAÇO DE SUBJETIVAÇÃO

Presente cada vez mais em nosso dia a dia, a *internet*, por meio de seus aplicativos e sites, tem produzido, em nossa formação social, deslocamentos e provocados novas relações de produção. Nesse contexto, em que as redes são determinantes nos nossos modos de dizer, entendo que há, no campo da Análise do Discurso, questões ainda a serem exploradas, de forma que a teoria, subsídio indispensável à prática científica, pode oferecer mecanismos de produzir leituras sobre este outro modo de determinação das práticas discursivas nas sociedades capitalistas.

Partindo desse princípio, neste capítulo, objetivo, em primeiro lugar, na seção *Na internet, o mercado*, discutir, a partir de um olhar de leituras fora do escopo discursivo-materialista, a *internet* e suas implicações nas relações cotidianas, de maneira que esta seção é encaminhada para a segunda, de título *No digital, a dominação*, na qual, a partir de uma perspectiva discursivo-materialista, discuto o digital como forma de dominação dos sujeitos e sua instauração como efeito de liberdade para os sujeitos-usuários. Por último, na seção *No Grindr, a ilusão*, realizo um gesto de leitura sobre o aplicativo. Nessa seção, apresento parte significativa das janelas e abas do aplicativo, com o objetivo de, além de situar o(a) leitor(a) no tocante às particularidades do aplicativo, descrever as suas funcionalidades a partir dos percursos de leitura proporcionados pela interação com o aplicativo.

3.1 NA INTERNET, O MERCADO

Ao considerar um recorte sobre os estudos que abordam o virtual, ou o digital, como enfoque teórico e/ou analítico, dentre os(as) autores que discutem esse modo de interação/interlocução, destaca-se Lévy ([1996] 2005), que, em sua obra *O que é o virtual?*, apresenta, ao final do século XX, discussões que buscavam entender as implicações propostas/impostas pelo virtual em nossa sociedade, cujas relações, nas atuais condições de produção, se dão sobremaneira pelo digital, seja por *e-mails*, seja por aplicativos (redes sociais, aplicativos de relacionamento, serviços de transporte, mapas, *etc.*).

Nessa direção, Lévy ([1996] 2005), em sua proposição teórica, afirma, ao tratar do digital, que este não se opõe ao real (enquanto realidade física), mas sim ao atual, se considerarmos, sobretudo, o modo como o virtual comporta enunciações não feitas em tempo atual, simultâneo e síncrono. Enquanto espaço que abriga diferentes textualidades, o virtual

aponta para a estruturação de uma série de documentos, arquivos que podem, em muitas ocasiões, estarem organizados pela dispersão, em que a linearidade deixa de ser um princípio e se apresenta como um efeito da dispersão. Nesse horizonte, o autor afirma que, durante a expansão da *internet*, passou a ocorrer o movimento de virtualização, que consistia, em linhas gerais, na transposição de algo para o meio virtual, desterritorializado do atual ao virtual.

Dentro desse contexto, afirma o autor, surge o teletrabalho que passa a transformar o privado em público. Curioso imaginar que, em 1996, pouco mais de 25 anos atrás, estávamos longe da eclosão da pandemia da COVID-19, que obrigou, em muitos setores, a realização do teletrabalho, ou do trabalho remoto, como comumente tem acontecido, desde que a circulação no espaço urbano precisou ser diminuída em função da disseminação do vírus. Na lógica do teletrabalho, e seus deslizamentos na sociedade neoliberal em que nos encontramos, os papéis de patrão(a) e empregado(a) produzem outros efeitos de sentido, ao circularem no contexto em que há uma redução dos direitos trabalhistas em detrimento do aumento do registro de pessoas jurídicas a partir do MEI (Microempreendedor Individual), cadastro que permite que grandes, médias e pequenas empresas do serviço privado possam terceirizar seus(as) funcionários(as), normalmente chamando-os(as) de “colaboradores(as)”, de forma que essa designação apaga o lugar do sujeito-trabalhador enquanto sujeito de direitos, marcando-se, assim, discursivamente, a supressão de direitos trabalhistas.

À época de publicação do livro, entendo que os modos de subjetivação pelo trabalho eram outros, em que havia, ainda que não de maneira total(izada), o papel social de um(a) patrão(a). Nas atuais condições, e considerando o *corpus* desta pesquisa, observo que essa ausência de um(a) patrão(a), empírico, se manifesta nas discursividades em que busco analisar o discurso da mercantilização do corpo. Retornando a Lévy ([1996] 2005, p. 33), o autor afirma que, “ao se virtualizar, o corpo se multiplica”, o que, no contexto do aplicativo *Grindr*, o qual elegi às análises da dissertação, certamente se aproxima do que afirma Lévy ([1996] 2005), visto que, ao se inserir no aplicativo, o sujeito permite que, de forma não empírica, ele esteja em outros lugares, em outras telas, em outros toques de tela. Essa virtualização do corpo, contudo, mesmo que apareça como evidente ao sujeito, não se constitui pelo rápido movimento de inserção de uma imagem, que “só” precisa da conexão com a *internet* para funcionar. De acordo com Lévy ([1996] 2005), o suporte digital, o aparelho, para que funcione, precisa de uma série de códigos lógico-matemáticos que são traduzidos pela/para a máquina, transformando em linguagem de maior amplitude de acesso aos(às) leitores(as) virtuais e reais.

Com essa ampliação do acesso à leitura da/pela máquina, aumentam-se os números de usuários das mais diferentes mídias digitais, que, hoje, na evidência do sentido, se apresentam

muito mais pelas redes sociais, como o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *TikTok*, entre outros. Essa massificação do acesso ajuda a criar, de certa maneira, a produção de ideais, inclusive de sentidos sobre a(s) máquina(s), fazendo-nos entender, em grande parte, o computador, conforme Lévy ([1996] 2005), como mero instrumento. Entender o computador, e também, em minha leitura, o celular, como meros instrumentos produz o sentido de que o sujeito, que utilizaria este instrumento, deteria poder de controle e de compreensão sobre este objeto. Em uma analogia, um instrumento musical é tocado por um(a) musicista, que conheceria o instrumento para poder controlá-lo e produzir alguma melodia. Contudo, até mesmo esse sentido dominante pode ser questionado, visto que a afinação do instrumento, a acústica de onde se toca, a relação com o(a) ouvinte pode determinar como o sujeito usará este instrumento musical. Com os artefatos digitais, entendo que funcionaria de maneira similar, ainda mais ao compreender que, além da evidência da máquina, isto é, da superfície à qual temos acesso, há algo que nos escapa enquanto sujeitos não especialistas nas configurações de programação.

Nessa perspectiva, há algo da máquina que é residual¹⁰, que nós não apreendemos de maneira direta. Em comparação a Pêcheux ([1983a] 2015b) que afirma que não apreendemos o real, nos deparamos com ele, é possível entender que não apreendemos a totalidade da máquina, deparamo-nos com seus funcionamentos falhos, equívocos, na busca de serem unívocos e homogêneos. Nessa compreensão, discutindo os navegadores de *internet*, Lévy ([1996] 2005) aponta-nos que o navegador (como o *Google Chrome*, *Mozilla Firefox*, entre outros) pode se constituir enquanto autor de um texto. Em uma leitura discursiva materialista, questiono se é possível a máquina assumir esta autonomia sem que haja, por exemplo, uma programação por um sujeito-programador antes de o *site* de busca circular, haja vista que, ao pesquisar no *Google*, por exemplo, “o que é [...]?”, o buscador nos oferece alguns resultados baseados nos *cookies* deixados pelas nossas movimentações na *internet*.

Retomando a questão do trabalho, Lévy ([1996] 2005, p. 60) pontua que “o trabalhador contemporâneo tende a vender não mais sua força de trabalho, mas sua competência, ou melhor, uma capacidade continuamente alimentada e melhorada de aprender e inovar”, ou seja, ao considerar a virtualização das empresas, do avanço do teletrabalho e do trabalho remoto, o sujeito contemporâneo, submetido a uma lógica capitalista de trabalho, inscreve-se em sentidos de produtividade, em que a meritocracia ganha espaço para que, cada vez mais, possa(mos) gerar lucros para as empresas que pagam apenas o tempo de trabalho do sujeito, como já

¹⁰ De forma similar, entendo que, aqui, posso compreender o que Pêcheux ([1982b] 2014d) alerta sobre as clivagens subterrâneas nos modos de ler o arquivo. Assim, algo da máquina não é apreensível pela leitura, sobretudo por a leitura ser *um* gesto de interpretação.

alertavam Marx e Engels ([1848] 2015) em seus escritos sobre a sociedade capitalista¹¹. Dessa maneira, os papéis sociohistoricamente atribuídos a consumidores, produtores e intermediários (LÉVY, [1996] 2005) são tencionados, por exemplo, ao pensarmos nos(as) produtores(as) de conteúdo para as redes sociais, que, não raro, realizam propagandas de produtos que não utilizam, mas para os quais recebem capital para falar bem.

No contexto das redes, Lévy ([1996] 2005) afirma que pensamos sempre em diálogo. Nessa direção, reitero o posicionamento do autor para pensar que, reais ou simbólicas, as relações por meio da linguagem referem-se a outros dizeres, mesmo que os sujeitos não tenham consciência dessa vinculação, o que já é fortemente afirmado pelo dialogismo bakhtiniano. Ao final do livro que venho discutindo até então neste capítulo, Lévy ([1996] 2005, p. 128) advoga que “Trata-se de um objeto comum, dinâmico, construído, ou pelo menos alimentado, por todos os que o utilizam” ao se referir ao virtual. Entendo, portanto, que, no contexto das atuais produções, principalmente as mais recentes que discutem os algoritmos, essa afirmativa faz-nos pensar no modo como contribuímos para o desenvolvimento das redes na *internet*, visto que, a cada movimento do sujeito nas redes, seus (nossos) dados são recolhidos para a aprimoração dos serviços, o que nos surge pela via das constantes atualizações. Para as empresas, pelo aumento dos lucros obtidos com as interações dos sujeitos com a máquina.

Em estudos mais recentes sobre questões do virtual e do digital, Cassino (2018), tratando da programação, alega que os temas de interesse editorial das empresas podem ganhar mais horas de programação. Na leitura que faço, esse funcionamento auxilia-nos a pensar que, a depender da demanda financeira que pode retornar às empresas, a dedicação à programação de um *site*, ou de um aplicativo, pode exprimir conteúdos para quem acessa essa página ou esse aplicativo. Em outros termos, concebo que, ao acessar uma mídia na *internet*, aquilo que nos aparece enquanto propaganda pode e deve ser controlado por uma programação que lhe é anterior. Assim, é possível questionar: por que, de maneira geral, em um *site*, não aparecem outras empresas que ofereçam o mesmo tipo de serviço prestado pela empresa que comanda o *site*?

No aplicativo *Grindr*, percebo esse funcionamento da seguinte maneira: além das propagandas do próprio aplicativo para assinar a versão *XTRA* ou *Unlimited*, aparecem unicamente propaganda de serviços afins ou vendas de produtos outros, que não interfeririam no uso do aplicativo pelo sujeito. Desse modo, concordando com Cassino (2018), entendo que as máquinas tendem à tentativa de prever os comportamentos que o sujeito poderia ter ao

¹¹ A discussão sobre a luta de classes, as relações de trabalho, entre outras, é abordada no capítulo seguinte.

utilizar o *site* e/ou o aplicativo, tomando como base as experiências anteriores. Em perspectiva similar, Silveira (2018) afirma que, em muito, nas redes, atualmente, vivemos uma cultura do compartilhamento, uma vez que, nas atuais condições de produção, muitas mídias digitais possuem um mecanismo específico para compartilhamento, exceto algumas como o *Grindr*, o que abordo mais à frente.

Essa cultura do compartilhamento, quando vista por uma visão mais ampla, mostra-se sobremaneira presente quando tratamos das *fake news* que circulam pela *internet*. Normalmente, como aponta Mariani (2018), as *fake news* são dotadas de enunciados curtos e de rápida circulação, colando-se a um sensacionalismo, que tem, inclusive, se apresentado em títulos de vídeos no *YouTube*. Esse funcionamento do sensacionalismo, em minha leitura, parece produzir efeitos de sentido que buscam a fácil e rápida aceitação do possível leitor. No perfil 2, no capítulo anterior, o sujeito apresentava-se como “hetero atv”, por exemplo, porém, em sua descrição, afirmava ser bissexual e versátil ativo, contradizendo o que enunciava no nome de seu perfil. Assim, parece-me que grande parte das circulações no espaço virtual¹² volta-se à rápida leitura e à incitação de um imaginário daquilo que pode e deve ser consumido. Por esse ângulo, Costa-Carneiro, Galli e Grigoletto (2022, p. 99), ao debaterem o funcionamento das *fake-news*, apontam para um efeito de propaga(ndiza)ção, que é “próprio das discursividades *fakes*, as quais precisam ligar-se aos efeitos de evidência: o imediatismo, a rápida leitura, o consumo, a resolução de problemas *etc.*, o que produz como consequência a identificação dos sujeitos que formulam e consomem *fake news* com uma tomada de posição negacionista”. Com este efeito, afirmam que “Ao propagandizar, abre-se uma janela de observação, um observatório do dizível; ao propagar, viraliza-se. Ao propaga(ndiza)r, busca-se garantir a instauração de uma evidência de efeito de sentido, ainda que absurdo.” (COSTA-CARNEIRO; GALLI; GRIGOLETTO, 2022, p. 99).

Posso, a partir dessas colocações, entender que o efeito de propaga(ndiza)ção é um efeito próprio das discursividades *on-line*, uma vez que, registrado em um aplicativo ou visitante de um *site*, o sujeito-usuário, com seus movimentos pela rede, abre condições para que seus dados sejam absorvidos pela máquina, isto é, propagados para a programação. Por outro lado, com essa coleta e reaproveitamento dos dados, sob a lógica da retroalimentação, a viralização das propagandas para sujeitos-usuários com rastros similares acontece de forma que se instaura uma evidência de transparência da máquina. Ou seja, a *internet*, enquanto um espaço de discursividades, produz, com a inscrição do sujeito, o efeito de propaga(ndiza)ção do próprio

¹² Na próxima seção, defino, com base em Grigoletto (2011), o espaço virtual.

sujeito, tensionando os limites do sujeito, colocando-o numa relação entre o vender e o ser. Desse modo, ao vender-se(r), o sujeito propagandiza o seu corpo como um forma material que o constitui em sua evidência.

Com esses enquadramentos, e, pensando no *Grindr*, a partir das categorias de preenchimento de características físicas, a máquina tende a mostrar perfis que possam interessar ao sujeito-usuário, de modo que a geolocalização também é um fator importante para a aparição dos perfis dos demais usuários, uma vez que o aplicativo ordena, por ordem de proximidade, os perfis que podem ser visualizados; quanto mais próximo, mais acima da tela. Assim, “Os sistemas algorítmicos modelados como aprendizado de máquina devem acompanhar os clientes das plataformas em cada passo, reunindo informações precisas sobre os cliques dados, os links acessados, o tempo gasto em cada página aberta, os comentários apagados” (SILVEIRA, 2018, p. 39).

Por essa perspectiva, Machado (2018) afirma que cada usuário, à medida que se insere nas redes, pode se tornar um produtor de conteúdo. A esse respeito, devo, nesse momento do trabalho, explicitar que entendo produtor de conteúdo não apenas como os “*influencers*” do *Instagram*, por exemplo, que, diariamente, compartilham suas vidas, rotinas e produtos de forma a garantir a adesão do público e de sua posterior permanência. As narrativas dessas redes em específico, muitas vezes, assemelham-se a projeções do sujeito-projeto, do qual falei no capítulo anterior, isto é, a construção de um ideal de vida, em que tudo é possível e a meritocracia imperaria como *modus operandi*. Aqui, entendo o produtor de conteúdo como todo e qualquer sujeito que, inscrito numa mídia social, pode fornecer dados aos bancos de dados da *internet*. Nesse sentido, até mesmo o gesto de apenas se registrar em uma mídia digital já se configuraria como uma produção de conteúdo para a *internet*.

Aprofundando a discussão para a base algorítmica da *internet*, Machado (2018) afirma que os dados fornecidos para a *internet* apontam para uma nova forma de capitalismo, o capitalismo de plataforma, no qual os dados de cada sujeito são a principal matéria-prima para a perpetuação e o avanço das mídias digitais. Nesse sentido, tomando o *Grindr* como exemplo, ao inserir uma foto de si, o sujeito põe-se em circulação enquanto corpo virtualizado; ao usar os mecanismos de interação com a máquina para ter interlocução com outro sujeito, deixam-se rastros daquilo que o sujeito-usuário gostaria de encontrar mais vezes neste aplicativo.

No contexto dos aplicativos, Machado (2018) afirma que os perfis dos usuários das redes sociais são, em grande parte, simulações de identidade. Ainda que, em AD, não falemos sobre identidade e sim sobre identificação, é possível traçar um paralelo com o imaginário que se estabelece, na interlocução, entre os sujeitos. Em outras palavras, nas estruturações de perfis, o

sujeito-usuário joga com o imaginário de um leitor virtual, ou seja, de um leitor que ele, em vias de fato, não conhece. Assim, ao construir um perfil, o sujeito-usuário valer-se-ia de sentidos dominantes, sedimentados, estabilizados daquilo que ele supõe que deveria ser com base em um efeito dominante do capitalismo na sua atual forma.

Com essa criação de padrões, Monteiro (2018) trabalha com o conceito de *biopolítica*, entendendo-o, em sua leitura foucaultiana, como uma tecnologia (não no sentido da tecnologia digital que venho discutindo nesse trabalho) que visa a moldar (e por que não modelar?) os corpos e os sujeitos. Assim, no entremeio do *corpus* dessa dissertação, tenho entendido a proposição de um corpo-projeto, o qual, posso afirmar, se constitui a partir da biopolítica, normalizando, docilizando os corpos da nossa formação social, de forma a construir padrões de sujeitos empírica e discursivamente, como tenho notado na regularidade de aparição dos corpos-projeto.

Nessa direção, Monteiro (2018) ainda afirma que, nas redes, funciona o sujeito como o “*self made man*”, que produz um sentido de autonomia, que pode realizar uma ação de maneira individual, que faz emergir a evidência de individualidade do sujeito, supostamente detentor do controle do sentido, que se move além da estrutura-funcionamento do capital, o sujeito empreendedor (de si)¹³. Assim, este sujeito “[...] providencia seu próprio status, através da sua formação, [e] busca por conhecimento, empreendedorismo” (MONTEIRO, 2018, p. 109, acréscimo meu). Com a crescente “flexibilização” dos direitos trabalhistas, tornou-se mais comum encontrar, especialmente nas redes, sujeitos autônomos, que “escolhem” o próprio horário de trabalho, que “escolhem” o quanto que querem trabalhar, produzindo, como afirma Monteiro (2018), o ideal do sujeito bem sucedido.

Com isso, entendo, de acordo com Mian (2018) e Han ([2013] 2018), que o privado tem se tornado cada vez mais público, em que as intimidades e particularidades de cada sujeito têm sido, por eles mesmos, expostas nas redes sociais, o que hoje comumente se dá pelo *Instagram* ou pelo *TikTok*. No *Grindr*, a exposição se dá, mas ao mesmo tempo preserva certa particularidade. Explico-me: com o *corpus* deste trabalho, tenho notado que os sujeitos que (re)produzem o discurso da mercantilização do corpo mostram grande parte de seus corpos, contudo, ainda que exponham essa sua particularidade, escondem, elidem seus rostos, que

¹³ A discussão sobre o capitalismo e seus atravessamentos na sociedade neoliberal será feita no capítulo seguinte. Ainda acerca do empreendedorismo de si, é possível tecer uma comparação ao que Pêcheux ([1975] 2014a), em *Semântica e Discurso*, propõe acerca do Efeito Münchaussen, isto é, ao partir da história do Barão de Münchhausen, que puxava os próprios cabelos para cima como se pudesse suspender a si mesmo, o empreendedor de si se constituiria de um modo similar, uma vez que seria, ao mesmo tempo, dominado e dominante, puxando-se de dominado para dominante por si mesmo.

marcaria a sua identidade. Assim, mesmo sendo o seu corpo, é um corpo que poderia ser de qualquer outro, já que é um corpo sem rosto.

Assim, o sujeito inscreve-se numa lógica de ilusão de controle, em que a sua liberdade está a serviço da sua decisão. Mais liberdade significaria mais acesso e mais permanência. Nessa movimentação das redes, o sujeito lida, como afirma Paveau ([2017a] 2021a), no verbete *corpus digital nativo*, com diferentes interfaces e diferentes acessos, sobretudo quando consideramos que há diferentes modos de construir percursos de leitura no interior das mídias sociais. No *Twitter*, por exemplo, esse percurso pode se dar de forma mais “ilimitada”, já que um tuíte pode levar a outro, que pode levar a outras *hashtags*, a outros textos vinculados por *hiperlink*, a outras discursividades que vão além do próprio *Twitter*. No *Instagram*, um funcionamento parecido, já que, hoje, os *Reels* conduzem-nos a consumir conteúdos de diferentes naturezas apenas deslizando a tela para cima em direção ao próximo conteúdo. Já no *Grindr*, o movimento de leitura tem um “limite”. Ainda que o deslizar de um lado para o outro apresente ao sujeito-usuário outros perfis que podem ser “consumidos”, isso só se dá até certo momento, no qual o aplicativo apresenta a tela de pagamento da versão *XTRA* ou *Unlimited*, com valores para cada pacote, o que será analisado ainda neste capítulo.

Ao se registrar no aplicativo e seguir seu funcionamento prototípico, isto é, inserir fotos, descrições, preencher características físicas, o sujeito passa por um processo que Paveau ([2017b] 2021b) intitula de *extimidade*, em verbete homônimo. Em sua leitura, a extimidade seria uma espécie de exteriorização da intimidade do sujeito; posso entender, neste momento, que a intimidade parece mais atrativa àqueles que consumirão os perfis, já que apenas as características básicas não seriam suficientes. Assim, entendo que, para além do sujeito do sucesso, o sujeito das mídias sociais é o sujeito do desempenho, que precisa mostrar a sua competência em suas entrelinhas, o que, por uma leitura discursiva, não passa de mera evidência ideológica, uma vez que, via imaginário, há aquilo que pode e deve ser publicado e aquilo que não pode e nem deve ser publicado nas redes.

Nessa perspectiva, ângulos, músculos, virilidade são “partes” de si que podem ser expostas de modo que, do outro lado, alguém certamente se interessará por este perfil e por este sujeito, podendo haver, a depender da interlocução, um encontro fora das telas, em que o toque da tela desliza para o toque na materialidade do corpo.

Desse modo, considerando o que Zuboff ([2015] 2018) aponta em seu texto, as redes, hoje, funcionam sob a lógica do capitalismo da vigilância, o qual “procura prever e modificar o comportamento humano como meio de produzir receitas e controle de mercado” (ZUBOFF, [2015] 2018, p. 18). Isto é, o capitalismo da vigilância, como o entendo a partir de Zuboff

([2015] 2018), apresenta seu funcionamento por meio dos jogos algorítmicos nas redes, de forma que, ao “prever”, ou seja, jogar com as formações imaginárias, pode apresentar aos sujeitos-usuários conteúdos e/ou produtos que lhes sejam “úteis” de acordo com os rastros por eles deixados ao usar a *internet*. Assim, funciona, conforme a autora, a lógica da acumulação: os dados dos sujeitos são acumulados para que, depois, se acumulem as propagandas, as opções de compra, as interlocuções. Quanto mais acúmulo, melhor funciona essa outra forma de capitalismo.

Com esta evolução do capitalismo em nossa sociedade, e atentando para o que Marx e Engels ([1848] 2015) afirmaram sobre o capitalismo constantemente buscar novas formas de dominação, nas redes, produz-se um efeito de liberdade do sujeito, que supostamente tudo pode encontrar, tudo pode dizer, tudo pode comprar, tudo pode escolher. A partir desse efeito de liberdade, por ser sujeito-usuário, seus dados são (re)aproveitados para que sejam (re)direcionados aos mesmos sujeitos-usuários. Com isso, funciona o que Zuboff ([2015] 2018) chama de a *dimensão material do poder*; em outros termos, o modo como sistemas algorítmicos produzem conhecimento e controle sobre os sujeitos, seus corpos, seus gestos, sem que haja uma prévia autorização desse uso, ou seja, não há consentimento.

Zuboff ([2015] 2018) ainda afirma-nos que, no capitalismo da vigilância, a vigilância é constante, principalmente por a vigilância e a recolha dos dados, ao final do processo, gerarem lucro para as grandes empresas, como o *Google*, analisado pela pesquisadora. Nesse processo, incide uma nova lógica da acumulação, em que se visa à modificação do comportamento hoje e futuramente: ao coletar os dados, estes precisam ser interpretados pela programação de um sujeito a fim de que, quase que simultaneamente, esses dados retornem sob a forma de propagandas e mais recolha de dados dos sujeitos-usuários. Nós, então, sujeitos das/nas redes, ao passo que somos consumidores dos produtos das tecnologias digitais, somos produtores de conteúdo para os algoritmos e, como afirma Zuboff ([2015] 2018), alvo de extração de dados, de modo que contribuímos para a expansão das formas de dominação do capitalismo, ainda que não saibamos, em muitas ocasiões, que contribuímos e como contribuímos para essa estrutura-funcionamento.

Nessa direção, Han ([2013] 2018) afirma que, no digital, o sujeito explora a si mesmo, afetado por um efeito de liberdade que o atravessa e o faz acreditar em sua capacidade individual não atada ao espaço social, à ideologia. O autor pontua em seu livro *No enxame: perspectivas do digital* que, à medida que usamos os aplicativos, descartamos os outros sujeitos com o deslizar do dedo pela tela, o que me parece funcionar no *Grindr*, já que, para abrir um outro perfil, é preciso passar de um para o outro com o deslizamento da tela, contudo é possível

retornar a esse perfil com o mesmo gesto. Já no *Tinder*, outro aplicativo de relacionamento, muito utilizado também por sujeitos heterossexuais, ao passar de um perfil para o outro, não é possível voltar ao perfil anterior, a não ser que você pague pela versão *Gold* do aplicativo, que permite o retorno, saber quem curtiu suas fotos, dar *superlikes*¹⁴, entre outras funcionalidades.

Tratando do uso da imagem na rede, Han ([2013] 2018) elucida que nós, enquanto sujeitos, nos refugiamos pelas nossas imagens, uma vez que podemos editá-las com filtros ou, até mesmo, mudar substancialmente parte de nossos corpos para estarmos em um padrão sociohistoricamente estabelecido do que se espera de um corpo. Assim, “as imagens são domesticadas ao serem tornadas consumíveis” (HAN, [2013] 2018, p. 54), o que me leva a entender que a imagem (de si) nos aplicativos é uma imagem projetada, não apenas no sentido das formações imaginárias, mas ela é um projeto voltado para o aplicativo em que circulará. Entendo, assim, com Han ([2013] 2018, p. 65), que “os aparatos digitais produzem uma nova coação, uma nova exploração”, sobretudo porque, em muito, os sujeitos desejam ser, não de forma consciente, é claro, aquilo que veem nas redes, buscam igualar-se ao padrão (im)posto. Ao fazer isso, geram mais dados para os mecanismos algorítmicos, ou seja, mais comunicação, mais dados, mais capital para as grandes empresas. Como nos colocam Rouvroy e Berns ([2013] 2018), os nossos dados são usados para aumentar ainda mais a eficácia comercial, de modo que, inclusive, as falhas da tecnologia são quase simultaneamente reassimiladas para que a sua eficácia seja ainda mais reafirmada.

Mesmo que haja, como alerta Han ([2013] 2018), uma pressão para a transparência, questiono: transparência para quem? Nós, sujeitos, somos levados a cada vez mais expor o que a *internet* espera que sejam as nossas vidas. Mas como as grandes empresas praticam a transparência? Em termos discursivos, a transparência é mero efeito da ideologia, que, em seu funcionamento, nos conduz exatamente para que acreditemos em sua suposta transparência. Todavia, é falha, opaca, equívoca, contraditória.

Na próxima seção, apresento, no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, discussões que circunscrevem o digital como objeto teórico-analítico, valendo-me de autores(as) que contribuem para o desenvolvimento deste objeto, de forma a compreender as determinações do digital na nossa formação social.

¹⁴ Forma de “curtir” um perfil que gera uma notificação ao sujeito que recebe o *superlike*. Em sua versão gratuita, o *superlike* pode ser dado apenas uma vez no espaço de uma semana.

3.2 NO DIGITAL, A DOMINAÇÃO

Trazendo, nesta seção, leituras discursivas sobre questões do digital e do virtual, busco, a partir de leituras além da seção anterior, entender o funcionamento da *internet* e suas implicações para as práticas discursivas ordinárias e institucionais que fazem parte das interlocuções cotidianas em que nos inscrevemos. Em Pêcheux ([1969a] 2019a), encontramos a menção, em sua tese de doutorado, ao tratamento algorítmico do *corpus*. Àquela época, Pêcheux ([1969a] 2019a), ao produzir suas críticas à linguística, o que já discuti no capítulo anterior, propunha que os *corpora* textuais fossem analisados por uma perspectiva automática. Assim, os enunciados a serem analisados eram submetidos a um sistema algorítmico que encontraria repetições, formaria domínios, indicaria relações de sentido pela paráfrase, entre outras possibilidades analíticas pelo algoritmo da AAD-69.

Mesmo que tal projeto, em sua metodologia automática, não tenha sido levado à frente em sua totalidade, com todas as suas fórmulas e gráficos, Michel Pêcheux, como afirma Maldidier ([1989] 2017), era um apaixonado pelas máquinas e, ao ler suas obras, encontro outros momentos em que ele se refere ao projeto da AAD-69, como no texto *As massas populares são um objeto inanimado?* ou no texto *Apresentação da Análise Automática do Discurso*, escrito em coautoria com Jacqueline Léon, Simone Bonnafous e Jean-Marie Marandin no início da década de 80. Além desses artigos, há o texto *Análise do Discurso e Informática*, de sua autoria, publicado originalmente em 1981. Nesse artigo, Pêcheux ([1981] 2015g) afirma que um *corpus* de arquivo textual, submetido ao tratamento informático, não é um banco de dados.

Ora, na seção anterior, em alguns momentos, mesmo tendo mencionado a construção de bancos de dados a partir das interações dos sujeitos com a máquina, ali não fazia diretamente uma leitura discursiva. Desse modo, ainda que haja os bancos de dados, não é por esta via que, com base em Pêcheux ([1981] 2015g), entendo a constituição dos *corpora* discursivos advindos dos meios digitais de enunciação, uma vez que, para se tornar *corpus*, estes dados passam por um gesto de leitura do sujeito-pesquisador, para segmentar o *corpus*, recortar o arquivo. Assim, ao trabalhar com a informática em *Análise do Discurso*, não podemos entender, nos alerta Pêcheux ([1981] 2015g, p. 281), que se dará uma “[...] auto-leitura da estrutura do corpus pelo corpus ele mesmo [...]”, uma vez que um *corpus*, para que se constitua como tal, precisa ser referido às condições de produção nas quais circulou, bem como a textos produzidos nas mesmas condições de produção. Ou, como diriam Pêcheux *et al* ([1982] 2014, p. 278), “toda

leitura destrinça o texto, privilegia certos elementos para ocultar outros, reaproxima o que dispersou, dispersa o que estava unido”.

No entremeio das discussões mais recentes sobre os *corpora* advindo do espaço virtual ou de teorizações sobre o virtual, Silva Sobrinho (2011a) afirma que a informática, como pensada por Pêcheux, é fruto das relações de produção, isto é, das transformações econômicas, sociais, políticas e culturais, principalmente a partir da segunda metade do século XX, após a segunda guerra mundial. De lá até hoje, a informática se desenvolveu de maneira que as grandes máquinas que eram utilizadas à época hoje possuem suas funções, por exemplo, em um aparelho celular, além de muitas outras com o avanço da tecnologia digital. Com isso, percebo que, partindo de Silva Sobrinho (2011a), as tecnologias digitais têm impacto no nosso dia a dia, em quase todas as esferas sociais, haja vista que, se considerarmos as atuais condições de produção, muitas interlocuções são mediadas por dispositivos eletrônicos como *notebooks*, *tablets*, celulares, *etc.*

Como já alertei anteriormente em uma leitura marxiana, Silva Sobrinho (2011a) afirma que o avanço da tecnologia propõe o estabelecimento de novas classes sociais e novas condições de opressão. Nesse sentido, o avanço da tecnologia traz benefícios para a nossa formação social, à medida que também produz efeitos negativos, como o aumento da exploração pelo capital, contudo não cabe a este trabalho dizer se é positivo ou negativo, mas sim produzir um gesto de leitura sobre estas formas de dominação por meio das discursividades convocadas ao trabalho analítico.

Na lógica da dominação, o autor afirma que há um apagamento de/das classes no interior das novas tecnologias, uma vez que, como afirma Zuboff ([2015] 2018), se produz um efeito de liberdade nas redes. Assim, se há efeito de liberdade, não haveria luta, tampouco antagonismo de classes, o que tem se mostrado hoje, de forma similar a Lévy ([1996] 2005), pela “ausência” de um(a) patrão(a) que assuma o controle de um conjunto de sujeitos trabalhadores, efeito da expansão das novas tecnologias em nossa formação social. Além disso, consoante a Zuboff ([2015] 2018), que analisa o *Google*, Silva Sobrinho (2011a) aponta para o efeito de transparência que o *Google* produz, de maneira que, ao indicar que há um número X de resultados para uma pesquisa, a máquina oferece ao sujeito-usuário o sentido de completude da pesquisa, como se todos os resultados possíveis habitassem naquele buscador, ao qual o sujeito poderia recorrer para encontrar todos os resultados.

Com isso, mascara-se o *caráter material da tecnologia*, como pontua Silva Sobrinho (2011a). Assim, produzindo esse efeito de transparência, a tecnologia pareceria funcionar por ela mesma, nunca opaca, sempre objetiva, em que todos os sentidos são óbvios e dos quais o

sujeito poderia assumir o controle, já que seria supostamente livre. Todavia, ao entendermos que as tecnologias são produzidas por sujeitos, que são atravessados pelo funcionamento da ideologia, seria ilusório acreditar na transparência da *internet*. O que os mecanismos de busca nos apresentam? Como eles nos apresentam o que apresentam? Por que nos apresentam? Com qual finalidade nos apresentam?

Pensando nessas questões, posso tecer um paralelo ao que Grigoletto (2011) afirma sobre a interação e a interlocução. Em sua discussão, a autora refere-se aos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), contudo, ao pensar no funcionamento da *internet* de forma mais abrangente, observo o movimento nosso de interação com a máquina, que, em aplicativos como o *Grindr*, nos oferece opções como iniciar uma conversa, enviar um *tap*, bloquear, favoritar, entre outras¹⁵, restringindo os movimentos de sentido para aqueles que a máquina oferece como possíveis. Mas, nessa asserção, como se produziria a interlocução? De maneira primária, neste trabalho, entendo que a interlocução entre sujeitos, onde os sentidos deslizam e estão mais abertos à polissemia, se daria dentro dos *chats* privados, nos quais os sujeitos podem conversar, trocar fotos, marcar encontros, lugar onde as regras da empresa não são tão incisivas por se marcar como um lugar “privado”.

Indo da interação à interlocução, Grigoletto (2011) teoriza o espaço virtual como aquele se constitui entre o espaço empírico e o discursivo, não como um terceiro espaço. Dessa forma, a autora postula que o espaço virtual é aquele que carrega características de ambos os espaços – empírico e discursivo – de maneira que ele encontra-se em um espaço contraditório de discursividade, já que abriga, em sua constituição, diferentes discursividades e se constitui também num espaço de discursividade. Nesse sentido, conforme Grigoletto e Gallo (2015), ao analisarem o funcionamento de um jogo e de um filme interativo, pela tecnologia, produz-se o efeito de autoria, bem como o sujeito supõe estar no controle do sentido, sendo afetado, então, pela ideologia dominante, a qual busca, pela ilusão de controle, criar o efeito de liberdade nos sujeitos.

Já Gallo (2013), discutindo as discursividades *on-line*, entende que, nas redes, ao visualizarmos publicações feitas por outros sujeitos-usuários, temos a impressão de que tudo está acontecendo de forma *on-line*, simultânea à visualização. Contudo, quando somos usuários de redes sociais, por exemplo, lemos, reagimos, compartilhamos, salvamos, *etc.*, publicações já feitas em outros momentos. Em um paralelo com o *corpus* da dissertação, ao acessar o *Grindr*, uma série de perfis, de acordo com a localização geográfica, são sugeridos para iniciar uma

¹⁵ Explico, de forma detalhada, esses funcionamentos na próxima seção do trabalho.

conversa. Entretanto, ainda que o *Grindr* sugira perfis, em sua maioria, que estejam *on-line* naquele momento, não é difícil encontrar perfis que tenham entrado pela última vez há algum tempo. A título de exemplo, o aplicativo mostra “*on-line* há X minutos”, informando que o sujeito daquele perfil esteve *on-line* em uma temporalidade ainda próxima, sugerindo, dentre outras coisas, que o sujeito-usuário ainda pode enviar mensagens para esse outro sujeito, uma vez que seu perfil ainda se encontra na lista de possíveis perfis.

Desse modo, a máquina fala do/sobre o sujeito, fala que ele ali esteve e que, mesmo *off-line*, ainda habita aquele espaço. Posso entender, assim, de acordo com Gallo (2013), que sujeito e máquina não têm hoje tanta separação, o que a autora afirma ser uma constituição *híbrida do sujeito*. Com isso, é possível pensarmos no modo como o sujeito do digital se constitui: considerando a assertiva de Gallo (2013), o sujeito do digital pode ser compreendido como aquele que, para tal, precisa estar *on-line*, ou que ainda deixe rastros da simultaneidade de acesso. O sujeito que não está *on-line*, portanto, não é um sujeito atrativo para os mecanismos de coleta de dados nas redes, uma vez que, *off-line*, não interage com a máquina, ou seja, não produz dados que certamente retornariam a ele como forma de mais uso dessas redes.

Em artigo anterior, Gallo (2011) pontua que a temporalização dos enunciados se dá por critérios lógico-matemáticos. Entendo essa formulação quando aplicada ao contexto dos anos em que o *Facebook* era a principal rede social, uma vez, nessa época, entre 2010 e 2014, as publicações que apareciam na linha do tempo seguiam, mais ou menos, uma ordem cronológica de publicações. Hoje, com as demais redes sociais, até mesmo o próprio *Facebook*, essa linearidade temporal é dispersa. Lemos, em nossas redes, publicações recentes, mas também de dias atrás. Com os processos de atualização das redes sociais, a dispersão tem se tornado característica muito marcante na organização das redes, assim como funcionamentos de diferentes redes têm se imbricado numa tentativa de contemplar “o que se faz por aí” para manter seus usuários, a exemplo do *Instagram* que, nos últimos anos, aderiu à ferramenta dos *stories*, que era uma característica do *Snapchat*; e, mais recentemente, aos *Reels*, característica do *TikTok*. Mesmo com essa dispersão, o *Grindr* ainda mantém certa regularidade no que diz respeito aos perfis sugeridos para a interlocução.

Para Dias (2016a), discutindo a relação do sujeito com a *internet*, em muito, quando os sujeitos ficam sem acesso à *internet*, pode surgir um sentimento de frustração, falta, vazio, principalmente porque a conectividade com a *internet* e consequentes mídias sociais digitais produz efeito de que estar conectado(a) é uma necessidade. Esse funcionamento, em minha leitura, é sugerido pela leitura da tela *off-line*, de forma que o acesso é restringido se não há conexão. No *Grindr*, por exemplo, se o acesso for feito num momento em que não há conexão

de *internet* via *Wi-Fi* ou serviço de dados móveis, a tela inicial ainda carrega os perfis que estavam conectados desde o último acesso ao aplicativo, porém, ao tentar clicar em qualquer um dos perfis, apresenta-se uma tela de carregamento que nunca para de carregar e também nunca aparece nada além de um símbolo circular que gira na parte central da tela do aplicativo. Assim, fazendo uma paráfrase de um trecho do artigo *Ler o arquivo hoje*, de Pêcheux ([1982b] 2014d), Gallo (2016) alega que, na rede, há clivagens subterrâneas do que pode e do que não pode ser lido; no *Grindr*, sem *internet* o sujeito-usuário consegue abrir o aplicativo e observar uma lembrança do último acesso; com acesso, você pode abrir perfis e com eles interagir.

Desse modo, entendo, com Grigoletto (2015), que a tecnologia, ao mesmo tempo que inclui o sujeito, ela também o exclui. Apesar da leitura da autora referir-se aos AVAs, percebo que esse funcionamento é similar aos aplicativos de relacionamento, e, em especial, o *Grindr*, já que o sujeito é incluído no aplicativo podendo o baixar, porém não pode mover-se nele caso não tenha *internet*. Aqui, vejo mais um dos vários atravessamentos do capital, uma vez que, para comprar, é necessário pagar uma quantia em dinheiro à empresa que tenha um sistema operacional compatível com o aplicativo; para acessar, é preciso que o sujeito pague, ou pelos dados móveis do aparelho celular ou pague pela rede de *Wi-Fi* de sua casa, por exemplo. Assim, mesmo que o aplicativo seja gratuito para *download*, quanto de capital foi dispendido para que o sujeito possa, ao menos, baixar o aplicativo e usá-lo? A tecnologia, então, como afirma Dias (2015), é condição de produção, já que determina quem, quando e onde podemos acessar determinada mídia social digital.

Nessa perspectiva, Pequeno (2016) constata que os artefatos digitais, e aqui entendo que também as mídias digitais, são de caráter discursivo. Sendo materialmente divididas, as mídias sociais digitais demandam diferentes movimentos de interpretação e de interação do sujeito, normalmente impelindo-o a atualizar ainda mais os aplicativos, ou até mesmo a pagar por determinados serviços, como nas versões *XTRA* e *Unlimited* do *Grindr*. Nessas atualizações, tomando o aplicativo em tela como exemplo, é possível criar um álbum de fotos privadas, que, somente com autorização, outro(s) sujeitos poderão visualizar. Então, nessa lógica, as outras fotos seriam públicas? Por que, então, os rostos ainda são cortados das fotos se há a possibilidade de criar um álbum privado? Essa discussão, parece-me, tensiona os limites da privacidade e do anonimato, como defendido por Alves (2016). Entendo, nesse momento, que as fotos “públicas”, na verdade, são fotos que buscam o anonimato, já as fotos “privadas” buscariam a privacidade, ou seja, aquilo que pode ser visto – o rosto ou nudez explícita por exemplo – desde que eu, sujeito do perfil, controlador, autorize que você, sujeito da interlocução, o veja.

Entre máquina e sujeito, esse controle se produz de forma contraditória, sobretudo quando, por exemplo, em 2020, dados confidenciais de usuários do *Grindr* foram vazados e a empresa decidiu, então, extinguir a versão de computador do aplicativo, que, até hoje, não foi retomada. Esse controle, contudo, como o exemplo acima apresenta, é contraditório e, diria, ilusório, como assegura Grigoletto (2017), já que a *internet* não funciona por si mesma, de forma independente. Como destaca Grigoletto (2017), as redes trabalham para acumular, o que já destaquei anteriormente neste capítulo. Identifico que esse funcionamento se mostra de maneira latente no *Grindr* em função das possibilidades que o aplicativo oferece ao sujeito-usuário de aumentar a quantidade de conversas, pelas versões *XTRA* e *Unlimited*, pelo “Novo” e pelo “Explorar”, o que abordo na próxima seção.

Com isso, concordando com a autora, a ideologia, motor da história, como aponta Pêcheux ([1984b] 2014c), funciona em sua forma mais perversa, “aquela que produz o efeito de liberdade, de livre escolha do sujeito.” (GRIGOLETTO, 2017, p. 167). Reforço essa proposição com Gallo (2019), ao apontar que o sujeito, nas redes, se submete à normatização própria das redes, já que as condições de produção, como as conhecemos na AD, são, agora, recobertas por uma camada da materialidade digital, assim, outra forma de dominação, outras formas de assujeitamento, uma outra forma do capitalismo agir em nossas vidas pela forma da invisibilidade, e o digital, enquanto materialidade, deve ser objeto de análise na AD: “o digital é objeto que demanda, que traz em si uma injunção a uma leitura discursiva” (FRANÇA, 2019, p. 87).

Essa injunção da camada digital à análise da materialidade deve-nos fazer questionar, enquanto analistas, de que outros modos o texto nas redes produz sentido. E texto, aqui, não deve ser entendido apenas como o texto linguístico, escrito ou falado, do sentido dominante sobre texto, mas o texto enquanto uma materialidade significante, que vai além da materialidade linguística, podendo ser imagens, vídeos, *gifs*, sonoridades, corpos, aplicativos. Materialidade significante que convoca o analista à leitura discursiva (LAGAZZI, 2009), buscando em suas brechas os efeitos de sentido que se produzem em determinadas condições de produção e circulação de um discurso.

Por essa perspectiva, Gallo, Silveira e Pequeno (2021) ratificam que, ao trabalhar com o digital, não podemos hoje, na condição de analistas, separar a materialidade técnica da materialidade linguística e da materialidade histórica, uma vez que, como Paveau ([2017c] 2021c) tem defendido, para analisar textos digitais nativos, é preciso considerar as especificidades destas textualidades, não somente analisando a questão técnica, mas o seu enlaçamento ao linguístico e ao histórico, sobretudo porque a disputa do sentido se constitui no

nível da materialidade histórica (GALLO; SILVEIRA; PEQUENO, 2021), a qual se divide pelo político. Além de considerar essa especificidade, é preciso ponderar que a mídia digital, que circula na *internet*, se distingue analiticamente da mídia analógica, que produz outros sentidos e outras evidências. Quando houve a eclosão de mídias como a televisão e o rádio, outros efeitos de sentido se produziam, como, por exemplo, a interdição política durante o período da ditadura militar no Brasil. Na mídia digital, o efeito de proibição não se dá de maneira tão explícita, ficando, muitas vezes, sob a “responsabilidade” do efeito de liberdade do sujeito, que pode pedir, em redes sociais, que um grande número de pessoas possa denunciar um perfil para que este perfil “caia”. Desse modo, passa-se do Estado (na figura das forças armadas) para o público (na figura dos sujeitos-usuários).

Em livro de sua autoria, Dias (2018), que tem realizado pesquisas sobre questões do digital, alega que, além de condição de produção, como eu já havia apontado nesta seção, o digital é meio de produção e de reprodução do capitalismo. Desse modo, relaciono ao que Silva Sobrinho (2011a) afirmara de que não é possível apagar o caráter material da tecnologia, isto é, criados por e para sujeitos, a informática e o digital são atravessados pelo funcionamento da ideologia, de modo que o seu funcionamento dominante contribui para o capitalismo se desdobre de outras formas em nossa sociedade, em especial porque o digital, para que se constitua como tal, nos termos de Dias (2018), precisa circular, e, com a circulação, produz-se ainda mais dominação e opressão.

Em sua discussão, Dias (2018), ao asseverar que o digital é um sentido específico de tecnologia, sustenta que o efeito de evidência sobre a máquina é o seu efeito de totalidade, de não falha, ou seja, a máquina tende ao sucesso de modo hegemônico, contudo, lembra Dias (2018), na máquina, não há sujeito, porém sem sujeito não haveria a máquina, uma vez que é pelo gesto do sujeito, pela prática científica, que a máquina pode ser construída e programada para atingir fins específicos. A evolução das máquinas digitais, como atesta Dias (2018), mudou a relação do sujeito com o espaço urbano. Percebo esta relação, refletindo sobre o *corpus* analítico da dissertação, quando, por exemplo, as barreiras para conhecer alguém são dirimidas em função da possibilidade de deslocamento pela geografia da cidade por intermédio de funcionalidades dos aplicativos de relacionamento. Assim, o sujeito, antes de sair para encontrar com alguém, se isso realmente for acontecer, inicia uma conversa para saber se seguirá para um encontro; em caso de sair ao encontro, sairá com este objetivo, encontrar alguém, não vivendo a cidade em sua dimensão simbólica, lidando com o espaço urbano apenas como um espaço intermediário. Portanto, além de produzir outros sentidos sobre si, o sujeito

produz sentidos outros sobre a cidade a partir da interferência da sua relação com o digital e seus modos de interpelação.

Na produção de sentidos sobre si, sob a forma de evidência, Grigoletto (2021) entende a produção do que chama de *engodo tecnológico*, que seria o controle sobre os sujeitos pelos sistemas algorítmicos que buscam os nossos dados, como destaquei anteriormente, visando ao lucro e à expansão das grandes empresas. Assim, o engodo tecnológico alicia o sujeito com a promessa de seu sucesso naquela rede em que se subjetiva (GRIGOLETTO, 2021). Entendo esse aliciamento pela evidência de colaboratividade nas redes, em que somos convocados a ser sujeitos colaboradores, interactantes nas mídias digitais, como trazem Dias e Coelho (2016) e Grigoletto (2009).

Nesse sentido, as máquinas são lidas, na evidência do sentido, como infalíveis, produzindo-se a partir da ilusão de que a máquina é técnica que não está sujeita à falha (DIAS, 2016b). Aliada à ilusão da máquina, percebo, com base em Garcia e Sousa (2014), que a rede nos permite ler assuntos que (nos) afetam, dizer aquilo que nos incomoda, o que funcionaria, sob análise, como uma evidência possível, visto que temos a ilusão de tudo poder dizer na rede, já que não haveria um controle sob a autoria do dizer. Por isso, se considerarmos os discursos em rede como forma de linguagem em nossa formação social, é preciso levar a lição que Pêcheux ([1984c] 2015h) nos deixou: colocar em causa a transparência da linguagem, considerando-a como sempre espaço do conflito dos sentidos, lugar de memória, em que o sujeito é interpelado pela ideologia, e não um “sujeito estrategista”, que controlaria o sentido, seria consciente daquilo que diz, racional, lógico-operatório, nos termos de Pêcheux ([1984c] 2015h).

Na seção que dá seguimento a este trabalho, realizo um gesto descritivo de leitura sobre o aplicativo *Grindr*. Desse modo, destaco, em minha leitura, os percursos de leitura que o aplicativo nos proporciona, com o objetivo de apresentar, com vistas às análises do próximo capítulo, o aplicativo em sua dimensão de interação pelo sujeito-usuário.

3.3 NO *GRINDR*, A ILUSÃO

Criado em 2009, o *Grindr* é um aplicativo de relacionamentos voltado, especialmente, para homens-gays que buscam sexo com outros homens, contudo pessoas bissexuais, pessoas transgênero e outros membros da comunidade LGBTQIAP+ que se interessem pelo aplicativo também podem utilizá-lo. Com um determinado recorte de público, o aplicativo, ao longo dos anos, se popularizou entre os aplicativos de relacionamento por ser um dos pioneiros a oferecer

o serviço de geolocalização, que consiste na ordenação de perfis com base na proximidade do aparelho celular do usuário. Nessa perspectiva, o aplicativo, que pode ser baixado por sistemas operacionais como *iOS*, da *Apple*, e *Android*, que atende a diferentes marcas de aparelhos eletrônicos, hoje, na *PlayStore*, loja digital do *Android*, conta com mais de 50 milhões de *downloads* do aplicativo e mais de 730 mil avaliações dos usuários.

Antes de iniciar esta seção, que é muito mais analítica do que teórica, retomo algumas discussões feitas por Bastos (2018), em sua tese de doutorado, que abordava alguns aplicativos homoeróticos, dentre eles o *Grindr*. Segundo o autor, o significante “*Grindr*”, em um processo tradutório, significaria “moer”:

O ato de “moer”, que envolve a nomeação do *Grindr*, estabelece uma relação de memória com um lugar que expõe os corpos dos sujeitos-gays, como carnes no açougue, expostos de modo voluntário, por quem não vê como problema em “deixar-se triturar” para compor esse imenso espaço de encontros, nos quais a oferta estimula a demanda e produz o interesse do outro para que as relações ocorram. (BASTOS, 2018, p. 266).

Para Bastos (2018), dada a heterogeneidade de aplicativos homoeróticos nos dias atuais, como *Grindr*, *Hornet*, *Scruff*, *Tinder* (o qual também atinge o público heterossexual, *etc.*), cada um desses demanda diferentes modos de se usar, da mesma forma que o acesso em cada um deles não é igual, em função de programação, objetivo da empresa, criação de identidade própria, entre outros. Mesmo, então, que cada aplicativo tenha a sua identidade visual bem delimitada e as suas funcionalidades bem determinadas, é constante o processo de atualização dos aplicativos, uma vez que as mudanças na estrutura do aplicativo, como afirma Bastos (2018), são esperadas pelos sujeitos-usuários. A atualização, nessa perspectiva, seria um *já-lá* dos aplicativos, a qual comumente é apresentada como positiva, visto que facilitaria o acesso e a movimentação dos sujeitos no/pelo aplicativo.

Com a criação dos aplicativos de relacionamento e a sua exponencial expansão nos últimos anos, os modos de estabelecimento de relações entre os sujeitos mudou. Se, antes, os sujeitos se conheceriam em bares, boates, ou casualmente no dia a dia, a chegada dos aplicativos transformou sobremaneira o gesto de conhecer alguém. Essa atualização nas relações interpessoais é potencializada pelos aplicativos quando estes, dentre outros objetivos, direcionam seus usuários para uma prática sexual. Ou seja, as funcionalidades do *Grindr* conduzem o sujeito a buscar sexo com outros sujeitos por meio do aplicativo. Na verdade, socialmente, funciona esse imaginário de que, se o *Grindr* é baixado por algum sujeito, certamente é porque este sujeito busca sexo. Claro, esse efeito, mesmo que seja dominante, é uma evidência, que, como qualquer outra, pode e deve ser questionada.

No *Grindr*, o sujeito, além de ser entendido como um usuário do aplicativo, como pontua Bastos (2018), é compreendido como um consumidor, por duas razões, em minha leitura, que não se anulam: i) o sujeito pode assinar as versões *XTRA* ou *Unlimited* do *Grindr* a fim de ter outras experiências no aplicativo; ii) o sujeito pode consumir (não no sentido dominante de consumir) outros sujeitos. Desse modo, entendo que parece funcionar a lógica da acumulação de que falei nas seções anteriores. Para além de poder ter movimentos de interlocução com outros sujeitos, o *Grindr* também oferece a possibilidade de bloquear algum outro sujeito-usuário, sem haver a necessidade de justificar esse bloqueio. Nessa perspectiva, a interação do sujeito com a máquina parece sugerir um efeito de que ele poderia controlar quem apareceria em sua rede. Contudo, caso um sujeito seja bloqueado por outro, se este primeiro apagar a sua conta e criá-la novamente, o perfil reaparecerá para quem o tiver bloqueado. Assim, a funcionalidade não é completa, ela não prevê esse movimento de saída e reentrada no aplicativo.

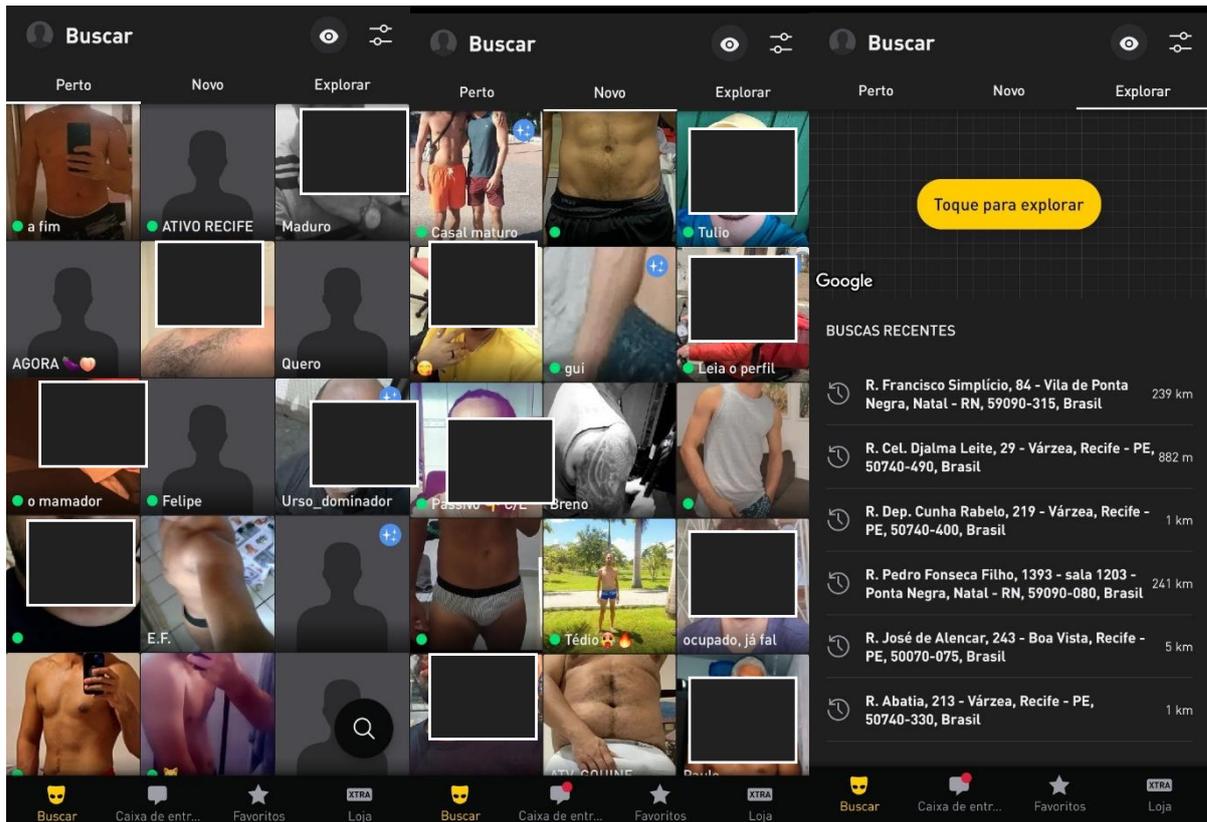
Ao deslizar pela tela principal do *Grindr*, é perceptível que, se o dispositivo celular tiver uma boa conexão de *internet*, o aplicativo carrega quase que automaticamente o perfil que o sujeito-usuário deseja ver. Assim, de acordo com Bastos (2018), a rapidez é importante para que os aplicativos possam se desenvolver e *fidelizar*, em seus termos, o sujeito-usuário, já que quanto mais o sujeito procura, mais ele poderá ter sexo, mesmo que as informações inseridas no aplicativo possam ser inverídicas. Pensando nesse funcionamento, o sujeito-usuário, ao se cadastrar, precisa apenas informar um *e-mail* e um número de celular, para que seja feita a verificação da conta. Todavia, ainda assim, ao preencher as demais categorias, o sujeito tem a chance de não preencher as características reais que ele tenha, ou até mesmo de usar imagens de outros sujeitos, como tem sido comum de observar casos dessa natureza no *Grindr*.

Dentre outras coisas, Bastos (2018) destaca que o *Grindr* possibilita, hoje, que os sujeitos-usuários do aplicativo preencham o seu *status* de HIV, bem como a data de realização do último exame, ou, por exemplo, se o sujeito utiliza o PReP (Profilaxia Pré-Exposição), que se refere a um tratamento disponibilizado pelo SUS em que os sujeitos tomam medicamentos que previnam a infecção por HIV, caso tenham relações sexuais desprotegidas.

Após essa breve retomada de alguns pontos sobre o *Grindr*, passo agora à análise de alguns *prints* que realizei no aplicativo. Para esta composição, utilizei o mecanismo de *printscreen* do meu aparelho celular. Neste movimento de análise que faço em seguida, trato unicamente da interface do aplicativo e das funcionalidades que ele apresenta para os sujeitos-usuários se utilizarem. Desse modo, nessa seção, não falo sobre o corpo, como o fiz no capítulo anterior, ou dos efeitos de sentidos produzidos a partir das descrições de si feitas pelos sujeitos-

usuários. As Figuras inseridas a seguir compreendem o funcionamento do *corpus* auxiliar do trabalho, produzindo-se como sustentação para as análises que são desenvolvidas no capítulo seguinte. Assim, cada composição das Figuras representa um conjunto significativo do *corpus* do trabalho, o que adoto para a composição das sequências discursivas do capítulo posterior¹⁶.

Figura 4 - Tela inicial do *Grindr*: Buscar



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na figura acima, está a tela inicial do *Grindr*, isto é, ao abrir o aplicativo, é com essas três telas que o sujeito pode interagir primeiramente. Produzindo um caminho de leitura que a máquina nos oferece, primeiro, vemos a janela “Perto”. Nela, estão ordenados, de acordo com a localização geográfica, os sujeitos que estão mais próximos em relação à geolocalização do sujeito-usuário que abre o aplicativo. Nessa janela, os diferentes perfis têm, em alguns casos, um símbolo verde, que indica que o sujeito, naquele momento, está *on-line*. Em outros, não há esse símbolo, indicando que o sujeito não está mais *on-line*, contudo esteve em momento de temporalidade próxima.

¹⁶ No próximo capítulo, antes de iniciar as análises, ao apresentar os procedimentos metodológicos para o trabalho com o *corpus*, indico, com base em Lagazzi (2016, 2018, 2019), como entendo o modo de organização do *corpus* pelos conjuntos de *prints*.

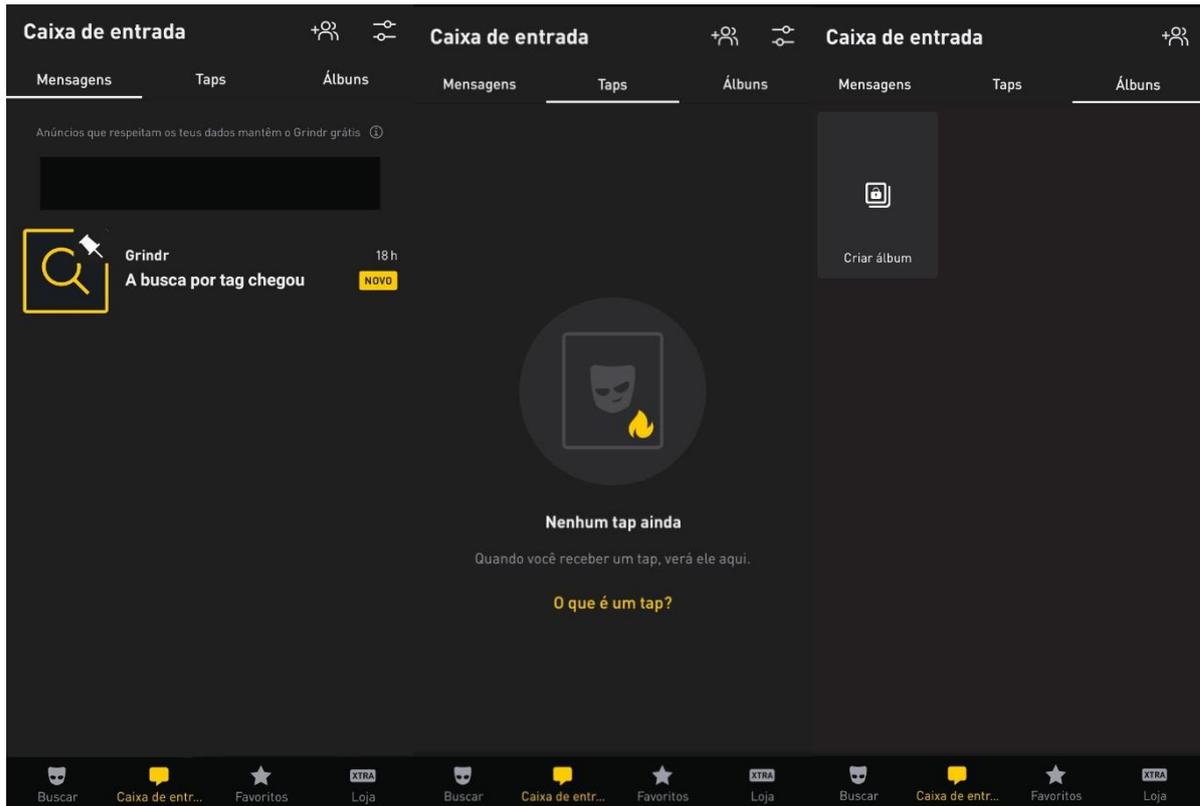
Ordenados de acordo com a aproximação, os sujeitos que veem a tela a veem de forma diferente, uma vez que a busca pelos perfis se dá por um raio que comporte até 99 perfis na versão gratuita do aplicativo. Ainda que seja um número grande de perfis para a busca, ao deslizar pela tela, além dos 99 perfis, é possível ver a miniatura, como na Figura acima, dos perfis, contudo, ao clicar, não é possível abrir, uma vez que a máquina nos redireciona para a tela de assinatura das versões pagas do aplicativo.

Na segunda tela, na aba “Novo”, estão os perfis que, de acordo com o registro do aplicativo, criaram suas contas recentemente. Essa aba trata-se de uma atualização do aplicativo, já que, antes, os perfis novos ficavam na mesma aba que os perfis próximos, apenas com um destaque na miniatura do perfil, um símbolo azul com detalhes brancos. Essa atualização, em termos de efeito de sentido, produz uma evidência de que a máquina está sendo aperfeiçoada, de modo que os perfis estão melhor divididos dentro do aplicativo, buscando facilitar a experiência do sujeito-usuário com o aplicativo. Contudo, em contraste com a aba “Perto”, em “Novo”, apenas 50 perfis são apresentados, 49 a menos do que a anterior. Ainda assim, em relação às versões anteriores do aplicativo, essa divisão surge de forma positiva para a interação do sujeito com a máquina, uma vez que, separados, totalizam 149 perfis, contrapondo aos 99 misturados, entre novos e mais antigos, na atualização anterior. Assim, um efeito de novidade, pela via da lógica da acumulação de perfis.

Na terceira e última aba da tela principal do *Grindr*, está o “Explorar”, uma categoria do aplicativo que permite que os sujeitos-usuários possam, ao clicar em “Toque para explorar”, “viajar” para qualquer lugar do mundo e ver os perfis que se ordenam em uma localização específica do mundo. Essa busca pelo mapa se alia ao buscador *Google*, em sua função de mapa, que, como alerta Zuboff ([2015] 2018), também atua na coleta de dados dos sujeitos-usuários do *Google*. Nesta aba, mesmo podendo *explorar* qualquer lugar do mundo, o sujeito-usuário só pode interagir (pelo *chat* ou pelo *tap*) com outros 3 sujeitos. Caso queira além disso, será direcionado para a tela de assinatura do aplicativo para as suas versões pagas. Como forma de memória da máquina, a aba *explorar* deixa disponíveis as últimas localizações buscadas. Além dessas três abas principais, há outros elementos clicáveis, os quais abordarei nas análises seguintes. Ademais, a identidade visual do aplicativo é constituída pelas cores preta e laranja. O símbolo do aplicativo está na barra inferior, acima do nome “Buscar”. A simbologia remete a uma máscara laranja, que sugere que o sujeito-usuário, pelo aplicativo, pode se manter escondido, sem que conheçam a sua identidade, o que corrobora com muitos sujeitos que, ao inserirem suas fotos, apagam seus rostos para que as suas identidades sejam preservadas.

Percebo, com esta primeira leitura sobre a estrutura do aplicativo, que a sua tela principal convida o sujeito-usuário à interação, à busca por entender os modos de interlocução com outros sujeitos pela máquina. Ao oferecer possibilidades ao sujeito-usuário, a programação dá condições para que o sujeito escolha, entre 149 perfis, aquele ou aqueles com que deseja conversar e, se for o caso, ter uma relação sexual.

Figura 5 - Tela secundária do *Grindr*: Caixa de Entrada



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na segunda janela do aplicativo, a janela “Caixa de Entrada”, em sua primeira aba, “Mensagens”, ficam listadas em ordem cronológica decrescente as conversas abertas com os demais sujeitos. Para iniciar a conversa, dentro dos 99 perfis disponibilizados pela versão gratuita, não há nenhuma restrição, precisando apenas abrir o perfil, clicar no ícone de mensagens e enviá-la. A mensagem, como em outras mídias sociais digitais, pode ser uma textualidade linguística, uma imagem, um vídeo ou uma mensagem de voz. Nas conversas com um perfil, ainda é possível que os sujeitos possam fazer chamadas de vídeo, como no *Instagram* ou no *WhatsApp*. Além das mensagens com outros sujeitos, regularmente o *Grindr* envia mensagens automáticas para todos os sujeitos, que indicam atualizações feitas pelo aplicativo para que o sujeito adira ao uso dessa nova funcionalidade. Essas mensagens enviadas pelo

aplicativo ficam fixadas no *chat*, ocupando o topo da aba de mensagens, de forma que a linearidade temporal das mensagens é quebrada por uma necessidade da máquina em apresentar suas novidades.

Na segunda aba da janela “Caixa de Entrada”, está a aba “Taps”, que, em tradução livre do inglês para o português, significa “Toques”. Os “taps”, como me refiro daqui em diante, são uma outra forma de interação do sujeito com a máquina que não seja necessariamente o envio de mensagens. Em uma comparação, no *Facebook*, havia a ação de “cutucar” alguém. No *Grindr*, os *taps* podem ser três: i) um *emoji* de “demônio”; ii) um *emoji* de biscoito; iii) um *emoji* de fogo. Cada *tap* representa, em termos de interação com a máquina, diferentes gestos de interlocução. No *site*¹⁷ do *Grindr*, afirma-se que o primeiro *tap* significaria “a ver” ou “vendo você”; o segundo, contraditoriamente, não está presente em seu *site*, o que produz, enquanto efeito de sentido, uma falha na atualização entre aplicativo e *site*. Na evidência do sentido, o “biscoito” significaria “dar um biscoito”, “dar atenção” a alguém, valorizando sua aparência física, desejando esse sujeito. O terceiro representaria, de forma mais direta, que o sujeito que envia o *tap* deseja sexualmente a quem o envia.

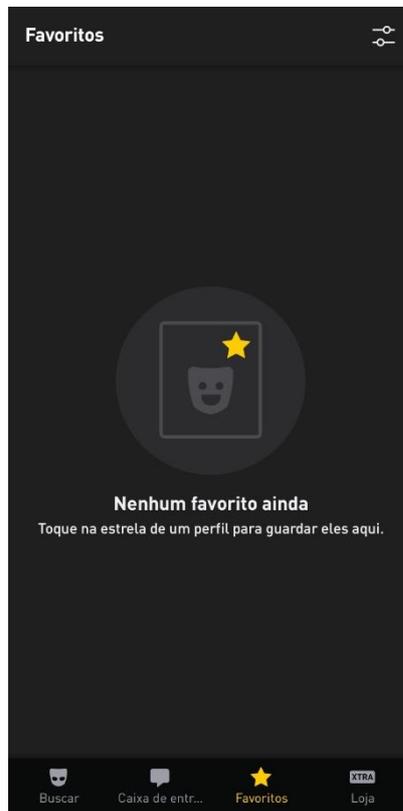
Assim como na aba de mensagens, os *taps* também ficam ordenados em uma cronologia decrescente, todavia, se um sujeito uma vez deu um *tap* a outro, a máquina não o impede de enviar novamente. Assim, na lista de *taps*, podem estar diferentes *taps* de um mesmo sujeito. Ainda, no *site* do *Grindr*, está o *tap* “Hi” (olá), que, em função das atualizações do aplicativo, foi removido como possibilidade, ainda que permaneça no *site* como uma possibilidade de interlocução entre sujeitos.

Na terceira aba, “Álbuns”, trata-se de uma recente atualização do aplicativo, em que os sujeitos-usuários podem criar álbuns de fotos privadas, as quais não desejam colocar em seu perfil principal e público. Esses álbuns só podem ser acessados mediante a solicitação de um sujeito e posterior aprovação, o que, a qualquer momento, pode ser revogado pelo sujeito que cria o álbum. Entendo essa atualização como uma reorganização do aplicativo, dado que, antes, fotos que não fossem as do perfil ficavam armazenadas numa espécie de galeria do aplicativo. Essa galeria se constituía de imagens enviadas em outras conversas que eram (e ainda são) mantidas naquele espaço. Hoje, é possível criar álbuns. A título de exemplo, ao clicar em um perfil e deslizar por suas fotos, se o sujeito-usuário tiver criado um álbum, ao final das fotos, aparecerá “Álbum”, cujo acesso deverá ser solicitado. Essa atualização, na leitura que faço do *Grindr*, buscaria incitar os demais sujeitos-usuários à curiosidade de ver mais fotos daquele

¹⁷ Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/pt/articles/1500008659062-Tap-that-Profile>. Acesso em: 18 jun. 2022.

perfil e ficar na expectativa de aprovação. Ficando mais tempo *on-line* no aplicativo, além de poder “acumular” outras conversas, outros *taps*, o aplicativo continua na recolha de dados pessoais que possam servir de base para a proposição de outras atualizações.

Figura 6 - Tela terciária do *Grindr*: Favoritos



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

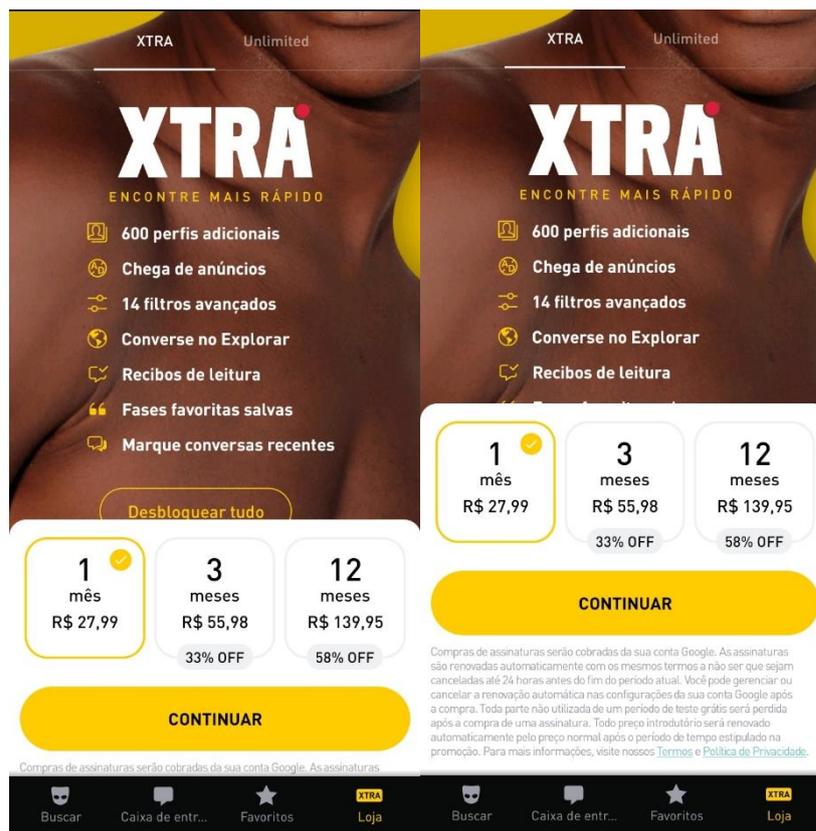
Já a terceira janela do *Grindr* é reservada para a marcação de favoritos. Marcar algum usuário como favorito consiste em “separá-lo” em outra janela, que seria de acesso mais rápido ao sujeito-usuário. Assim, uma vez que as relação na/pela *internet* se dão pela rapidez, abrir uma janela para favoritos contribui para a aceleração do processo. Ou seja, considerando que os sujeitos podem sair outras vezes, marcar como favorito daria celeridade ao gesto de iniciar a conversa. Marcar alguém como favorito, para além da facilitação da conversa, pode deslizar o sentido para acompanhar outro sujeito, ainda que não se inicie uma conversa com ele.

Assim, marcando como favorito, gesto do qual o sujeito interlocutor não é notificado, o sujeito-usuário pode acompanhar, de forma mais próxima, a movimentação de entrada e saída do outro sujeito no aplicativo, observar se ele insere novas fotos, mesmo que esse sujeito não esteja dentro do raio dos 99 usuários próximos. É como inserir um espécie de rastreo. Curioso notar que, na simbologia, o aplicativo sugere a tela de um usuário, mas, como este usuário não

está favoritado, é utilizada a máscara que dá forma à identidade visual do aplicativo, uma máscara que, diferentemente do “Buscar”, sorri.

Nesse sentido, entendo que o sujeito, além da autopromoção por meio da marca, sugere que o sujeito que ali poderá ser “guardado”, utilizando o verbo do enunciado, também seria um sujeito que, pelo apagamento do seu rosto, se esconderia por detrás dessa máscara, que posso entender como a própria tecnologia. Desse modo, a máscara, deslizando para o sentido da tecnologia, daria possibilidades de o sujeito esconder-se; assim, produz-se o efeito de que o sujeito pode, através da tecnologia, se manter no anonimato, mesmo que seus dados sejam captados a cada movimentação na rede. Assim, anonimato para quem? Para a máquina, a individualidade do sujeito é, a cada momento, mais assimilada pelos sistemas algorítmicos. Para o sujeito, ele controlaria os sentidos que se produzem sobre o seu anonimato.

Figura 7 - Tela Quaternária do *Grindr* 1: Loja | XTRA



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na quarta janela do *Grindr*, e última na página principal, de título “Loja”, estão as ofertas para a atualização do aplicativo para as versões pagas, a primeira delas, a *XTRA*. De acordo com o *card* de divulgação, o *Grindr XTRA* tem benefícios que a versão gratuita não dispõe, como “600 perfis adicionais”. Ou seja, para além dos 99 disponíveis na versão gratuita,

o sujeito-usuário poderia ter acesso a mais 600 perfis, totalizando 699 perfis disponíveis para entrar em contato. Assim, acumulando possibilidades de interlocução. Em segundo lugar, “chega de anúncios”. Durante o uso do *Grindr* na versão gratuita, não é difícil, à medida que se abre perfis e navega pelo aplicativo, propagandas abrirem na tela, cujo fechamento só se dá após determinado tempo. Em algumas propagandas, é preciso esperar mais de 15 segundos para, finalmente, ficar visível o local para fechar a propaganda e usar o aplicativo. Com essa oferta ao sujeito-usuário, é criada uma evidência de que, então, não haverá mais propagandas aparecendo em sua tela. Contudo, cabe aqui perguntar: assim, a janela “Loja” não faria mais parte da interface do aplicativo? Certamente, posso responder que não, principalmente porque há uma outra oferta e também porque as ofertas da *Loja* são temporárias, ou seja, é preciso renovar a assinatura de acordo com o pacote que for assinado.

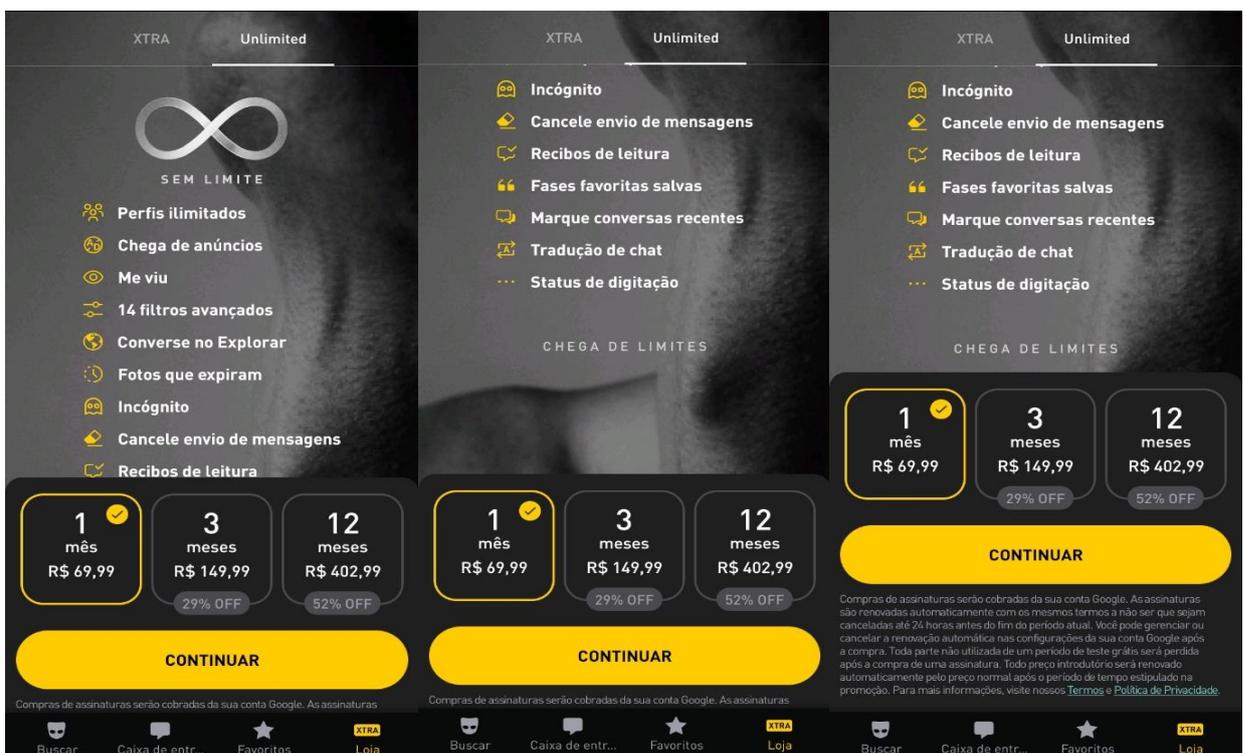
Em seguida, “14 filtros avançados”, que são filtros de pesquisa de perfis, na página inicial, o que analiso mais à frente no trabalho. Com os filtros, o sujeito poderia encontrar com maior facilidade e, ressaltado, rapidez os perfis que melhor correspondam às suas expectativas momentâneas. Após isso, “Converse no Explorar”, remetendo à terceira aba da primeira janela do *Grindr*, na qual o sujeito pode ir, simbolicamente, para onde desejar no mundo, contudo não pode conversar, nem sequer dar algum *tap*. Assim, com essa funcionalidade, o sujeito-usuário poderia expandir as suas possibilidades. Também com a assinatura do *XTRA*, o sujeito pode receber a confirmação de leitura, com os “Recibos de leitura”, ferramenta que faz parte da maioria das redes sociais, como o *WhatsApp*, que, para sujeitos-usuários que não bloquearam a função, fica um símbolo azul após a mensagem ser visualizada. Com essa funcionalidade, o sujeito-usuário poderia saber quando o seu interlocutor leu a sua mensagem e, se desejar, questionar por que não foi respondido.

Para finalizar o pacote *XTRA*, estão as funções: i) frases favoritas salvas; ii) marque conversas recentes. No que diz respeito à primeira, trata-se do gesto de salvar enunciados para apenas clicar neles e enviar como mensagem a qualquer outro sujeito. Desse modo, uma automatização do diálogo, de forma que há uma aceleração da conversa. Quanto mais rápido, mais se poderia, então, saber sobre o outro, para conversar e sair ou para descartá-lo. Ao final, “Desbloquear tudo”, para o sujeito obter alguma das assinaturas. Essas, de acordo com a plataforma, podem ser três. A primeira, durando 1 mês, custa R\$ 27,99. A segunda, durando 3 meses, custa R\$ 55,98, com um desconto de 33%. A terceira, durando 1 ano, custa R\$ 139,95, com um desconto de 58%. Ao realizar as suas ofertas, o aplicativo sugere que os pacotes de 3 meses e de 1 ano são mais benéficos ao sujeito, uma vez que há, na assinatura, descontos inclusos. Em um cálculo rápido, se o sujeito pagasse 2 meses com o valor R\$ 27,99, pagaria R\$

55,98, exatamente o valor da assinatura de 3 meses. Se pagasse 5 meses o valor mensal, pagaria R\$ 139,95, que coincide com o valor anual. Desse modo, ao jogar com este cálculo, o aplicativo põe em tensão o imaginário de que, se se deseja consumir mais o aplicativo e suas funcionalidades, é claro, na evidência do sentido, que o sujeito preferiria pagar R\$ 139,95 pelo pacote anual do que, a cada mês ou a cada trimestre, renovar a sua assinatura, o que o faria gastar ainda mais dinheiro com o aplicativo. Em “Marque conversas recentes”, sugere-se o efeito de que, com a assinatura, o sujeito-usuário, além de favoritar os usuários que desejar em seu uso da versão gratuita, poderá fixar conversas na aba de conversas na janela caixa de entrada, facilitando e acelerando o seu uso do aplicativo.

Como imagem de fundo da propaganda, há a imagem, segmentada, de um corpo masculino. Nela, é possível enxergarmos apenas até o queixo e parte de seu tórax. Ao associar essa imagem com a oferta da versão *XTRA*, o aplicativo trabalha com um imaginário do corpo-projeto, sobre o qual escrevi no capítulo anterior, bem como sugere o efeito de que, caso assine, poderá conhecer homens como este da imagem, com um corpo padrão, alterado pela academia. Assim, incita o sujeito-usuário ainda mais à compra, à adesão desta assinatura, que, por si só, não garante que sujeitos parecidos com o da propaganda, em vias de fato, apareçam para o sujeito-usuário do aplicativo.

Figura 8 – Tela Quaternária do *Grindr 2: Loja | Unlimited*



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

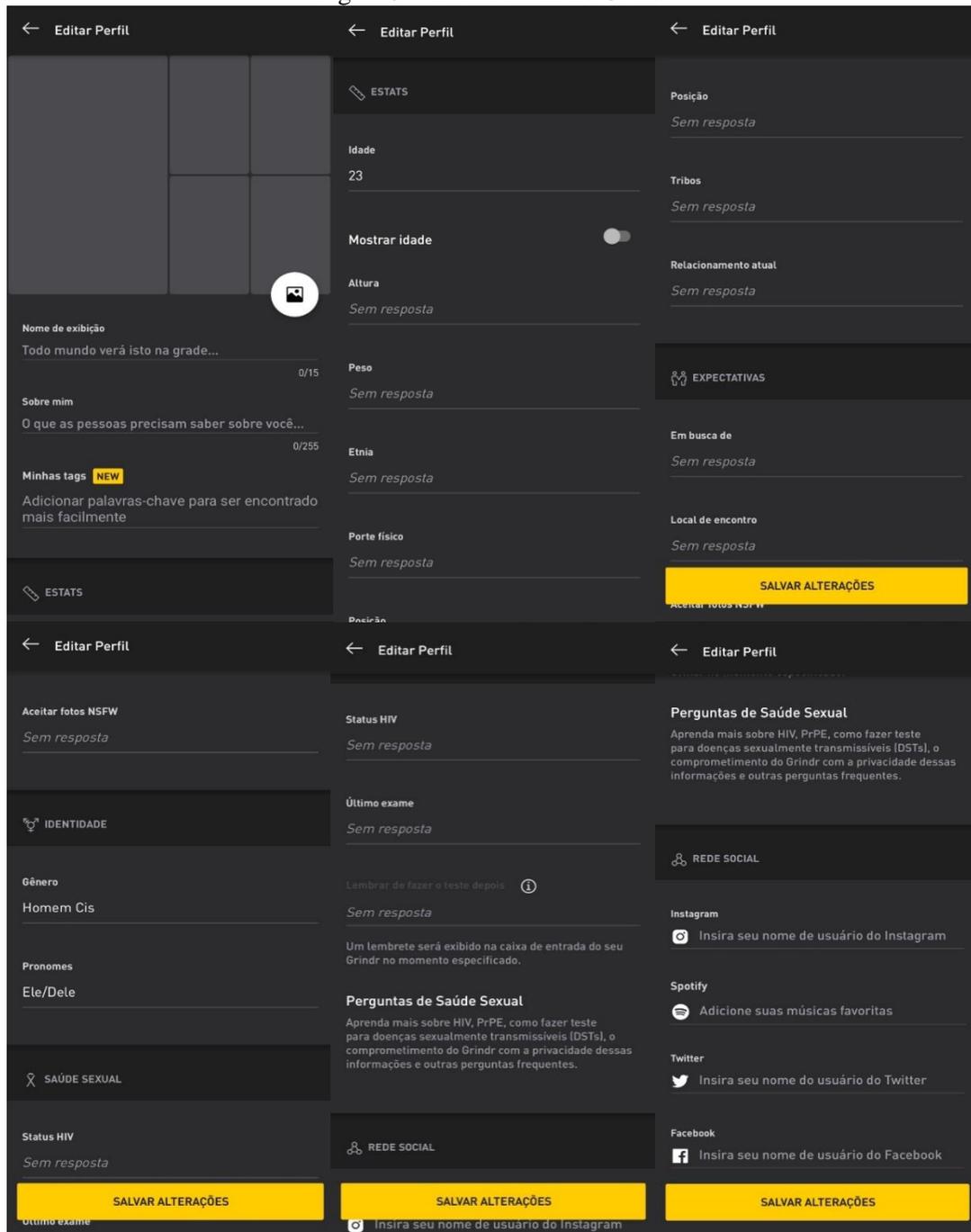
Ao arrastar a tela para o lado, o aplicativo apresenta mais uma oferta de assinatura, dessa vez a *Unlimited*. Em tradução livre, ilimitado ou ilimitada. Além das funcionalidades já oferecidas pela assinatura do *XTRA*, como “Chega de anúncios”, “14 filtros avançados”, “Converse no Explorar”, “Recibos de leitura” e “Marque conversas recentes”, o aplicativo indica outras “vantagens” de realizar a assinatura. A primeira delas, “Perfis ilimitados”, ou seja, além dos 99 da versão gratuita e dos mais 600 da versão *XTRA*, no *Unlimited*, os sujeitos poderiam abrir os perfis, enviar *taps* e mensagens quando desejarem para qualquer outro usuário registrado no aplicativo, já que seria ilimitado. Depois, “Me viu”, que auxiliaria o sujeito-usuário a saber quem visualizou o seu perfil e, conseqüentemente, se houver interesse, enviar alguma mensagem ou *tap* para este sujeito. Em “Fotos que expiram”, é facultado, ao sujeito-usuário, poder enviar fotos com uma única visualização de poucos segundos para que o seu interlocutor não possa printar a foto ou que essa foto fique salva no *chat*. Essa função da foto com visualização única, por outro lado, é permitida pelo *Instagram* de forma gratuita.

Com o “Incógnito”, o aplicativo permite que o sujeito-usuário, quando ativar esta função, possa visualizar outros perfis, sem que ele apareça na lista de visualizadores, nem apareça como *on-line*. Assim, o anonimato que já circula pelo aplicativo mostra-se agora por uma via mais “refinada”, dando condições para que o sujeito-usuário não deixe seus rastros de visualização para outros sujeitos-usuários, ainda que a máquina continue cooptando seus dados e seus rastros de forma simultânea ao seu uso. Em “Cancele o envio de mensagens”, o aplicativo apresenta, por meio de um verbo no imperativo, a possibilidade de mensagens enviadas serem canceladas para que o interlocutor não possa as ler, sem que precise justificar por qual razão o fez, ou que fique algum rastro do apagamento, como no *WhatsApp*, que deixa escrito “Mensagem Apagada”.

Ainda no que diz respeito ao *chat* de conversas, duas últimas funcionalidades: i) tradução de *chat*; ii) *status* de digitação. No primeiro, entendo que essa função torna-se possível uma vez que o Explorar, desde a versão *XTRA*, é liberado para iniciar conversas. Assim, podendo “iniciar a conversa” com qualquer outro sujeito do mundo, o aplicativo, que constantemente se atualiza, apresenta a tradução do *chat* como uma possibilidade de interlocução entre sujeitos que tenham diferentes línguas maternas. Cabe, no entanto, questionar: a tradução seria uma tradução que consideraria, por exemplo, questões culturais, gírias, entre outras particularidades linguísticas, ou seria uma tradução automática, que trabalha os sentidos de forma dominante e que, em muitas ocasiões, tende a um equívoco de tradução já que não considera o contexto situacional e as condições de produção? Para finalizar, oferece a

função de *status* de digitação, que mostraria ao sujeito assinante da versão *Unlimited* quando o sujeito-usuário começa a escrever uma mensagem, como também *Instagram* e *WhatsApp* notificam essa escrita ao usuário.

Tratando de valores, o aplicativo exhibe, como na versão *XTRA*, 3 opções de assinaturas. A primeira, durante 1 mês, custa R\$ 69,99, mais do que o dobro da versão *XTRA*. A segunda, durante 3 meses, custa R\$ 149,99, pouco menos que o triplo do *XTRA* na oferta trimestral. A terceira, durante 1 ano, custa R\$ 402,99, quase o triplo do mesmo período no *XTRA*. Com uma oferta maior de possibilidades, o aplicativo apela para a nomeação *Unlimited* para marcar que, nessa versão, não há os limites da versão gratuita e da versão *XTRA*, os quais não são apresentados em nenhum momento da interação com o aplicativo. Esse efeito de sentido sustenta-se pelo uso de “Chega de limites”, que joga com efeitos distintos: os limites no uso do aplicativo e os limites sexuais, já que, na imagem de fundo, há um pescoço masculino, mostrando até parte do queixo, em coloração preto e branca, em oposição às cores marcadas na análise anterior; até mesmo as cores de constituição da propaganda. Na anterior, branco, laranja e escrita preta. Nessa, fundo preto, escrita branca e detalhes laranjas.

Figura 9 – Editar Perfil no *Grindr*

Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Nesse conjunto de imagens, estão as telas que permitem ao sujeito editar o seu perfil, dentro da versão gratuita. Alerto que as categorias apresentadas aqui serão melhor discutidas nas análises seguintes. De início, as configurações de edição do aplicativo apresentam o lugar onde as fotos poderão ser inseridas, limitando-as a cinco fotos, sem considerar o(s) álbum(ns) que o sujeito-usuário pode criar para inserir mais fotos. Entendo, nesse primeiro momento, que esse limite de inserção de fotografias, associado à possibilidade da criação de álbuns, conduz o

sujeito a querer criar um álbum já que cinco fotos não seriam suficientes para a sua apresentação no aplicativo. Em seguida, o aplicativo exibe o lugar onde o sujeito *pode*, mas *não deve obrigatoriamente* inserir um nome. O nome, nesse caso, analisando os perfis, comumente não é o nome próprio do sujeito, e sim criações que falem de alguma característica física dele ou de algo que ele busca sexualmente, como visto no primeiro capítulo. Após isso, temos o “Sobre mim”, espaço no qual o sujeito-usuário, também não obrigatoriamente, pode inserir informações sobre si, o que fica a seu critério. “Minhas tags” refere-se a uma atualização recente do aplicativo, que abordo em análise mais à frente. Nessas *tags*, o sujeito-usuário pode inserir palavras-chave que remetam a características suas, a grupos dos quais ele faz parte ou a prioridades que ele estabelece para ter uma conversa e uma relação com outro sujeito.

Passando para a categoria “Estats”, que pode ser traduzido como “Propriedades”, o sujeito pode inserir a sua idade, peso (quantidade de massa corporal), altura, qual a sua posição sexual, por meio de opções apresentadas pelo aplicativo, as tribos, isto é, os “grupos” dos quais faz parte, não no sentido de grupos/movimentos sociais, bem como seu status de relacionamento amoroso atualmente. Todas essas propriedades a serem preenchidas são com opções limitadas pelo aplicativo. Em “Expectativas”, o sujeito-usuário poderá inserir, em “Em busca de”, o que espera do/no aplicativo, o local de encontro ideal para ele e se aceita ou não o envio de fotos que contenham nudez, por meio da categoria “Aceitar fotos NSFW”. NSFW, de acordo o *site* Significados (2022)¹⁸, significa “Not safe for work” (Não seguro para o trabalho, em tradução livre), que indica se o sujeito quer ou não receber fotos de nudez naquele momento.

Em “Identidade”, o sujeito-usuário poderá marcar qual a sua identidade de gênero, com opções apresentadas pelo aplicativo, bem como indicar por quais pronomes deseja ser tratado. Essa macrocategoria dentro do aplicativo, me parece, retoma a memória do discurso de pessoas transgênero que batalham pelo reconhecimento de suas identidades de gênero e o uso adequado de seus pronomes. Esse preenchimento também é feito a partir de sugestões do próprio aplicativo de pronomes e de identidades de gênero.

Na macrocategoria seguinte, “Saúde Sexual”, há três espaços com diferentes indicações. A primeira é Status HIV, em que o sujeito pode, caso deseje indicar se tem *status* positivo. Em seguida, “Último exame”, que se refere à data, com mês e ano, em que o sujeito realizou o último exame que pudesse detectar o HIV. Por último, “Lembrar de fazer o teste depois”, que, pela tonalidade da cor da escrita, parece-me ser uma subcategoria de “Último exame”, caso o sujeito tenha preenchido esta categoria. Nessa macrocategoria de Saúde Sexual, o *Grindr*

¹⁸ Disponível em: <https://www.significados.com.br/nsfw/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

restringe o sintagma “saúde sexual” apenas ao HIV, de modo que, nessa formulação, outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), como gonorreia, clamídia, herpes genital, entre outras ISTs, não entram para o que o *Grindr* entende como saúde sexual.

Abaixo dessas indicações sobre o *status* e a testagem, há uma observação sobre “Perguntas de Saúde Sexual”, no qual se menciona unicamente o HIV, referindo-se ao vírus como uma Doença Sexualmente Transmissível (DST), nomenclatura que foi revogada pelo Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis em 2016¹⁹, adotando IST como a expressão mais adequada. Ademais, alerta sobre o PEP, a Profilaxia Pós-Exposição, tratamento indicado para sujeitos que foram possivelmente expostos ao vírus do HIV como forma de prevenir a infecção e desenvolvimento do vírus no organismo.

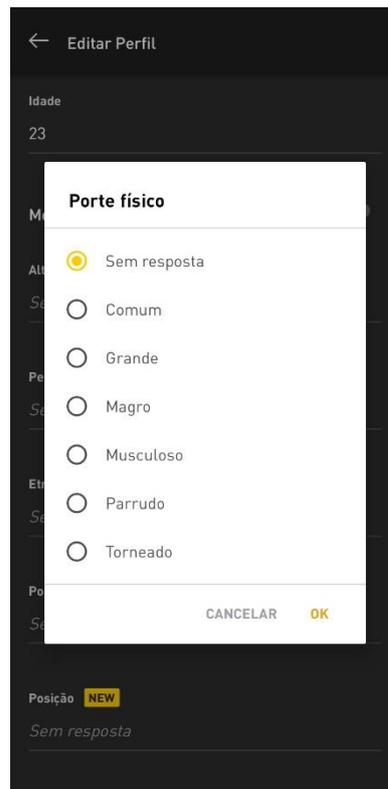
Ao final das configurações de edição, o aplicativo expõe quatro possibilidades de vinculação às redes sociais. Nelas, os sujeitos-usuários podem inserir seu perfil no *Instagram*, suas músicas do *Spotify*, aplicativo de músicas e *podcasts*, seu nome de usuário no *Twitter* e seu perfil no *Facebook*. Desse modo, ainda que o *Grindr* não dependa de redes sociais outras para existir e funcionar, oferece ao sujeito-usuário a perspectiva de vincular seu perfil aos seus outros perfis em outras mídias digitais, de forma que um sujeito que se interesse pelo seu perfil possa encontrá-lo nas redes sociais.

¹⁹ Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Figura 10 – Editar Perfil no *Grindr*: Etnia

Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Dentro das categorias de edição do perfil, ao clicar em cada uma delas, o aplicativo mostra uma série de possibilidades de escolha. Nessa primeira, a de Etnia, disponibiliza oito etnias para a escolha do sujeito, ou, caso a sua não esteja dentre essas, o sujeito-usuário pode marcar a opção “Outro”. Contudo, ao marcar essa opção, o sujeito-usuário não pode dizer qual a sua etnia, de modo que, contrapondo-se às demais etnias que conseguem ser identificadas nominalmente, ainda que de forma generalista, o “outro” fica atado ao não nomeado, ao silenciado, ao resto que o aplicativo designa de “outro”. Ainda assim, caso deseje, o sujeito-usuário pode não preencher esta categoria ao selecionar “Sem resposta”. Com essa opção, ao abrir o perfil de um usuário, não aparecerá nenhuma informação a respeito da etnia, mostrando, pela ausência da linguagem, pela falta, que ali, ou não houve abertura do aplicativo para nomear outras etnias, ou uma ausência do desejo de identificar a sua etnia.

Figura 11 – Editar Perfil no *Grindr*: Porte Físico

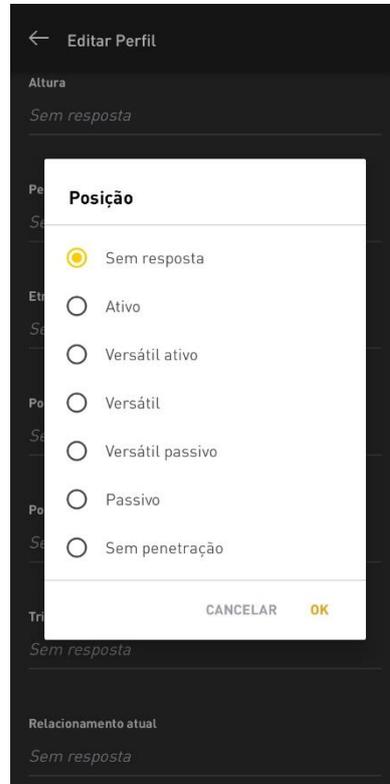
Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Em “Porte físico”, o aplicativo apresenta seis opções de marcação de porte físico, sendo que apenas uma delas pode ser preenchida, como também no anterior. Nessa figura, são sugeridos “Comum”, “Grande”, “Magro”, “Musculoso”, “Parrudo” e “Torneado”. Em termos de efeito de sentido, o que seria um porte físico “comum”? Quais sentidos trabalham em torno dessa designação, especialmente por o *Grindr* ter um público que reproduz o discurso, na materialidade do corpo, do corpo-projeto, que responde ao imaginário do que é um corpo esperado pela formação social em seu efeito dominante. Nas demais designações, atento para “Parrudo”, que se refere à configuração do corpo gordo. Por que, em um aplicativo de relacionamento, prefere-se usar a designação “Parrudo” em vez de “Gordo”? Por que se usa “Magro”, mas não “Gordo”. Posso analisar essa deslizamento de “Gordo” para “Parrudo” tendo em vista que, em nossa formação social, o corpo gordo é taxado como anormal, que precisa da intervenção médica, e entendido como um corpo doente. Assim, “Parrudo” não significaria “Gordo”, mas sim uma pessoa que é, agora utilizando um eufemismo comum em nossa formação social, “mais forte”.

Ainda, há uma diferenciação entre Torneado e Musculoso. Assim, pensando na ausência de “Gordo”, o *Grindr* propõe três designações possíveis para corpos não-gordos: i) Magro; ii) Musculoso; iii) Torneado. Assim, entendo que a leitura do aplicativo e de seus programadores

sobre os corpos que compõem a nossa sociedade é de que há mais heterogeneidade em corpos não gordos do que em corpos gordos, os quais são reduzidos apenas a “Parrudo”.

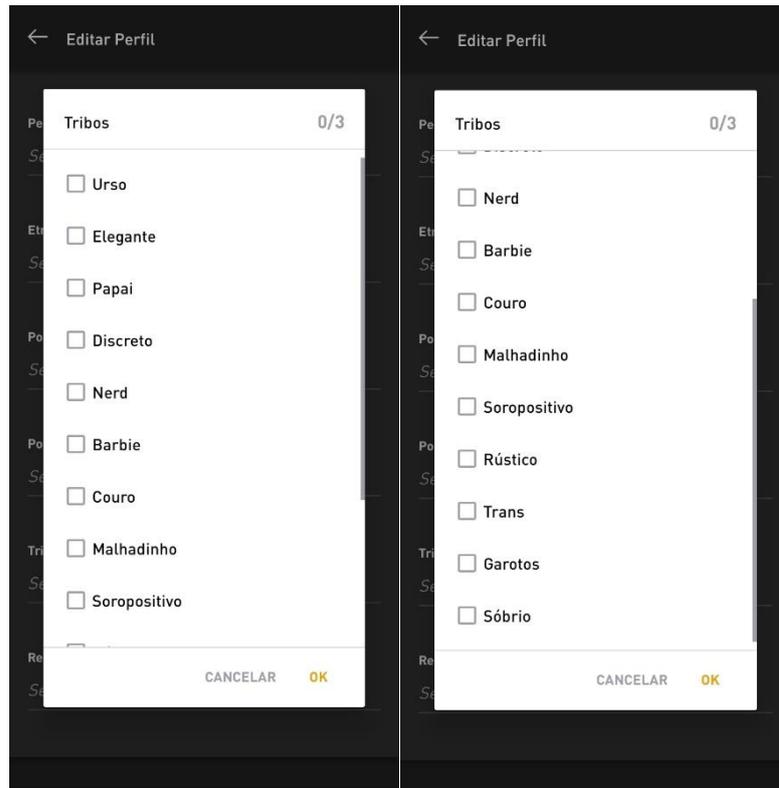
Figura 12 – Editar Perfil no *Grindr*: Posição



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na categoria seguinte, são apresentadas as posições sexuais com as quais os sujeitos-usuários se identificam, ou não se identificam, já que a última opção é “Sem penetração” e as demais pressupõem uma penetração. Aqueles que se identificam como “Ativos” são os que realizam a penetração, os “Passivos” que recebem a penetração. Ainda assim, o aplicativo considera identificações de posições sexuais intermediárias: versátil, versátil ativo e versátil passivo. Os versáteis comportam-se sexualmente tanto como ativos, quanto como passivos, não demonstrando nenhuma preferência. Já os versáteis ativos comportam-se como ativos, contudo, eventualmente, têm práticas sexuais passivas; e os versáteis passivos o oposto: comportam-se como passivos e eventualmente têm práticas sexuais ativas.

Com essa alternativa de preenchimento, o aplicativo possibilita uma maior rapidez no estabelecimento dos diálogos, sobretudo se este diálogo evoluir para um encontro presencial e, depois, para o sexo. Desse modo, as conversas seriam dotadas de “objetividade” e poucas trocas dialogais, de modo que o acúmulo de muitas informações sobre o outro, de maneira hierarquizada no perfil, ajudaria a filtrar quem se deseja e quem se deve passar o perfil.

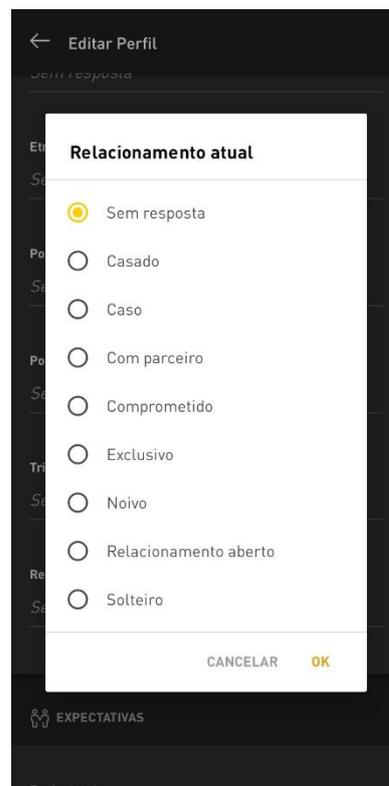
Figura 13 – Editar Perfil no *Grindr*: Tribos

Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na categoria Tribos, o aplicativo oferece uma forma de “complemento” do porte físico, em que o sujeito-usuário pode escolher até 3 outras características. Dentre elas: i) Urso (homens gordos e, normalmente, com muitos pelos corporais); ii) Elegante (sujeito que se porte de forma “elegante”, isto é, com uma aparência mais polida de acordo com padrões historicamente impostos); iii) Papai (homem que seja mais velho, correspondendo, então, ao imaginário do que é ser “pai”, no sentido da aparência física); iv) Discreto (homem, comumente, esconde a sua sexualidade não normativa); v) Nerd (sujeito que corresponde ao imaginário de um sujeito inteligente nos termos escolares/acadêmicos); vi) Barbie (nomenclatura comum no meio LGBTQIAP+ para designar homens gays que são praticantes frequentes da academia) ; vii) Couro (sujeitos que são adeptos de roupas feitas com couro, voltadas à prática de Bondage, Dominação e Sadomasoquismo (BDSM)); viii) Malhadinho (sujeito que não é nem considerado magro e nem musculoso); ix) Soropositivo (sujeito com status HIV positivo, mesmo que não detectável); x) Rústico (sujeito que performa virilidade); xi) Trans (sujeitos não identificados com uma identidade de gênero normativa); xii) Garotos (sujeito ainda próximo da idade mínima para a maioria, que também são chamados de “novinhos”); xiii) Sóbrio (pessoa que se comporte de maneira mais séria).

Com o objetivo de complementar as informações sobre o sujeito-usuário, este pode, à medida que projeta imaginários sobre si, preencher características nas quais acredita se enquadrar. Nessa categoria, diferentemente das demais, o sujeito-usuário pode escolher mais de uma opção, de modo que teria, sob efeito ideológico, mais liberdade para falar sobre si, apontando características físicas que pudessem atrair a atenção de outros sujeitos-usuários do aplicativo.

Figura 14 – Editar Perfil no *Grindr*: Relacionamento Atual



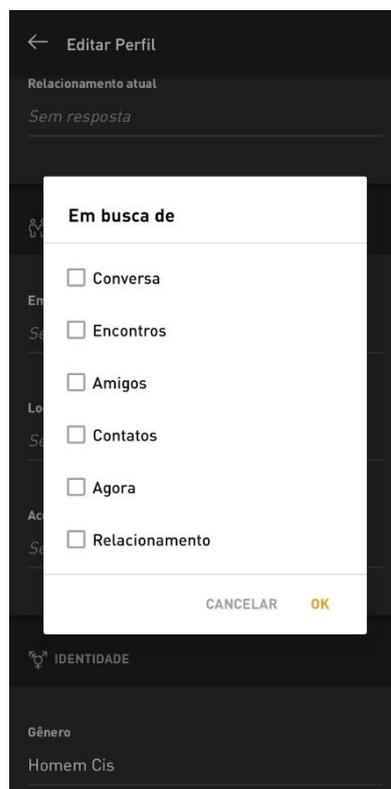
Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

No espaço reservado para o preenchimento do status de relacionamento amoroso, podendo ser “casado” (com algum homem, alguma mulher, ou outra identidade de gênero), “caso” (relacionamento amoroso regular que não se constitui como um relacionamento sério, isto é, não há o estabelecimento de compromissos), “com parceiro”, que funciona quase que de maneira parafrástica a “caso”, “comprometido”, que, em minha leitura, englobaria relacionamentos fixos, “exclusivo”, que remeteria ao sujeito que mantém unicamente relações sexuais com outro sujeito, com quem tenha um relacionamento ou não, mesmo que, para o uso do aplicativo, isso pareça contraditório, “noivo”, sujeito que tem um relacionamento sério, seja com algum homem, com alguma mulher, ou outra identificação de gênero, “relacionamento

aberto”, relativo a pessoas que, em comum acordo, têm um relacionamento sério, no qual podem se relacionar amorosa e/ou sexualmente com outras pessoas, e “solteiro”, referente àquele que não tem relacionamento algum com outro sujeito.

Nessa distinção, a programação do aplicativo busca, à medida que os sujeitos têm movimentos de interlocução pelo aplicativo, apontar uma característica relativa ao *status* amoroso com quem se conversa, produzindo um efeito de sentido de que, ao preencher essa categoria, se deixa “claro” aos demais qual é a sua situação naquele momento.

Figura 15 – Editar Perfil no *Grindr*: Em busca de

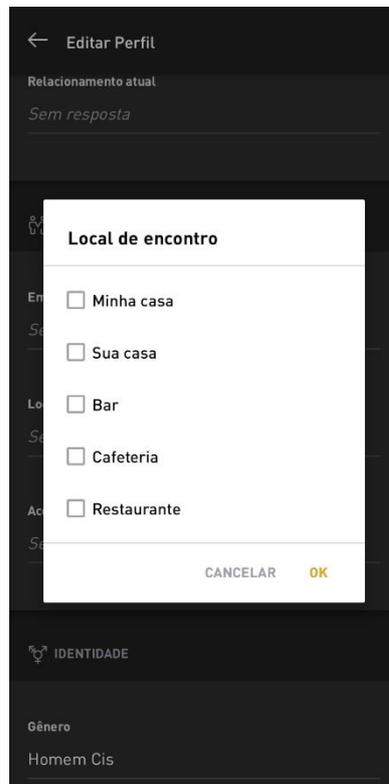


Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Iniciando a macrocategoria “Expectativas”, “Em busca de” sinaliza para qual o objetivo da entrada do sujeito-usuário no aplicativo. Destaco, dentre os objetivos, os quais não têm um limite de marcação, o uso de “Agora”, que aparece no perfil 1, no capítulo anterior. Discursivamente, o uso de “Agora” como opção da categoria “Em busca de” no *Grindr* sugere um efeito de que o desejo pela prática sexual é agora, ou seja, caso haja algum sujeito interessado, os sujeitos-usuários se encontrarão logo após iniciar a conversa, normalmente já marcando um local de encontro para que possam se relacionar. Além de outros significante que já destaquei nessa dissertação, “Agora” é mais um desses que salienta a rapidez como uma característica das relações sociais por meio de aplicativos de relacionamento como o *Grindr*.

Além desse imediatismo do Agora, há também “Conversas”, “Encontros” (não com fins sexuais), “Amigos”, para o desenvolvimento de amizades, “Contatos”, para manter um contato a fim de alguma relação sexual e/ou afetiva no futuro e “Relacionamentos” para aqueles que desejam, com o *Grindr*, desenvolver um relacionamento amoroso. Sobre este último, importante destacar que, em nossa sociedade, circula um imaginário de que o *Grindr* não é um espaço adequado, dentre os aplicativos de relacionamento, para buscar um relacionamento amoroso, uma vez que se entende que todos os sujeitos-usuários nele cadastrados buscam unicamente se relacionar sexualmente. É comum ouvir que o aplicativo “ideal” para a busca de um relacionamento, com o intermédio da *internet*, seria o *Tinder*, já que se trata de um aplicativo mais “polido” do que os demais.

Figura 16 – Editar Perfil no *Grindr*: Local de Encontro



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Ainda em “Expectativas”, tem-se a categoria “Local de encontro”, que diz respeito a onde os sujeitos esperam poder encontrar seus parceiros em caso de um encontro, cujas opções são “Minha casa”, “Sua casa”, “Bar”, “Cafeteria” e “Restaurante”. Em relação às duas primeiras, é comum que, em aplicativos como o *Grindr*, os sujeitos, ao iniciarem conversas com objetivo sexual perguntando “Tem local?”. A expressão interrogativa, hoje, é característica

dos aplicativos homoeróticos para dar rapidez àquilo que se espera, já que, se nenhum dos dois “tiver local”, caso procurem sexo, a conversa termina antes de se desenvolver mais.

Ao comparar os dois primeiros aos três últimos, percebo que há, pela ordenação do aplicativo, uma sobreposição de lugares privados (minha ou sua casa) em relação a lugares de encontro público, como bares, cafeterias e restaurantes. Entendo, nessa direção, que o aplicativo, ao não colocar em ordem alfabética, o faz por alguma razão, a qual entendo ser a condução para que o sujeito-usuário se relacione sexualmente com outro sujeito, e não apenas o encontre para conversar. Considerando a natureza do aplicativo, que busca facilitar relações sexuais entre sujeitos-usuários, não seria interessante à empresa, por exemplo, que o sujeito-usuário desinstale o aplicativo por ter começado um relacionamento sério, a não ser que este seja um relacionamento aberto ou que aceite outros parceiros sexuais.

Nesse sentido, ao buscar a garantia de permanência do sujeito-usuário, o aplicativo é programado de modo que as opções de edição de perfil o façam entender que ele pode permanecer como sujeito-usuário em qualquer outra condição, inclusive se for casado, já que, na Figura anteriormente discutida, “Relacionamento aberto” e “Casado” ocupam preenchimentos diferentes, ou seja, funciona o efeito de que um casamento não pode ser um relacionamento aberto, podendo, na categoria Local de Encontro, ser marcada mais de uma opção. Ainda assim, o aplicativo oferece a possibilidade de um sujeito-usuário casado poder identificar seu relacionamento amoroso atual, de forma que ele também possa, por via do aplicativo, conhecer, sair com outros sujeitos, se relacionar sexualmente, criar outros vínculos amorosos, *etc.*

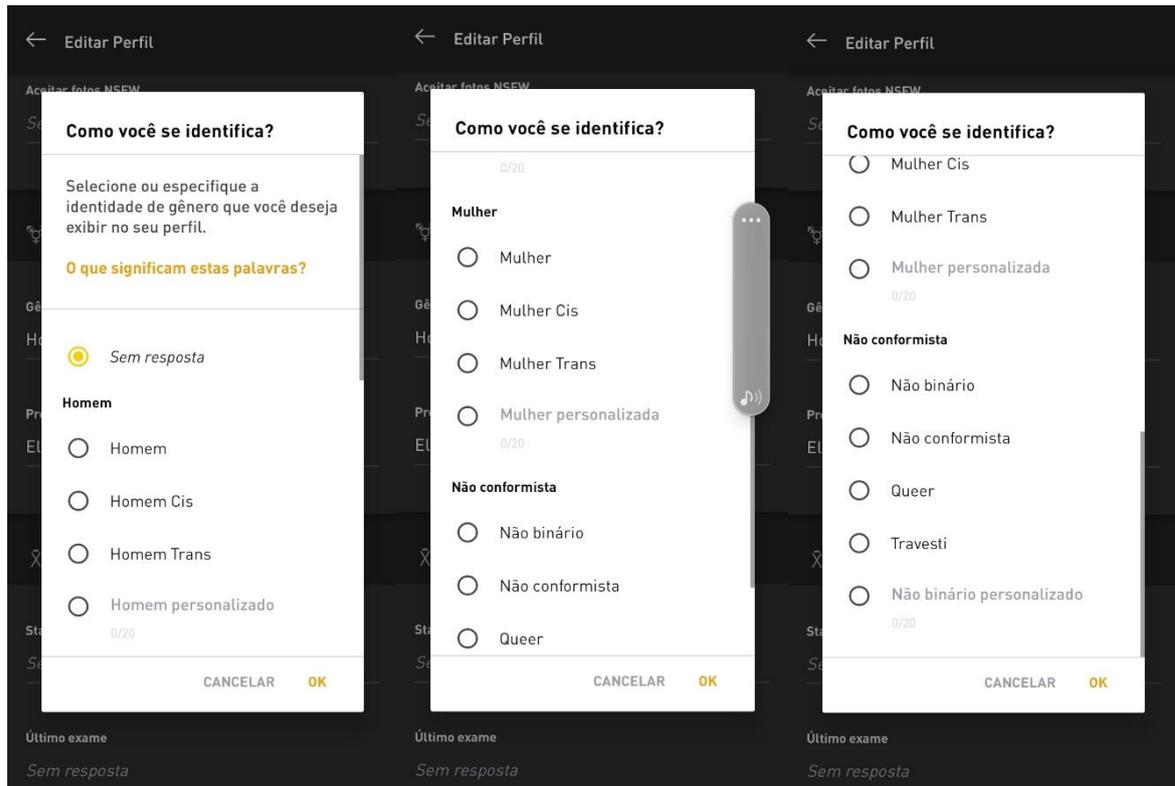
Figura 17 – Editar Perfil no *Grindr*: Aceitar fotos NSFW



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Finalizando a categoria Expectativas, o aplicativo faculta ao sujeito-usuário escolher, mesmo que não haja garantia, se deseja ou não receber fotos que contenham nudez de outros sujeitos-usuário. Dentre as opções, o sujeito pode negar o desejo de recebimento, o que se marca pelo advérbio de negação “Nunca”, pode ter uma posição mais flexível em relação ao recebimento com “Não no começo”, que sugere um efeito de que, antes de receber fotos com nudez, poderia desejar, primeiro, conversar com o seu interlocutor e, em seguida, poder receber essas fotos. Ou, como no último caso, aceita receber fotos com nudez desde o início da conversa, o que poderia ajudá-lo a decidir se irá ou não se relacionar sexualmente com o seu interlocutor no momento da conversa.

Além dessas opções, como em análises anteriores, o aplicativo deixa em aberta a possibilidade de o sujeito-usuário não se manifestar sobre o recebimento ou não dessas fotos, a partir da opção “Sem resposta”. O uso de “Sem resposta” oferece ao sujeito-usuário o efeito de liberdade, dentro do qual ele decidiria ou não declarar algo sobre si, não sendo impelido pela máquina a responder se sim ou se não a determinada pergunta. Com isso, a máquina contribui para que o sujeito-usuário se sinta livre dentro dos usos que o aplicativo lhe proporciona.

Figura 18 - Editar Perfil no *Grindr*: Como você se identifica?

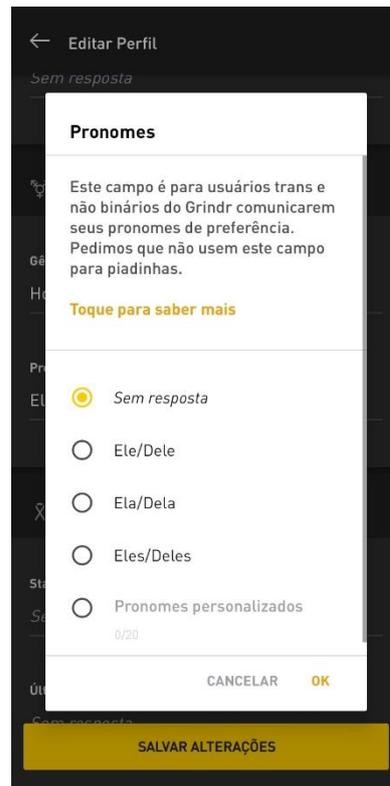
Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na macrocategoria “Identidade”, que é introduzida por um símbolo que faz uma amálgama dos diferentes gêneros, apresentam-se três divisões internas: i) Homem; ii) Mulher; iii) Não conformista. Dentro da subcategoria “Homem”, tem-se “Homem”, “Homem cis”, “Homem trans”; ainda que apareça uma redundância colocar “Homem” antes de “Homem cis” e “Homem trans”, já que, desse modo, todos são homens. Entendo que essa introdução do substantivo isolado, sem uma adjetivação, refira-se a sujeitos que, por não terem acesso à discussão sobre cisgeneridade e transgeneridade, talvez não entendessem as designações cis e trans.

Nesse sentido, além das mesmas opções para o gênero feminino, na subcategoria “Não conformista”, há “Não binário”, “Não conformista”, “Queer” e “Travesti”, indicando identificações de gênero não vinculadas ao binarismo homem-mulher. Ademais, pela primeira vez após o início da interação, o aplicativo permite que os sujeitos-usuários possam preencher, do modo como preferirem, suas identificações de gênero, nos campos “Homem personalizado”, “Mulher personalizada” e “Não binário personalizado”, ainda que limite esse preenchimento a 20 caracteres. Na direção de explicar o que são e quais são as identidades de gênero, o aplicativo

disponibiliza um *link*²⁰ em que podem ser lidas algumas explicações do que são cada uma das identificações de gênero. Nesse informativo do *site*, todas as definições estão escritas em língua inglesa, mesmo que, nas Diretrizes do aplicativo, haja a menção de o aplicativo, dado o grande uso no Brasil, ter sido traduzido para o Português.

Figura 19 – Editar Perfil no *Grindr*: Pronomes



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

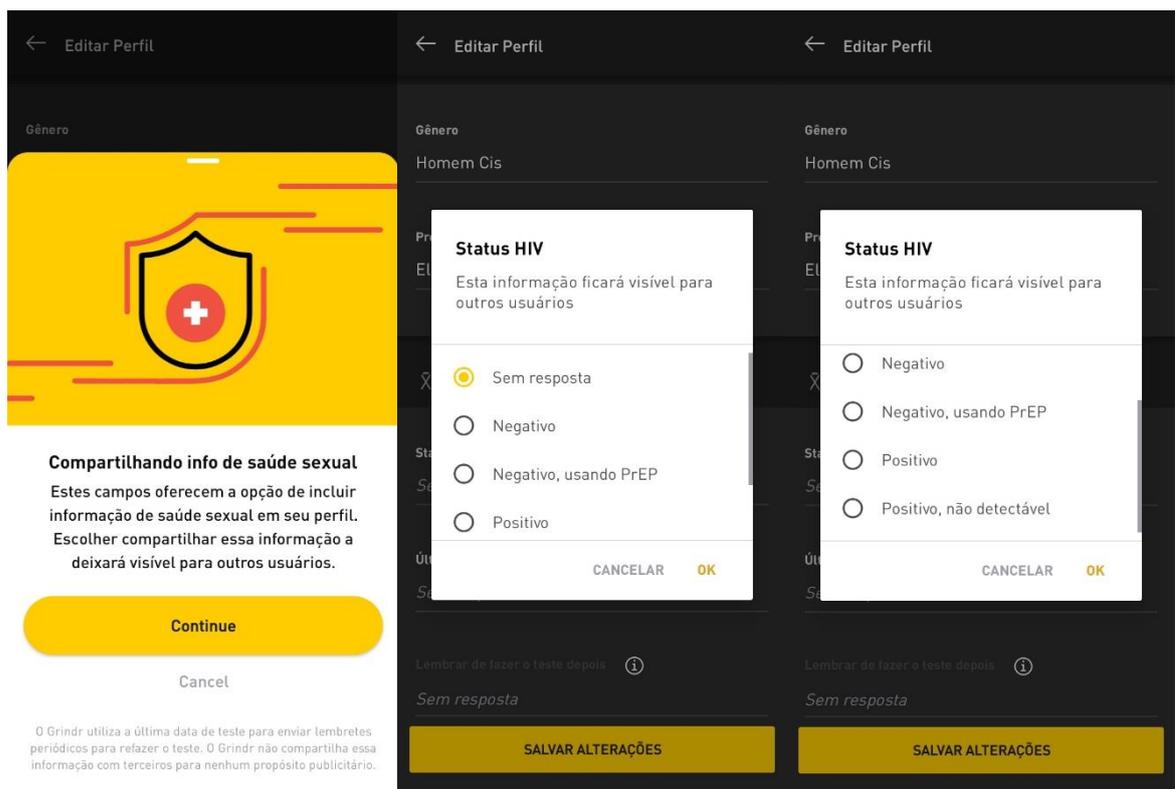
Na mesma direção na figura anterior, o aplicativo disponibiliza uma categoria para que os sujeitos-usuários possam preencher os pronomes pelos quais gostariam de ser chamados. A princípio, o aplicativo prevê “Ele/Dele”, “Ela/Dela” e “Eles/Deles”. Nesse momento, ao pluralizar o pronome, insere-se apenas a terceira pessoa do plural no masculino, o que poderia ser em função de uma tradução automática do aplicativo, já que, em inglês, os pronomes que pessoas não binárias utilizam para referirem-se a si são “They/Them”, que pode ser tanto no masculino como no feminino, em tradução livre, porém em traduções computadorizadas, como no *Google Tradutor*, indica-se apenas a versão masculina da forma pronominal. Assim, noto que a máquina, mesmo buscando, a partir da programação de um sujeito, adequar-se às discussões sobre gênero e sexualidade da atualidade, falha no que diz respeito à língua. A

²⁰ Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/en-us/articles/115014919507-Gender-identity>. Acesso em: 17 jun. 2022.

tradução automatizada, tendendo ao sentido dominante, não comporta o espaço para a polissemia e para o deslizamento de sentido. Ao passar de uma língua à outra, o sentido escapa e se divide; no inglês, uma única palavra; em português, pelo menos duas.

Ainda assim, como na Figura anterior, o aplicativo oferece a possibilidade do preenchimento de pronomes à escolha do sujeito-usuário, desde que esta indicação esteja dentro dos limites dos 20 caracteres. De maneira similar à análise anterior, o *Grindr* assegura que possa ser feita uma leitura sobre a discussão da importância dos usos corretos dos pronomes em nossa sociedade por um *link* em “Toque para saber mais”, que Paveau ([2017c] 2021c) chamaria de deslinearização semiótica e enunciativa, uma vez que, pelo *link*²¹, marcado em outra cor dentro do enunciado, se direciona a uma outra página fora do aplicativo, para a leitura de uma informação além do que a superfície do aplicativo permite. Como na anterior, este também está totalmente em língua inglesa.

Figura 20 – Editar Perfil no *Grindr*: Status HIV

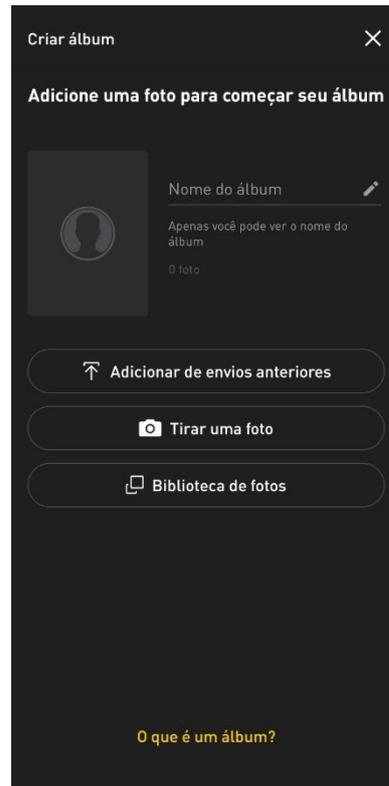


Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

²¹ Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/en-us/articles/360039161293-If-I-m-cis-and-someone-asks-my-pronouns-is-it-offensive-to-give-a-joking-answer->. Acesso em: 17 jun. 2022.

Nesta última categorização de edição de perfil, em que se pode declarar o *status* de HIV, ao clicar na indicação, aparece a primeira tela que explica sobre o compartilhamento de informações acerca da saúde sexual do sujeito-usuário. Diferentemente das demais categorias de caracterização pessoal, nessa, antes de preencher, é preciso selecionar “Continue” (em inglês) para fazer o preenchimento. Nas opções, “Negativo”, “Negativo, usando PrEP”, “Positivo” e “Positivo não detectável”, além de “Sem resposta”. Além dos sentidos dominante sobre “Positivo” e “Negativo”, julgo ser importante, aqui, retomar o que é “PrEP” e “Não detectável”. PrEP é uma sigla não adaptada para Profilaxia Pré-Exposição, que consiste em um tratamento feito pelo SUS em que o sujeito, ao fazer o tratamento, poderá ter relações sexuais desprotegidas, com o risco de infecção por HIV muito baixo, o que tem se tornado comum de ver em alguns perfis de usuários. Já “Não detectável” diz respeito aos sujeitos que possuem a infecção com o vírus, contudo, com a regularidade do tratamento, o vírus está indetectável no organismo em função da eficácia das medicações, o que não implica afirmar que o vírus não está mais no organismo do sujeito.

Além da indicação do *status*, quando o sujeito-usuário decide marcar o seu *status* em relação ao HIV, seja ele qual for, o aplicativo oferece mais uma categoria de preenchimento, a de data do último exame. Atualmente, o aplicativo permite datas entre julho de 2020 e junho de 2022, ou seja, uma janela de cerca de 2 anos para a realização do teste. Apesar de ser nítida a abordagem do *Grindr* sobre o HIV, é apenas sobre esta IST, como já afirmei anteriormente, silenciando que infecções outras podem ser transmitidas durante uma relação sexual desprotegida. Assim, cria-se um efeito de que a saúde sexual seria unicamente referente à infecção pelo HIV.

Figura 21 – Editar Perfil no *Grindr*: Criar álbum

Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

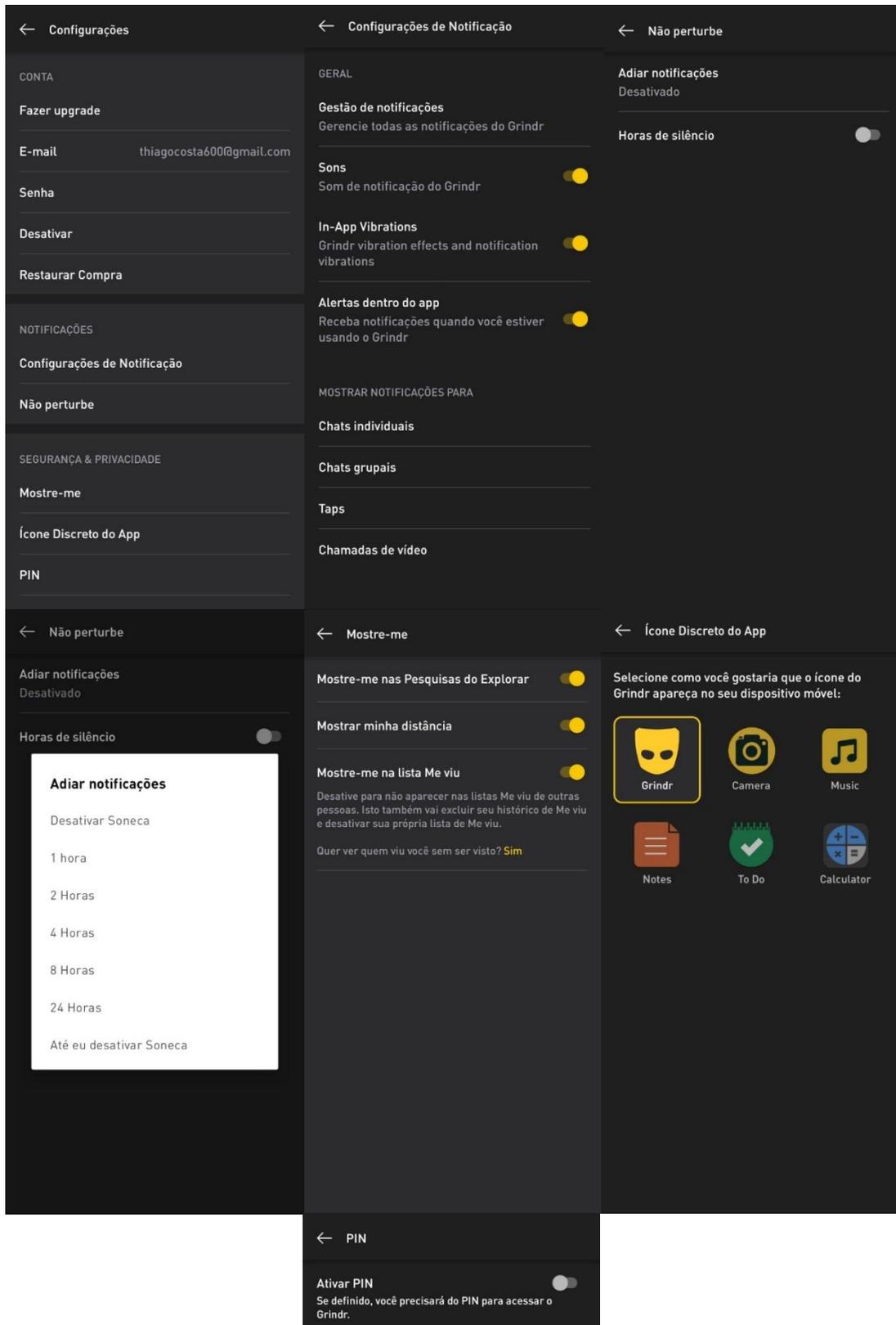
Na figura acima, o aplicativo oferece uma funcionalidade ainda recente para a sua interface, a criação de álbuns com fotos privadas. Nesse sentido, de acordo com o próprio *site*²² do aplicativo, no enunciado clicável “O que é um álbum?”, o sujeito-usuário poderá adicionar até 10 fotos por álbum e compartilhá-lo com quem o desejar. Com isso, o site afirma que “Seu Álbum foi projetado para adicionar uma camada extra de controle e privacidade sobre suas imagens compartilhadas” (2022, n. p.), ou seja, o aplicativo reservaria ao sujeito-usuário o efeito de controle sobre os movimentos que pode fazer dentro da plataforma, e, por sua vez, ele poderia controlar os sentidos. Por se tratar de um enunciado composto, nos termos de Paveau ([2017c] 2021c), ou seja, um enunciado que comporta uma dimensão técnica e linguística, o enunciado “O que é um álbum?” reproduz uma possível pergunta que o sujeito-usuário faria ao se deparar com essa função nova do aplicativo.

Trabalhando com as projeções imaginárias do possível leitor, o aplicativo, em sua programação, busca deixar de fácil acesso uma explicação do que é o álbum, de modo que, ao abrir o *site*, deparamo-nos com uma explicação curta, e em língua portuguesa, do que é o álbum.

²² Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/pt/articles/4414580688787-%C3%81lbums>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Assim, o aplicativo busca garantir a permanência do sujeito-usuário por meio de seu aliciamento pelo efeito de liberdade e controle sobre suas imagens.

Figura 22 – Configurações do *Grindr* 1



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na Figura acima, trago imagens, em um conjunto material significativo, em sete capturas de tela, acerca das configurações mais gerais do aplicativo. Na primeira captura, estão menções a: i) *upgrade*, para que o sujeito-usuário possa assinar as versões *XTRA* ou *Unlimited*; ii) *e-mail*, que se refere ao endereço de *e-mail* utilizado para o registro no aplicativo; iii) senha, com a qual o sujeito-usuário pode acessar a sua conta, caso não esteja logado nela; iv) desativar, caso o sujeito-usuário decida apagar a sua conta; v) restaurar compra, caso tenha, anteriormente, assinado algum dos pacotes das versões *premium*. Com essas cinco primeiras configurações, observo que, em dois momentos, há uma menção às versões pagas do aplicativo. Percebo que, na primeira, que fala sobre o *upgrade*, esta designação não coincide com aquela que faz parte da tela principal, “Loja”, direcionando o sujeito à assinatura do aplicativo.

Desse modo, o aplicativo, em vários momentos de interação com a máquina, sugere a assinatura do *XTRA* ou do *Unlimited*, seja ao terminar os 99 perfis na aba da primeira janela, seja utilizando o explorar, seja na própria janela da Loja. O aplicativo, na leitura que realizo, busca, pelas brechas de cada funcionalidade, oferecer ao sujeito-usuário uma melhor experiência com o aplicativo, a partir da qual ele só terá benefícios, desde que, é claro, faça o pagamento necessário para tal. Com isso, o aplicativo que, em sua descrição na *Google Play*, afirma ser o “melhor aplicativo social móvel GRÁTIS” (2022, n. p.), ao citar o *XTRA*, nomeia-o como “*upgrade*”, não como algo a se pagar. Assim, a lógica de mercado explicita-se por uma terminologia que não associa a melhora do uso pelo sujeito-usuário à realização de algum pagamento para o aplicativo.

Na categoria “Notificações”, estão as “Configurações de Notificação”, que permitem ao sujeito escolher quais notificações desejar receber do aplicativo, como presente no terceiro recorte da Figura anterior. A função “Não perturbe”, funcionalidade presente em muitos dispositivos com o sistema operacional *Android*, permite que o sujeito não receba, por um tempo (in)determinado, notificações em seu aparelho. Em aparelhos celulares, a função tem tempo determinado, porém, caso o sujeito opte, as notificações só aparecerão caso ele desative a função “Não perturbe”. No *Grindr*, o mesmo funcionamento, o aplicativo dispõe de cinco opções de interrupção nas notificações, mas também deixa aberta a possibilidade de o sujeito escolher quando querará receber notificações novamente.

Na quinta captura de tela, está aberta a subcategoria “Mostre-me”, que faz parte da categoria “Segurança & Privacidade”. Nela, a configuração básica do aplicativo já está ativada, em laranja, para que o sujeito seja identificado no “Explorar”, tenha visível a sua distância geográfica bem como esteja visível na lista “Me viu”. Nesse sentido, percebo um

funcionamento contraditório: se um sujeito-usuário, ao se utilizar do aplicativo, faz a assinatura de uma das versões paga, a *Unlimited* por exemplo, ele poderia ver qualquer um na aba “Explorar” e ver qualquer um na aba “Me viu”. Assim, o aplicativo marca uma inconsistência em sua versão paga, já que, na versão gratuita, o sujeito-usuário pode restringir essas visualizações, e nem com a versão paga o sujeito-usuário poderia ver o perfil de quem fez a restrição, a não ser que estivesse geograficamente próximo.

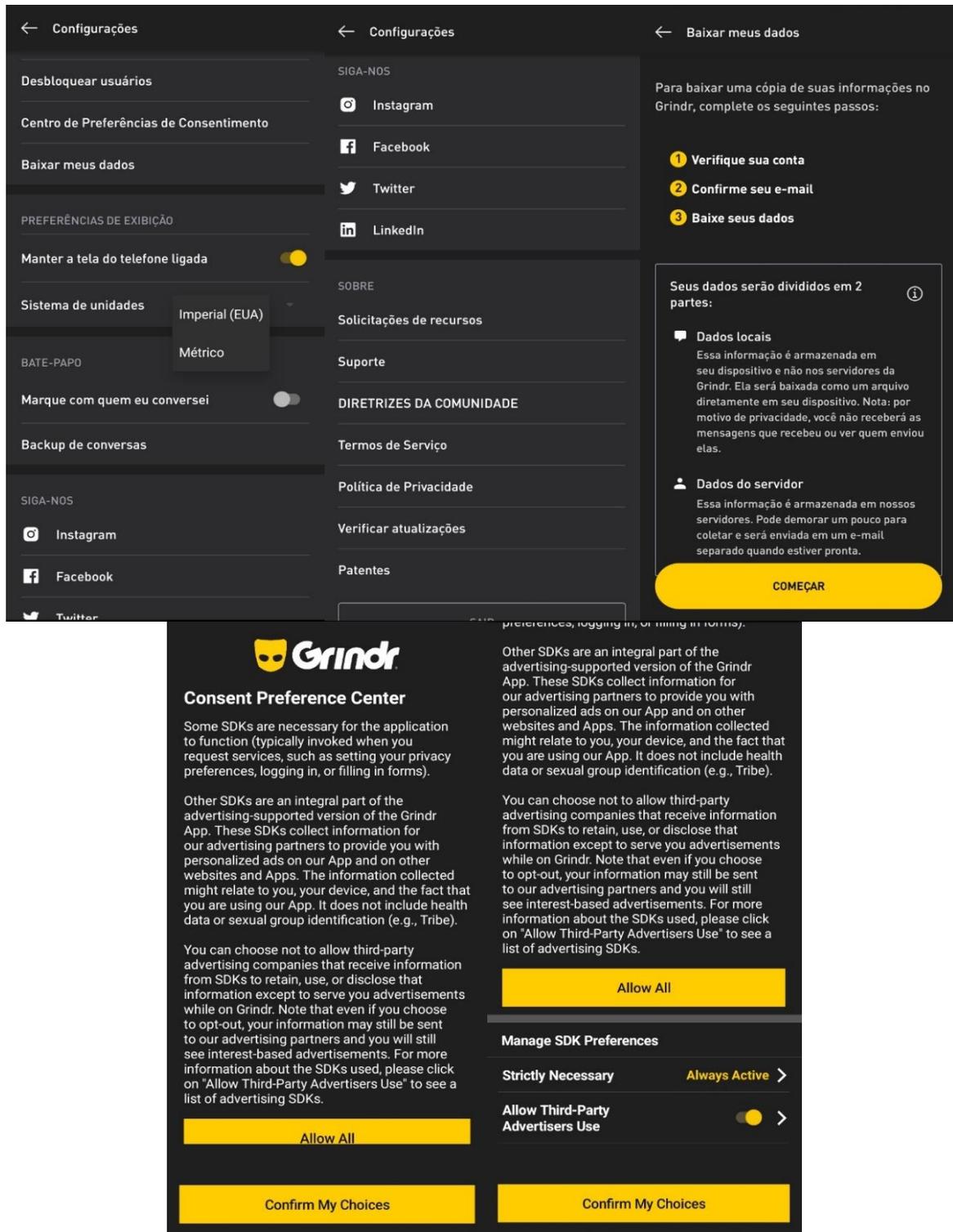
Nas duas últimas capturas de tela, temos um funcionamento interessante analiticamente. No sexto recorte, há “Ícone discreto do App”, em que o sujeito-usuário poderá escolher, dentre as seis opções disponíveis, qual o ícone que aparecerá na tela de seu celular. O primeiro ícone é a da própria identidade visual do aplicativo. Nos demais, “Camera”, “Music”, “Notes”, “To Do” e “Calculator”. Curiosamente, todas as opções estão em língua inglesa. Percebo, na análise dos ícones, que “Camera” e “Music” têm a mesma paleta de cores da identidade visual do *Grindr*, laranja e preto, remetendo ao aplicativo; já os demais têm outras cores e *designs* comuns a um bloco de notas, a um organizador de tarefas e a uma calculadora. Ao disponibilizar cinco opções de ícones para a tela do aparelho celular, o aplicativo faz trabalhar sentidos do anonimato, do desejo de permanecer atrás da máscara que dá forma à identidade visual do aplicativo.

Desse modo, os programadores do aplicativo entendem que nem todos os seus usuários gostariam que fosse visto, em seu aparelho celular, o ícone clássico do *Grindr*, o que percebemos, também, na subcategoria seguinte, no último recorte da Figura anterior, em que o sujeito-usuário pode inserir um PIN, um código para acesso no aplicativo. Assim, para abrir o ícone, seja ele qual for, pode haver um código criado pelo sujeito-usuário; ou seja, mesmo que alguém de posse de seu aparelho celular tente abrir o ícone do aplicativo, este só será aberto, caso seja inserido o PIN correto para o acesso.

Essa estratégia de anonimato e privacidade era, também, muito presente na versão *web* do *Grindr*. A versão *web* consistia no acesso ao aplicativo por um computador ou *notebook*, de forma similar ao *WhatsApp Web*. Na tela, os perfis apareciam ordenados como no aparelho celular, contudo havia a função “Escritório” na versão *web*. A função “Escritório”, quando ativada, mudava toda a configuração visual da tela: escondia as fotos de perfil dos sujeitos-usuários, mudava a tela para a cor branca, substituíam o símbolo do aplicativo por um símbolo referente a um *e-mail* e deixava, no espaço das fotos de perfil, símbolos de pastas em computadores/*notebooks*. Dessa forma, o *Grindr* abria espaço para que o sujeito se mantivesse

“no sigilo”, de forma que não fosse identificado, todavia, após um vazamento de dados dos seus usuários, o aplicativo suspendeu a versão *web* no ano de 2020²³.

Figura 23 – Configurações do *Grindr* 2



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

²³ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/app-de-relacionamentos-expoe-dados-de-usuarios-e-e-multado-em-us-117-milhoes/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Dando continuidade à Figura anterior, nesta, há outras funções dentro do aplicativo, como “Desbloquear usuário”, caso tenha bloqueado algum outro-sujeito usuário, “Centro de Preferências de Consentimentos”, que, sem tradução para o português, discute, em linhas gerais, sobre o consentimento do sujeito-usuário de que seus dados sejam utilizados para que propagandas adequadas ao seus rastros sejam apresentadas durante a navegação do aplicativo. Importante destacar que essa tela e as outras duas de que falei anteriormente, mesmo que contenham informações importantes a respeito do uso do aplicativo, estão restritas à língua inglesa. Desse modo, a configuração básica, como mostram os recortes 4 e 5 da Figura, apontam para a cessão dos dados.

Na terceira tela da Figura, está “Baixar meus dados”, que, por explicação no *site*²⁴ do aplicativo, o sujeito-usuário poderá baixar seus dados enviados no aplicativo, como fotos, vídeos, áudios, e parte de seus rastros, como os filtros que utilizou, suas preferências. Como alerta na Figura acima, não serão disponibilizados dados de sujeitos com quem teve contato, incluindo-se, aí, mensagens recebidas, fotos recebidas, áudios recebidos, entre outros. Assim, entendo que o aplicativo, apesar de coletar todos os nossos dados para aprimorar a experiência do sujeito com o aplicativo, com o objetivo de ter ainda mais retorno financeiro, busca garantir aos seus usuários certa segurança quanto aos seus dados em conversas particulares.

Além disso, o sujeito pode marcar, na categoria bate-papo, se deseja que o aplicativo marque as pessoas com quem conversou, todavia, ao tentar marcar esta possibilidade no aplicativo, o sujeito-usuário é redirecionado para a tela de assinatura da versão *XTRA* do aplicativo, bem como pode solicitar o *backup* de conversas, as quais ficarão no *Google Drive* do sujeito-usuário. Desse modo, o *Grindr*, ainda que não faça parte dos aplicativos da *Google*, relaciona-se a esta empresa para organizar os dados, ou seja, além de ceder os dados de registro e de rastro ao aplicativo, indiretamente os cedemos também ao *Google*, permitindo que outras propagandas e outras sugestões nos sejam feitas com base no nosso uso do aplicativo.

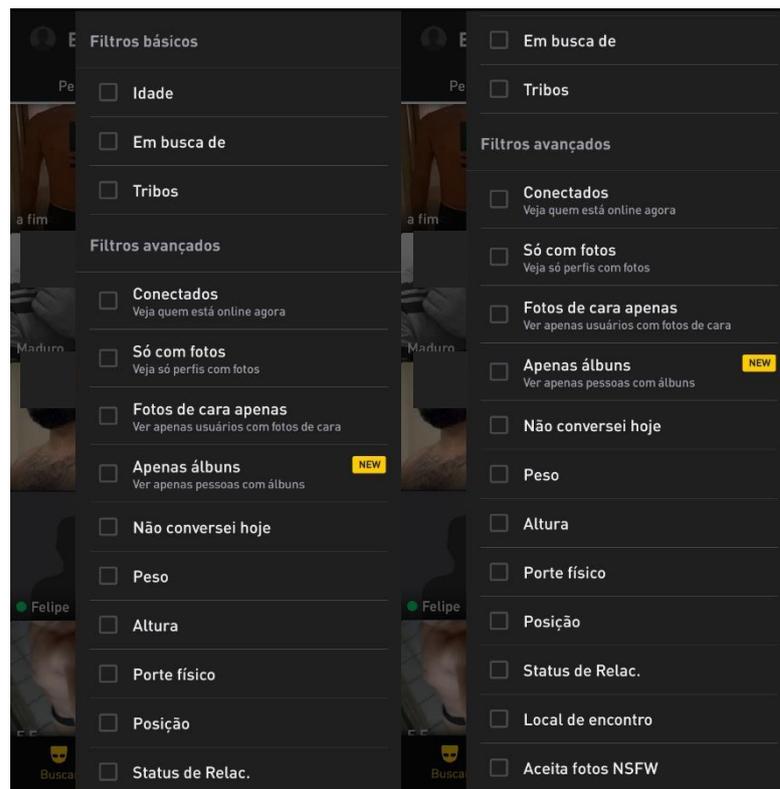
Na categoria “Siga-nos”, o aplicativo indica as suas redes sociais, para caso o sujeito-usuário deseje acompanhar o aplicativo no *Instagram*, no *Facebook*, no *Twitter* e no *LinkedIn*. Percebo, mais uma vez, o modo como o aplicativo relaciona-se a outras mídias digitais, de forma que se utiliza dessas para falar de suas atualizações, ou para interagir com os sujeitos-usuários dessas outras redes sociais. Em “Solicitação de Recursos”²⁵, o sujeito-usuário pode

²⁴ Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/pt/articles/1500005257961>. Acesso em: 18 jun. 2022.

²⁵ Disponível em: <https://grindr.uservoice.com/forums/912631-grindr-feature-requests>. Acesso em: 18 jun. 2022.

abrir chamados em relação ao uso do aplicativo; em “Suporte”²⁶, buscar ajuda para questões relativas ao uso do aplicativo, que podem já ser “previstas” por uma espécie de manual. Em “Diretrizes da Comunidade”²⁷, uma série de diretrizes para a boa interação no aplicativo, como, por exemplo, discussões sobre assédio, discurso de ódio, violência, menores de idade, entre outros direcionamentos. Em “Termos de Serviço”²⁸, um extenso texto que discute os termos de serviço, os quais os sujeitos-usuários aceitam ao fazer o registro no aplicativo. Os termos de serviço são comuns a todas as mídias digitais; comumente, são arquivos que não são lidos pelos sujeitos-usuários, de modo que aceitamos algo sobre o que não sabemos. Em “Políticas de Privacidade”²⁹, uma apresentação acerca do uso dos *cookies* deixados pelos sujeitos-usuários no aplicativo. Já em “Verificar atualizações”, ao clicar, o aplicativo indica se há ou não alguma atualização do sistema que esteja disponível e, ao final, “Patentes”³⁰, que lista sete patentes relativas ao *Grindr*, todas registradas sob domínio estadunidense.

Figura 24 – Filtros Básicos e Avançados do *Grindr*



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

²⁶ Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/pt>. Acesso em: 18 jun. 2022.

²⁷ Disponível em: <https://www.grindr.com/community-guidelines/?lang=pt-BR>. Acesso em: 18 jun. 2022.

²⁸ Disponível em: <https://www.grindr.com/terms-of-service/?app=true&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2022.

²⁹ Disponível em: <https://www.grindr.com/privacy-policy/?lang=pt-BR>. Acesso em: 18 jun. 2022.

³⁰ Disponível em: <https://www.grindr.com/patents/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Retornando à tela inicial, no canto direito superior, é possível clicar em um símbolo que abre filtros de pesquisa. Os “Filtros básicos” podem ser acessados, inclusive, pela versão gratuita do aplicativo. Contudo, ao tentar clicar em qualquer um dos “Filtros avançados”, a tela muda para a oferta da loja do *Grindr*, para que o sujeito-usuário adira à versão *XTRA* ou *Unlimited*, que permitem selecionar os filtros de pesquisa avançados. Além das categorias de preenchimento pessoal já discutidas em análises anteriores, o *Grindr* oferece “Conectados”, “Só com fotos”, “Fotos de cara apenas”, “Apenas álbuns” e “Não conversei hoje”. Olho, primeiramente, para “Fotos de cara apenas”, em que “cara” e “rosto” funcionam de maneira parafrástica, todavia, ao fazer um gesto de leitura sobre esse filtro, entendo que há, então, no aplicativo, um sistema algorítmico de reconhecimento facial, capaz de filtrar os perfis que contenham essas fotos para que o sujeito-usuário escolha, a partir do rosto e de outros filtros desejados, um parceiro sexual.

Desse modo, ainda que não alerte, nas configurações básicas apresentadas ao sujeito-usuário, além da coleta de dados de interação com a máquina, o aplicativo coleta, por meio do algorítmico de reconhecimento facial, nossos rostos em diferentes ângulos e expressões. Fica a nós, então, a pergunta: o que é feito com a coleta de nossos dados faciais? Ainda, o filtro “Não conversei hoje”, se selecionado, mostraria apenas perfis com quem o sujeito-usuário ainda não conversou no dia presente, de modo que poderá, à medida que decidir conversar, acumular outros perfis e outros sujeitos em seu *hall* de escolhas para ter relações sexuais.

Figura 25 – Busca por Tag 1



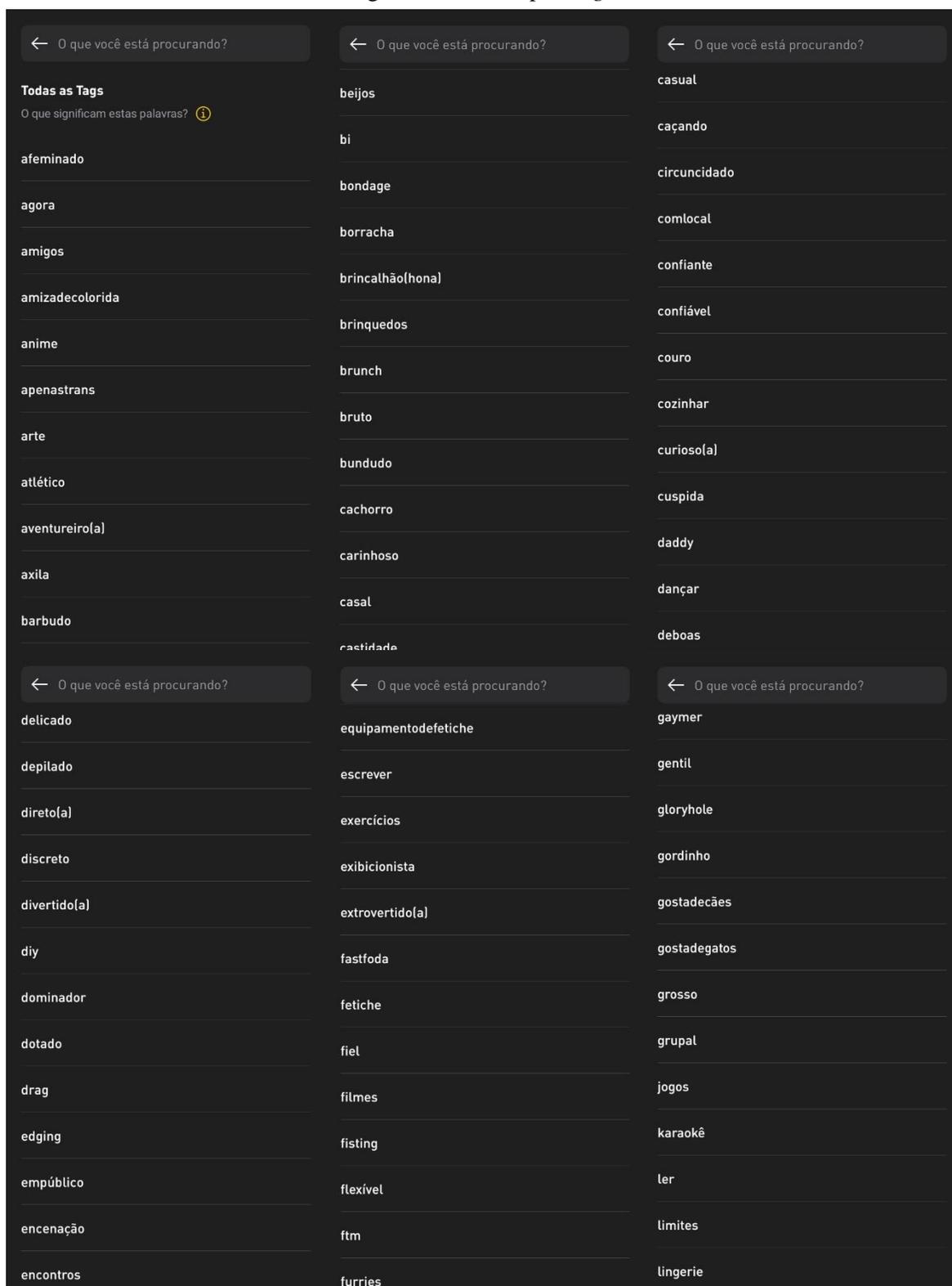
Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na tela busca por *tag*, que se apresentou a mim, sujeito-usuário, por uma notificação nas mensagens, na janela “Caixa de Entrada”, o aplicativo sugere uma nova funcionalidade do *Grindr*, poder buscar perfis, de forma similar aos filtro avançados, que se enquadrem mais ao seu desejo. Lembro que, em uma das primeiras análises deste capítulo, o sujeito-usuário pode preencher, com palavras-chave, em *Minhas tags*, palavras que possam filtrar os seus desejos. Desse modo, nas Figuras posteriores, apresento quais são as *tags* sugeridas pelo aplicativo para a pesquisa. Alerto, no entanto, que, ao pesquisar uma *tag*, apenas os perfis que estejam dentro dos 99 perfis da versão gratuita são filtrados, ou seja, se não houver nenhum perfil dentro dos 99 perfis que contenha o filtro, o sujeito-usuário não poderá iniciar uma conversa com outros sujeitos, a não ser que assine ou a versão *XTRA* ou a versão *Unlimited*.

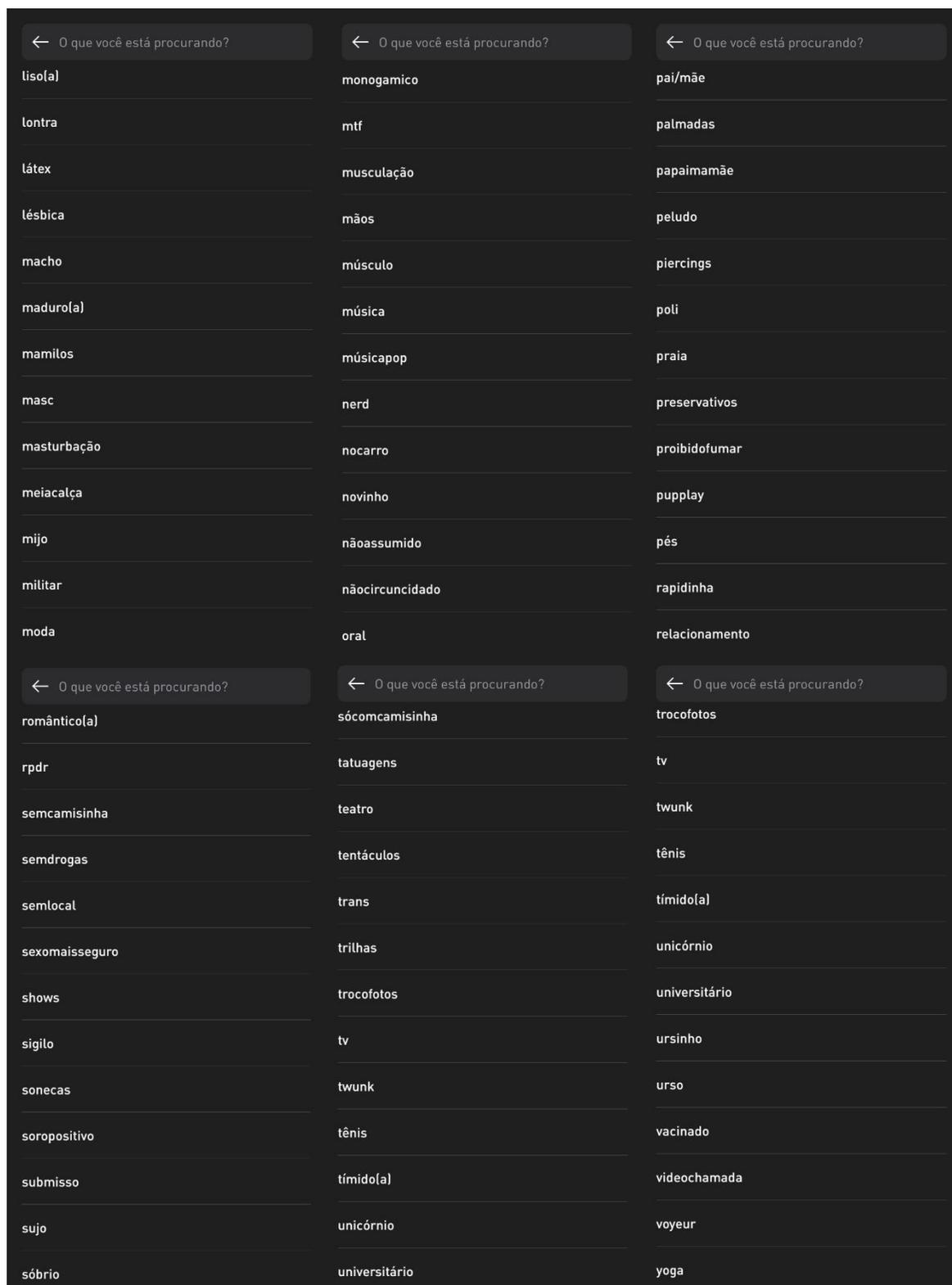
Essa atualização recente do aplicativo sugere, como em toda a leitura que tenho feito do aplicativo, uma aceleração nos modos de interlocução dentro do aplicativo. Ou seja, com a busca por *tags*, é possível encontrar perfis que correspondam àquilo que o sujeito-usuário busca em outro sujeito. Em aplicativos similares como o *Tinder*, essa opção não é possível, tampouco que o sujeito veja, em forma de grade, os perfis sugeridos pela tecnologia, de forma que, no *Tinder*, os perfis são vistos um a um.

Essa organização dos perfis no *Grindr*, em forma de grade, sugere um efeito de escolha, como se estivesse ali um cardápio, do qual o sujeito-usuário se vale para analisar cada um dos perfis e escolher aquele que mais o atrai. Assim, com tantas ofertas de “*upgrade*”, sugestões de filtros, *tags*, janelas de pesquisa, entre outros, o aplicativo trabalha com a tentativa de convencimento do sujeito-usuário a assinar as versões pagas do aplicativo, para que, entre outras coisas, o seu “cardápio” seja variado e ele possa conhecer qualquer pessoa no mundo.

Contudo, apesar das ofertas de caráter fetichista da mercadoria, as funcionalidades não são completas em seus funcionamentos, já que, como discuti, na versão gratuita, se pode restringir as visualizações no “Explorar” e no “Me viu”. Dessa forma, o controle pela tecnologia escapa ao sujeito, de maneira que ele empenha dinheiro, uso, rastros que retornarão a este sujeito-usuário por meio de propagandas e sugestões de assinatura do aplicativo conforme os seus desejos.

Figura 26 – Busca por *Tag* 2

Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Figura 27 – Busca por *Tag* 3

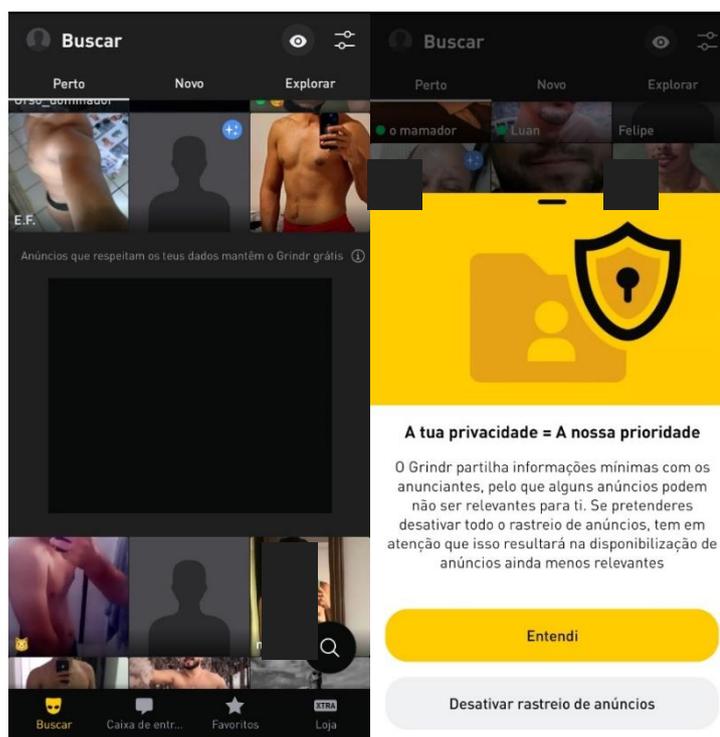
Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Nas duas Figuras acima, o aplicativo sugere uma série de *tags*, que compõem doze capturas de tela. As *tags*, de forma similar, mas não idêntica ao *Twitter*, podem ser pesquisadas por palavras-chave que estejam nos perfis dos sujeitos quando do seu preenchimento inicial.

Além de palavras, podem ser pesquisados pequenos enunciados como “sexomaisseguro”, “vídeo Chamada”, “músicapop”, “proibido fumar”, entre outros enunciados.

Nessa direção, além de poder escolher entre essas *tags*, outras que não estejam previstas nessa lista podem ser pesquisadas pelos sujeitos-usuários, de forma que poderá filtrar, sem usar a aba de Filtros Avançados, os perfis pelos quais poderá ter interesse sexual. Desse modo, atado pelo limite da tecnologia, o sujeito-usuário, ao pesquisar uma *tag* que não corresponda aos 99 perfis à sua disposição na versão gratuita, poderá sentir-se coagido a assinar alguma das versões pagas para que possa realizar seus desejos no/pelo aplicativo. Portanto, todo o funcionamento do aplicativo analisado até então vincula-se a uma mercantilização do próprio aplicativo. Apresentando-se de maneira gratuita nas plataformas de *download*, o aplicativo, constantemente, sugere ao sujeito-usuário que a melhor via de uso é pela adesão ao *XTRA* ou ao *Unlimited*, já que funcionalidades das versões pagas são bloqueadas para a versão gratuita. Assim, o sujeito-usuário é incitado ao consumo, ao acúmulo, ao não limite, à liberdade, de forma que limite e liberdade são efeitos da ideologia dominante para que o sujeito seja, de outras formas, dominado pelo capital. Conforme alerta Grigoletto (2017), a *internet* faz trabalhar a ideologia em sua forma mais perversa, aquela que oferece ao sujeito o efeito de liberdade como um princípio constitutivo.

Figura 28 – Propaganda no *Grindr*



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Nesta última Figura do presente capítulo, o *Grindr*, em meio aos perfis, insere uma tela, cuja identificação não foi possível uma vez que não foi finalizado o carregamento da tela, reservada para propagandas. Nela, diz-se que “Anúncios que respeitam os teus dados mantêm o Grindr grátis”. Desse modo, produz-se um efeito de que, nesse momento, o *Grindr* é um aplicativo gratuito, o que, empiricamente, é verdade, visto que o *download* do aplicativo é, até então, gratuito para qualquer sujeito-usuário que deseje se registrar. Entretanto, de maneira indireta, esse enunciado remete à possibilidade de assinar as versões pagas do aplicativo, nas quais não aparecem as propagandas, de acordo com o card na janela Loja.

Portanto, ao interromper a linearidade do aplicativo para apresentar uma propaganda, sugere-se que, se o aplicativo fosse pago, esse tipo de interrupção não estaria presente na tela principal do aplicativo, de modo que, em nível de evidência, seus dados não seriam mais coletados, já que a coleta de dados se daria a partir do uso de propagandas no aplicativo. Assim, entendo que, nessa Figura, o efeito de sentido produzido vai na direção de entender a assinatura como a melhor alternativa para a experiência do sujeito-usuário com o aplicativo, reforçando os imaginários já ressaltados nessa seção.

Com estas considerações acerca do *Grindr*, o(a) leitor(a) pôde notar que, ao longo deste capítulo, utilizei-me da nomeação “sujeito-usuário”. Desse modo, no trabalho, com esta nomeação, não me referi a um sujeito empírico, aquele que recebe o nome, tampouco ao sujeito do discurso, pelo qual a análise pode ser seguida. Aqui, busco entender o sujeito-usuário como aquele sujeito que é projetado imaginariamente pela programação da máquina, isto é, o sujeito-usuário é uma categoria a ser preenchida em diferentes mídias sociais digitais. Isto é, toda e qualquer mídia social digital antecipa os movimentos que podem ser feitos pelo sujeito-enunciador pela máquina. Essa antecipação cria um sujeito possível, não sendo o sujeito empírico, já que o sujeito-usuário, empiricamente, não existiria, nem o sujeito do discurso, já que não há, nessa condição, subjetivação. Entendo, então, o sujeito-usuário como uma categoria intermediária entre o sujeito do discurso e o sujeito empírico, isto é, o sujeito empírico, para se tornar sujeito do discurso nas mídias sociais digitais, precisa ocupar a posição de sujeito-usuário, projetada pela máquina, para, então, se subjetivar, produzir sentidos, promover deslocamentos, visto que, mesmo que haja a regularidade no que diz respeito à movimentação do sujeito na/pela máquina, ou seja, quando há a interação com a máquina, ao se constituir sujeito do discurso na/pela posição de sujeito-usuário, os sentidos podem ser outros, há a interlocução, nos termos de Grigoletto (2011). A título de exemplo, ao entrar no aplicativo *Grindr*, precisei ocupar o lugar de sujeito-usuário para me subjetivar como sujeito discursivo, isto é, identificando-me com a posição-sujeito da prática científica, ocupando o lugar social

(empírico) de professor, pesquisador, editor, entre outros. Por meio da interpelação ideológica, o sujeito empírico, inscrevendo-se pelo sujeito-usuário, se subjetiva e se constitui sujeito discursivo de uma prática discursiva pela/na mídia social digital.

No próximo capítulo, apresento o dispositivo teórico-metodológico que conduzirá as análises do *corpus* discursivo do trabalho, o qual é constituído por sequências discursivas recortadas do *Grindr*. Assim, associando às discussões propostas nos capítulos anteriores, buscarei analisar o funcionamento dos efeitos de sentido sobre o corpo-mercadoria que se inscreve nos perfis analisados nesta pesquisa.

4 SUJEITO E TRABALHO: ENTRE O DESEJO DO OUTRO E A SUBMISSÃO DO CORPO-MERCADORIA

Neste capítulo, dando continuidade às discussões levantadas nos capítulos anteriores, objetivo, em um primeiro momento, compreender a noção de sujeito em Análise do Discurso, a fim de relacioná-la à noção de formação discursiva, fazendo trabalhar, ao longo da exposição, a ideologia e o inconsciente como atravessamentos constitutivos do sujeito. Em seguida, na seção intitulada *No trabalho, a exploração*, apresento uma elaboração acerca das relações de trabalho nas sociedades de base capitalista, em que a desigualdade é um princípio de organização desse sistema. Nesse sentido, o faço com objetivo de sustentar teoricamente as análises desenvolvidas na seção seguinte. Na última seção, além de proceder às análises do *corpus* discursivo desta pesquisa, discuto, inicialmente, sobre a relação do corpo com a fotografia e a mercantilização, com o objetivo de, mais à frente, delinear os procedimentos metodológicos da pesquisa.

4.1 NO SUJEITO, A CISÃO

Ao considerar o quadro epistemológico da Análise de Discurso de orientação pecheuxtiana, não se constitui um *laborioso trabalho*, como diriam Courtine e Marandin ([1980] 2016) em *Materialidades Discursivas*, notar a presença da noção-conceito de *sujeito*. No contexto da linguística moderna, compreendendo o século XX, observa-se, como mencionei no capítulo dedicado ao corpo, que o sujeito, em alguns recortes teóricos da Linguística, volta-se ao sujeito sintático, aquele que é selecionado enquanto argumento externo do sintagma verbal, valendo-me de uma nomeação da teoria gerativa.

Na AD, a partir da proposta teórica de Pêcheux e de seu grupo na França, há um deslocamento para uma compreensão outra do que é o sujeito. De acordo com Indursky (2019), em obra que se dedica a analisar os discursos do/sobre o MST, é na ordem da língua, da materialidade verbal, que há o encontro do sujeito com a história. Desse modo, compreendo, neste momento, que tratar do sujeito é, necessariamente, falar da língua, da linguagem. E a língua, de um ponto de vista discursivo-materialista, é o lugar de realização dos processos discursivos, sobre os quais o(a) analista deve se debruçar. Então, afastando-me de uma perspectiva formalista da reflexão sobre a língua, entendo que linguagem e sujeito, conforme nos afirma Pêcheux ([1975] 2014a), constituem-se de maneira simultânea, de modo que um não é anterior ao outro.

Em AD, portanto, ao falar de sujeito, é incontornável não falar do assujeitamento à ideologia e do atravessamento do inconsciente. Dois pontos que, fora do campo da AD, são um terreno instável, de modo que a tese da interpelação ideológica e o inconsciente são lidos de um outro modo que não aquele como compreendemos e trabalhamos. Conforme Soares (2017), o sujeito, ao produzir sentidos, isto é, ao enunciar no interior de uma formação discursiva, noção que trabalho mais à frente, diz de si, uma vez que, no interior da discursividade, o sujeito do discurso deixa marcas, as quais podemos, na condição de analistas, seguir a fim de encontrar, por um efeito de análise, os efeitos de sustentação do discurso em análise.

Perseguindo os ensinamentos de Pêcheux ([1975] 2014a), entendo, num primeiro momento, a relação do sujeito com a ideologia. Para o filósofo-fundador da AD, a ideologia, tomada a partir de uma perspectiva althusseriana, no livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, é compreendida não como um conjunto de ideias ou a mentalidade de uma época, mas como prática, na qual o sujeito, para que o seja, precisa se inscrever para produzir sentidos. Desse modo, Pêcheux propõe, acerca da noção de ideologia, algumas definições. A primeira diz respeito à Ideologia em geral, grafada com a letra “I” maiúscula; segundo o autor, “[...] o conceito de *Ideologia em geral* permite pensar “o homem” como “animal ideológico”, isto é, pensar sua especificidade enquanto parte da natureza [...]” (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 138, grifos do autor). Esta primeira menção que faço à ideologia permite-me retornar ao que Althusser ([1970] 2007) aborda sobre a tese da interpelação ideológica. De acordo com Althusser ([1970] 2007), a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos. Com esta formulação, não podemos entender, salvo equívoco teórico, que há um momento cronologicamente marcado em que o sujeito deixa de ser indivíduo para se tornar sujeito, visto que “[...] a tese de a “Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” designa exatamente que “o não sujeito” é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia. Ora, o paradoxo é, precisamente, que a interpretação tem, por assim dizer, um *efeito retroativo* que faz com que todo indivíduo seja “sempre-já-sujeito”” (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 141, grifos do autor).

Assim, já que *sempre-já-sujeito* o sujeito é *desde-sempre* interpelado, convocado pela Ideologia a produzir sentidos. Contudo, não é apenas essa a menção ao significante ideologia nos estudos pecheuxianos. Há, ainda, o que o autor designa enquanto a ideologia dominante e a ideologia dominada. Acerca deste ponto, Pêcheux, ao apresentar algumas teses em torno da ideologia, admite que

[...] 3) “A ideologia da classe dominante não se torna dominante pela graça do céu...” o que quer dizer que os aparelhos ideológicos de Estado não são a *expressão* da dominação da ideologia dominante, isto é, da ideologia da classe dominante (sabe Deus onde a ideologia dominante obteria, então, sua supremacia!), mas sim que eles

são seu lugar e meio de realização: “é pela instalação dos aparelhos ideológicos de Estado, nos quais essa ideologia [a ideologia da classe dominante] é realizada e se realiza, que ela se torna dominante”

4) mas os aparelhos ideológicos de Estado não são, apesar disso, puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes: “... este estabelecimento [dos aparelhos ideológicos de Estado] não se dá por si só, é, ao contrário, o palco de uma dura e ininterrupta luta de classes”, o que significa que os aparelhos ideológicos de Estado constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista). (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 131, grifo do autor, acréscimos meus).

Compreendo, nesse momento, que as noções Ideologia em geral, ideologia dominante e ideologia dominada caracterizam-se de modos diferentes. A Ideologia em geral seria aquela que, sem história, nos interpela enquanto sujeitos do discurso; já, a ideologia dominante e a ideologia dominada dizem respeito ao modo como nós, sujeitos, inscrevemo-nos nas relações de produção do capitalismo, no sentido marxista-leninista que essa expressão se funda. Ocupar uma posição de dominante ou dominado(a) volta-se ao modo como o sujeito se constitui em seu lugar social, ocupando uma posição ou outra nas relações de produção.

Todavia, pensar nessas relações na/pela ideologia, conduz-me à admissão de que a interpelação ideológica não é um processo fechado e eterno em si. Explico-me: uma vez convocado a tomar posição, o sujeito não fica ali aprisionado, tampouco corresponde necessariamente à posição “esperada” para o lugar social que ocupa na formação social em que se subjetiva. Nesse sentido, entendo que esse funcionamento se dá dessa forma porque, conforme Grigoletto (2005a), a evidência do sujeito, isto é, a evidência de completude é apenas um efeito, um efeito da interpelação ideológica.

No interior dos estudos discursivos, Leandro Ferreira (2010), em artigo em que se dedica a abordar a noção de sujeito, especialmente tocando no viés psicanalítico da noção, propõe-nos que o sujeito é um efeito da linguagem. Assumo que esta formulação produz-se enquanto um eco daquilo que Maliska (2019) afirmou ao dizer que o sujeito é dividido entre o que quer dizer e aquilo que efetivamente diz. Desse modo, ao se subjetivar pela linguagem, o sujeito não a controla, como se pudesse operar sobre a linguagem de maneira livre e não duplamente afetada pela ideologia e pelo inconsciente. Nessa perspectiva, o sujeito, conforme os esquecimentos nº 2 e nº 1, não tem consciência dos processos históricos que o levaram a dizer o que diz, sobretudo por a ideologia se associar ao inconsciente, materializando-se na linguagem de forma lacunar.

Nesse sentido, em uma abordagem psicanalítica, Braga (2019) assinala que o corpo (do sujeito) é pulsional, isto é, um corpo que se diz pelo significante, que desliza entre o simbólico, o real e o imaginário. Com isso, entendo, de acordo com Leandro Ferreira (2010), que o sujeito é um ser em falta. Ao se utilizar da imagem do nó borromeano, a autora entende que o sujeito

é constituído pelos atravessamentos da linguagem, da ideologia e do inconsciente, encontrando-se no entremeio contraditório dessas regiões. Contudo, mesmo que esteja ocupando este espaço, há algo dos três enlaces do nó que lhe escapa. A linguagem, a ideologia e o inconsciente afetam o sujeito de forma que a completude constitui-se como um efeito da inscrição do sujeito, ficando alheio àquilo que lhe escapa, mas que significa em sua constituição.

Ainda em seu artigo, Leandro Ferreira (2010, p. 8) pontua que o sujeito é “[...] descontínuo por excelência”, cuja descontinuidade se marca no discurso, pelo qual é possível buscar a estrutura-funcionamento dos efeitos de evidências produzidos na materialidade discursiva. Assumindo um ponto de vista similar ao da autora, Oliveira (2010) afirma, acerca do sujeito, que o sujeito não é sua própria origem, assim como, para que seja sujeito, precisa esquecer de sua constituição. A respeito disso, Pêcheux ([1975] 2014a, p. 139) atesta que “[...] eis o ponto preciso onde surge, a nosso ver, a necessidade de uma teoria materialista do discurso; essa evidência da existência espontânea do sujeito (como origem ou causa de si) é imediatamente aproximada por Althusser de uma outra evidência [...] a evidência do sentido.”, bem como que convém

[...] chamar *esquecimento nº 2* ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase [...] [e] o *esquecimento nº 1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 161-162, grifos do autor, acréscimo meu).

Portanto, a constituição do sujeito se dá de maneira diretamente ligada ao inconsciente, ou seja, em sua constituição, o sujeito, pela interpelação, é afetado pelo inconsciente, sendo, então, um sujeito *do* inconsciente, cujos efeitos se marcam discursivamente. Assim, a consciência e a pré-consciência são efeitos do inconsciente, uma vez que “[...] o pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente.” (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 163). Desse modo, o inconsciente, por sua estrutura-funcionamento, precede (não cronologicamente) o consciente, de modo que, ao enunciar, ao pôr no fio do discurso um enunciado, o sujeito imagina ser a origem daquilo que diz, bem como entende que não haveria outro sentido possível para aquilo que diz. Eis aí o ponto de articulação entre ideologia e inconsciente: ao querer dizer, o sujeito não diz a sua vontade consciente, mas sim da sua constituição, que lhe aparece como natural e espontânea.

Ao formular-se no espaço do dizível, conforme afirmam Magalhães e Mariani (2010), o sujeito está submetido a uma estrutura de linguagem. Isto é, nos estudos lacanianos, afirma-

se que o inconsciente é estruturado como linguagem, não sendo uma linguagem em sua constituição, mas funcionando como uma. Acerca desse ponto, Baldini e Mariani (2013, p. 110) pontuam que o inconsciente “[...] funciona à moda de uma linguagem e nesse o funcionamento que importa são os significantes”. Nesse sentido, ao produzir sentidos, os significantes enunciados pelo sujeito estão, via de regra, constituídos e afetados pelo Outro (MAGALHÃES; MARIANI, 2010), haja vista que o “[...] sujeito enquanto um ser de linguagem que foi falado antes de falar [...] traz marcas do discurso do Outro, o que implica considerar que o sujeito não é origem do dizer nem controla tudo o que diz” (MAGALHÃES; MARIANI, 2010, p. 402-403).

Isto posto, concordo com Leandro Ferreira (2011b, p. 63), quando alega que “[...] a língua seria, justamente, a torção da linguagem que se dá numa cultura determinada e por aí torna-se reveladora dos sujeitos”. Pela língua, pela linguagem, inscrita em determinada prática cultural, encontram-se o sujeito e os seus efeitos. Com isso, com base em Mariani e Magalhães (2011), posso afirmar que a condição do sujeito o ser é entrar na linguagem; assim, entendo que a inscrição do sujeito no sistema simbólico da língua lhe permite produzir sentidos sobre si, sobre o outro, sobre aquilo que surja enquanto significante possível pelo trabalho do inconsciente. Este inconsciente, de acordo com as autoras, é estruturado pelo desejo, porém, neste momento, entendo que “[...] desejar não é o mesmo que querer, e embora o desejo transpareça na demanda, no querer, ele se situa sempre em um para-além.” (MARIANI; MAGALHÃES, 2011, p. 139).

Com isso, posso trabalhar com uma distinção importante para o trabalho em tela. Nas análises que desenvolvo neste capítulo, não é difícil encontrar menções ao significante “desejo”. Com essa formulação sobre o desejo que proponho nas análises, não o entendo apenas como o desejo definido acima, mas também um desejo sexual, que, por ser pulsional, vincula-se ao desejo do inconsciente, aquele nos escapa. Nesse sentido, entendo, nas análises, a relação do desejo com a sustentação de um imaginário sobre o corpo. À vista disso, perseguindo o que Baldini e Mariani (2013) asseguram, o sujeito, ao enunciar, fala mais de si do que supõe, uma vez que é na linguagem que se marcam os efeitos da ideologia e do inconsciente, é onde, como diria Borba-Rödegher (2013), a *lalangue*, formulação de Milner ([1979] 2012), se manifesta. E, na direção da *lalangue*, do real, Baldini (2013, p. 198) esclarece que é quando “[...] algo do sentido se quebra, se interrompe [...]”, ou seja, quando o lapso, o ato falho, a repetição se fazem presentes, que estamos diante de uma formação do inconsciente.

Orlandi ([2002] 2013), referência nos artigos citados, ao trabalhar com a noção de subjetivação, entende, primeiro, a sua relação com o assujeitamento. Conforme Orlandi ([2002]

2013), o sujeito passa por dois processos em sua constituição: i) o assujeitamento à ideologia e ao atravessamento do inconsciente, sem os quais o sujeito não seria o sujeito discursivo; ii) a individua(liza)ção do sujeito pelo Estado. Ou seja, a noção de sujeito em Análise do Discurso, a partir dessa discussão, possui dois estatutos. O deslocamento do sujeito empírico, dotado de vontades conscientes e pré-conscientes, para o sujeito do discurso, que é afetado pelo inconsciente; e, em seguida, individua(liza)do pelo Estado, isto é, reconhecido pelo Estado como um sujeito de direito no interior de uma formação social capitalista. Ou seja, o sujeito passaria a ser regido pelas normas do Estado em que se constitui empiricamente.

Posto isso, pode-se perceber, mais uma vez, o funcionamento da ideologia. De acordo com Pêcheux ([1984b] 2014c), no artigo *Ideologia, marxismo e luta de classes*, a luta de classes é o motor da história, constituindo-se pela desigualdade própria das relações de produção entre infraestrutura e superestrutura, de modo que, ao dizer, o sujeito o faz de determinada posição social, empírica, que se marca discursivamente não de forma espelhada ao lugar social que ocupa. Em direção parecida, Herbert/Pêcheux ([1968] 1995), no artigo *Observações para uma teoria geral das ideologias*, assinala que é preciso, ao falar de ideologia, descrevê-la em termos dos processos que atravessam uma formação social. Ou seja, ao fazer parte da formação social, o sujeito é atravessado pelos processos gerais ligados ao funcionamento ideológico de uma sociedade, contudo este atravessamento não se dá de forma igual para todos os sujeitos. Por isso, em AD, é incerto dizer que a ideologia é universal, uma vez que os modos de interpelação e de individua(liza)ção são distintos para os sujeitos, especialmente considerando as condições de produção em que estejam inscritos. No mesmo texto, o autor pontua que, assim como a ideologia, o inconsciente não é nem individual, nem coletivo, mas estrutural, afetando os sujeitos de formas diferentes.

Com isso, chego à noção de formação discursiva, primeiramente formulada por Foucault ([1969] 2020) e retrabalhada por Pêcheux. De acordo com Foucault ([1969] 2020), a formação discursiva define-se por um sistema de dispersão e de relações entre enunciados, de modo que estes encontram-se agrupados sob a forma da regularidade enunciativa que se impõe a esta rede de enunciados. Assim, a língua seria um sistema de enunciados, cujo aparição, como afirma o autor, é sempre um acontecimento, e o discurso não seria uma “[...] estreita superfície de contato” (FOUCAULT, [1969] 2020, p. 59). Então, em Foucault ([1969] 2020), articulam-se, diretamente, língua, enunciado e formação discursiva, uma vez que formação discursiva seria esse agrupamento de enunciados possíveis dentro de uma língua, observando-se a sua regularidade em termos de sentido numa formulação.

Com base nessa discussão, Haroche, Pêcheux e Henry ([1971] 2020) propõem um deslocamento no que diz respeito à noção de formação discursiva. Para os autores, a FD, como a designarei adiante, constitui-se como uma matriz de sentido, de modo que um enunciado, ao se inscrever numa formação discursiva, ganha o seu sentido. Essa inscrição do enunciado, em uma FD, se dá pela identificação do sujeito com esta FD, com uma posição-sujeito da FD, sobre o que falo mais adiante. Nessa direção, Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014, p. 163-164, grifos dos autores) sustentam a relação das FDs com as formações ideológicas:

[...] as formação ideológicas de que acabamos de falar “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura”, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos, então, que toda formação discursiva deriva de *condições de produção* específicas [...].

Entendo, nessa perspectiva, que as FDs constituem-se como um elemento de composição das formações ideológicas, que podem conter FDs diversas que se relacionem de maneira concordante, antagônica, *etc.*, mesmo que inscritas (as FDs) numa mesma formação ideológica. Avançando na teorização sobre a FD, Pêcheux ([1975] 2014a, p. 146-147, grifos do autor) enfatiza que

as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.

Nesse sentido, mais à frente, Pêcheux ([1975] 2014a) assegura que a interpelação pela ideologia se dá no interior da formação discursiva. Ou seja, para produzir sentidos, o sujeito, necessariamente, precisa inscrever seu dizer em uma formação discursiva dada, o que não faz, devo ressaltar, de maneira consciente. O sujeito, para dizer, diz, inscrevendo-se, de maneira inconsciente, numa formação discursiva que lhe domina, fornecendo os sentidos daquilo que diz. Assim, o desejo do inconsciente se marca nessa inscrição (HENRY, [1977] 2013).

Assim, mostra-se como produtivo pensar que sujeito, linguagem e formação discursiva relacionam-se, aqui, de forma distinta daquilo que Foucault ([1969] 2020) formulou. A formação discursiva, em AD, é entendida como uma matriz de sentido, na qual os significantes, pela inscrição do sujeito, significam de uma maneira e não de outra. Assim, compreendo que um mesmo significante em seus limites estruturais *pode e deve* significar de formas diferentes a partir da FD em que é produzido.

Por esse ângulo, a inscrição do sujeito em uma formação discursiva se dá pela sua *identificação*. Ainda em *Semântica e Discurso*, em sua quarta parte, Pêcheux ([1975] 2014a, p. 199, grifos do autor) esboça uma primeira noção das modalidades de identificação. Conforme o autor,

A primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “*livremente consentido*”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito (em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos “em plena liberdade”).

A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o *sujeito da enunciação* “se volta” *contra o sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar*.

Antes de discutir diretamente as modalidades de identificação, são necessários alguns esclarecimentos. Ao se referir ao sujeito-universal, devemos entendê-lo como o sujeito da formação discursiva, ou seja, a forma-sujeito histórica, delimitando, entre os limites porosos da formação discursiva, o ideal do dizer. Já o sujeito da enunciação, ou o sujeito-enunciador, é o sujeito do discurso, que produz sentidos ao se identificar com uma formação discursiva, retomando saberes da forma-sujeito. O interdiscurso, como formula Pêcheux ([1975] 2014a, p. 149), seria o ““todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação [...]”, de modo que “[...] o interdiscurso *aparece* como o puro “já dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “correferência”” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 154, grifo do autor).

Retornando às modalidades de identificação, Pêcheux ([1975] 2014a), na citação trazida anteriormente, primeiro as pensa sob as duas formas apresentadas. Uma primeira em que o sujeito-enunciador replica, em sua formulação, os saberes do sujeito-universal, de modo que haveria um espelhamento desses dois sujeitos. E uma segunda que se referiria a uma contestação de alguns saberes dessa FD em que se inscreve, mas, ainda assim, estando a ela assujeitado. Mais à frente em sua discussão, Pêcheux ([1975] 2014a) aborda a desidentificação:

Compreende-se, então, por que a luta do proletariado *no interior* dos aparelhos ideológicos de Estado é, simultaneamente, uma luta *contra* sua estrutura e seu funcionamento, na medida em que a apropriação subjetiva da política do proletariado supõe, paradoxalmente, como se viu, uma desidentificação, ligada a uma transformação subjetiva da imputação, da representação e do sentido: a relação com a História como processo, com as massas que fazem a História e com o partido comunista como organização política de tipo novo não pode ter uma relação de identificação [...] uma vez que essa relação tende a abolir o vínculo de representação, dividindo representantes e representados [...]

Especifiquemos, enfim, que essa relação, ponto central da prática política e ideológica do proletariado, não está “fora da ideologia”, o que significa dizer que nenhum *sujeito* pode estabelecer como tal nessa “terceira modalidade” constituída pela desidentificação e que, por isso mesmo, a ideologia do proletariado, “deformante mas não mistificadora”, como diz S. Karsz, é constantemente ameaçada, em si mesma (no trabalho que ela executa sobre a forma-sujeito), pelas mistificações burguesas inerentes ao funcionamento dos aparelhos ideológicos de Estado. (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 216, grifo do autor).

Em artigo posterior, conhecido entre os(as) analistas de discurso como o Anexo III, Pêcheux ([1978a] 2014b) apresenta uma retificação de sua própria teorização. Aqui, destaco a sua retificação em relação às modalidades de identificação. Neste artigo, aproximando-se mais da psicanálise lacaniana, Pêcheux ([1978a] 2014b), em tom de crítica à prática científica desenvolvida na França durante o século XX, crítica também encontrada em outros de seus textos, pontua que, anos após a publicação de *Les vérités de la palice*, percebe pontos necessários a uma retificação, afirmando que “[...] a luta filosófica (luta de classes na teoria) é um processo sem fim de retificações coordenadas, que se sustentam pela urgência de uma posição a ser defendida e fortalecida frente ao que se poderia chamar a adversidade no pensamento.” (PÊCHEUX, [1978a] 2014b, p. 270).

Em sua retificação ao que enunciara em *Semântica e Discurso*, Pêcheux ([1978a] 2014b, p. 275) pontua que

[...] frente ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portador da evidência que faz com que cada um diga “sou eu!”, eu me apoiava em uma *exterioridade radical da teoria marxista-leninista* para desvendar o ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, assim, a possibilidade de uma espécie de *pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra*, logo a possibilidade de uma “interpelação às avessas” atuando na prática política do proletariado: a exterioridade teoricista vinha, assim, necessariamente dublada por um pedagogismo invertido, o que acarretava uma inclinação tipicamente platônica que consistia em colocar em uma sucessão teórica:

- 1) O mecanismo ideológico da interpelação-assujeitamento;
- 2) O apagamento (“esquecimento”) de qualquer traço detectável desse mecanismo no sujeito pleno que nele se encontra produzido;
- 3) A rememoração teórica de tal mecanismo e de seu apagamento, em uma espécie de anamnésia de porte marxista-leninista da qual resultava a noção de “apropriação subjetiva” a título de efeito prático. (PÊCHEUX, [1978a] 2014b, p. 275, grifos do autor).

Com essas pontuações, Pêcheux ([1978a] 2014b) retorna ao seu texto de 1975 destacando em quais pontos entende ser necessária uma retificação, especialmente no que diz respeito à noção de desidentificação e suas implicações teórico-práticas no interior da AD. Nesse sentido, o movimento de desidentificação não poderá ser entendido como um ato heroico do sujeito-enunciador em relação ao sujeito-universal. A desidentificação se uniria às modalidades de identificação já mencionadas nesta seção, de modo que, ao se constituir como um modo de identificação, a desidentificação sugere que há um deslocamento do sujeito-

enunciador do sujeito-universal, um afastamento, um descolamento, de forma que, ao romper com esses saberes, não se encontra fora da formação discursiva, tampouco da ideologia. Ao se desidentificar com uma FD, identifica-se com outra FD, na qual o sujeito porá em significância os significantes enunciados em determinadas condições de produção. Com isso, entendo que, em AD, podemos mencionar, até então, três modalidades de tomada de posição do sujeito em relação ao sujeito-universal: i) a identificação, em que o sujeito espelha os saberes da forma-sujeito, retomando esses saberes na ordem da replicação; ii) a contraidentificação, em que o sujeito-enunciador, identificado com uma FD, afasta-se de determinados saberes da forma-sujeito, ainda que ali esteja assujeitado; iii) a desidentificação, em que o sujeito recusa os saberes de uma formação discursiva determinada para se identificar com os saberes de outra formação discursiva. Assim, em AD, o sujeito poderá (contra/des)identificar-se com uma formação discursiva.

Courtine ([1981] 2014), em sua tese de doutorado, coloca, em certo momento do trabalho, em relação os trabalhos de Michel Pêcheux e de Michel Foucault, especialmente no que diz respeito à noção de formação discursiva já discutida neste trabalho. Courtine ([1981] 2014) propõe, então, trabalharmos com a noção de posição de sujeito, tocando no ponto da identificação ideológica. Afirma o autor:

Concebemos, então, uma *posição de sujeito* como uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma dada FD. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso. A descrição das diferentes posições de sujeito no interior de uma FD e dos efeitos que estão ligados a ela é o domínio de descrição da forma-sujeito. (COURTINE, [1981] 2014, p. 88, grifos do autor).

Em sua tese de doutorado, Grigoletto (2005b), ao trabalhar com o discurso de divulgação científica, empreende a noção de lugar discursivo em análise do discurso. Em sua teorização, a autora indica que haveria dois espaços pelos quais o sujeito se movimentaria. O primeiro é o espaço empírico, em que o sujeito-empírico, individualizado, ocuparia empiricamente um lugar social, como o de pai, professor, militante, religioso, *etc.*, e o segundo é o espaço discursivo, em que se relacionariam a forma-sujeito, a posição-sujeito e o lugar discursivo. Como salienta a autora, o lugar discursivo e o lugar social não se separam em seus efeitos, visto que

[...] tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é construído senão pela prática discursiva, ou seja, pelo efeito do lugar discursivo. Isso significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir. O lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num

lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso (GRIGOLETTO, 2005b, p. 158).

Com isso, Grigoletto (2005b) advoga que, em sua proposição, lugar discursivo não é sinônimo de posição-sujeito, uma vez o sujeito poderá estar identificado com diferentes posições-sujeito ainda que produza seu discurso de um único lugar discursivo, que terá reflexos dos lugares sociais que ocupa. Dessa maneira, buscando sistematizar o que foi discutido até agora, entendo que o sujeito, assujeitado à ideologia e atravessado pelo inconsciente, ao se subjetivar pelo sistema simbólico de uma língua, precisa, para produzir sentidos, estar identificado com alguma posição-sujeito de determinada formação discursiva, que o assujeita. Para isso, o sujeito, a partir dessa identificação ou contraidentificação, poderá ocupar um lugar discursivo, que será efeito dos lugares sociais que ocupa em determinada condição de produção, de modo que a sua relação com a posição-sujeito será também efeito da forma-sujeito.

Na próxima seção, apresento algumas discussões em torno do materialismo histórico no interior dos estudos discursivos, com vistas a sustentar teoricamente a relação entre sujeito e trabalho, entendendo o seu enredamento às relações de produção do sistema capitalista.

4.2 NO TRABALHO, A EXPLORAÇÃO

Em formações sociais capitalistas, em que a desigualdade social, determinada, como diria Pêcheux ([1975] 2014a), em última instância pelo econômico, o trabalho é um meio de realização por meio da lógica da super e da infraestrutura, das desigualdades entre as classes sociais. Nesse sentido, Althusser ([1970] 2007) pontua que há, nas sociedades, o que se designa como trabalho intelectual e o trabalho manual. Em relação ao trabalho intelectual, entendo, de acordo com Herbert/Pêcheux ([1966] 2015i), que as ciências clássicas, em sua prática teórica, nos termos do autor, apresentam-se como um sistema em que o objeto e o método de análise constituem-se como homogêneos a esta prática. Nesse sentido, atravessada por uma noção positivista e reformista, a ciência e a prática de trabalho teórico do(a) cientista voltam-se aos meios de produção capitalista, não se colocando em um lugar de questionamento da estrutura social.

Em texto posterior, Herbert/Pêcheux ([1968] 1995) assinala que toda e qualquer ciência é uma ciência da ideologia. Acerca deste ponto, ainda que a noção de ideologia formulada em Pêcheux ([1975] 2014a) não tivesse sido proposta, compreendo, também afetado por esta

leitura, que, conforme o autor, toda prática científica também está atravessada pelo funcionamento da ideologia de forma constitutiva, visto que

[...] para um “continente científico” dado, todo evento epistemológico (ruptura que inaugura uma ciência, “descoberta” e produção de conhecimentos, “reelaboração” etc.) se inscreve numa conjuntura historicamente determinada pelo estado das relações de desigualdade-subordinação que acabamos de mencionar: não há um “estádio” pré-epistemológico em que os homens encontrariam diante do mundo em estado de completa ignorância, não há “estado de natureza” – ou de inocência – epistemológico. (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 174).

Nesse sentido, produzindo uma crítica às ciências humanas no século XX, Pêcheux ([1969b] 2015j) entende, primeiro, que as ciências sociais estariam ligadas ao sistema social, bem como as ciências humanas produziram um ponto de vista não engajado, isto é, não atento às condições materiais de existência, sobre a natureza, de forma que Pêcheux ([1969b] 2015j), nesse texto, afirma que, no contexto do capitalismo, este não precisa das ciências humanas e sociais do mesmo modo como precisa das engenharias. Entendo que esta formulação leva-nos a compreender que, no sistema capitalista, a prática técnica, braçal, material é mais produtiva à perpetuação do sistema como ele é, ao contrário das ciências humanas e sociais, que, sendo revolucionárias, se voltariam contra sistema. Desse modo, o trabalho intelectual de um ponto de vista marxista-leninista contribuiria para a criação de brechas no interior do sistema capitalista.

Apesar de reconhecer essa importância, Pêcheux ([1976b] 2015k), no artigo *Posição sindical e tomada de partido nas Ciências Humanas e Sociais*, pontua que, com o desenvolvimento das ciências humanas e sociais, o reformismo presente tem digerido o marxismo dia após dia, de forma que, como afirma no texto, a defesa da universidade e da pesquisa, do trabalho intelectual, era abstrata, se é que existia. Nesse contexto, entende que “[...] as posições materialistas nunca se desenvolvem do vazio, mas sobre e contra o idealismo” (PÊCHEUX, [1976b] 2015k, p. 248). Sobre este ponto, Pêcheux e Gadet ([1977] 2015a), ao falarem sobre uma mudança de terreno na Linguística, asseguram que permanecer sob um ponto de vista aliado ao capitalismo é permitir “a reprodução da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, [porque essa divisão é também] [...] uma condição da exploração no quadro dos países capitalista desenvolvidos.” (PÊCHEUX; GADET, [1977] 2015a, p. 306, acréscimo meu).

Portanto, entendo que, na divisão do trabalho, o funcionamento do modo de produção capitalista, o qual, segundo Pêcheux ([1979b] 2015l), no artigo *Foi “propaganda” mesmo que você disse?*, engendra, na formação social, as formas de assujeitamento e busca tirar proveito das formas antigas de assujeitamento. Assim, nas atuais condições de produção, com o avanço

das práticas discursivas no/do espaço virtual, a noção de trabalho tem se reformulado, sendo emoldurada por efeitos de sentido outros. Considerando a prática analisada no trabalho, a prostituição esteve, em nossa história, especialmente ligada à rua, ao espaço urbano, sendo determinada pela presença de um cafetão ou cafetina e de um(a) garoto(a) de programa. Com a inserção desta prática no contexto do virtual, o modo de produção capitalista apagou a figura do cafetão e da cafetina, produzindo um efeito no sujeito de que, agora, não depende mais de um poder não seu, produzindo-se, como afirma Pêcheux ([1982c] 2015m), no artigo *Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal?*, uma espécie de “[...] domínio/exploração (no campo da *sexualidade*, da vida privada, do ambiente, da educação, etc...) [...]” (PÊCHEUX, [1982c] 2015m, p. 115, grifo meu).

Remetendo-me, ainda ao campo da sexualidade destacado na citação anterior, retomo Pêcheux e Gadet ([1991] 2015b). Segundo os autores,

Objetos ideológicos como *o trabalho*, *o prazer sexual*, a natureza, a ciência ou a razão não podem receber o status de objetos lógicos e formais (se considerarmos a lógica aqui como uma disciplina de comunicação unívoca). Esses objetos apenas existem como relações de força historicamente móveis, como movimentos flexíveis que são surpreendentes por causa do paradoxo que eles possuem. (PÊCHEUX; GADET, [1991] 2015, p. 97, grifos meus).

A partir desta citação da entrevista de Pêcheux e Gadet ([1991] 2015), entendo que, para eles, o trabalho e o sexo constituem-se como objetos ideológicos sobre os quais os(as) analistas poderão se debruçar. Assim, associando estes dois objetos ideológicos e compreendendo o seu enredamento ao sistema capitalista, entendo, conforme Araújo (2019a), que o capital é resultado do desenvolvimento histórico do processo de trabalho e que os sujeitos participantes da sociedade são considerados “livres” até que firmam a esfera ético-política do Estado. Desse modo, o Estado seria atuante na regulação das práticas dos sujeitos em sociedade, o que entendo se materializar pelo funcionamento dos Aparelhos Ideológicos e Repressivos de Estado.

Pensando no trabalho, Araújo (2019b) afirma que o trabalhador, subordinado ao modo de produção capitalista, acaba por naturalizar a exploração a que está submetido, como se a exploração da sua força de trabalho não existisse, ou como se fosse, posso dizer, um destino. Trabalhar para sobreviver e, por isso, ter de se submeter a toda e qualquer pressão do sistema porque isso seria natural. Portanto, uma evidência da ideologia. Em vista disso, Silva Sobrinho (2011b) alega que o nosso modo de produção é aquele em que o princípio de constituição é a luta de classes, em que a lógica do capital transforma tudo em mercadoria. Mesmo que, neste artigo, Silva Sobrinho (2011b) não fale sobre questões relativas ao digital, entendo que a transformação em mercadoria é algo que, no digital, se mostra maneira recorrente. No contexto

das relações de trabalho, o autor afirma que o(a) trabalhador(a) é, em muitas ocasiões, especialmente nas atuais condições de produção, nomeado como “colaborador(a)” ou “associado(a)”, significantes que produzem um silenciamento da existência da exploração do patrão sobre os seus empregados.

Esta lógica do apagamento da exploração, no contexto das mídias sociais digitais, convoca-me a reconhecer que, na ausência de um patrão empírico, o sujeito trabalhador poderá se sentir livre das determinações da exploração capitalista, visto que não haveria, então, a figura física de um patrão, sendo o que Han ([2013] 2018) chama de uma exploração de si mesmo. Todavia, esta exploração de si mesmo, mesmo que não haja um patrão, está inextricavelmente associada à ideologia e à desigualdade social, uma vez que este sistema se sustenta por existirem os(as) trabalhadores(as). Para Amaral (2013), os(as) trabalhadores(as) são os sujeitos fundamentais do capitalismo, isto é, sobre os quais o capitalismo se apoia para existir. Nesse horizonte, Silva Sobrinho (2016) ratifica que o capitalismo busca explorar a força de trabalho e transformar os sujeitos, os sujeitos fundamentais destacados por Amaral (2013), em mercadoria, de modo que essa transformação dará ao capitalismo formas de perpetuação histórica, em que a burguesia, como afirma Silva Sobrinho (2019), produz a evidência de igualdade e de liberdade.

Assim, com a instauração de novas formas de dominação burguesa sobre a classe proletária, o capitalismo se renova, criando formas de dominação como a que analiso na dissertação. Entendo, no bojo deste trabalho, que as materialidades em análise pertencem a um universo discursivo do discurso ordinário. Por isso, como propõe Silva Sobrinho (2016), é preciso que, com estas materialidades, posicionemo-nos, também como analistas, aliados à classe oprimida, que precisa se submeter às normatizações do trabalho manual, repetindo sentidos da exploração, mesmo que, como assinala Silva Sobrinho (2019), o Estado busque aparecer como neutro. Mesmo que o autor analise o discurso político neste texto, compreendo ser produtiva a afirmação do autor sobre o Estado, uma vez que, em nossa formação social, o trabalho formal tem legislações próprias, autorizadas pelo Estado, assim como o Estado está atuante na autorização das práticas autônomas, regimentada, em grande parte, pelo MEI.

Nesse contexto, independente da inserção no MEI em nossa sociedade, o Estado falha ao não dar condições materiais de existência dos sujeitos em sociedade, mesmo que, para isso, se distancie valendo-se da noção de que o sujeito de direito é livre para escolher a sua trajetória de vida, estando, é claro, no interior da legislação nacional. Nesse ponto de vista, Magalhães (2021) afirma que o capitalismo é o único sistema (modelo de produção) com divisão de/entre classes que tem o discurso fundador de que todos são iguais perante a lei, o que, de um ponto

de vista discursivo-materialista, nos permite entender que todo discurso, inclusive este, é determinado pela existência da luta de classes em nossa sociedade.

Na mesma direção, Araújo (2021a), em seu artigo, também discutindo as relações de trabalho, adverte que o sujeito trabalhador, afetado por este sistema que o domina, reproduz os valores da classe dominante, desejando se libertar da dominação, mas apenas de maneira individual, sem pensar em toda a sua classe. Assim, o sujeito trabalhador, na leitura que faço de Araújo (2021a), não entende que pertence a uma classe e que esta classe é, em si, dominada; assim, “libertar-se” da dominação não faria com que a dominação deixasse de existir, mas apenas funcionaria de um outro modo. A luta da classe dominada, como afirma Pêcheux ([1984b] 2014c), é por inverter as relações de dominação do modo de produção capitalista, impondo, então, novas relações de desigualdade-subordinação.

Seguindo a sua reflexão, Araújo (2021a) sinaliza que, por ser esse sujeito que busca o individual, o sujeito trabalhador, não reconhecendo a sua classe, deseja ser empreendedor, especialmente empreendedor de si, já que estaria, então, liberto da imposição do sistema. Em vista disso, esclarece o autor que a mercadoria, que será o objeto pelo qual o sujeito terá explorada a sua força de trabalho, não é produzida pelo capital, mas sim pelo próprio trabalhador, visto que ele a produzirá, utilizando a sua força de trabalho, para, depois, vendê-la. No caso do *corpus* deste trabalho, o corpo é ao mesmo tempo a força de trabalho e a mercadoria a ser produzida. Então, num jogo paradoxal, o sujeito produz o seu corpo, valendo-se da sua força de trabalho, como mercadoria a ser vendida, consumida e remunerada. Desse modo, Magalhães (2013), também inscrita num paradigma materialista, afirma que, no sistema, é oferecida ao sujeito a ilusão de tudo poder conquistar, e aqueles que não conseguem são culpabilizados por não terem se dedicado o suficiente. Com isso, a lógica do capital se materializa na competição entre os sujeitos, levando-os a querer produzir mais e mais e com rapidez.

Partindo desse ponto de vista, Araújo (2021b), no artigo *A ideologia na era digital*, atesta que as redes, por serem constituídas por algoritmos que organizam o seu funcionamento empírico, e discursivo, operam também pelo funcionamento da ideologia em nossa sociedade, de modo que remodelam os modos de interagir socialmente por meio da linguagem. Assim, o autor propõe que o sujeito, ao ser usuário de determinado aplicativo, funde-se a este, de modo que a tecnologia digital dos aplicativos dos quais o sujeito pode ser usuário conduzirá a sua prática social.

Nesse sentido, discutindo o neoliberalismo, Kramer Wanderley (2020, p. 66) afirma que “Os princípios econômicos neoliberais sustentam-se na construção de uma ordem social

baseada na projeção de um efeito-sujeito empreendedor, isto é, estabelece-se uma subjetividade empreendedora como modelo imaginário a ser atingido por todos.”. Com isso, entendo que a modulação do sujeito atua no modo como há o jogo de projeções imaginárias no que diz respeito ao modo como o sujeito supostamente deveria ser em nossa sociedade. Assim, concordo com a autora, quando preconiza que os corpos dos sujeitos são regidos por técnicas que visam à sua padronização em relação, inclusive, à sua tomada de posição, especialmente por haver um deslizamento do trabalho para outros setores da vida do sujeito: “A aventura empreendedora como um sistema de normas de uma formação social capitalista, que funciona pela sobredeterminação de uma ideologia neoliberal, não está concentrada apenas no mundo do trabalho.” (KRAMER WANDERLEY, 2020, p. 79).

Objetivando discutir as relações de trabalho, Nogueira (2017), em sua tese de doutorado, pontua que, nas atuais condições de produção, “[...] a empresa não é só o local (físico) onde ocorre o trabalho, nem somente o palco da oposição de classes, mas é também aparelho ideológico.” (NOGUEIRA, 2017, p. 59). Entendo, nesse sentido, que a noção de empresa, considerando os atravessamentos atuais do neoliberalismo, é deslocada também ao sujeito, de forma que, além de corpo-mercadoria, o corpo seria, por um efeito, também corpo-empresa. De acordo com a autora, o processo de redefinição das relações de trabalho atualmente se dá em função do “[...] processo de mundialização do capital.” (NOGUEIRA, 2017, p. 92). Nesse sentido, no funcionamento do corpo-empresa, o aparelho celular, o *smartphone*, constitui-se como um significante dividido entre o pessoal e o profissional, de modo que, ao mesmo tempo em que serve ao sujeito como meio de trabalho, pelo qual estabelece contato com possíveis clientes, funcionaria como um artefato pessoal, com o qual usaria suas mídias sociais digitais pessoais. Esse funcionamento do celular para o corpo-empresa se dá em função, sobretudo, do atual estado da luta de classes, devido ao neoliberalismo, que, via efeito metafórico, aponta para uma aproximação do trabalho da vida pessoal, de modo que os meios de realização do trabalho, em muito, confundem-se com a vida privada. A título de exemplo, cito o *home office*, que, com a eclosão da pandemia do novo coronavírus, tornou os espaços de moradia dos sujeitos em espaços de trabalho, fazendo com que os(as) trabalhadores(as) tivessem um aumento de jornada³¹.

³¹ Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/home-office-aumenta-jornada-e-trabalhador-sofre-mais-com-doencas-mentais-83ef#:~:text=A1%C3%A9m%20disso%2C%20a%20jornada%20de,o%20aumento%20foi%20bem%20maior>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Na próxima seção, desenvolvo as análises do capítulo em questão. Antes de entrar nas análises, passo à discussão de um mo(vi)mento teórico, buscando associar corpo e fotografia. Com base nisso, discuto a noção de mercantilização do corpo em um contexto das mídias sociais digitais, bem como apresento os procedimentos metodológicos que me permitiram recortar o *corpus* discursivo.

4.3 NO CORPO, A MERCANTILIZAÇÃO

De acordo com o que discuti no capítulo dedicado à análise do corpo, entendemos, a esta altura, que o corpo é uma materialidade significativa, cujos efeitos discursivamente se marcam neste corpo, que é um corpo do social, da cultura, da ideologia e do inconsciente. De acordo com Garcia (2019), o corpo é o lugar material onde a significação acontece, em que a ideologia opera de maneira constitutiva e contraditória, em que os efeitos do social se marcam, em que o inconsciente realiza o seu desejo (VINHAS, 2016). Este corpo, conforme discuti, é o corpo do sujeito, do sujeito que toma posição, que se identifica com os sentidos via posição-sujeito.

Conforme Fernandes e Tasso (2016), o corpo é um objeto de desejo, coibição, controle, vergonha, dor, pudor, mercadoria. “O “corpo”, compreendido, como uma superfície de inscrição discursiva, é atravessado pela história e, dessa forma, estabelece um estatuto simbólico, que não é caótico, que não é irregular, que não é livre de determinações *mediáticas* e *mercadológicas*.” (FERNANDES; TASSO, 2016, p. 82, grifos meus). Considerando, de maneira relacionada, o midiático e o mercadológico, destacados na citação, entendo a sua relação com a fotografia, com aquilo que se produz pela visualidade, pela coloração.

Nessa perspectiva, Ferrari e Neckel (2017) entendem a produção do corpo como imagem, que é um corpo já sujeito à mídia, mercantilizado e exposto. Esse corpo, conforme defendem, é um corpo que deriva do equívoco e da contradição, em que os sentidos se relacionam não só pela concordância, mas também pela oposição entre si. Dessa forma, “A condição de ser corpo-sujeito enquanto “mercadoria”, determinado pela forma histórica do capitalismo, o sujeito produção é substituído pelo sujeito-produto.” (FERRARI; NECKEL, 2017, p. 227). Por isso, ao tratar do sujeito e da sua materialidade corporal, convocada à significação, é preciso que entendamos, justamente em função do equívoco, que este corpo não se deixa apreender em sua totalidade, uma vez que sempre há algo que escapa à inscrição, há algo que é residual e inapreensível. Algo que se marca junto ao real do corpo (LEANDRO FERREIRA, 2019).

Ainda com base na autora, relacionando corpo e discurso, “[...] quando o corpo falha, o discurso fala, e ambos sempre faltam” (LEANDRO FERREIRA, 2019, p. 283). Assim, como lugar de produção dos efeitos de sentido, o corpo é material e é materialidade, como defendi anteriormente. Em função disso, como aponta Flores (2021), há uma distinção entre os corpos que ocupam o social, de modo que há corpos que não interessam ao Estado, que ficam a par de suas regulamentações. Entendo que esses corpos em específico são aqueles que não se inserem numa lógica de consumo capitalista.

Nessa perspectiva, o sistema capitalista, como venho defendendo ao longo deste trabalho, institui a relação do corpo com a sociedade em suas contradições. Assim, com base nisso, Cândido e Amaral (2021) entendem que, nas redes, o sujeito busca a promoção da imagem de si para que obtenha reconhecimento sobre a sua prática (seja ela pessoal, profissional, acadêmica, *etc.*), de forma que, como Santos e Medeiros (2011) sustentam, o corpo entrou na dinâmica do mercado e das suas relações, trabalhando a sua formulação sobre o imaginário do ideal. Com essas proposições, entendo que há, nas formações sociais capitalistas, o funcionamento do discurso de mercantilização do corpo, o qual se estrutura pela venda do corpo, associada à sua força de trabalho, como um princípio de constituição de uma lógica neoliberal de compreensão sobre as relações de trabalho. Desse modo, nas mídias sociais digitais, esse funcionamento discursivo encontra um terreno fértil para a sua reprodutibilidade, uma vez que a *internet* oferece ao sujeito, como já discuti anteriormente com base em Grigoletto (2017), a ilusão de liberdade. Com isso, o sujeito identifica-se com esse discurso, reproduz os seus saberes, inserindo-se em uma estrutura-funcionamento que ilusoriamente o retiraria de uma posição de desigualdade-subordinação, já que, então, estaria alheio ao funcionamento da legislação do Estado vigente no que diz respeito à prática trabalhista, sobretudo por as relações entre os sujeitos contemporâneos, identificados com a forma-sujeito capitalista, serem submetidas a critérios materiais, em que o sujeito é “coisificado” (LARA, 2017).

Entendo essa questão da mercantilização do corpo, retornando à questão do corpo-imagem de que falam Ferrari e Neckel (2017) e aproximo essa discussão à Lagazzi (2015), que propõe a compreensão da *formulação visual* como aquela vinculada ao intradiscurso, ao nível da formulação, do pré-consciente que se produz como evidência de sentido e da *imagem* como o elemento ligado ao interdiscurso, aos efeitos discursivos de sustentação de um sentido, à relação com os discursos outros. Nesse sentido, relacionando à discussão sobre memória que Courtine (1999) faz, entendo que o chapéu de Clémentis é um modo de, pela formulação visual, acessar a imagem, ou seja, pelos elementos de constituição imagética, é possível acessar a

historicização dos sentidos, de modo que, conforme Mittmann (2011), o texto fotográfico escapa às bordas, deixando vestígios de sua significação.

Na perspectiva da formulação visual dos discursos, Mittmann (2011), além do já exposto, compreende que os elementos imagéticos não são evidentes em si, concordando com o que Pêcheux ([1975] 2014a) propõe acerca das suas evidências e seus efeitos discursivos. Tratando da fotografia, é possível que pensemos a respeito da *selfie*. Para Nunes e Soares (2019), o avanço das práticas do/no espaço virtual possibilita a efetivação de práticas próprias a este espaço, como a *selfie*, a qual, segundo as autoras, produz uma relação do sujeito consigo mesmo, em que o efeito de unidade é presente pela via da busca do espelhamento de um imaginário de que o sujeito tem de si mesmo, o que constitui os modos de subjetivação nas/pelas mídias sociais digitais.

Assim, articulando as discussões acima feitas, entendo que a fotografia, enquanto formulação visual, é um modo de o sujeito produzir sentidos sobre si. Nessa direção, Campos e Neckel (2016) afirmam que o acesso à imagem, em sua relação interdiscursiva, se dá pela incompletude, que é própria dos sujeitos e dos sentidos. Assim, os corpos da(s) fotografia(s) são “[...] corpos que (se) significam na opacidade.” (CAMPOS; NECKEL, 2016, p. 170).

Com essa textualização do corpo na fotografia, é importante que entendamos, ainda, conforme o ponto de vista de Lagazzi (2017), apresentado já por outros textos da autora, acerca da materialidade significativa e a sua composição. De acordo com a autora,

Dizer que a composição material se configura pela contradição é propor que a imbricação das diferentes materialidades que compõem um material de análise se faz pelo movimento na incompletude e na falha de cada materialidade, que cada materialidade significativa se demanda na(s) outra(s) com que compõe modos de formulação, uma demanda pela constante possibilidade de estar em movimento, estar em relação a esta(s) outra(s) materialidade(s). (LAGAZZI, 2017, p. 36).

A composição trata-se, então, do funcionamento simultâneo e contraditório de diferentes materialidades significantes em um todo significativo. Assim, em uma composição, podem se relacionar língua, fotografia, cor, movimento, entre outras materialidades que convoquem o(a) analista ao gesto de leitura. Por essa relação no interior da composição, o mesmo e o diferente se relacionam e podem possibilitar, como aponta Lagazzi (2017), o tensionamento da memória. Por outro lado, a composição tal como se apresenta pode, em sua relação com a evidência do sentido, contribuir para a repetição de uma memória, para a cristalização de um efeito de sentido. Ainda em relação, em texto posterior, Lagazzi (2019) afirma que trabalhar com uma composição de diferentes materialidades significantes em um gesto analítico não é entender a relação das materialidades de forma somatória, mas sim como

uma relação de imbricação, em que a contradição das materialidades e entre as materialidades comparece na produção de um efeito analítico.

Com isso, entendo que as análises desenvolvidas até então do *corpus* auxiliar, assim como as que desenvolvo posteriormente são *composições*, que trabalham com a materialidade da língua, da fotografia, da cor, do movimento. Por isso, neste capítulo, na seção seguinte, analiso treze sequências discursivas do *corpus* discursivo. De acordo com Courtine ([1981] 2014), em AD, podemos ter dois tipos de *corpora*. Os *corpora* de arquivo e os *corpora* experimentais. Antes de adentar nessa diferenciação, devo retomar uma conceituação sobre o significante *arquivo* em AD. De acordo com Pêcheux ([1982b] 2014d, p. 59), o arquivo corresponde “[...] no sentido amplo de “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” [...]. Assim, o(a) analista, no trabalho com o arquivo, deve se debruçar sobre a “*plurivocidade do sentido*” (PÊCHEUX, [1982b] 2014d, p. 62, grifos do autor), entendendo que

[...] não considerar os procedimentos de interrogação do arquivo como um instrumento neutro e independente (um aperfeiçoamento das técnicas documentais) é se iludir sobre o efeito político e cultural que não pode deixar de resultar de uma expansão da influência das *línguas lógicas de referentes unívocos*, inscritos em novas práticas intelectuais de massa. Não faltam boas almas se dando como missão livrar o discurso de suas ambiguidades, por um tipo de “*terapêutica da linguagem*” que fixaria enfim o sentido legítimo das palavras, das expressões e dos enunciados (PÊCHEUX, [1982b] 2014d, p. 63, grifos do autor).

Entendendo o caráter de dispersão do arquivo, compreendo que a sua regularidade também é um efeito discursivo, como aponta Grigoletto (2017). Nesse sentido, os *corpora* de arquivo seriam aqueles que são “[...] constituídos a partir de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por exemplo, os historiadores são confrontados [...]” (COURTINE, [1981] 2014, p. 77). A constituição do *corpus* desta pesquisa é um *corpus* de arquivo, uma vez que, para o compor, parto da existência histórica nas atuais condições de produção do aplicativo *Grindr*, bem como de seus usuários.

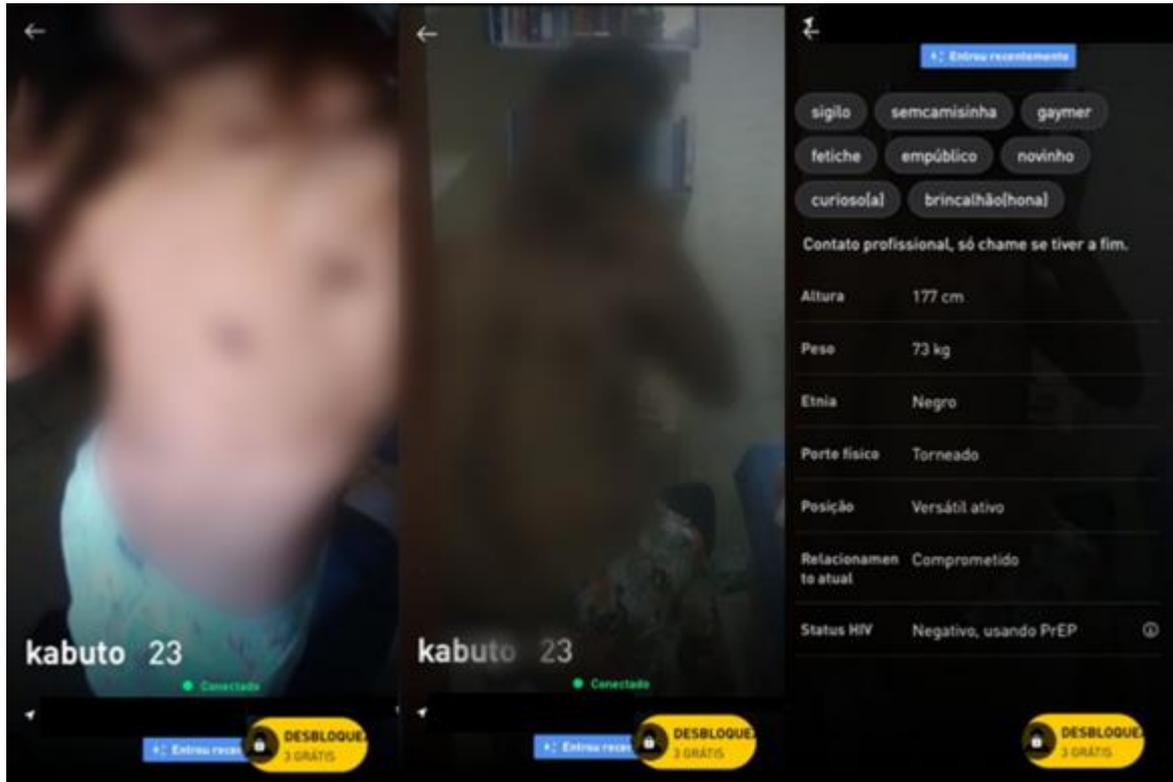
Para a composição do *corpus*, segui os seguintes procedimentos. Primeiro, a criação de uma conta no *Grindr*. Nesta conta, o meu perfil esteve, durante toda a realização da pesquisa, sem identificação autoral, fotografia ou preenchida em qualquer categoria de preenchimento aplicativo. Segundo, a procura periódica de perfis que contivessem os significante “contato profissional”, “GP”, “Pix”, “Cartão, o que se deu pelas diferentes telas do *Grindr*, Perto, Novo e Explorar. No que diz respeito ao Explorar especificamente, elegi, para a procura, regiões litorâneas de quatro capitais do nordeste do Brasil: Recife, Aracaju, João Pessoa e Natal. Além desse uso no Explorar, pude encontrar os perfis que fariam parte do *corpus* empírico nessas

idades também a partir da tela Perto e Novo, quando em visita às cidades referidas. Terceiro, ao identificar os perfis com estes significantes, realizei *prints* da tela, movimento propiciado pelos artefatos digitais que permite a criação de uma fotografia da tela em visualização. Quarto, após o *print* do perfil e suas telas, procedi à numeração dos perfis. Assim, se um perfil tivesse quatro *prints*, estes seriam nomeados da seguinte maneira: “1.1”, “1.2”, “1.3” e “1.4”. Quinto, após a separação do *corpus* empírico do trabalho, passei a um gesto de leitura sobre as materialidades selecionadas a fim de identificar regularidades dos perfis. Nesse momento, identifiquei que havia perfis com a identificação do rosto e sem a identificação do rosto. Sexto, para delimitar as sequências discursivas, elegi dois critérios de recorte: i) o perfil deveria ter, ao menos, uma foto de perfil; ii) o perfil não deveria apresentar fotografias em que o rosto do sujeito aparecesse em sua totalidade. No que diz respeito ao segundo critério, o fiz em função do desejo de manter a identidade dos sujeitos preservada. Sétimo, após a delimitação das sequências discursivas, juntei os *prints*, que estavam separados individualmente, a fim de criar um conjunto de composição de materialidades significantes, de modo que estas ficassem concentradas.

Neste trabalho, cada conjunto de composição de materialidades significantes constitui uma sequência discursiva, a qual, no trabalho analítico que desenvolvo, será, no batimento entre descrição e interpretação (PÊCHEUX, [1983a] 2015b), discutida tendo em vista as suas regularidades e os seus efeitos discursivos, especialmente no que diz respeito à formulação visual do corpo e a sua relação com as descrições e as categorias de preenchimento do aplicativo. Nesse sentido, entendo, ao longo das análises, o corpo sob um funcionamento metonímico. De acordo com Pêcheux ([1975] 2014a, p. 153, grifos do autor), “[...] *metonímia*, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa”. Desse modo, o corpo, formulado pela fotografia inserida no aplicativo, é apresentado pela fração, produzindo um efeito de evidência sobre o todo do corpo. O corpo, nessa asserção, produz-se como um efeito da parte segmentada e visível no aplicativo, de forma que o efeito metonímico atuaria na instauração de um efeito de evidência do sujeito sobre seu corpo.

Considerando os procedimentos metodológicos acima discutidos, apresento, em seguida, as sequências discursivas do trabalho. Ao todo, são treze sequências discursivas, as quais analiso separadamente com vistas a atentar aos distintos elementos linguísticos e visuais de significação, ainda que, no decorrer das análises, relacione as sequências entre si, de modo a observar o tensionamento entre a paráfrase e a polissemia no discurso da mercantilização do corpo masculino.

Figura 29 – SD1



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Nessa primeira sequência discursiva do *corpus* discursivo do trabalho³², observa-se um perfil, no qual foram inseridas duas fotos, oito *tags* e foram preenchidas sete categorias de preenchimentos de um perfil no *Grindr*, as quais discuti no capítulo anterior. Nas duas fotografias inseridas, o sujeito do perfil está sem camisa, expondo a parte superior e frontal do corpo e uma parte segmentada dos membros inferiores, bem como uma pequena parte do seu rosto. Em relação às *tags*, estão “sigilo”, “semcamisinha”, “gaymer”, “fetiche”, “em público”, “novinho”, “curioso(a)”, “brincalhão(hona)”. As *tags* em questão, discursivamente, apontam para um modo como o sujeito encontra-se dividido entre o vender-se(r), visto que *tags* como “gaymer” ou “brincalhão(hona)” não indicariam, de maneira direta, pela evidência do sentido, para característica pessoais e/ou sexuais que colocariam o corpo à venda, mas que, ainda assim, o fazem. Atentando aos elementos da SD, o sujeito, na SD em análise, busca, por meio da formulação visual do seu corpo, privilegiar o seu tórax, aparentemente correspondendo ao imaginário da forma-corpo, isto é, alterado pela prática de exercício físico e que, nessa SD, se

³² Nesta SD, o sujeito utiliza o nome de perfil “Kabuto”. Em uma pesquisa no buscador *Google*, identifiquei que “Kabuto” tem duas referências no espaço midiático. A primeira delas a um personagem de um anime japonês, Naruto, e a segunda a um personagem do jogo *Pokemon*.

sugere como um corpo musculoso, especialmente pelo ângulo em que foi tirada a fotografia de si.

Ainda em relação à primeira fotografia, percebo que a sua vestimenta, na parte abaixo da cintura, está posta de modo que dá destaque para o seu abdômen, região do corpo que, em muito, os homens buscam um ideal estético de corpo a fim de corresponder à forma-corpo na formação social capitalista. No primeiro recorte, o sujeito, ao que parece, utiliza-se da câmera frontal do celular, em gesto similar ao de tirar uma *selfie*. Em outros termos, utilizar da tecnologia digital para fotografar a si mesmo, a partir de uma câmera em que você pode se visualizar diretamente, em que o aparelho celular não comparece imagetivamente na fotografia.

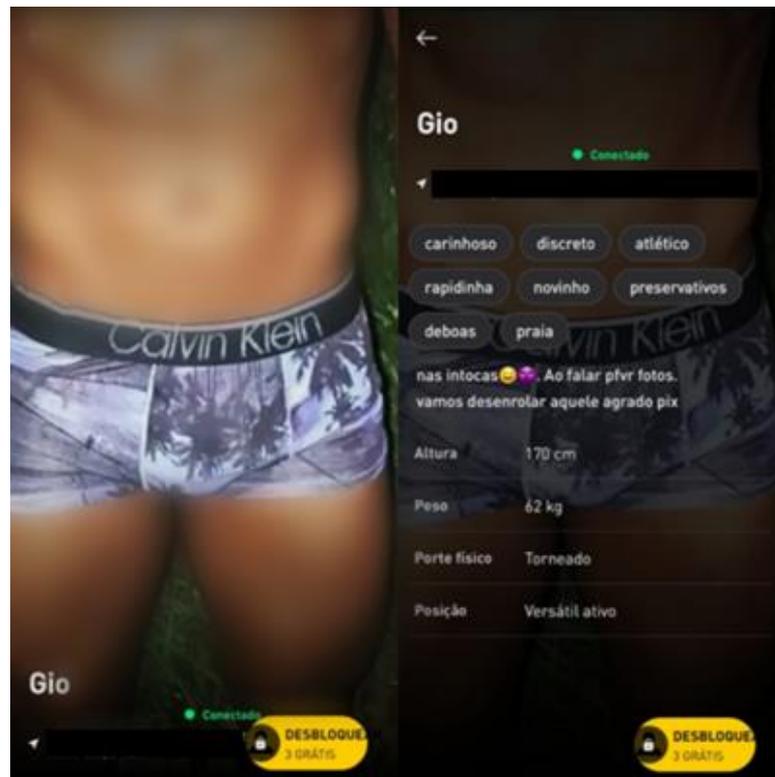
Assim, entendo que a *selfie* pode produzir, nesse sentido, um efeito de espelhamento, como se, por não permitir, nesse contexto, a aparição do aparelho celular, sugeriria uma suposta naturalidade da formulação visual do corpo. Nesse sentido, a segunda fotografia, compondo o segundo recorte da SD 1, segue em direção parecida, ainda que a iluminação seja outra e a posição da fotografia seja outra. Nesse recorte, o sujeito posta-se diante do espelho, vestido de maneira similar à forma do primeiro recorte: sem camisa, utilizando uma bermuda que deixa aparente todo o abdômen e parte inicial da região pélvica. Em termos de funcionamento do corpo pelo digital, entendo que se produz um *funcionamento metonímico do corpo*, o qual, pela formulação visual da fotografia, sugere um efeito de totalidade do corpo, como se se resumisse ao tórax, a um corpo sem rosto, ou um rosto coberto, a um corpo malhado, que busca responder ao desejo pulsional do outro com quem possa se relacionar. Por outro lado, considerando que há, além da formulação visual, um rosto, produz-se uma rede de metáforas em que a ausência do rosto desliza para a particularidade do sujeito, para aquilo que é da ordem do pessoal, da identidade. Com o apagamento do rosto, o sujeito coloca-se como um corpo que poderia ser um corpo outro que não o do sujeito-empírico, mas um corpo possível dentro da rede de formulações no/pelo aplicativo.

Em relação ao desejo que menciono, posso entendê-lo por meio da descrição inserida pelo sujeito do perfil (“contato profissional, só chame se tiver a fim”). Destaco, nessa SD, a inserção da expressão “a fim”. Em uma perspectiva tradicional da gramática, “a fim” caracterizaria a introdução de uma oração subordinada adverbial final, que pediria, então, a inserção de “X”, em que X seria a finalidade oracional. Nesse sentido, o verbo “tiver” parece fazer referência a um “tu” não gramatical (já que, então, seria “tiveres”), a um você, ao sujeito a quem esse sujeito se direciona. Dessa maneira, o sujeito que sentir desejo pelas formulações visuais do corpo do sujeito “só” deverá entrar em contato caso deseje estabelecer o “contato profissional”. Este contato profissional, em termos da venda do corpo, se marca pelo desejo: só

haveria o estabelecimento deste contato se e somente se o sujeito sentisse desejo pelo sujeito do perfil. Assim, o sujeito do perfil submete o seu corpo ao desejo do outro para que, então, se produza o contato profissional. Buscando, então, a incitação do desejo sexual no outro, o sujeito apresenta, em seu perfil, algumas características físicas, como, primeiro, altura e peso. Ao combinar, por cálculo do IMC, essas caracterizações “dialogam” com a formulação do corpo apresentada na SD, voltando-se à forma-corpo. Em seguida, o sujeito insere a sua etnia, o seu porte físico, que é identificado como “torneado”; em minha leitura, “torneado” seria uma categoria de definição do corpo intermediária entre o “magro” e o “musculoso”. Após isso, insere a posição sexual pela qual tem preferência, versátil ativo, o que se repete, com diferentes variações, ao longo desse trabalho, produzindo-se como uma evidência sobre a venda do corpo no aplicativo *Grindr*. Portanto, para que se queira vender o corpo para fins sexuais, é quase uma necessidade que se seja ativo ou versátil ativo, uma vez que isso sugeriria um efeito da masculinidade e da virilidade do sujeito do perfil. Por último, o sujeito indica que seu relacionamento atual é “comprometido” e que seu status de HIV é negativo, porém faz uso do PrEP.

Na sequência em seguida, analiso mais um perfil de um sujeito que busca vender o seu corpo, o que se sinaliza a partir da menção ao “pix”.

Figura 30 – SD2



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Nessa segunda sequência discursiva, observo um perfil com menos caracterizações que o anterior, isso em termos de fotografias e de categorias preenchidas. Nesse perfil, o sujeito insere apenas uma foto de si, escreve uma legenda, a qual analiso mais à frente, e preenche quatro categorias do perfil. Em relação à imagem de si, o sujeito insere uma imagem que apresenta o seu abdômen e suas pernas. O modo como o corpo se formula nessa SD assemelha-se, ainda que de maneira diferente da SD anterior, a um corpo padrão, isto é, musculoso, respondendo aos imaginários sobre o que deve ser um corpo e o que deve ser um corpo exposto em uma mídia social digital como esta. Nessa SD, o sujeito, diferentemente do sujeito da SD anterior, está utilizando apenas uma cueca. Este uso particularizado de uma peça de roupa íntima produz um efeito maior de incitação ao desejo do outro já que não é comum, por exemplo, ver um sujeito utilizando apenas uma cueca na rua como se pode ver utilizando apenas uma bermuda. Essa caracterização do corpo se liga a uma das *tags* utilizadas pelo sujeito do perfil, “atletico”, sugerindo que o sujeito realiza alguma atividade física para manter o corpo padronizado.

Nessa perspectiva, o sujeito do perfil faz trabalhar o imaginário de que, no perfil no *Grindr*, ele pode expor algo que ele não poderia expor na rua, no espaço urbano. Ao produzir um furo nessa proibição do urbano, o sujeito trabalha o desejo do outro em seu corpo, já que não é qualquer outra região do corpo que fica visível à leitura dos demais; é uma região interpretada muito mais sexualmente do que um tórax, por exemplo. Ao não deixar formular o seu rosto, o sujeito insere em sua descrição “nas intocas 😏👁️”. Esse primeiro enunciado linguístico-discursivo funciona como um modo de reforço do “sigilo” tão comum no *Grindr*. Desse modo, entendo que, para que este sujeito se subjetive pelo aplicativo, é necessário que ele esconda a si mesmo, esconda o seu rosto, uma vez que, a não ser pelo encontro físico, deixar exposto o seu rosto talvez o oferecesse algum risco, talvez de que descobrissem que ele atua como garoto de programa ou até mesmo da sua sexualidade não cisheteronormativa. Nesse sentido, observo a *tag* “discreto” para se caracterizar; o uso desta *tag* associada à fotografia que o sujeito insere produz um efeito da contradição. Ora, como o sujeito intitula-se discreto no perfil, porém, em sua foto de perfil, está apenas de cueca e focalizando entre o tórax e as pernas.

Com essa questão, entendo que o efeito de sentido da descrição é determinado pelo apagamento do rosto, se produzindo pelo funcionamento metonímico do corpo. Portanto, ser discreto não seria uma vontade de não ser notado ou não ser percebido, porém uma vontade de que haja desejo sobre seu corpo, de modo que, por esse desejo, não seja necessária a

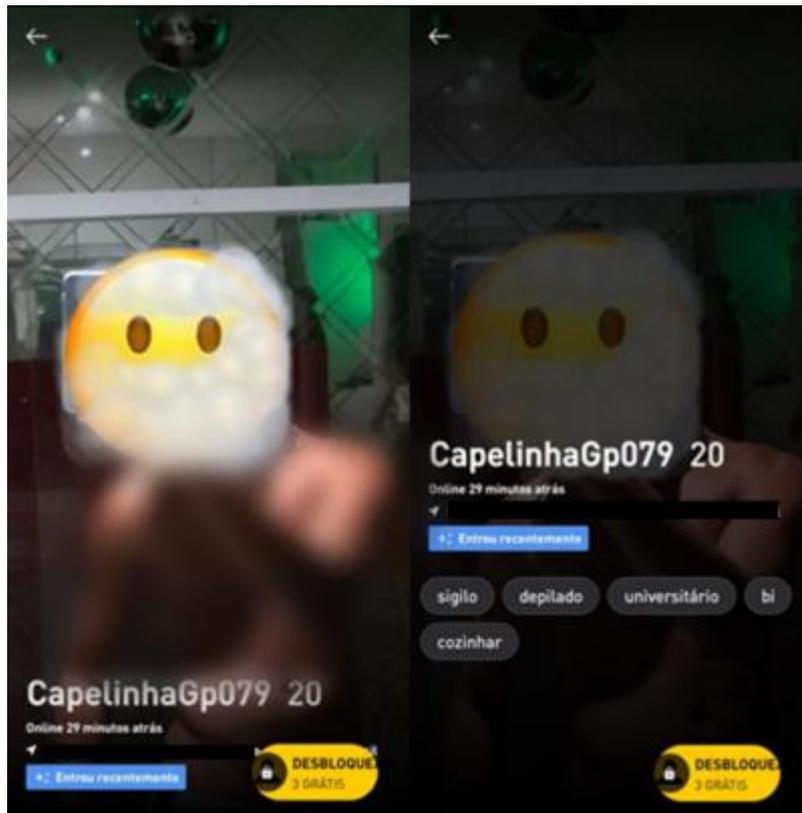
identificação de seu rosto. Assim, o sujeito pode criar um certo anonimato sobre si, ainda que, pelo excesso do corpo, mostre-se entre a contradição da falta e do excesso.

Ainda em relação à sua descrição, o sujeito enuncia “vamos desenrolar aquele agrado pix”. Com esse enunciado, que serviu para a minha entrada analítica nesta SD, há a marcação linguístico-discursiva da compra, da transação comercial a que se destina esse perfil, o pix. O pix, inscrito nessas condições de produção, parece funcionar como um facilitador da troca financeira, uma vez que, ao inserir a chave pix a quem deseja enviar algum valor, a transação é realizada. Contudo, nessa SD, o pix, a título de evidência, não é entendido como uma forma de pagamento pela prática da venda do corpo, mas sim como um “agrado”. Ou seja, o pix ficaria a critério do sujeito-comprador, caso ele quisesse agradecer ou não o sujeito do perfil. Pergunto, nessa direção: haveria a concretização da prática caso não houvesse a realização do pix?

Com essa formulação do sujeito acerca do pix, compreendo que, pela materialidade, talvez o sujeito não se compreenda como um sujeito que pratica a venda de seu corpo, visto que o pix seria um agrado e não uma condição. Desse modo, não se identificaria com os sentidos dominantes acerca da prostituição, havendo um deslocamento do lugar social de garoto de programa para o lugar social de quem vende o corpo. Ainda que, em um primeiro momento, pareçam um mesmo lugar social empiricamente, de forma discursiva, o funcionamento é de que ocupa o lugar discursivo de garoto de programa, uma vez que, ao se subjetivar, o faz dessa posição discursiva.

Acerca dos imaginários, além do já destacado na SD anterior, do versátil ativo e do corpo malhado, destaco, nessa SD, o imaginário do “novinho”, *tag* do perfil. Desse modo, este corpo à venda, à disposição do envio do pix, além de ser um corpo de um sujeito que busca a prática de exercícios físicos, é o corpo de um sujeito mais novo, isto é, novo deslizando para objeto de desejo, o que percebo ao longo das demais análises.

Figura 31 – SD 3



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Nessa SD, há, em comparação às demais SDs, uma redução no que diz respeito à composição do perfil. Neste, apenas aparecem uma fotografia e cinco *tags*. Para entrar analiticamente nessa SD, destaco o nome que o sujeito insere em seu perfil “CapelinhaGp079”, no qual há a menção a “Gp”, garoto de programa de forma abreviada, determinado pela numeração seguinte “079”, que seria o DDD da região em que o sujeito se encontra, na região metropolitana de Aracaju.

Na fotografia que insere, o sujeito está dentro de um banheiro, com uma iluminação não tão forte. Por meio de um mecanismo de edição fotográfica, o sujeito coloca em seu rosto um *emoji* que parece estar desaparecendo por detrás de uma fumaça. Assim, o rosto do sujeito, já coberto por um *emoji*, relaciona-se ao próprio *emoji* que busca se esconder atrás da fumaça³³.

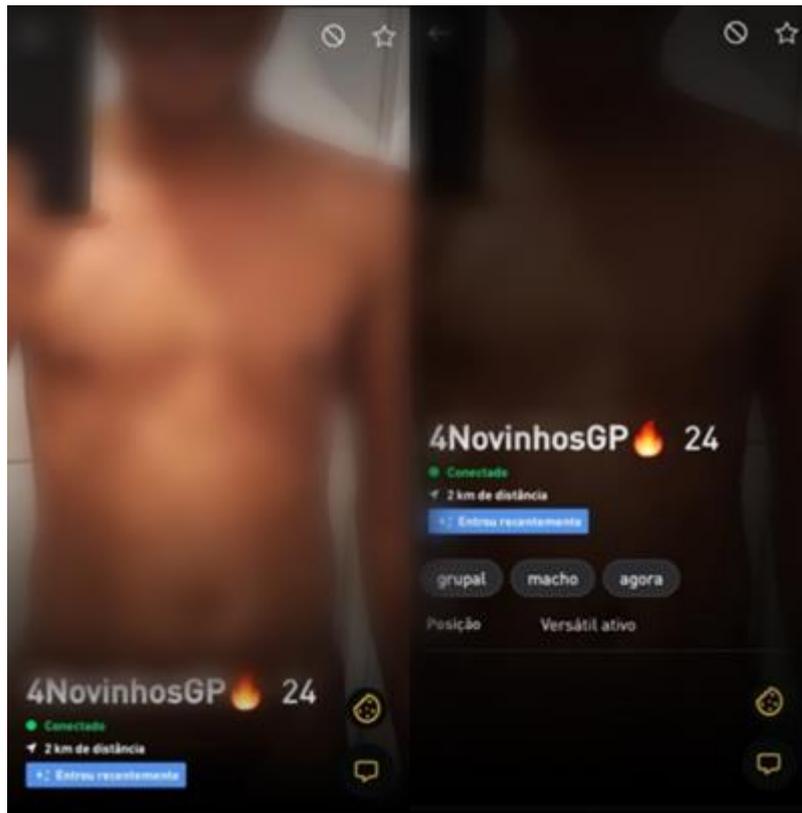
³³ Pela formulação visual, a fumaça parece ser a forma mais apropriada para designar o efeito visual em funcionamento, porém, ao olhar a lista de *emojis* em meu aparelho celular, observei que se trata de uma nuvem. Ou seja, o *emoji* está atrás de nuvens, também como se estivesse desaparecendo ou buscando ficar não identificável. Ressalto que, nessa consulta em meu aparelho celular, tentei copiar o *emoji* para inseri-lo no corpo do texto, todavia, ao copiar, o *emoji* ficava desconfigurado, como a seguir: “🌩️”. Este funcionamento, em termos analíticos, sugere uma discussão que não cabe aos objetivos do trabalho, mas que diz sobre as fronteiras do digital, visto que a plataforma em que escrevi a dissertação é um sistema operacional atualizado, assim como a versão do *WhatsApp Web* que utilizei para copiar. Desse modo, mesmo que os sistemas sejam atualizados e contemporâneos

A inserção deste *emoji* significa de modo interessante no curso desta pesquisa, visto que, nas SDs anteriores, os sujeitos ou mostravam apenas abaixo do pescoço ou cobriam o rosto com o celular. Ainda que, nesta SD, o sujeito aparentemente cubra seu rosto com o celular, o afirmar não é possível em função do *emoji* à frente do rosto. Com isso, considerando que o aparelho celular está realmente à frente do rosto, entendo que há, com essa edição, um duplo funcionamento do apagamento de si. Dito de outro modo: ao cobrir o rosto com o celular, o sujeito apaga o seu rosto e, em seguida, insere um *emoji* em seu rosto, com vistas a garantir que esse apagamento seja efetivo. Esse funcionamento na formulação visual, permitindo-nos adentrar na imagem, encaminha para a mesma direção de sentido que está posta em uma das *tags*, “sigilo”. O sujeito, então, busca, realmente, permanecer em sigilo, ainda que, na fotografia, mostre seu corpo sem camisa.

Acerca do corpo, o sujeito, assim como os demais analisados anteriormente, está sem camisa, mostrando o tórax e o abdômen, visivelmente musculosos, mesmo que o seu braço esteja à frente de parte do seu corpo. Além disso, destaco a *tag* “depilado”, presente no perfil, que, se relacionada à fotografia, produz um processo de descrição do corpo, o qual, pela fotografia, não apresenta pelos, assim como, num movimento de paráfrase do corpo, na SD anterior.

Em relação às *tags*, há de se observar “universitário” relacionada à idade do sujeito no perfil, 20 anos. Associando às SDs anteriores, tem se estabilizado um sentido acerca da venda de si no *Grindr*: i) homens que buscam o sigilo; ii) homens mais novos; iii) homens que possuem um corpo-padrão, que também posso nomear de corpo não-gordo. Com essas regularidades, é possível compreender que a ideologia, em sua forma política da divisão de sentidos, produz um efeito regulador sobre a prática da venda do corpo, ou seja, para que se deseje o fazer, é necessário ter um corpo-padrão, um corpo que não seja gordo e uma tendência a buscar a não identificação de si.

Figura 32 – SD 4



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Nessa sequência discursiva, o perfil apresentado é ainda mais simples no que diz respeito à sua composição visual e linguística. No perfil, o sujeito inseriu apenas uma foto, três *tags* e uma característica física. Nesse sentido, partindo para a análise da fotografia inserida, esta foi tirada de frente a um espelho, aparentemente em um banheiro de uso particular. Na fotografia, o sujeito, assim como os demais, está sem camisa, contudo, notando uma particularidade, percebo que, neste perfil, o sujeito está sem nenhuma peça de roupa como os demais estavam, ainda que seja difícil identificar essa ausência pelo modo como a Figura 32 está posta.

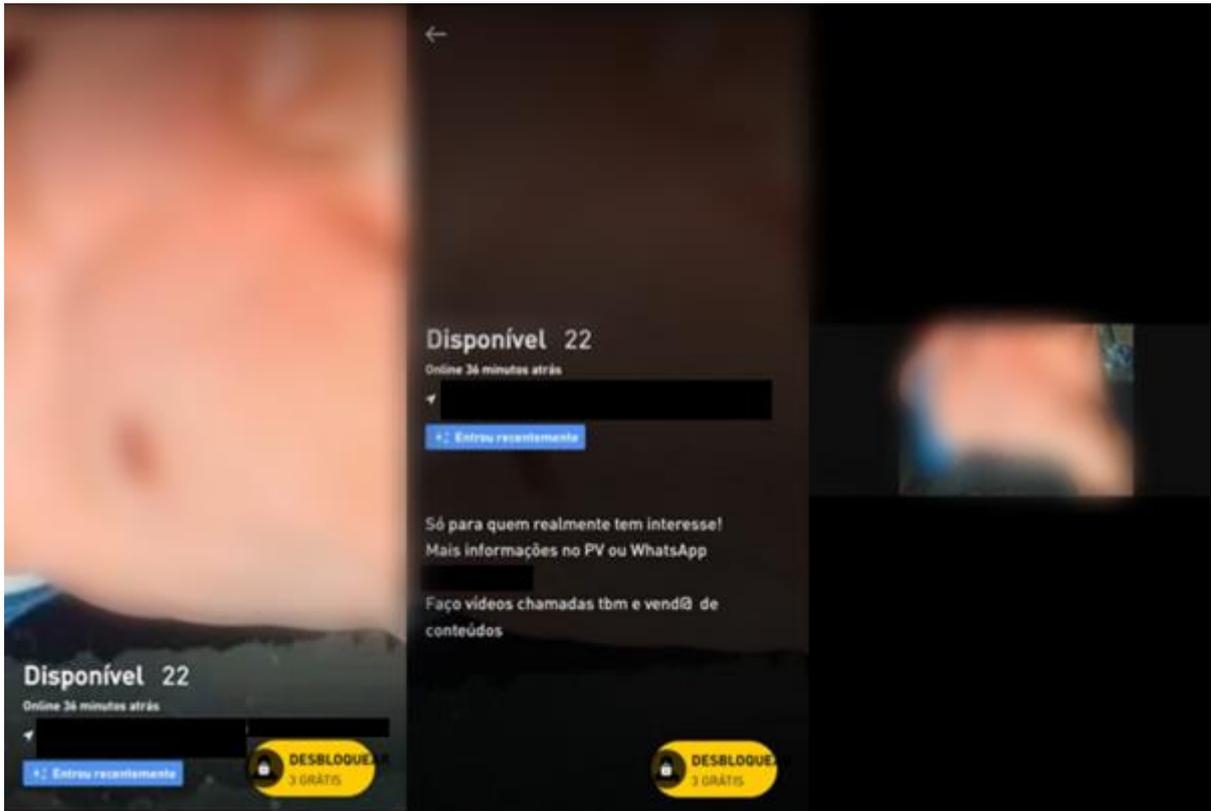
Desse modo, o sujeito, identificado em seu perfil como GP, é um homem que também busca apagar o seu rosto, mas não completamente, uma vez que é possível enxergarmos a parte inferior de seu rosto. Nessa perspectiva, o sujeito identifica-se com os sentidos do anonimato e do sigilo, de modo que o seu corpo é “a moeda” de oferta para o serviço a ser requerido. Isto é, para que se interesse pelo sexo com este sujeito, é preciso que se saiba como é o seu corpo e, certamente, a sua posição sexual. Em seu perfil, há a delimitação desta posição, versátil ativo, o que já defini no capítulo anterior. Dessa maneira, estabilizam-se sentidos acerca do corpo em prostituição, em venda de si, o corpo, como já venho alertado, magro ou atlético ou malhado

ou musculoso, que possa servir ao sujeito interessado como canal de realização do prazer, bem como serve ao sujeito do perfil na afirmação de seu corpo como artefato suficiente para incitar o desejo no outro, de modo que, em seu perfil, são reduzidas as informações inseridas e seu corpo pela fotografia é a parte mais importante.

Relacionando as composições da Figura, observo que, ao se identificar como versátil ativo, o sujeito do perfil insere uma foto em que está de frente, de modo que reforça, pela via da formulação visual, a sua posição sexual, especialmente por estar sem roupas. Ainda nas *tags*, noto a presença de “agora”. Nas categorias de caracterização, apresentadas no capítulo anterior, “agora” aparece na categoria “Em busca de”; assim, entendo que, ao inserir nas *tags* o que busca, o sujeito possibilita que, pela possibilidade da pesquisa por *tags* no aplicativo, o seu perfil apareça de maneira mais rápida para quem se interessar pela prática sexual mais instantânea. Assim, o sujeito insere-se numa rede de sentidos que preza pela rapidez para o encontro, em que ele se venderá, já que se identifica como GP, cuja prática será como ativo ou versátil ativo, uma vez que demonstra essa preferência pelo aplicativo.

Portanto, com essa inscrição, permite o deslocamento do seu corpo para o corpo-mercadoria, de forma que será por ele, pelo corpo, que será identificado como um sujeito que busca o sexo como forma de cooptação financeira, como modo de (sobre)viver. Para isso, além da identificação como ativo, o sujeito trabalha com o imaginário, assim como na Figura 30, do “novinho”, criando em quem o deseja um efeito de desejo maior, inclusive por este sujeito ser adepto ao “grupal”, *tag* marcada em seu perfil. Ou seja, são maiores as possibilidades de prática sexual com este sujeito. Assim, estando aberto a mais possibilidades sexuais, por se identificar como versátil ativo, ou seja, não necessariamente ativo, como adepto ao grupal, mas não somente a ele, por buscar um agora, o sujeito está inserido em sentidos da submissão de si ao desejo outro, desejo que pode ser diverso. O que decidirá, ao final, é a procura por este sujeito e a oferta financeira para a prática sexual. O seu corpo, então, subjetivado pelo sexo e circulando no *Grindr*, precisa do sujeito outro para que todos esses sentidos trabalhem sobre o seu corpo; sem esse sujeito, não haveria como existir a prática da venda de si no aplicativo.

Figura 33 – SD 5



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Nessa sequência discursiva, o sujeito, em seu perfil, apresenta um outro modo de configuração do perfil. Ressalto que, quando selecionei este perfil, ainda não existiam as *tags* para os perfis. Em seu perfil, o sujeito usa “Disponível” em seu nome do perfil e, ao lado, marca a opção no aplicativo referente à sua idade, 22 anos. Acerca do significante “disponível”, entendo o seu funcionamento parafrástico com “agora”, da categoria “Em busca de”. Desse modo, encontra-se disponível para aquele que sentir interesse pelo sujeito, não delimitando com quem ele gostaria de sair, ou seja, estaria disponível para todo aquele que sentir o desejo.

Na fotografia que insere, o sujeito mostra, no nível intradiscursivo da imagem, quase toda a região abaixo do seu pescoço: tórax, abdômen, parte das pernas e parte dos braços. Pela fotografia, percebo que o sujeito pratica alguma atividade física, que o permite enquadrar-se em uma categoria entre atlético e musculoso. Desse modo, trabalhando com o imaginário do sujeito a partir da fotografia, o sujeito enuncia em sua descrição “Só para quem realmente tem interesse”. Com esse enunciado, o sujeito utiliza-se do significante “só”, sugerindo que, provavelmente, houve sujeitos que entraram em contato com ele por curiosidade, especialmente por indicar, em seguida, o que faz pelo aplicativo.

Em sua descrição, o sujeito insere que, para quem quiser mais informações, basta entrar em contato com ele pelo *chat* privado (“PV”) do *Grindr* ou pelo *WhatsApp*, cujo número eu realizei um apagamento para preservar a privacidade do sujeito. Nesse contexto, surge como um escape à regularidade do *corpus* inserir seu número de telefone, o que só notei na Figura 1, no capítulo dedicado à análise do corpo. Essa inserção, em termos discursivos, me parece produzir-se como um efeito de aceleração das relações já que a mídia social digital *WhatsApp* denota, não raramente, um sentido de mais rapidez nas respostas e de maior “intimidade”/proximidade com quem se fala.

Além disso, ao final da descrição, o sujeito do perfil afirma “Faço vídeos chamadas tbm e vend@ de conteúdos”. Debruço-me, nesse momento, sobre esta formulação: em primeiro lugar, observo o funcionamento do termo “tbm” (também), sugerindo que as vídeos chamadas e as vendas de conteúdos são outras atividades que o sujeito desempenha socialmente. Assim, por um apagamento a nível enunciativo, entendo que esse “tbm” marca a existência da prática da venda de si, do seu corpo e que as vídeo chamadas e os conteúdos são atividades para além dessa primeira. A respeito das vídeos chamadas, um funcionamento interessante: por intermédio do aplicativo, é possível fazer vídeo chamadas com quem se dialoga no *chat* privado, porém, ao que me parece, neste caso, o sujeito, para fazer a chamada, pede a contrapartida financeira, isto é, ainda que a vídeo chamada seja uma funcionalidade do aplicativo, para o fazer, é preciso receber algum valor. Em seguida, o sujeito afirma que realiza a venda de conteúdos. Todavia, o significante “venda” é escrito com um @ ao final, substituindo a vogal “a”. Nessa direção, entendo que há aqui uma substituição que tensiona a paráfrase e a polissemia, de modo que a paráfrase nos leva a entender a venda por ela mesma, contudo, derivando para a polissemia, entendo que esta substituição não se dá ao acaso, uma vez que, nos termos de uso do *Grindr*, já citados no capítulo anterior, é proibido que os sujeitos realizem, por meio do aplicativo, venda de produtos ou serviços.

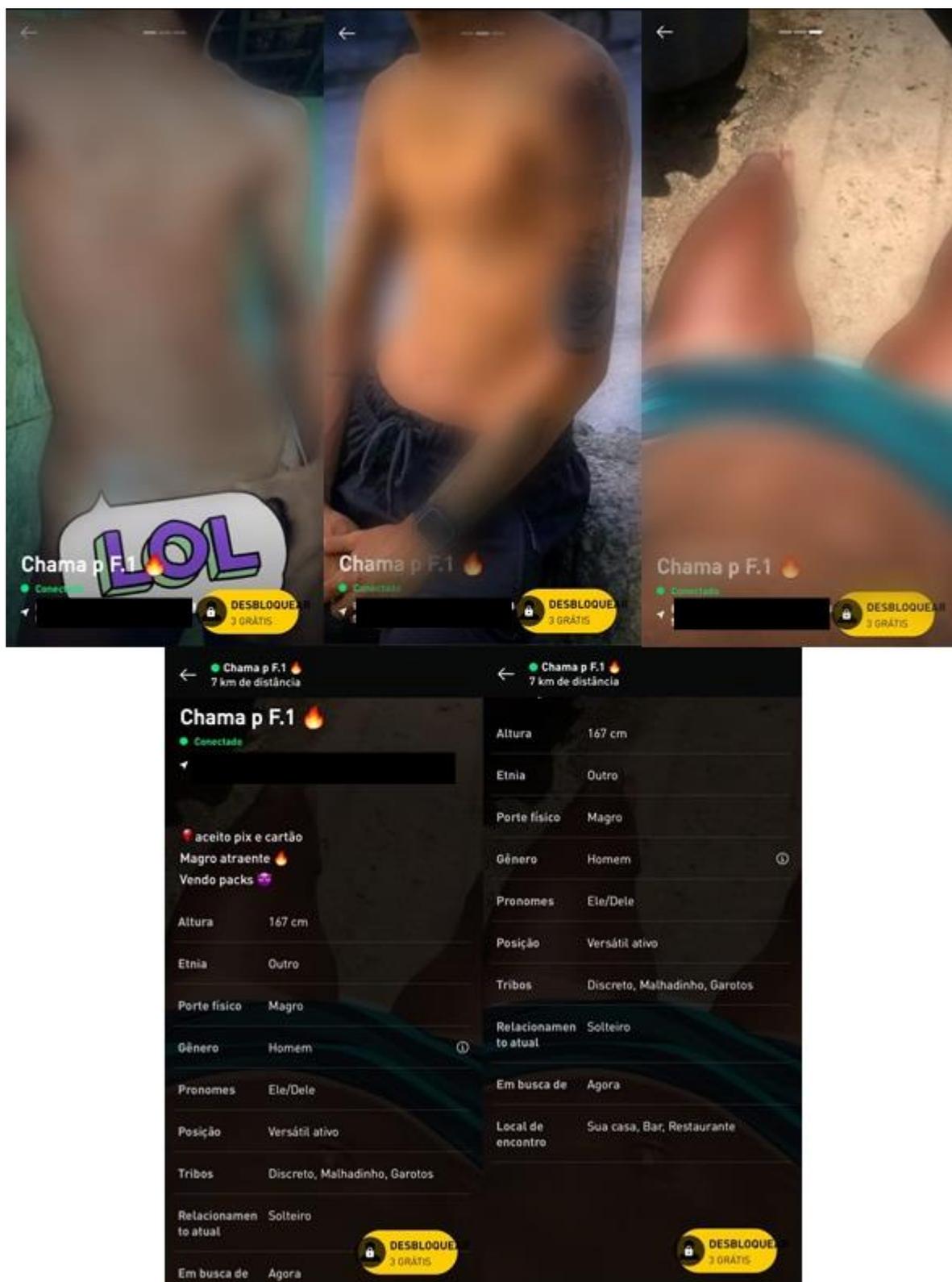
Com isso, compreendo que o sujeito, na tentativa de permanecer com seu perfil ativo, joga com a língua, tensiona a morfologia da palavra para buscar uma falha nos modos de regulamentação do aplicativo, levando-me a imaginar que, talvez, o fato de haver no perfil que o sujeito “Entrou recentemente” seja em função de ter tido, anteriormente, seu perfil banido pelo aplicativo por ter feito venda de conteúdos. No que diz respeito a esses conteúdos, no contexto das redes, além do *Grindr*, existem outras mídias sociais digitais voltadas para a temática sexual. Dentre as possíveis, destaco a plataforma *Only Fans*; o *Only Fans* é uma plataforma de caráter privado em que os sujeitos se registram para postar conteúdos privados, de modo que, para qualquer um ter acesso, é necessário pagar a assinatura do perfil no *Only*

Fans. Nesse contexto, o *Only Fans* é uma plataforma em que a venda de fotos e/ou vídeos é feita de maneira mais sistemática, cujo *site* comumente é divulgado no *Twitter* para os demais perfis. A título de exemplo, não é difícil acessar o *Twitter* e ver publicações que vão na direção de postar fotos e/ou recortes de vídeos que incitem o desejo em quem assiste. Dessa maneira, nos tuítes, os sujeitos que administram as contas no *Only Fans* deixam o *link* para acesso ao perfil na plataforma, a fim de que alguém assine e o sujeito, então, receba o dinheiro pago pela assinatura.

Portanto, nessa SD, há um deslocamento da funcionalidade do *Only Fans*, e plataformas similares, ao *Grindr*, em que a venda não se caracterizaria unicamente pela prática sexual, mas também pela disponibilização, mediante um pagamento, de fotos e/ou vídeos de caráter sexual para quem pagar. Nessa perspectiva, entendo que há, aqui, um funcionamento do neoliberalismo, na forma de que o sujeito, ao vender seus conteúdos, insere-se em uma lógica de que é pelo corpo, pela submissão de si ao desejo outro, que ele poderá obter capital. Assim, alheio a uma relação formal de trabalho, já determinada pelo Estado, o sujeito, pelo funcionamento do capitalismo, pelas relações de desigualdade próprias desse sistema, encontra um outro modo, pelo qual não terá direitos trabalhistas, de (sobre)viver. Estes modos de (sobre)vivência alinham-se a uma agenda neoliberal que visa à promoção da autonomia do sujeito, que, então, se tornaria empreendedor de si, do seu corpo. Sugere-se, por este funcionamento, em que está elidido o lugar social do patrão, sendo, então, o sujeito patrão e empregado ao mesmo tempo. Desse modo, empiricamente, o sujeito ocupa esses dois lugares sociais, e, de forma discursiva, identifica-se com duas posições-sujeito: a posição-sujeito da liberdade e a posição-sujeito da submissão. Tecendo um paralelo, entendo que a posição-sujeito da liberdade se materializa no social pela amálgama dos dois lugares sociais, patrão e empregado, e a posição-sujeito da submissão é um efeito do lugar social de empregado/garoto de programa.

Nesse sentido, no jogo entre posições sociais e de sujeito, entendo que, nesta SD, funciona o lugar discursivo de garoto de programa, atravessado pelas posições-sujeito da liberdade e da submissão, ligadas aos lugares sociais de patrão/cafetão e de empregado/garoto de programa. Esse funcionamento do lugar discursivo sustenta-se, na leitura que empreendo, pelo uso do verbo no presente do indicativo (“faço”), em que o sujeito assume a responsabilidade desta prática, identificando-se, de forma discursiva, essas duas posições-sujeito.

Figura 34 – SD 6



Fonte: Coletado pelo autor no *Grindr* (2022).

Na SD 6, acima, vê-se um perfil cuja composição analítica que proponho para o trabalho contempla 6 *prints*. Nos três primeiros, há fotografias do sujeito inseridas no aplicativo; nos dois últimos, a descrição e as categorias de preenchimento do aplicativo. Nas fotografias que o sujeito insere de si, percebo um efeito similar em comparação às SDs anteriores. Passo à análise: na primeira fotografia, fica visível na formulação visual que o sujeito esconde, também, o seu rosto, de modo que se observa apenas o que está abaixo do pescoço. Dessa maneira, na fotografia, o homem, sem camisa, apresenta um corpo tatuado abaixo do tórax e nos braços, de forma que produz sentidos sobre o seu corpo, inscrevendo-o em um desejo do sujeito em completar o seu corpo por meio da tatuagem, como se a inscrição textual no corpo fosse um modo de encontrar o real, aquilo que o escapa e que o faz querer dizer em seu corpo. O corpo, nessa SD, é um corpo magro/atlético, cujas imposições da formação social capitalista se fazem presentes em sua textualização em função do padrão de corpo vigente em nossa sociedade.

Ainda nessa primeira fotografia, o sujeito parece, pelo que se sugere na Figura 34, segurar o seu pênis, talvez ereto, uma vez que, por cima da fotografia, há um *sticker* com o dizer “LOL” (*Laughing Out Loud* – Rindo alto), uma expressão de língua inglesa que costuma produzir efeito sobre algo que se acha engraçado. No caso dessa fotografia, entendo que o *sticker* está por cima de seu pênis pela razão de que, no aplicativo, são proibidas as fotografias que contenham nudez no perfil principal, não havendo restrição para as fotos enviadas no *chat* privado. Com isso, o sujeito, ao se inscrever no aplicativo, apreende a norma da mídia social digital e, desse modo, encontra nela uma falha de funcionamento, já que, em tese, a fotografia original, isto é, antes de passar por uma edição, não continha o *sticker* em tela. Inserindo essa primeira fotografia como a primeira de seu perfil, o sujeito reitera o imaginário do homem que tem comportamento sexual ativo, que busca deixar à vista a parte frontal de seu corpo como se fosse essa a “porta de entrada” para a incitação do desejo. Com essa análise sobre a primeira fotografia da composição acima, há o funcionamento metonímico do corpo, uma vez que, pela formulação visual, tem-se acesso a uma evidência sobre o corpo, uma evidência que, como tal, é efeito de evidência, cuja entrada analítica na busca por outros sentidos nos dá acesso à imagem, que faz trabalhar os sentidos do/sobre o corpo em questão, um corpo que habita também o espaço urbano, que está inscrito em uma relação de produção na qual ocupa a infraestrutura do capitalismo, sendo por ele explorado.

Em relação à segunda fotografia, tirada por um outro ângulo, o sujeito parece estar na rua, encostado em uma estrutura de concreto, ficando visível na fotografia o seu outro braço, com outras tatuagens, que, pela intensidade da cor da Figura, parecem ser tatuagens novas. Ao comparar as fotografias entre si, entendo que a primeira delas sugere que o sujeito está dentro

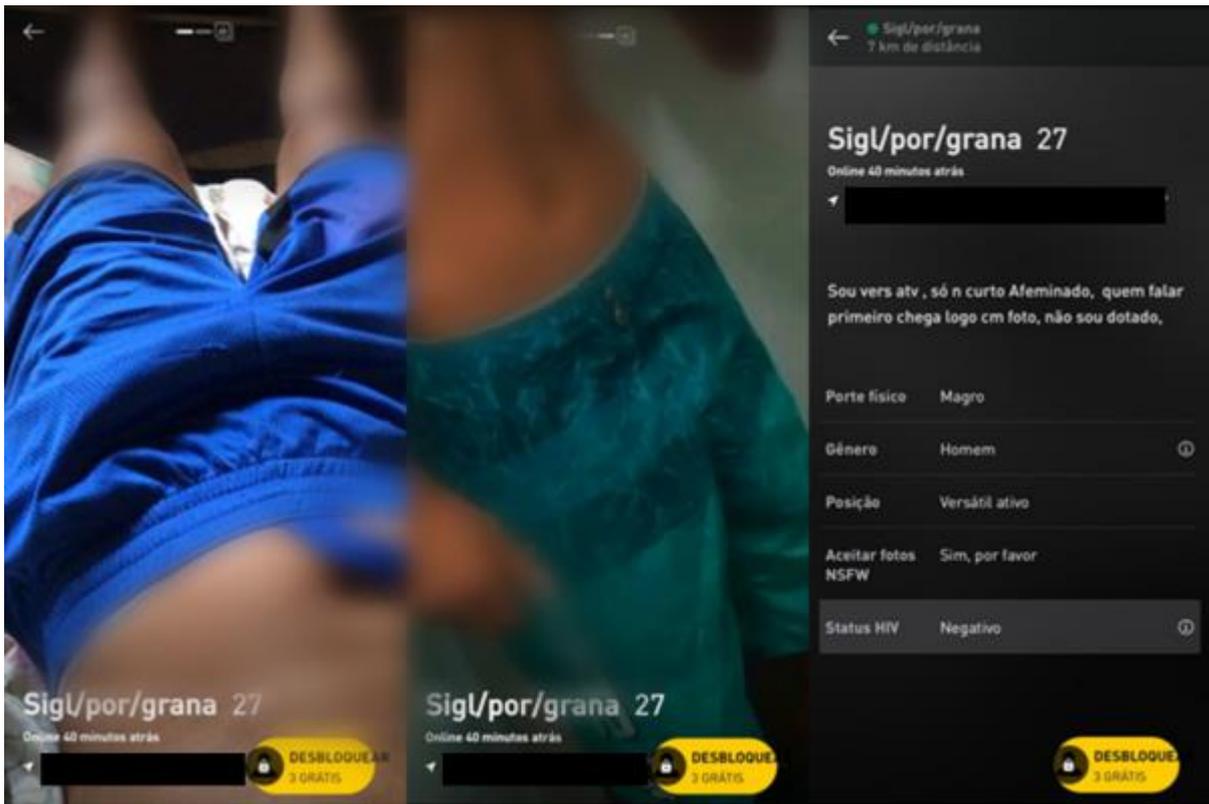
de casa, em um ambiente restrito, em que ele poderia produzir a fotografia sem roupa sem a preocupação de ser visto. Já na segunda, o sujeito está vestido com uma bermuda preta, encostado em algum lugar do espaço urbano, segurando as mãos acima da perna. Em ambas as fotografias inseridas no aplicativo, o sujeito deixa à vista o tórax e o abdômen, na busca de provocar o desejo do/no outro, o que também acontece na terceira fotografia, na qual aparece vestido apenas com roupa de banho, mostrando o abdômen e as pernas, marcando, como se vê nas categorias de descrição, que o seu comportamento sexual é versátil ativo.

No que diz respeito ao nome de seu perfil, “Chama p F.1 🔥”, o sujeito, ao usar o modo imperativo do verbo *chamar*, convoca o sujeito-leitor do seu perfil para que ele o chame para fumar um baseado³⁴, assim como coloca um *emoji* de fogo, sugerindo a queima da maconha no ato de fumar. Chegando ao quarto recorte da SD, há a descrição do sujeito, o qual, primeiro, afirma aceitar o pagamento em pix ou cartão (débito ou crédito), o que me permite compreender que, nesse caso, o corpo deste sujeito é, também por ele, entendido como uma mercadoria que pode ser comprada, como qualquer outra em um mercado, em um *shopping* ou pela *internet*, o que se confirma em “vendo *packs*”, uma forma de dizer que aponta para a venda de fotos e/ou vídeos de cunho sexual para a satisfação do desejo outro. Ainda em sua descrição, define-se como “magro atraente”, cuja descrição coincide com o porte físico inserido por ele nas categorias do aplicativo, “magro”, e, nas tribos, “malhadinho”. A respeito dessas categorias de descrição, para além das que já destaquei, como porte físico, posição e tribos, noto uma questão analítica que se apresenta ao longo do *corpus* discursivo da dissertação, o uso de “agora” em “em busca de”, que marca uma posição de que o sujeito busca a rapidez nas relações, de modo que o desejo se concretize de maneira empírica o quanto antes para que, em seguida, ele possa receber o pagamento em pix ou pelo cartão.

Uma outra categoria produtiva para esta SD é a de Local de encontro, visto que, nessa SD, o sujeito aponta que prefere que o aconteça ou na casa de quem o procura, ou em um bar ou em um restaurante, deslocando, em partes, o sentido de “agora”: “agora” pode não ser somente “busco sexo agora”, mas também “busco um encontro agora” e também “busco um encontro agora, que, depois, pode se tornar sexo”. Assim, o sujeito da SD em análise identifica-se com os sentidos da venda de si, porém o faz por outras vias, como sair para um encontro, sair para fumar; contudo, esta venda, considerando a SD, seria muito mais da parte frontal do corpo, do tórax, do abdômen e do pênis, do que outras partes do corpo.

³⁴ “F1” é uma expressão utilizada para criar um eufemismo da expressão “fumar um baseado de maconha”.

Figura 35 – SD 7



Fonte: Coletado pelo autor *Grindr* (2022).

Na SD 7, Figura 35, observa-se um perfil com duas fotografias inseridas, um nome de perfil, uma legenda e cinco categorias de preenchimento do perfil fornecidas pelo *Grindr*. Começando pelo nome de perfil, que serviu de critério para a delimitação dessa sequência discursiva, “sigl/por/grana”, o que seria “sigilo por grana”. Pensando no significante *sigilo*, há, aqui, uma marcação linguístico-discursiva do que venho analisando na SDs anteriores. O sujeito deste perfil sinaliza, além da sugestão pelas fotos, que deseja ficar no sigilo, porém, ainda, é possível entender o enunciado por uma paráfrase, “faço sexo com homens no sigilo por grana”. Ou seja, a prática sexual estar no sigilo, aqui, é uma condição para que ela aconteça, de modo que este sujeito não deseja ser identificado como garoto de programa, tampouco como um homem que mantém relações sexuais com outros homens. Nesse sentido, entendo que permanecer no sigilo seria benéfico tanto para o sujeito do perfil como para aquele com que se relacionaria sexualmente, já que, também, ser “sigiloso” é, em muitas ocasiões, performar um imaginário de heterossexualidade e virilidade, buscando se dissociar dos sentidos sobre relações não cisheterononormativas.

Assim, a “grana”, a contrapartida financeira, funciona como um modo da garantia desse sigilo, de forma que o sujeito do perfil poderia permanecer no sigilo para com quem se

relacionaria, já que esse pagamento também compraria o silêncio, o sigilo. Desse modo, a entrada do dinheiro nessa prática social, atravessada pela ideologia de forma constitutiva, realiza, pelo menos, dois tipos de compra: i) a compra do corpo do sujeito e sua prática sexual; ii) a compra do sigilo, na busca de garantir que nada será exposto acerca dessa relação sexual. Ao relacionar esta descrição com as fotografias presentes no perfil, percebo um movimento parafrástico entre enunciado linguístico-discursivo e formulação visual, uma vez que, em ambas as imagens, não há a presença da identificação do rosto do sujeito, de forma que o seu corpo é o que pode e deve ser visto em sua forma, a moeda de troca para o sujeito que contratará este sujeito. Desse modo, na primeira fotografia, o sujeito parece estar deitado, está sem camisa, usando uma bermuda azul, com parte de sua cueca aparecendo no canto esquerdo da fotografia e, na formulação visual, seu pênis está marcado. Essa fotografia, em termos de antecipação, sugere que este sujeito tem uma prática sexual ativa ou versátil ativa, o que é confirmado tanto em sua descrição como na categoria “Posição”, na qual marca versátil ativo. Entendo, desse modo, um processo de consolidação do que é o sujeito garoto de programa no *Grindr*, um sujeito que, pela via do corpo, do corpo padrão, projeto, da forma-corpo, do comportamento sexual ativo, busca o recebimento de algum valor, a ser acordado, pela prática sexual.

Em sua descrição, o sujeito enuncia, confirmando o que foi dito antes, “sou vers atv” (“sou versátil ativo”), “[porém,] só n[ão] curto Afeminado” (acréscimos meus). Com esse enunciado, o sujeito faz trabalhar um pré-construído, isto é, aquilo que é dito antes, em outro lugar e independentemente, sobre o sexo entre homens: por ser ativo, ou versátil ativo, esse sujeito interessa-se por passivos, versáteis passivos ou versáteis, de forma que, se não for ativo ou versátil ativo, o sujeito não performaria masculinidade e virilidade. Assim, entende que, supostamente, em sua maioria, não-ativos e não-versáteis ativos são “afeminados” e que, por isso, ele busca uma exceção nesse meio, busca um passivo, versátil passivo ou versátil que também performe masculinidade e virilidade. Por isso, entendo que é possível inserir a adversativa no enunciado, porque haveria a oposição entre os sentidos: i) sou versátil ativo, logo curto afeminados; e ii) sou versátil, porém, apesar disso, não curto afeminados.

No seguimento da descrição, o sujeito diz “quem falar primeiro chega logo cm [com] foto”. Diferentemente das SDs analisadas anteriormente, nesta SD, o sujeito pontua que ele também poderá entrar em contato com quem ele sentir desejo. Desse modo, põe em tensão o sentido de que apenas o sujeito interessado no programa procura aquele que o fará, a quem fará o pagamento. Assim, o funcionamento desses lugares sociais são, à medida que funcionam discursivamente no aplicativo, atualizados para outras relações de produção, em que também o sujeito do perfil pode buscar o contato e, depois, alertar de que se trata de uma prática sexual

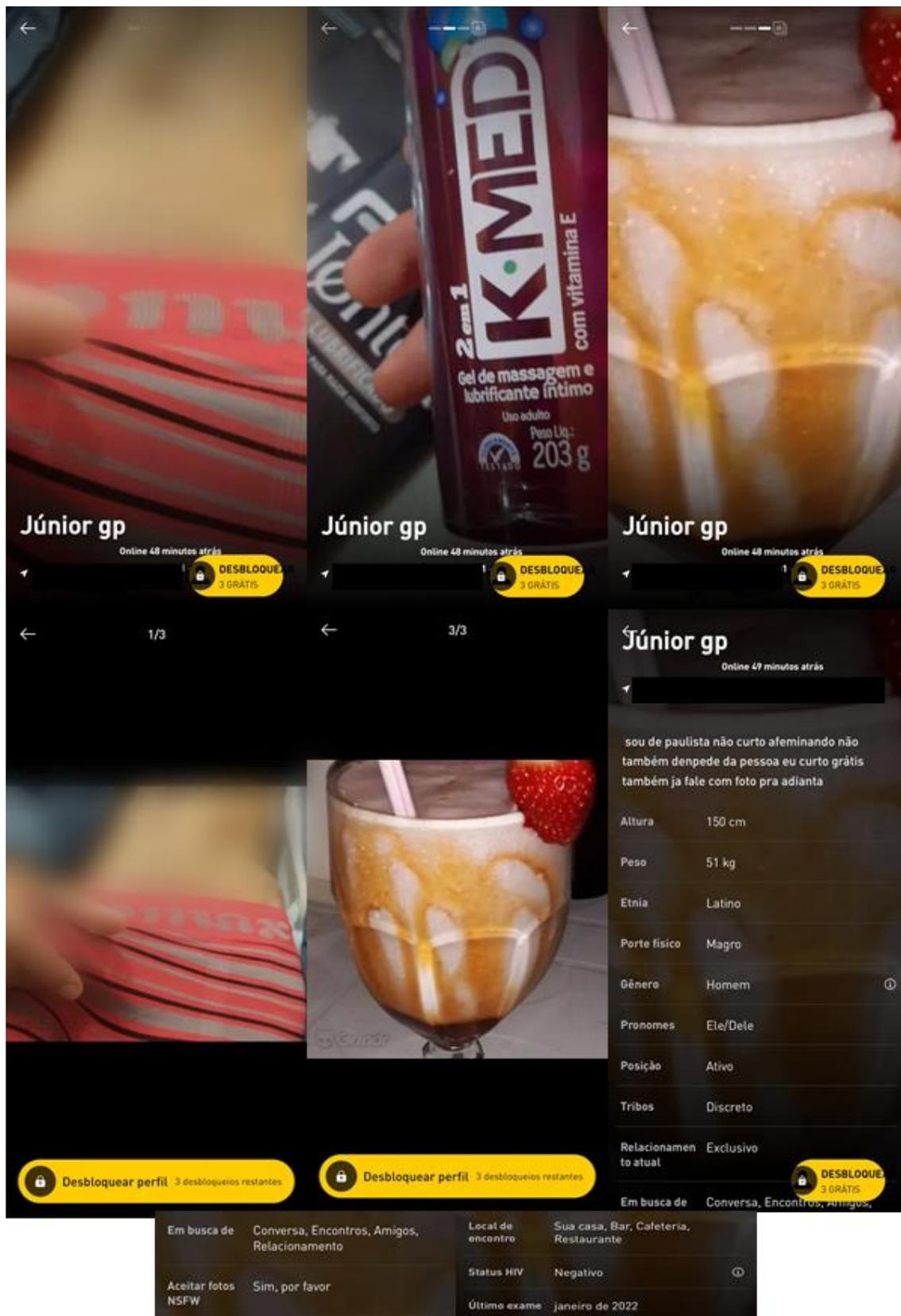
remunerada. Ainda acerca deste enunciado, ao solicitar que seja enviada uma foto (de corpo ou de rosto ou ambas) caso o sujeito interessado inicie a conversa, o sujeito coloca-se numa posição de escolha com quem irá se relacionar, que funciona como um efeito da atualização dos lugares sociais, opondo-se, sobremaneira, ao sentido dominante sobre prostituição das/nas ruas, em que o critério, na maioria das vezes, para sair com um cliente é o pagamento. Aqui, o sujeito não aceitaria, por esta análise, sair com qualquer um que oferecesse o pagamento pelo sigilo e pelo sexo, mas sim com alguém com quem ele (talvez) sentisse interesse sexual, a fim de se constituir uma prática sexual de desejo mútuo. Nas categorias de preenchimento do perfil, o sujeito marca “Sim, por favor” para aceitar fotos que contenham nudez de quem entrar em contato com ele.

Ao dizer, em sua descrição, “não sou dotado”, o sujeito, fazendo referência ao tamanho do seu pênis, em forma de também incitar o sujeito que leia o seu perfil, pela via da negação põe em confronto alguns imaginários acerca do que tenho analisado nessa dissertação. Nos outros os perfis analisados, os sujeitos, não raras vezes, sinalizam que são dotados. Dessa maneira, entendo que o sujeito, ao fazer essa descrição de si, convoca um pré-construído para se opor a ele, para se distanciar desse pré-construído, de forma que ele se afastaria do imaginário do homem garoto de programa dotado. Esse funcionamento discursivo assinala que o modo a identificação do sujeito com o sentido se constitui pela incompletude e pela dispersão, visto que, com a negação, reconhecendo que há um sentido dominante daquilo que se espera de um garoto de programa, o sujeito se contraidentifica com esse sentido, abrindo margem para que a sua relação com a forma-sujeito não seja pela forma da replicação, do espelhamento do sujeito-universal, mas sim pela retomada de alguns saberes dessa forma-sujeito.

Com isso, compreendo que essa atualização do lugar social, que se projeta discursivamente nos enunciados analisados, pode se dar por duas vias, não necessariamente excludentes entre si: i) a assunção do poder de escolha, não aceitando fazer sexo com qualquer um apenas pelo desejo, colocando também o seu desejo como parte da prática; ii) efeito de controle sobre si como uma consequência do neoliberalismo, dando ao sujeito a ilusão de que, ao escolher, a prática seria menos exploratória do que se fosse apenas pelo dinheiro. Assim, entendo que essas duas possibilidades podem se materializar de diferentes formas em enunciados discursivos, de modo que, neste em análise, ressoa de maneira mais concreta a segunda possibilidade, em que o sujeito, na ilusão de controle sobre si, elege seu desejo sexual como importante, uma vez que, ainda assim, seu corpo ainda está submetido a um sistema de exploração próprio de uma sociedade capitalista, no qual, mesmo sem ter um padrão empírico, que geriria práticas distintas, esse lugar social se marca pela identificação do sujeito com a

posição sujeito da submissão, em que ele se submete ao desejo outro e às imposições capitalistas.

Figura 36 – SD 8



Fonte: Coletado pelo autor Grindr (2022).

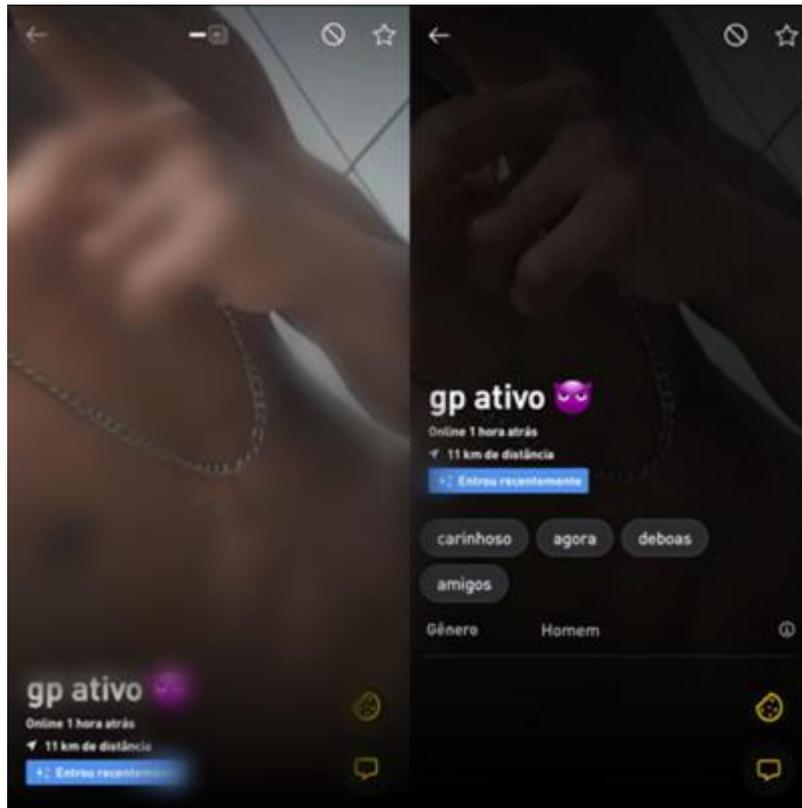
Na SD8, Figura 36, observa-se mais um perfil que preenche mais categorias de descrição. Neste, são três fotografias, das quais duas eu as coloco maiores para destaque na composição, uma descrição e quatorze categorias de descrição do aplicativo. Começando pelo nome do perfil, o sujeito apresenta-se como “Júnior gp”, ou apenas Júnior garoto de programa, já indicando a sua prática dentro do aplicativo. Logo na primeira fotografia, presente nos recortes 1 e 4 da SD em análise, o sujeito registra a foto de baixo para cima, em que o foco maior dado à fotografia é à sua mão segurando o seu pênis na cueca; mais acima na fotografia, é possível ver o seu abdômen e uma peça de roupa que cobre parte do seu corpo. Relacionando o seu nome de perfil e a primeira fotografia, entendo, primeiramente, que o sujeito também, assim como os demais analisados, possui um comportamento sexual ativo, como o afirma na categoria “posição”, na qual preenche “Ativo”. Na segunda fotografia, no segundo recorte da SD 8, o sujeito insere uma foto não sua, o que, até então, não tinha acontecido nas SDs analisadas; na fotografia, estão um lubrificante íntimo da marca K-MED e dois pacotes do preservativo da marca Jontex. Com essa inserção, entendo que o sujeito indica, para aquele que se interessar por ele, que a sua prática sexual compreende a proteção contra ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e também preza pela lubrificação.

Nesse sentido, pensando do ponto de vista da sua posição sexual e sua tomada de posição em relação às ISTs, o sujeito assinala que usará o preservativo íntimo e que seu *status* do HIV é negativo, tendo realizado seu último exame em janeiro de 2022, como apresenta o oitavo recorte da SD em análise. Já na sua descrição no aplicativo, um funcionamento particular: apesar de se intitular GP em seu nome de perfil, o sujeito afirma “eu curto grátis também”; entendo, a partir desse enunciado, que o sujeito também se interessa pela prática sexual sem o pagamento, entretanto questiono: qual seria o critério para cobrar ou não de alguém? Se houvesse atração física e sexual, não haveria pagamento? Ainda que essas perguntas, pela materialidade em análise não possam ser respondidas, ficam como pontos de reflexão para a prática. Ao final da descrição, o sujeito solicita àquele que for entrar em contato com ele “já fale com foto pra adianta[r]” (acréscimo meu). Com essa solicitação, o sujeito marca, por outros significantes, a rapidez com que se deve concretizar ou não o ato sexual. Em um movimento parafrástico: i) já fale com foto para adiantar se vou querer ou não ficar com você; ii) já fale com foto para adiantar se vou cobrar ou não de você; iii) já fale com foto para adiantar a conversa e eu não perder tempo.

Com esses movimentos de parafrase, entendo que o sujeito busca algo que seja rápido, prático, sem que seja necessário um alongamento da conversa, mesmo que, em *go busca de*, o sujeito afirmar que procura conversa, encontro, amigos, relacionamento. Então, aqui funciona

a contradição do sujeito como constitutiva; mesmo buscando o que afirma na categoria própria para isso, direciona-nos também à compreensão de que busca o sexo pelo sexo, o sexo casual, que serviria para suprir os desejos do outro, mas também os seus, já que deseja ver uma foto antes para adiantar se querará ou não sair com quem o procurar.

Figura 37 – SD 9

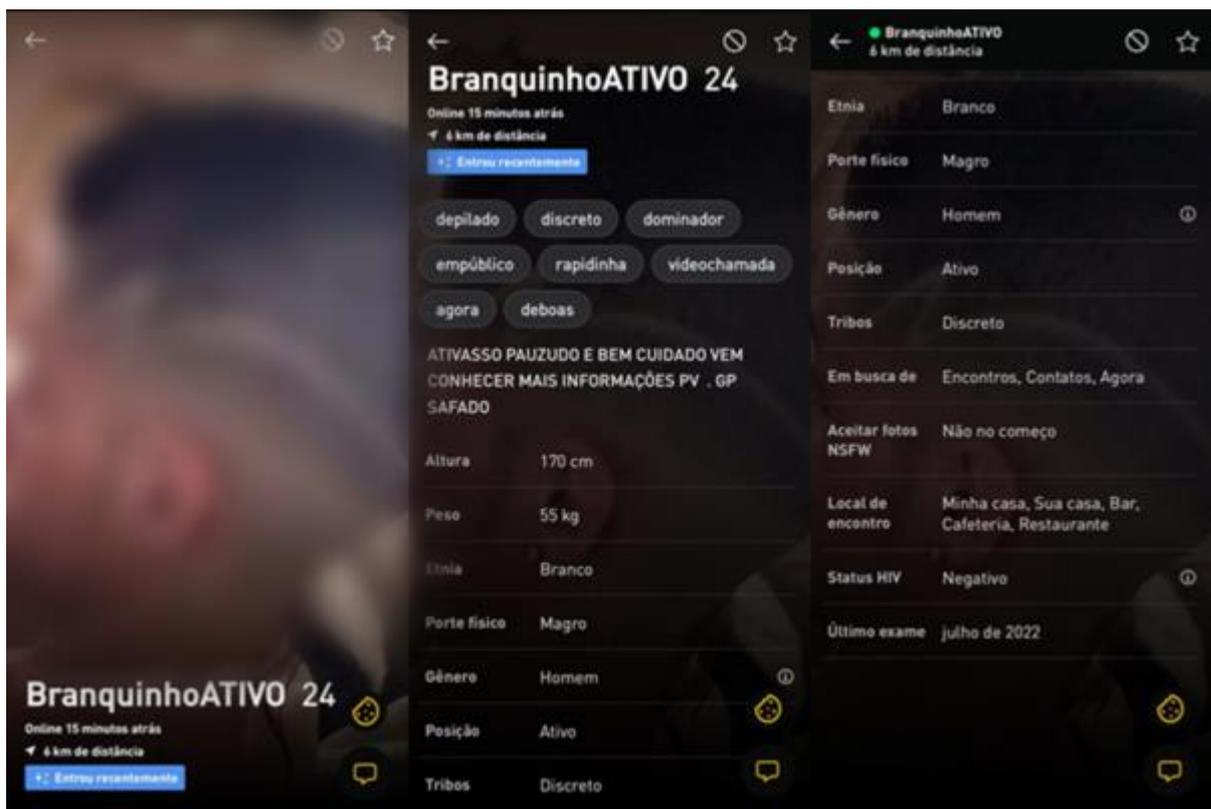


Fonte: Coletado pelo autor *Grindr* (2022).

Na SD acima, apresento um perfil mais simples em sua formulação em relação aos analisados anteriormente. Neste perfil, observo apenas uma foto pública, o preenchimento de quatro *tags* e de apenas uma categoria de descrição do aplicativo. Nesse sentido, na fotografia inserida, o sujeito não mostra, assim como os demais, o seu rosto, deixando visível apenas o seu tórax e o seu abdômen, aparentemente de uma pessoa magra/atlética. Estando sem camisa e usando uma corrente/um colar em seu pescoço, o sujeito trabalha com o imaginário social de homens que utilizam correntes como esta enquanto uma marca de identidade. A título de exemplo, é comum ver os cantores de brega ou *funk* utilizarem correntes assim ou similares. Desse modo, o sujeito marca-se não como um sujeito elitizado, mas sim como pertencente a uma classe social outra.

Em relação à sua prática ligada ao sexo, o sujeito do perfil, em seu nome de perfil, identifica-se nominalmente como “gp” e, após isso, especifica que a sua posição sexual é como ativo. Nesse sentido, entendo que “ativo” funciona de maneira adjetiva, contudo, ao observar as demais análises, questiono: a adjetivação em questão tem um funcionamento explicativo ou restritivo? Partindo de um ponto de vista estrutural, a adjetivação parece ser de ordem restritiva, produzindo-se, então, o sentido de que este GP, do perfil, é ativo, porém existem outros que podem ou não ser ativos. Contudo, considerando a regularidade que se apresenta no *corpus* discursivo, mas também no empírico, observo que ser ativo ou versátil ativo é uma característica recorrente entre os sujeitos analisados. Desse modo, o funcionamento linguístico-discursivo dessa adjetivação parece-me ser explicativo, uma vez que os perfis analisados até o momento apresentam essa caracterização, contribuindo para a cristalização dos efeitos de sentido sobre a prática da mercantilização do corpo masculino no *Grindr*.

Figura 38 – SD 10



Fonte: Coletado pelo autor *Grindr* (2022).

No perfil acima apresentado, o sujeito, ao construir a formulação do seu perfil, inseriu uma única foto pública, uma vez que ainda há fotos do álbum privado não disponíveis para qualquer outro usuário do aplicativo, usou um nome de perfil, oito *tags*, a descrição e doze

categorias de características do/no aplicativo. Delimitando a minha entrada analítica nessa sequência discursiva, observo que, ao final da descrição, o sujeito se nomeia como “GP SAFADO”, produzindo sobre si uma adjetivação que busca incitar no outro o desejo pelo programa. Nessa perspectiva, ao procurar despertar o desejo do/no outro, o sujeito do perfil, ainda na descrição, afirma ser “ATIVASSO PAUZUDO E BEM CUIDADO” e “BranquinhoATIVO”. Com essas formulações sobre si mesmo, além de demarcar características do seu comportamento sexual, o sujeito se qualifica, ou seja, ele não é apenas ativo, ele é mais ativo do que os demais, não havendo, então, possibilidade de que ele se identificasse, por exemplo, como versátil ativo ou versátil. Com essa qualificação, o sujeito, ao fazê-la, escreve por meio de letras maiúsculas, produzindo os efeitos de: i) ser realmente ativo, uma vez que o significante “ativasso” produz uma predicação sobre o sujeito, indicando que ele não apenas ativo, mas muito ativo, e ainda “pauzudo”, retomando os efeitos do imaginário sobre o garoto de programa. Essa tomada de posição em relação ao comportamento sexual, também marcada no nome de perfil, coloca em jogo efeitos de sentido sobre a masculinidade e a virilidade, características quase que necessárias ao sujeito que busca vender o seu corpo. Ora, como já venho destacando ao longo dessas análises, todos os sujeitos analisados se apresentaram como ativos ou versáteis ativos, porém não haveria, dentre esses garotos de programa, algum que não identificasse como tal?

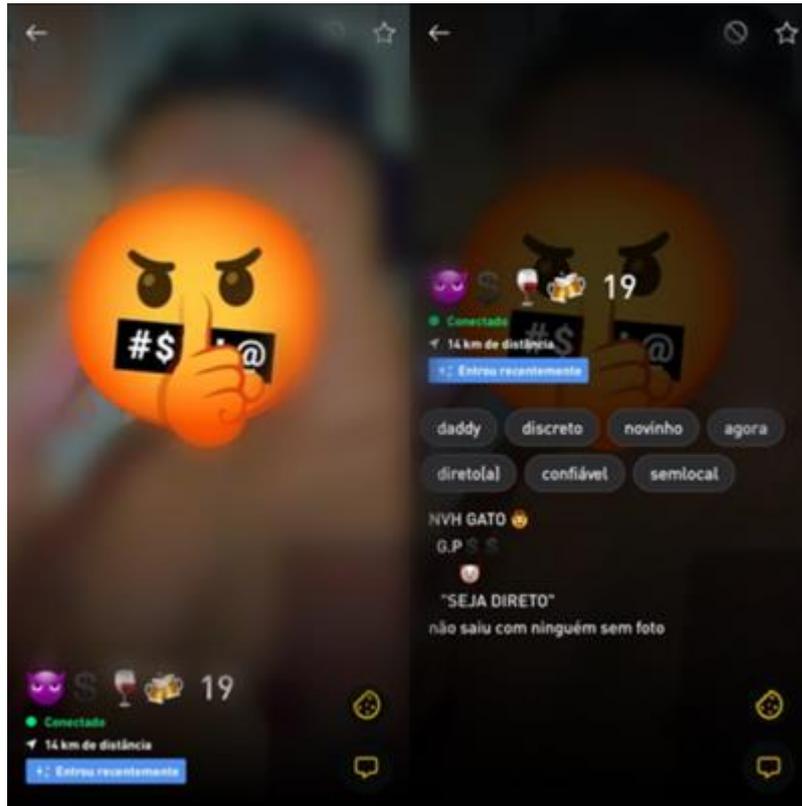
Com esse questionamento, busco refletir sobre o modo como foi naturalizado esse efeito de sentido em nossa formação social, de modo que o imaginário acerca do garoto de programa é que ele seria um homem alto, forte, ativo e não afeminado. Não ser afeminado é, na leitura que faço, um efeito do machismo na nossa formação social brasileira. Em outras palavras: os sentidos ligados àquilo que se espera ser feminino são rebaixados em nossa sociedade. A título de exemplo, é comum ouvir/observar que homens gays são associados a um comportamento feminino e não como um espectro do que é se identificar com o gênero masculino, e o mesmo vale para as mulheres lésbicas. Ou seja, voltando para a análise do *corpus*, já que o sujeito se relaciona com outros homens por um objetivo financeiro, para “compensar” esse fato, ele precisaria agir com virilidade.

Em função desse efeito da nossa formação, compreendo, em partes, a razão pela qual os garotos de programa no *Grindr* não afirmem que poderiam ser também passivos, já que esse imaginário em torno deles não os permitiria fazer tal afirmação. Por isso, na descrição dessa SD, o sujeito afirma, em posição, ser ativo, o que reforça esse dizer no nome do perfil e na descrição. Associado a isso, percebo o atravessamento de um discurso publicitário na descrição do perfil, quando o sujeito diz “VEM CONHECER MAIS INFORMAÇÕES PV [privado]”.

Entendo que essa formulação se produz com efeito desse discurso outro, visto que, não raro, ao assistirmos à televisão ou a vídeos no *YouTube*, lidamos com propagandas que, pelo uso do imperativo, “vem” ou “venha”, convocam o sujeito a ter curiosidade pela marca. No caso do perfil em análise, o sujeito se vale desse discurso outro para falar de si, criar sobre si um efeito de propaganda, a qual deveria criar o desejo de consumo em quem a vê. Além disso, mais uma vez, o sujeito utiliza-se da escrita em letras maiúsculas. Em ambos os casos, entendo que funciona uma tentativa do sujeito de chamar a atenção de quem olhe o seu perfil, uma vez que a tipografia em caixa alta ocupa um espaço maior de tela e pode conduzir o sujeito-leitor a buscar ler o perfil. Para isso, o sujeito insere, em seu perfil, uma série de caracterizações que funcionam aos moldes da descrição dos atributos de um produto: altura, peso, etnia, porte físico, gênero, posição, tribos, em busca de, aceitar fotos com nudez, local de encontro, *status* HIV e data do último exame.

Com o uso do imperativo na descrição, o sujeito do perfil convida aquele que se interessar pelo nome de perfil a saber de mais características do sujeito além de que ele é “branquinho” e “ativo”. Na única fotografia que insere de si, é possível observar uma pequena parte do rosto do sujeito, todavia a parte mais à mostra é a parte lateral da sua cabeça, que apresenta seu cabelo cortado e com uma listra que sai da parte lateral frontal até a parte de trás da sua cabeça e um brinco em sua orelha. Ressalto que essa caracterização física retoma, de alguma maneira, os imaginários destacados na SD anterior.

Figura 39 – SD 11



Fonte: Coletado pelo autor Grindr (2022).

Nesta sequência discursiva, percebo um movimento de inscrição do sujeito similar aos modos que já descrevi nesta seção. Desse modo, destaco primeiro que o sujeito, em sua descrição, se apresenta como “G.P \$\$”, todavia esses cifrões são colocados em forma de *emoji*, que sugere um efeito parafrástico dos cifrões digitados linguisticamente. Em seu perfil, o sujeito adiciona uma fotografia sua, registrada, aparentemente, por um telefone celular. Nessa SD, assim como nas demais analisadas, o sujeito do perfil está sem camisa, mostrando o seu tórax, que, como venho observando, é um modo de incitação do desejo do outro, a fim de que o outro possa entrar em contato com o sujeito do perfil.

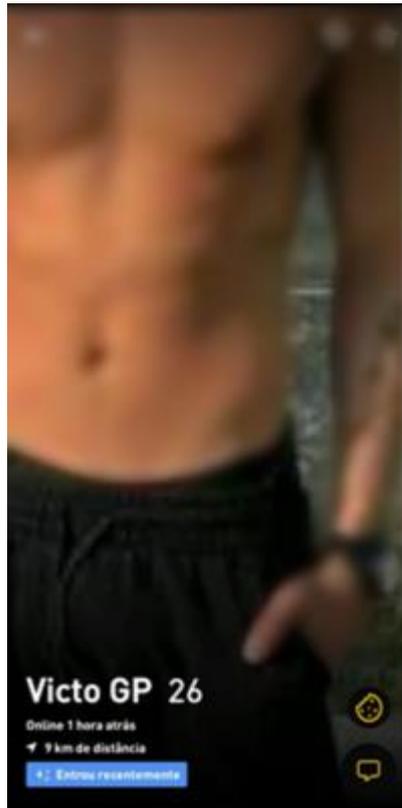
Dessa maneira, dentre as *tags*, o sujeito insere “agora” e “direto(a)”, e, em seu perfil, afirma “SEJA DIRETO”. Com essas formulações do próprio sujeito em sua descrição e, ao escolher as *tags* citadas, o sujeito inscreve-se em uma matriz de sentidos na qual a rapidez das relações é um princípio de constituição, o que se marca, especialmente, pelo enunciado “SEJA DIRETO”, o qual, escrito em caixa alta e encabeçado por um verbo no imperativo, convoca o possível interlocutor desse perfil a, ao entrar em contato, dizer o que realmente quer para que, assim, o sujeito do perfil indique se aceitará ou não o programa. Com isso e com as análises já feitas, posso delimitar o funcionamento do discurso da mercantilização do corpo, com a qual

o(s) sujeito(s) se identifica(m) para produzir sentidos. Assim, a forma-sujeito, isto, é o sujeito-universal da FD da Mercantilização, admite saberes como: i) ter comportamento sexual ativo; ii) ao inserir uma fotografia, que esta seja sem camisa; iii) não identificar o rosto; iv) possuir um corpo magro, atlético, malhado ou musculoso; v) prezar pelo sigilo; vi) performar masculinidade e virilidade; vi) aceitar o pagamento, seja por pix ou cartão.

Nessa SD em análise, o sujeito identifica-se com alguns saberes e não outros. Na materialidade discursiva em questão, o sujeito faz menção a ser GP e à captação financeira, não identifica o seu rosto, possui um corpo-projeto e performa, de alguma maneira, a masculinidade e a virilidade. Acerca do apagamento do rosto, observo um funcionamento parecido com o da Figura 31, na SD 3, em que o sujeito apagava o seu rosto com um *emoji*. Nessa SD, o sujeito cobre o seu rosto com um *emoji* que sugere efeitos parecidos. Na SD 3, o *emoji* sumia dentro de uma fumaça; nesta SD, o *emoji* está com o dedo no rosto, pedindo para que se mantenha o silêncio. Ou seja, é desejo deste sujeito se manter em silêncio, sobretudo porque, na sua fotografia, aparenta estar com a mão sobre o rosto, um duplo apagamento do rosto do sujeito.

Em sua descrição, destaco mais dois enunciados. O primeiro é “NVH GATO 🐱” (novinho gato), em que o sujeito marca a sua pouca idade como um modo de provocar o desejo do outro, submetendo-se a uma lógica da mercadoria. Ou seja, se é novinho, o sujeito interessado certamente fará contato. O segundo enunciado que destaco é “não saiu (sic.) com ninguém sem foto”, enunciado cuja articulação discursiva assinala que o sujeito, ao enunciar, contraidentifica-se com o sentido de aceitar o pagamento, de forma que não é apenas o pagamento financeiro que é determinante para a realização do programa, mas sim se houver também uma atração física e sexual por quem procura o programa. Além disso, também é possível que este enunciado se sustente por um receio de, por alguma ocasião, ser descoberto por familiares e/ou pessoas próximas que possam saber de sua prática. Por isso, identifica-se, pelas *tags*, como “discreto” e procura uma pessoa “confiável”, para que a sua prática não seja de conhecimento coletivo.

Figura 40 – SD 12

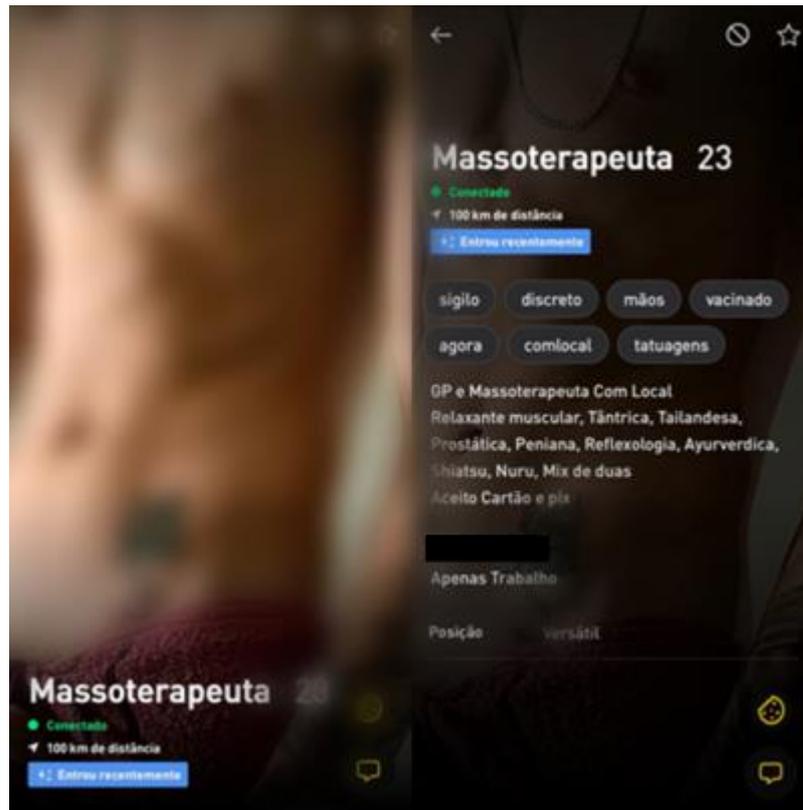


Fonte: Coletado pelo autor *Grindr* (2022).

Na SD acima, um perfil mais curto em relação aos demais. Há, no perfil, apenas a inserção de uma fotografia do sujeito e da indicação, em seu nome de perfil, de que é garoto de programa. Em sua fotografia, o sujeito, tal como tem sido recorrente nas SDs analisadas no trabalho, está sem camisa, mostrando o tórax e o abdômen, resgatando o imaginário de um corpo-projeto, um corpo que corresponde aos ideais de uma formação social capitalista. Em seu braço, há a inscrição de uma tatuagem, assim como o sujeito utiliza um relógio.

Apresentando o seu corpo como o elemento de maior significação do perfil, o sujeito formula-se como quase que essencialmente corpo, de modo que a única informação, para além de que se identifica como garoto de programa, é a sua idade 26 anos. Em termos analíticos, de acordo com a delimitação da formação discursiva em que se inscrevem esses sujeitos, ele identifica-se apenas com alguns sentidos do que é ser garoto de programa, contudo continua assujeitado à FD pela qual é sujeito do dizer, de modo que, com o perfil reduzido no *feed* do *Grindr*, já é possível identificar que se trata de um garoto de programa que textualiza seu corpo como uma mercadoria a ser consumida.

Figura 41 – SD 13



Fonte: Coletado pelo autor *Grindr* (2022).

Nessa última sequência discursiva do trabalho, a SD 13, apresenta-se ao gesto analítico um perfil que apresenta uma única fotografia, a marcação de sete *tags*, uma descrição e a indicação apenas da posição sexual. Com esta SD, o sujeito, no nome do perfil, apresenta-se, primeiramente, como massoterapeuta, o que não me faria indicar este perfil como representativo do discurso que analiso. Contudo, na descrição, o sujeito indica que ser massoterapeuta é uma das suas ocupações, associando a sua prática à prática da prostituição, à venda de si. Desse modo, considerando apenas o perfil no *feed*, não seria possível, ao sujeito-usuário, identificar que se trata de um garoto de programa oferecendo sua prática profissional.

Na fotografia que insere, o sujeito, como em todas as sequências discursivas analisadas neste capítulo, esconde o seu rosto, deixando à leitura o seu corpo, um corpo magro, sem pelos, tatuado na região abaixo do abdômen, enrolado por uma toalha de banho. A partir dessa textualização do corpo, o sujeito trabalha com a memória, uma vez que, em condições de produções anteriores às atuais, homens que se identificavam como garotos de programa, para além de ocupar o espaço da rua, ofereciam sua ocupação para com o corpo em jornais, na seção de classificados, indicando ser massoterapeutas. Nesse sentido, ainda que ocupe, socialmente, também o lugar de massoterapeuta, ao se nomear como tal, faz trabalhar a memória sobre a

nomeação, de modo que a massoterapia e a prostituição, em determinadas condições de produção, seriam tratadas como significantes sinônimos.

Em sua descrição, o sujeito apresenta uma série de modalidades da massoterapia que pode oferecer a quem desejar contratá-lo e, ao final, enuncia “Aceito Cartão e pix”. Com essa formulação, já analisada na SD 6, Figura 34, observei que havia, então, o deslocamento dos sentidos sobre o corpo para o corpo-mercadoria, em que o corpo seria tratado como um artefato a ser comprado. Na SD em análise, esses sentidos também funcionam, porém não somente, uma vez, além de ser garoto de programa, o sujeito também oferta a massoterapia, uma outra ocupação profissional, separada da prostituição, mesmo que, na SD, sejam oferecidas as duas práticas. Assim, o sujeito assume a prostituição como uma fonte de renda similar ao trabalho com a massoterapia, sobretudo por indicar, ao final da descrição, o seu número, ressaltando que aceita apenas contatos de trabalho por este número.

Assim, há, nessa última SD, a estabilização de um sentido acerca da prostituição como uma prática profissional como qualquer outra, pela qual se deve pagar como se pagaria por uma sessão de massoterapia. Um último elemento a ser destacado na SD é a indicação da posição sexual. Nas SDs anteriores, com exceção da SD 12, Figura 56, e da SD 11, Figura 39, em que não havia indicação de posição sexual, nesta, o sujeito indica ser versátil. Dessa forma, distancia-se do sentido dominante sobre o corpo masculino mercantilizado pelo *Grindr*, o qual, dada a regularidade, costuma ser apresentado como sexualmente ativo ou versátil ativo. Ou seja, este sujeito, ao falar de si, possibilita a leitura de sentidos outros sobre a prostituição: i) além da prostituição, outras atividades podem estar associadas; ii) a formalização do entendimento sobre a prática como prática profissional; iii) a produção de fissuras no sentido dominante, pontuando que garotos de programa podem, também, admitir uma prática sexual não ativa, mesmo que o significante “passivo” não tenha aparecido nem nesta SD e nem na anteriores.

5 NO FIM, UMA TENTATIVA

Finalizar este trabalho, ainda que este fim seja apenas um efeito discursivo de completude no qual preciso me inscrever, após cerca de dois anos me debruçando sobre esta temática e seus desdobramentos discursivos, é, neste momento, um desejo que me atravessa pela contradição. Ao longo do trabalho, desde as páginas iniciais, retomando a minha relação com as temáticas relacionadas, foi um intento produzir um gesto analítico sobre esta materialidade tão ordinária, tão corriqueira e tão apagada.

Ao me inscrever teoricamente no campo teórico-metodológico-epistemológico-analítico-político da Análise do Discurso materialista, com fundação em Michel Pêcheux, precisei entender que ler o *corpus* apresentado não seria meramente um exercício que me proporia a obtenção de um título acadêmico, mas também compreender que, ao escrever uma dissertação, inscrevo-me politicamente na formação social da qual faço parte, entendendo que as questões que me atravessam, mesmo que apagadas da consciência, se materializam nas escolhas teóricas, metodológicas e analíticas que tive de fazer. Compreendendo, então, o modo como me subjetivo em nossa formação social como um homem, uma pessoa cis, um homem gay, um professor, um pesquisador, um editor, entendo que estes traços se marcam na minha pesquisa de um modo que, na minha evidência de leitura, esses traços ficam inapreensíveis, fazendo valer a tese da interpelação ideológica. Para fazer esse trabalho, mesmo buscando me colocar mais diretamente, tive de querer me despedir das minhas idiossincrasias, o que certamente jamais conseguiria fazer.

A Análise do Discurso, teoria à qual me filio, que me constitui enquanto pesquisador, forneceu-me, diante da sua incompletude e das suas brechas, os subsídios para que eu pudesse desenvolver este trabalho que se finda apenas simbolicamente nestas considerações aqui apresentadas. Apesar disso, recorri a outras regiões do conhecimento científico, buscando, em suas contradições próprias, estabelecer os deslocamentos que se fizeram necessários para o andamento da pesquisa, articulações que me permitiram chegar até aqui.

Na seção em que me dedico a discutir o corpo enquanto materialidade discursiva, parti de noções-conceitos como língua, linguagem, materialidade, discursividade, corpo, sexo. Nesse capítulo, nas análises empreendidas, observei, ainda de maneira inicial, um funcionamento discursivo que deslizava da prostituição para a mercantilização. Com este movimento de análise, percebi que os sujeitos, na busca da captação financeira, inserem seus corpos como artefatos pelos quais se deve desejar para, assim, conseguirem o tão desejado dinheiro. O desejo, que agora citei em relação ao dinheiro, ao capital, funcionou como um significante importante

neste primeiro momento de análise, que me conduziu às análises do último capítulo. A partir desse funcionamento, pude apontar para a existência da incitação do desejo sexual como uma regularidade nas composições em análise. Essas análises me permitiram compreender, inicialmente, como o corpo se enreda ao funcionamento do capital em nossa formação social, constitutivamente atravessada pelo capitalismo.

No capítulo seguinte, em um gesto descritivo-interpretativo, busquei apresentar ao(à) leitor(a) o *Grindr*. O aplicativo, cuja tradução do inglês aponta para o *moer* do sujeito, na leitura que realizei, formulou-se como um emaranhado de abas e telas. Com a proposição teórica feita no capítulo, dialogando com disciplinas para além da Análise do Discurso, compreendi que esta mídia social digital, em sua inscrição no capitalismo, apresenta, ao sujeito, a condição de poder ser ilusoriamente livre, de forma que as descrições propostas pelo aplicativo dão ao sujeito o poder de escolha. Preencher ou não uma categoria de descrição, inserir ou não uma fotografia, escrever ou não uma descrição partiria apenas de um desejo pulsional do inconsciente. Inscrever-se no aplicativo como seu usuário é estar preso a uma condição de subjetivação, mas não sem a possibilidade de mover-se. Tratando diretamente da minha posição no aplicativo, subjetivei-me de uma maneira outra; discursivamente, ali me propus como pesquisador, posição que ocupo também socialmente. Contudo, esta posição de pesquisador não era, aos sujeitos do aplicativo, uma posição conhecida. Ali, eu não passei de mais um sujeito.

Com isso, nesse capítulo, pude empreender uma acepção acerca do sujeito-usuário, nomeação que persegui durante todo este trabalho, especialmente no capítulo referido. O sujeito-usuário, como busquei analisar, trata-se de uma categoria própria do espaço virtual, como o teoriza Grigoletto (2011), para quem o espaço virtual está no entremeio do espaço empírico e do espaço discursivo, teorização proposta, também, na tese da autora (GRIGOLETTO, 2005b). Portanto, sendo este espaço um espaço intermediário, caracterizado por ambos os espaços, o sujeito-usuário estaria materializado no entremeio dessas contradições, especialmente no que diz respeito ao entremeio do sujeito empírico e do sujeito do discurso. Assim, o sujeito empírico estaria para o espaço empírico, assim como o sujeito do discurso estaria para o espaço discursivo, assim como o sujeito-usuário estaria para o espaço virtual.

Atravessado, então, por esses três espaços, pela forma da contradição, jogando com a dispersão e o controle, o sujeito-usuário seria uma posição entre esses significantes, não sendo o sujeito-empírico tampouco o sujeito do discurso, fazendo, funcionar, desse modo, as formações imaginárias acerca do que seria o sujeito que poderia se utilizar do aplicativo. Assim, estando entre posições, jogando com o imaginário, o sujeito-usuário trata-se de uma projeção imaginária feita pelos sujeitos que fazem a programação do aplicativo, de forma que esta

posição, mesmo sendo projetada pelos sujeitos-programadores, é, antes de tudo, atravessada por um funcionamento da ideologia. Ou seja, a condição de subjetivação do sujeito no *Grindr* seria, então, ocupar esta posição, para que, tornando-se sujeito do discurso, podendo tomar posição, identificar-se com sentidos, contrair-se com outros, ou até mesmo repeli-los.

No capítulo que algumas páginas atrás concluí, dediquei-me a pensar sobre o sujeito em suas relações intrínsecas com outras noções-conceitos no interior da Análise do Discurso. Relacionando o sujeito à sua prática de trabalho, objetivei compreender como o sujeito, inscrito em uma relação capitalista, é explorado pelas relações de trabalho a que se submete, sejam elas formais ou informais. Com as análises desenvolvidas, observei que, por meio da descrição de si, da inserção de fotos de si, os sujeitos inserem-se numa rede de sentidos que produz os seus corpos como corpos-mercadoria. Essa lógica, impressa pelas novas formas de dominação do capital, levam os sujeitos, conforme afirma Grigoletto (2017), a ilusão da liberdade propiciada pela *internet*. Desse modo, o neoliberalismo, enquanto a nova fase do capitalismo, atua na modelação da subjetividade do sujeito, levando a crer em sua liberdade pela via da sua inscrição em práticas em que não haveria a presença empírica de um sujeito que ocupasse o lugar social de patrão.

Desse modo, constrói-se o efeito do empreendedorismo de si, em que o sujeito identifica-se imaginariamente com os lugares sociais do patrão e do empregado, de modo que a sua submissão ao sistema se marca por um efeito de anulação das desigualdades sociais. Assim, o corpo que trabalha na consolidação desses sentidos é um corpo magro/musculoso/atlético, um corpo-projeto, uma forma-corpo, que, pela fração de si, pelo efeito metonímico produzido pela fotografia, se entrelaça a esse funcionamento, fazendo com que os efeitos surjam como evidências a serem seguidas e replicadas, reproduzidas. O cartão, o pix, o pagamento é a condição mor para a estruturação dessa prática, seja pelo pagamento da compra do corpo-mercadoria, seja pela venda dos nossos dados aos aplicativos. Nessa relação financeira, política, contraditória, o sujeito é entremeado, atravessado, por uma contradição da qual não escapa, a relação do vender-se(r). Ao passo que se vende no/pelo aplicativo, o sujeito fala sobre si para além do aspecto comercial/profissional. E, já que falo aqui sobre contradição e sobre divisão do sujeito, “vender-se(r)” divide-se para além das formações verbais possíveis. Ao digitar, a parte inicial do título que encabeça essa dissertação (vender-se(r)), o programa pelo qual escrevo a dissertação faz uma correção automática/automatizada, substitui “(r)” por “®”, produzindo-se como efeito o sentido de marca registrada, indicando uma relação comercial. E diria que essa substituição feita pela máquina comporta efeitos de sentidos

diversos, inclusive o de que o caráter comercial se alia, indiscutivelmente, à produção de sentidos.

Inseridos, desse modo, nessa relação, somos, sujeitos de uma determinada formação social, objetos de mercado, modos de fazer com que o capitalismo busca a sua permanência e perpetuação. Ainda assim, sei que fazer uma pesquisa científica é, inegavelmente, tomar partido, posicionar-se diante da sociedade. Como analista de discurso, não posso negar o papel de mostrar ao(à) leitor(a) a opacidade do texto, como alertam Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014), e estar atento a esta opacidade, relacionando-a a uma tomada de posição materialista, com atenção aos efeitos do inconsciente, observando como se materializam na materialidade da ideologia, o discurso, é, também, tomar partido pela resistência. Resistir, nas atuais condições de produção, é, como sempre foi, lutar por uma brecha, lutar pelo direito de ser um sujeito que pensa e que se revolta. É nas brechas, na margem, na tecedura do equívoco, que o discurso mostra a sua incompletude, na qual devemos, como analistas, entrar, a qual devemos tentar apreender em seus efeitos possíveis pelo dispositivo analítico. E fazer Análise do Discurso desse modo é, como já disse, tomar partido pela resistência, da qual Pêcheux ([1982a] 1990) nos alerta.

Não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, [1982a] 1990, p. 17).

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis [1970]. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Tradução: José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 2007.
- ALVES, Mariana Garcia de Castro. Deep web: discursividade do e-beco? *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs.). **Análise de Discurso em rede: Cultura e Mídia**. Volume 2. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 43-61.
- AMARAL, Maria Virgínia Borges. O discurso das legislações trabalhistas: uma materialidade ideológica reprodutora das relações de trabalho na agroindústria canavieira. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 2013. p. 263-276.
- ANDRADE, Luciana Texeira de; TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, n. 11, p. 137-157, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8817/6538>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- ARAÚJO, Wécio Pinheiro. Estado, ideologia e capital no Brasil contemporâneo: contradições do lulismo e surgimento do bolsonarismo. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, Recife, v. 2, n. 13, p. 13-32, 2019a. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/2505/482483170>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- ARAÚJO, Wécio Pinheiro. A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx. **Trilhas Filosóficas**, Caicó, v. 11, n. 3, p. 157-175, 2019b. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/tf.v11i3.3545/1051>. Acesso em 30 jun. 2022.
- ARAÚJO, Wécio Pinheiro. Estado, ideologia e luta de classes no capitalismo contemporâneo. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (orgs.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a Análise do Discurso no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2021a. p. 113-134.
- ARAÚJO, Wécio Pinheiro. A ideologia na era digital: a imagem e os algoritmos como formas tecnológicas de dominação social. **Ethic@ - Revista Internacional de Filosofia da Moral**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 461-488, 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/82589/47563>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- BALDINI, Lauro José Siqueira. Sujeito e subjetividade: Psicanálise e Análise de Discurso. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (orgs.). **Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 191-202.
- BALDINI, Lauro José Siqueira; MARIANI, Bethania. O real é o nome que se dá ao inominável. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 2013. p. 103-114.

BASTOS, Gustavo Grandini. **Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s):** o discurso sobre os aplicativos de relacionamento. 2018. 329 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-25082018-224849/publico/gustavograndinibastosversaocorrigida.pdf>. Acesso em: 1º jun. 2022.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução: Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BORBA-RÖDEGHER, Patrícia Laubino. O tangenciamento do real pelo ato da nomeação. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 2013. p. 115-126.

BRAGA, Sandro. Por uma transverdade do sujeito. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: volume 4. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 223-238.

BRESSAN, Mariele Zawierucka. Corpo. *In*: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de Termos do Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 55-60.

CAMPOS, Luciene Jung de; NECKEL, Nádia. Olhares táteis: corpo atravessado, o sujeito que resta. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (orgs.). **Análise do Discurso e sua história**: avanços e perspectivas. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 165-180.

CÂNDIDO, Danielle; AMARAL, Maria Virgínia Borges. Consumir e ser consumido: uma análise discursiva das novas exigências da vida *online*. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, [s. l.], v. 3, n. 21, p. 134-154. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3257/2220>. Acesso em: 4 jul. 2022.

CASSINO, João Francisco. Modulação deleuziana, modulação algorítmica e manipulação midiática. *In*: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). **A sociedade do controle**: manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018. p. 13-30.

COSTA-CARNEIRO, Thiago César da; GALLI, Fernanda Correa Silveira; GRIGOLETTO, Evandra. Discursividades do/no cenário pandêmico: dizer, não dizer, contradizer no *on-line*. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (orgs.). **Tensões entre o urbano e o digital**: discursos, arte, política(s). Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 92-105. Disponível em: https://www.neplev.com.br/files/ugd/9e9c35_b45c6e1305dc41899d6ef7ff5fd792b0.pdf. Acesso em: 27 dez. 2022.

COURTINE, Jean-Jacques [1981]. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçados aos cristãos. Tradução: Cristina de Campos Velho Birck, Didier Martin, Maria Lúcia Meregalli, Maria Regina Borges Osório, Sandra Dias Loguércio e Vincent Leclercq. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na constituição do discurso político. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999. p. 15-23.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie [1980]. Que objeto para a Análise de Discurso? Tradução: Maria Onice Payer. *In*: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016c. p. 33-54.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane. Para uma compreensão discursiva do digital: o sentido de tecnologia. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (orgs.). **A Análise do Discurso e sua história**: avanços e perspectivas. Campinas: Pontes Editores, 2016a. p. 297-309.

DIAS, Cristiane. Análise do Discurso Digital: um campo de questões. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016b. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515/2079>. Acesso em: 1º jun. 2022.

DIAS, Cristiane. Análise do Discurso Digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030/611>. Acesso em: 1º jun. 2022.

DIAS, Cristiane; COELHO, Cidarley Grecco Fernandes. Do discurso digital: ciência, escrita e colaboratividade. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 48, p. 37-61, jul./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/fragmentum.v0i48.23312>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23312/15105>. Acesso em: 1º jun. 2022.

FERNANDES, Rafael de Souza Bento; TASSO, Ismara. O “discurso do corpo fracassado”: notas preliminares de pesquisa. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: volume 2. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 77-92.

FERRARI, Ana Josefina; NECKEL, Nádia Régia Maffi. Corpos atravessados: opacidades histórico midiáticas. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: volume 3. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 219-234.

FLORES, Giovanna Benedetto. Os corpos vulneráveis e o discurso da/na mídia. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; NECKEL, Nádia Régia Maffi; DALTOÉ, Andreia S.; SILVEIRA, Juliana da; MITTMANN, Solange; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: volume 5. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 61-72.

FOUCAULT, Michel [1969]. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

FOUCAULT, Michel [1976]. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FRANÇA, Glória. Imbricações materiais: dominação e resistência no corpo-discurso-digital. *In*: FLORES, Giovanna Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Claudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica (orgs.). **Análise de Discurso em Rede: cultura e mídia**. Volume 4. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 79-93.

GALLO, Solange. A internet como acontecimento. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 255-269.

GALLO, Solange. Discursividades online. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 2013. p. 199-208.

GALLO, Solange Leda. Processo de deslegitimação no discurso de escritorialidade. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (orgs.). **A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 311-324.

GALLO, Solange Leda. Sobre a materialidade digital. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (orgs.). **Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital**. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 185-200.

GALLO, Solange; SILVEIRA, Juliana da; PEQUENO, Vitor. Fake News: efeito de fake, efeito de News. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (orgs.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a Análise do Discurso no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 253-268.

GARCIA, Dantielli Assumpção. Corpo-equívoco: mulher e aborto. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede: volume 4**. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 291-306.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 11, p. 83-97, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55143>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55143/33536>. Acesso em: 1º jun. 2022.

GRIGOLETTO, Evandra. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 61-67. 2005a. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/978/834>. Acesso em: 26 jun. 2022.

GRIGOLETTO, Evandra. **O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**. Porto Alegre. 269 f. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005b. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5322/000468633.pdf?sequence=1&isAllowed=>. Acesso em: 15 maio 2022.

GRIGOLETTO, Evandra. A autoria no hipertexto: uma questão de dispersão. **Hipertextus**, Recife, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2009. Disponível em: <http://arquivohipertextus.epizy.com/volume2/Evandra-GRIGOLETTO.pdf>. Acesso em: 1º jun. 2022.

GRIGOLETTO, Evandra. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SCHONS, Carme Regina (orgs.). **Discurso em Rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço**. Recife: Editora Universitária, 2011. p. 47-78.

GRIGOLETTO, Evandra. Entre o sujeito usuário e o sujeito do conhecimento: contradições e atravessamentos no discurso da escrita dos AVAS. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs.). **Análise de Discurso em rede: Cultura e Mídia**. Volume 1. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 261-278.

GRIGOLETTO, Evandra. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G (orgs.). **Análise de Discurso em rede: Cultura e Mídia**. Volume 3. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 145-169.

GRIGOLETTO, Evandra. Sou mulher de verdade, empoderada, feminina: a identificação de gênero entre os engodos ideológico e tecnológico. **Revista Leitura**, Maceió, n. 69, p. 187-205, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11264/8613>. Acesso em: 15 jun. 2022.

GRIGOLETTO, Evandra; GALLO, Solange Leda. Sujeito e memória em textualidades digitais. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **Análise do Discurso: dos fundamentos aos desdobramentos. 30 anos de Michel Pêcheux**. Campinas: Mercado das Letras, 2015. p. 307-317.

HAN, Byung-Chul [2013]. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul [1971]. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução: Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. *In*: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise de Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Araraquara: Letraria, 2020. p. 17-39. Disponível em: <https://www.lettraria.net/wp-content/uploads/2020/03/An%C3%A1lise-de-discurso-apontamentos-para-uma-hist%C3%B3ria-da-no%C3%A7%C3%A3o-conceito-de-forma%C3%A7%C3%A3o-discursiva-Letraria.pdf>. Acesso em: 9 out. 2022.

HENRY, Paul [1971]. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Tradução: Maria Fausta Pereira de Castro. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

HERBERT, Thomas/PÊCHEUX, Michel [1966]. Reflexões sobre a situação teoria das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015i. p. 21-54.

HERBERT, Thomas/PÊCHEUX, Michel [1968]. Observações para uma teoria geral das ideologias. **Rua**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 63-89, 2015I. DOI: 10.20396/rua.v1i1.8638926. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638926>. Acesso em: 9 out. 2022.

INDURSKY, Freda. **O discurso do/sobre o MST: movimento social, sujeito, mídia**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

JAKOBSON, Roman [1960]. **Linguística e Comunicação**. São Paulo, Cultrix, 2008. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1277893/mod_forum/attachment/309034/Jakobson%20-%20Lingu%C3%ADstica%20e%20comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 21 abr. 2022.

KRAMER WANDERLEY, Rita de Kássia. **Da inspiração à interpelação: o discurso fitness no Instagram**. Recife. 272 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programas de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/39008/1/TESE%20Rita%20de%20K%20c%20a%20ssia%20Kramer%20Wanderley.pdf>. Acesso em: 1º jun. 2022.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 65-78. Disponível em: <https://issuu.com/prazeremler/docs/contemporaneidade>. Acesso em: 10 abr. 2022.

LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs.). **Análise de Discurso em Rede: volume 1**. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 177-189.

LAGAZZI, Suzy. Trajetos do sujeito na composição fílmica. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede: volume 3**. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 23-39.

LAGAZZI, Suzy. A noção de materialidade na prática analítica discursiva. *In*: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; BALDINI, Lauro José Siqueira (orgs.). **Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 157-176.

LAGAZZI, Suzy. A interpretação em composição: de Marielle Presente ao samba da utopia. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: volume 4. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 179-194.

LARA, Luciana Carneiro de. Revolução Biotecnológica, consumo e mercantilização do corpo humano: uma análise sob a ótica dos direitos humanos. **Caderno da Escola de Direito e Relações Internacionais**, Curitiba, v. 1, n. 13, p. 286-314. 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernosdireito/article/view/2695/2265>. Acesso em: 30 jun. 2022.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 1-12, jan./jul. 2010. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.28636>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636/17316>. Acesso em: 21 abr. 2022.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO – Revista Eletrônica de Estudo do Discurso e do Corpo**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697/2242>. Acesso em: 21 abr. 2022.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina [1994]. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Campinas: Pontes Editores, 2021.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O acontecimento do equívoco entre corpo e discurso. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: volume 4. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 279-290.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O discurso do corpo. *In*: MITTMANN, Solange; SANSEVERINO, Antônio Marcos V. (orgs.). **Trilhas de investigação**: a pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2011a. p. 89-105.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. *In*: INDURSKY, Freda. MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011b. p. 55-66.

LEÓN, Jacqueline; PÊCHEUX, Michel [1982]. Análise sintática e paráfrase discursiva. Tradução: Cláudia Pfeiffer. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 163-173.

LÉVY, Pierre [1996]. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. 7. ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.

MACHADO, Débora. A modulação do comportamento nas plataformas de mídias sociais. *In*: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). **A sociedade do controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, 2018. p. 47-69.

MAGALHÃES, Belmira. O sujeito no e do discurso: pensando a resistência. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (orgs.). **Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 203-217.

MAGALHÃES, Belmira. Sujeito discursivo: materialismo, inconsciente e política. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (orgs.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a Análise do Discurso no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 79-98.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 10, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/HjFWNBXFWy6WjXQLML3tdcs/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MALDIDIER, Denise [1989]. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MALISKA, Maurício Eugênio. É preciso insistir: o ato analítico é um ato político. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede: volume 4**. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 211-222.

MARIANI, Bethania. Discursividades prêt-à-porter, funcionamento de fake news e processos de identificação. **Entremeios**, Pouso Alegre, v. 17, p. 3-18, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol17pagina3a18>. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/675.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MARIANI, Bethania; BALDINI, Lauro J. O real é o nome que dá ao inominável. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 2013. p. 103-114.

MARIANI, Bethania; MAGALHÃES, Belmira. “Eu quero ser feliz”. O sujeito, seus desejos e a ideologia. *In*: INDURSKY, Freda. MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 125-142.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich [1848]. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução: Edmilson Costa. 3. ed. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MIAN, Mariella Batarra. Existe resistência nas sociedades do controle?: a reação social diante da apropriação da rede pela lógica do capital. *In*: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). **A sociedade do controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, 2018. p. 125-153.

MILNER, Jean-Claude [1979]. **O amor da língua**. Tradução: Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

MITTMANN, Solange. Discurso e texto. *In*: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda (orgs.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 153-162.

MITTMANN, Solange. Texto imagético e autoria. *In*: INDURSKY, Freda. MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 91-104.

MONTEIRO, Cínthia. Da biopolítica à modulação: psicologia social e algoritmos como agentes da assimilação neoliberal. *In*: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). **A sociedade do controle**: manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018. p. 105-123.

NOGUEIRA, Luciana. **Discurso, sujeito e relações de trabalho na contemporaneidade**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

NUNES, Silvia Regina; SOARES, Maraline Aparecida. Prática discursiva e gesto da *selfie*. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: volume 4. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 239-254.

OLIVEIRA, Fábio Araújo. Análise do discurso e psicanálise: a questão do sujeito. **ALED**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 77-85. 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5959009.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

ORLANDI, Eni [1992]. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli [2007]. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PAVEAU, Marie-Anne [2017a]. Corpus digital nativo. Tradução: André William Alves de Assis. *In*: PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Coordenação de Tradução: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021a. p. 135-144.

PAVEAU, Marie-Anne [2017b]. Extimidade. Tradução: Renata de Oliveira Carreon e Mariana Morales da Silva. *In*: PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Coordenação de Tradução: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021b. p. 211-222.

PAVEAU, Marie-Anne [2017c]. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Coordenação de Tradução: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021c.

PÊCHEUX, Michel [1982a]. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução: José Horta Nunes. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 7-24. 1990. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636823. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PÊCHEUX, Michel [1975]. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas: Pontes Editores, 2014a.

PÊCHEUX, Michel [1978a]. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. *In*: PÊCHEUX, Michel [1975a]. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas: Pontes Editores, 2014b. p. 269-281.

PÊCHEUX, Michel [1984b]. Ousar pensar, ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. Tradução: Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira. **Décalages**, Paris, v. 1, n. 4, 2014c. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/pecheux/ano/mes/40.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.

PÊCHEUX, Michel [1982b]. Ler o arquivo hoje. Tradução: Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. *In*: ORLANDI, Eni (org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014d. p. 57-67.

PÊCHEUX, Michel [1971]. Língua, “linguagens”, discurso. Tradução: Freda Indursky. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015a. p. 121-130.

PÊCHEUX, Michel [1983a]. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2015b.

PÊCHEUX, Michel [1973]. A aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas em Análise de Conteúdo. Tradução: Carolina Rodríguez-Alcalá. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015c. p. 203-226.

PÊCHEUX, Michel [1984a]. Metáfora e Interdiscurso. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015d. p. 151-161.

PÊCHEUX, Michel [1978b]. As massas populares são um objeto inanimado? Tradução: Suzy Lagazzi. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015e. p. 251-273.

PÊCHEUX, Michel [1983b]. Papel da memória. Tradução: José Horta Nunes. *In*: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. (orgs.). **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015f. p. 43-52.

PÊCHEUX, Michel [1981]. Análise do Discurso e Informática. Tradução: Cristiane Dias. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015g. p. 275-282.

PÊCHEUX, Michel [1984c]. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015h. p. 283-39.

PÊCHEUX, Michel [1969b]. As ciências humanas e o «momento atual». Tradução: Bethania Mariani. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015j. p. 175-202.

PÊCHEUX, Michel [1976b]. Posição sindical e tomada de partido nas Ciências Humanas e Sociais. Tradução: Lauro José Siqueira Baldini. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015k. p. 231-249.

PÊCHEUX, Michel [1979b]. Foi “propaganda” mesmo que você disse? Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015l. p. 73-92.

PÊCHEUX, Michel [1982c]. Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? Tradução: Carmen Zink. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015m. p. 107-119.

PÊCHEUX, Michel [1979]. Questões iniciais. Tradução: Débora Massmann. *In* CONEIN, Bernard; COURTINE; Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016a. p. 17-22.

PÊCHEUX, Michel [1980a]. Abertura do Colóquio. Tradução: Débora Massmann. *In*: CONEIN, Bernard; COURTINE; Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016b. p. 23-32.

PÊCHEUX, Michel [1980b]. O enunciado: encaixe, articulação e (des)ligação. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. *In*: CONEIN, Bernard; COURTINE; Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016c. p. 227-236.

PÊCHEUX, Michel [1969a]. **Análise Automática do Discurso**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi e Grecieli Costa. Campinas: Pontes Editores, 2019a.

PÊCHEUX, Michel [1976]. Formações ideológicas, aparelhos ideológicos de Estado, formações discursivas. Tradução: Rodrigo Oliveira Fonseca. *In*: OLIVEIRA, Guilherme Adorno de; NOGUEIRA, Luciana (orgs.). **Encontros na Análise de Discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Pontes Editores, 2019b. p. 307-326.

PÊCHEUX, Michel [1977]. Remontemos de Foucault a Spinoza. Tradução: Maria do Rosário Valencise Gregolin. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise de Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Araraquara: Letraria, 2020. p. 40-57. Disponível em: <https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2020/03/An%C3%A1lise-de-discurso-apontamentos-para-uma-hist%C3%B3ria-da-no%C3%A7%C3%A3o-conceito-de-forma%C3%A7%C3%A3o-discursiva-Letraria.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PÊCHEUX, Michel; *et al* [1982]. Apresentação da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Tradução: Bethania Mariani *et al*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine [1975]. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Tradução: Bethania Mariani *et al*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. p. 159-250.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise [1977]. Há uma via para a Linguística fora do Logicismo e do Sociologismo? Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015a. p. 295-310.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise [1991]. A língua inatingível. Tradução: Sérgio Augusto Freire de Souza. In: ORLANDI, Eni Puccinelli Orlandi (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b. p. 93-105.

PEQUENO, Vitor. A demanda pelo avatar e a forma-discurso do digital: construções iniciais e notas para um futuro trabalho. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda. **Análise de Discurso em rede: Cultura e Mídia**. Volume 2. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 25-42.

RADDE, Augusto. O negócio do corpo no discurso da prostituição masculina. In: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento**. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 125-142.

ROUVROY, Antoniette; BERNS, Thomas [2013]. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? Tradução: Pedro Henrique Andrade In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 107-140.

SANTOS, Lionês Araújo dos; MEDEIROS, Juan Felipe Sánchez. A mercantilização do corpo: mídia e capitalismo como principais agentes da promoção do consumo e do mercado. **Revista Espaço Plural**, [s. l.], v. 12, n. 24, p. 107-112. 2012. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/7243/5313>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de [1916]. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Redes de sentidos e raciocínios antagonistas: a Internet na interface do discurso. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SCHONS, Carme Regina (orgs.). **Discurso em Rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Editora Universitária, 2011a. p. 19-45.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. Sujeito do discurso, ideologia e luta de classes: um espectro ronda a AD e não cessa de produzir efeitos. *In*: INDURSKY, Freda. MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011b. p. 105-124.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Michel Pêcheux e a crítica ao capitalismo: “é preciso ousar se revoltar”. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (orgs.). **Análise do Discurso e sua história**: avanços e perspectivas. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 89-104.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Estado, política e farsa: o golpe de 2016 e o discurso na reprodução do capital. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (orgs.). **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 57-78.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. *In*: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). **A sociedade do controle**: manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018. p. 31-46.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. Sem corpo, sem língua, num entrelugar: sobre os sujeitos transexuais na mídia. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: volume 3. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 197-210.

SOUSA, Lucília Maria Abrahão e; SANCHES, Rodrigo Daniel. O corpo do/no discurso midiático das dietas: efeitos do novo e da novidade. **Revista Famecos – Mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27408>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27408/16252>. Acesso em: 21 abr. 2022.

VINHAS, Luciana Iost. **Discurso, corpo e linguagem**: processos de subjetivação no cárcere feminino. 2014. Porto Alegre. 303 f. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114410/000953235.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 abr. 2022.

VINHAS, Luciana Iost. Discurso, corpo e linguagem na constituição subjetiva. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. 2, p. 78-87, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v21i2.15173>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15173/9351>. Acesso em: 21 abr. 2022.

VINHAS, Luciana Iost. O corpo na Análise do Discurso: materialidade, lugar de enunciação, subjetividade. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 23, n. 42, p. 143-163, jan./jun. 2021a. Disponível em:

<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/3966/3188>. Acesso em: 21 abr. 2022.

VINHAS, Luciana Iost. No encontro do real do corpo com o real da história. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (orgs.). **A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 209-219.

ZUBOFF, Shoshana [2015]. *Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação*. Tradução: Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz e Bruno Cardoso. *In*: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-68.